

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

ALINE LEMOS DA CUNHA

“Histórias em múltiplos fios”: o ensino de *manualidades* entre mulheres *negras* em Rio Grande (RS - Brasil) e Capitán Bermúdez (Sta. Fe - Argentina) (re)inventando pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas

São Leopoldo
Fevereiro de 2010

ALINE LEMOS DA CUNHA¹

“Histórias em múltiplos fios”: o ensino de *manualidades* entre mulheres *negras* em Rio Grande (RS - Brasil) e Capitán Bermúdez (Sta. Fe - Argentina) (re)inventando pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Orientadora: Prof^a Dr^a Edla Eggert

São Leopoldo
Fevereiro de 2010

¹ Bolsista do CNPq - Brasil.

C972h Cunha, Aline Lemos da
“Histórias em múltiplos fios”: o ensino de *manualidades* entre mulheres *negras* em Rio Grande (RS - Brasil) e Capitán Bermúdez (Sta. Fe - Argentina) (re)inventando pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas / por Aline Lemos da Cunha. - 2010.
266 f. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, RS, 2010.

“Orientação: Prof^a. Dr^a. Edla Eggert, Ciências Humanas”.

1. Educação - Negras. I. Título.

CDU 37-055.2(=96)

ALINE LEMOS DA CUNHA

“Histórias em múltiplos fios”: o ensino de *manualidades* entre mulheres *negras* em Rio Grande (RS - Brasil) e Capitán Bermúdez (Sta. Fe - Argentina)
(re)inventando pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos- Unisinos.

Aprovada em 25/02/2010

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Wivian Weller - Universidade de Brasília

Profa. Dra. Georgina Helena Lima Nunes - Universidade Federal do Pampa

Profa. Dra. Maria Clara Bueno Fischer - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Prof. Dr. Danilo Romeu Streck - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Profa. Dra. Edla Eggert (Orientadora) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Dedico estes escritos às mulheres que ensinam e aprendem trabalhos manuais...

Dedico estos escritos a las mujeres que enseñan y aprenden manualidades...

AGRADECIMENTOS

Para mim, este é um dos momentos mais significativos ao final de uma produção. É quando sistematicamente reconhecemos que não estivemos sós na caminhada. Traduz algo muito forte: as recordações, os conflitos superados, as idéias partilhadas e a construção de um trabalho final que carrega consigo todas estas interações.

Quero primeiro agradecer a “Deus”!

Depois, como em momentos anteriores da minha vida, agradecer o incentivo da minha mãe e de minha avó. Minha família!

Ao meu pai, pela lembrança sempre presente da necessidade de valorar e reconhecer o pertencimento étnico como político.

Ao Leandro, pelo companheirismo, pelo momento que estamos vivendo e pela possibilidade de vivermos outros... agradeço, também à sua família pelo apoio.

Aos meus tios Jerônimo e Maria Serlen, pelo incentivo, pelos telefonemas emocionados e orações.

Às mulheres que aceitaram o convite para participar da pesquisa, Naara e Niara e às demais que compõem os grupos de artesanato. Aproveito para agradecer aos companheiros do C. E. Poriajú e à Direção da Escola Alcides Barcellos.

Agradeço às “famílias” que tive nas casas onde morei: à Graziela Rinaldi da Rosa e ao S. Sady pela acolhida e a grande ajuda no começo do curso. Também fico agradecida à sua filha Ariadne e a prima Paola pela alegria das brincadeiras. Às Irmãs do Cristo Ressuscitado, onde vivi por algum tempo e às Irmãs do Cristo Crucificado, minha casa em 2008. Especialmente, nesta terceira casa, agradeço a amizade das “Gurias do Pensi”.

Quero agradecer muito à amiga Graciela Cornaglia pela indicação da família em Rosario, pela confiança de partilhar, comigo, seus amigos mais que especiais. Agradeço, neste momento, à minha família argentina: Clara e Honório, Elsa, Adriana e às minhas “abuelitas”.

Aos colegas da turma de 2006, pela intensidade do convívio e pelo afeto que ficou, mesmo à distância.

Deixo meu agradecimento e um forte abraço às grandes amigas que fiz neste

caminho, que estiveram sempre presentes durante o curso e hoje são pessoas super especiais para mim: a Cheron (minha camarada), a Aline Baierle (minha consciência), a Mirian (minha profe de Inglês) e tantas outras amigas do 3º andar.

Às colegas Márcia e Lígia, pelas conversas na *Happy Station*, pela amizade compartilhada e o carinho. Muito obrigada!

Aos que acompanham de perto a minha saúde, agradeço imensamente: Maria Luiza Castilhos e Régis Cruz.

Agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Edla Eggert pela partilha de conhecimento, acompanhamento, apoio, incentivo e acolhida em momentos que foram difíceis nesta caminhada, bem como a vibração a cada conquista.

Agradeço, também, à minha co-orientadora no exterior, Profa. Dra. Ruth Sosa pelo aceite e orientação do trabalho na *Universidad Nacional de Rosario* e aos seus companheiros professores do C.I.E.T. “*Gracias!*”

Meu afeto especial aos companheiros do Instituto Paulo Freire da Faculdade de Direito da U.N.R. na pessoa da amiga e Professora Lilians M. López. “*Oba! Oba!*”

Aos professores do PPGEdu/UNISINOS por seu trabalho, pela acolhida e por todos os momentos compartilhados.

Aos professores que aceitaram o convite para fazer parte da Banca de Qualificação e de Defesa: Profa Dra Wivian Weller, Profa Dra Georgina Helena Lima Nunes, Prof. Dr. Danilo Streck e Profa Dra Maria Clara Bueno Fischer.

Em especial, meus agradecimentos às amigas e Secretárias Loinir e Sayonara, por todo o acompanhamento e trabalho responsável que desempenham.

Aos colegas e companheiros da APGU, parceiros na militância estudantil.

Agradeço às agências de fomento do Ministério de Ciência e Tecnologia e do Ministério da Educação, que possibilitaram este trabalho através da política de bolsas. Política esta fundamental para o crescimento e qualificação da Pós-Graduação em nosso país. Ao CNPq pela bolsa que viabilizou o meu Curso de Doutorado na UNISINOS e a CAPES pela bolsa durante o Estágio de Doutoranda no Exterior (PDEE).

E, por fim, a todos aqueles que comigo estiveram, contribuindo para que este momento se concretizasse. Agradeço, também, àqueles que, de certa forma contribuíram, mas precisaram “ir-se” por demandas que a vida impõe. Fica meu agradecimento a todos e todas. Obrigada! *Gracias!*

A noite não adormece nos olhos das mulheres

Conceição Evaristo

A noite não adormece nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.

A noite não adormece nos olhos das mulheres
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.

RESUMO

Esta tese trata de uma pesquisa sobre o ensino e a aprendizagem de trabalhos manuais com mulheres *negras* em Rio Grande (RS - Brasil) e Capitán Bermúdez (Santa Fe - Argentina). Tal pesquisa foi elaborada a partir da temática “*Pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas (re)inventadas por mulheres negras através do ensino e da aprendizagem de trabalhos manuais e a busca por emancipação*”. Foram promovidos encontros, no Brasil, município de Rio Grande, com mulheres pertencentes ao grupo étnico afro possuidor de experiências em profissões destinadas historicamente às mulheres e, em particular, às mulheres negras: o trabalho doméstico (domésticas, lavadeiras, cozinheiras, etc.), o cuidado de crianças pequenas e o embelezamento capilar vinculado às tranças. Também participaram desta investigação, na Argentina, município de Capitán Bermúdez, mulheres que, mesmo não expressando o grupo étnico ao qual pertencem, apresentam fenotipicamente indícios de serem descendentes de indígenas argentinas, atuantes nas mesmas profissões. Num primeiro momento pode parecer equivocado ou estranho o destaque dado à palavra “*negras*”, porém este uso foi adotado, a fim de apresentar dois significados do termo (em português e *castellano*). No Brasil, são mulheres negras aquelas pertencentes ao grupo étnico afro, como já expressado. Na Argentina, *negras* podem ser chamadas todas as mulheres que vivem na periferia com baixa renda e, etnicamente, possuem *las cabecitas negras*. Nos dois contextos foi possível perceber que aprender e ensinar trabalhos manuais pode ser compreendido como um destes caminhos trilhados pelas mulheres para concretizar a valorização das expressões de sua corporeidade, seus processos emancipatórios, aprimoramento do seu senso estético e sensibilidade, além da promoção de saúde mental individual e coletiva. A fim de obter uma melhor aproximação com estes grupos de *manualidades* (outro termo que aproxima vocábulos comuns aos dois países) foram realizadas observações participantes e grupos de discussão nos dois países, bem como a participação efetiva da pesquisadora como aprendente. Para conhecer como se consolidam as pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas, foram também entrevistadas duas professoras de *manualidades*: Niara (a brasileira) e Naara (a argentina). Buscou-se dialogar, para além do tema “ensino de *manualidades*”, vislumbrando o cotidiano de mulheres artesãs. Portanto, procurou-se dar visibilidade a formas de ensinar e aprender protagonizadas por pessoas sem formação acadêmica no campo educacional e, no caso desta pesquisa, com poucos anos de escolarização. Através do campo dos estudos feministas, foram discutidos os lugares sociais que ainda hoje são destinados e ocupados por mulheres e suas possibilidades de emancipação. Chegou-se a conclusão de que as mulheres, sujeitos desta pesquisa, buscaram no trabalho manual uma estratégia de mudança, passando, com isso, a reinventar/ressignificar um lugar, historicamente cativo que remete ao trabalho doméstico, o qual, nessa experiência, se mostrou como possibilidade para os processos emancipatórios que desejavam.

Palavras-chave: Educação, pedagogias da não-formalidade, mulheres *negras*, trabalhos manuais.

ABSTRACT

This thesis is a survey about the teaching and learning of Manual Works (Handicrafts) with *black* women in Rio Grande (RS - Brazil) and Capitán Bermúdez (Santa Fe - Argentina). Such survey was elaborated from the following theme: “*Non-formalities Pedagogy or Complex plots (re)invented by black women through teaching and learning of manual works (handicrafts) and the seek for emancipation*”. There were held meetings in Brazil - city of Rio Grande - with women belonging to the Afro ethnic group that have experience in professions historically destined to women and particularly to black women, being: domestic labour (housekeepers, washers, cooks ...), babysitting and hair embellishment linked to hair plaits (corn rolls). Also took part in this investigation, in Argentina - city of Capitán Bermudez, women that, even not expressing the ethnic group which they are part of, demonstrate phenotypically pointers of being descendents from Argentinean Indians, acting in the same professions. At a first sight it may seem wrong or strange the highlight given to the word “*Black*”, however, the use was adopted to present two different meanings for the term (in Portuguese and *Castellano*). In Brazil, we understand Black Women as those who belong to the Afro Ethnic group, as mentioned before. In Argentina, *Black Women* may be called all women that live in the suburb with low income and, ethnically, have *las cabecitas negras*. In both contexts it was possible to perceive that learning and teaching manual works (handicrafts) can be understood as one of these ways taken by women to achieve the valorization of their corporal expressions, their emancipatory processes, improvement of esthetic sense and individual and collective mental health promotion. Aiming to obtain a better approaching with these groups of *Manualidades* (another term that approaches common words to both countries) were taken participant observations and discussion groups in both countries. At the same time, the researcher took effective participation as learner. To know how the non-formalities pedagogies or complex plots are consolidated also were interviewed two non-formalities teachers: Niara - the Brazilian and Naara - the Argentinean. Living the everyday life of these craftswomen, we sought dialoguing for more than “non-formalities teaching”. Therefore, we sought visualizing ways of teaching and learning having as protagonists people with no academic graduation on educational field and, in the specific case of this survey, with few years of scholar education. Through the field of feminist studies we discussed social places that, so far, haven’t been destined and occupied by women and their possibilities of emancipation. It was concluded that the women, subject of this survey, sought in the manual works a strategy of change and with this began to reinvent a place, historic captivity that refers to the domestic labour, shown in this survey as a possibility for the emancipatory processes they urged.

Key-words: Education, Non-formality pedagogy, *black* women, handicrafts.

RESÚMEN

Esta tesis se trata de una investigación sobre la enseñanza y el aprendizaje de manualidades con mujeres *negras* en Río Grande (RS - Brasil) y Capitán Bermúdez (Santa Fe - Argentina). Dicha pesquisa fue elaborada a partir de la temática “*Pedagogías de la no-formalidad o de las tramas complejas (re)inventadas por mujeres negras a través de la enseñanza y del aprendizaje de manualidades y la búsqueda por emancipación*”. Fueron promovidos encuentros, en Brasil - departamento de Río Grande, con mujeres pertenecientes al grupo étnico afro poseedoras de experiencias en profesiones destinadas históricamente a las mujeres y, en particular, a las mujeres negras, cuales sean: el trabajo doméstico (domésticas, lavadoras, cocineras...), el cuidado de niños pequeños y el embellecimiento capilar vinculado a las trenzas. También participaron de esta investigación, en Argentina - el departamento de Capitán Bermúdez, mujeres que, aunque no sea expresado el grupo étnico al cual pertenezcan, presentan fenotípicamente, indicios de que sean descendientes de indígenas argentinas, actuantes en las mismas profesiones. En un primero momento puede parecer equivocado o extraño, el destaque dado a la palabra “*negras*”, sin embargo este uso fue adoptado, a fin de presentar dos significados del término (en portugués y *castellano*). En Brasil, comprendemos mujeres negras como aquéllas pertenecientes al grupo étnico afro, como ya expresado. En Argentina, *negras* pueden ser llamadas, todas las mujeres que viven en la periferia con baja renta y, étnicamente, poseen *las cabecitas negras*. En los dos contextos fue posible percibir que, aprender y enseñar manualidades puede ser comprendido como uno de estos caminos recorridos por las mujeres para concretar la valoración de las expresiones de su corporeidad, sus procesos de emancipación, perfeccionamiento de su sentido estético y promoción de salud mental individual y colectiva. A fin de obtener una mejor aproximación con estos grupos de *manualidades* (otro término que acerca vocablos comunes a los dos países) fueron realizadas observaciones participantes y grupos de discusión en los dos países, bien como la participación efectiva de la investigadora como aprendiente. Para conocer como se consolidan las pedagogías de la no-formalidad o de las tramas complejas, fueron también entrevistadas dos profesoras de *manualidades*: Niara (la brasileña) y Naara (la argentina). Buscamos dialogar, para más allá del tema “enseñanza de *manualidades*”, percibiendo el cotidiano de mujeres artesanas. Por lo tanto, buscamos visualizar formas de enseñar y aprender protagonizadas por personas sin formación académica en campo educacional y, en el caso de esta investigación, con pocos años de escolarización. A través del campo de los estudios feministas, discutimos los sitios sociales que aún hoy son destinados y ocupados por mujeres y sus posibilidades de emancipación. Concluimos que las mujeres, sujetos de esta investigación, buscaron en las manualidades una estrategia de cambio, pasando, con eso, a reinventar/conceptuar nuevamente un lugar, cautiverio histórico que remite al trabajo doméstico, lo cual, en esa experiencia, se mostró como posibilidad para los procesos de emancipación que deseaban.

Key-words: Educación, Pedagogías de la no-formalidad, mujeres negras, manualidades.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Esquema representativo de alguns temas relevantes para a tese..	30
FIGURA 2 - <i>El gauchito Antonio Gil</i>	143
FIGURA 3 - Teia das aprendizagens	144
FIGURA 4 - Teia das aprendizagens (Continuação)	145
FIGURA 5 - Pedagogias da não-formalidade (Percepções iniciais)	195
FIGURA 6 - Pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas (Percepções atuais)	202

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 - Lavadeira <i>negra</i>	53
FOTOGRAFIA 2 - Renda Renascença	83
FOTOGRAFIA 3 - Renda Renascença	83
FOTOGRAFIA 4 - Batik	86
FOTOGRAFIA 5 - Pavão - símbolo do Folclore de Taubaté	93
FOTOGRAFIA 6 - <i>Feria de Artesanías de Bv. Oroño</i>	108
FOTOGRAFIA 7 - <i>Feria de Artesanías de Bv. Oroño</i>	108
FOTOGRAFIA 8 - <i>Cerámica (artesana Naara)</i>	108
FOTOGRAFIA 9 - <i>Espejo y muñeca soft hecho por Naara</i>	108
FOTOGRAFIA 10 - <i>Cerámica y muñeco soft (artesana Naara)</i>	108
FOTOGRAFIA 11 - <i>Artisana en la Feria Internacional</i>	109
FOTOGRAFIA 12 - Rio Paraná visto de <i>La Fluvial</i>	156
FOTOGRAFIA 13 - Monumento à Bandeira Argentina	156
FOTOGRAFIA 14 - <i>La casita Poriajhú</i>	157
FOTOGRAFIA 15 - Pátio de <i>la casita Poriajhú</i>	157
FOTOGRAFIA 16 - Quadro de avisos	158
FOTOGRAFIA 17 - <i>La hormiguita</i>	158
FOTOGRAFIA 18 - <i>La Bandera Poriajhú</i>	159
FOTOGRAFIA 19 - <i>Mística no dia del Pucherro Poriajhú</i>	160
FOTOGRAFIA 20 - <i>Pucherro Poriajhú</i>	160
FOTOGRAFIA 21 - <i>Mística de la contribución</i>	160
FOTOGRAFIA 22 - Catedral de São Pedro	162
FOTOGRAFIA 23 - Vista parcial lateral do Mercado Público	162
FOTOGRAFIA 24 - Laguna dos Patos	163
FOTOGRAFIA 25 - Entrada da Barra do Rio Grande	163
FOTOGRAFIA 26 - <i>Taller de Macramé</i>	168
FOTOGRAFIA 27 - <i>Taller de Macramé</i>	168
FOTOGRAFIA 28 - Crochê	184
FOTOGRAFIA 29 - Pintura em tecido	184
FOTOGRAFIA 30 - Crochê de grampo	184
FOTOGRAFIA 31 - Crochê de grampo (detalhe)	184
FOTOGRAFIA 32 - <i>Taller de Goma E.V.A.</i>	185
FOTOGRAFIA 33 - <i>Taller de Papel Cartón</i>	185

FOTOGRAFIA 34 - <i>Taller de Macramê</i>	185
FOTOGRAFIA 35 - <i>Taller de Macramé (2)</i>	185
FOTOGRAFIA 36 - Niara e Subira	203
FOTOGRAFIA 37 - Niara e Chinue	203
FOTOGRAFIA 38 - Mulheres ao redor da mesa	203
FOTOGRAFIA 39 - Momento de explicação	203
FOTOGRAFIA 40 - Casaco de lã	207
FOTOGRAFIA 41 - Modelos sobre a mesa	207
FOTOGRAFIA 42 - Modelo de peça de macramê	207
FOTOGRAFIA 43 - Caixinha em papel cartão	207
FOTOGRAFIA 44 - Porta-retrato	209
FOTOGRAFIA 45 - Trabalho em fuxicos	209
FOTOGRAFIA 46 - Grampo para crochê	217
FOTOGRAFIA 47 - Material para grampada	217
FOTOGRAFIA 48 - Observação do molde da bruxa em E.V.A.	219
FOTOGRAFIA 49 - Confecção a partir de moldes	219
FOTOGRAFIA 50 - Objeto decorativo em sementes, madeira e palha	219
FOTOGRAFIA 51 - Modelo sobre a mesa	219
FOTOGRAFIA 52 - Tramando em macramê	220
FOTOGRAFIA 53 - Tramando em crochê	220
FOTOGRAFIA 54 - Bolsa em grampada	225
FOTOGRAFIA 55 - Manta em grampada	225

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 - Conversa de lavadeira	51
IMAGEM 2 - “Clemente” (Tiras)	170
IMAGEM 3 - Nó de tecelã	180

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Trabalhadoras(es) domésticas(os) em 2006, no Brasil	69
TABELA 2 - Teses sobre a temática “ensino e aprendizagem” 2004 - 2008	92
TABELA 3 - Teses sobre a temática “ensino e aprendizagem” vinculados à produção artesanal (2004 - 2008)	92
TABELA 4 - Sistematização dos tópicos-guia (5) e temas a eles relacionados .	196
TABELA 5 - Entrevista com Naara transcrita por temas (1ª parte)	197
TABELA 6 - Entrevista com Naara transcrita por temas (2ª parte)	197
TABELA 7 - Entrevista com Naara transcrita por temas (3ª parte)	198
TABELA 8 - Entrevista com Niara transcrita por temas	200

LISTA DE SIGLAS

ACITL - Associação Comercial Industrial de Três Lagoas
APAs - Áreas de Preservação Ambiental
ATAR - Associação Treslagoense de Artesãos
BGV - Bairro Getúlio Vargas
C.E. Poriajhú - *Centro Ecuménico Poriajhú*
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior
CEBs - Comunidades Eclesiais de Base
CECA - Centro Ecumênico de Capacitação e Assessoria
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
E.V.A. - Etil Vinil Acetato (tecido emborrachado)
EJA - Educação de Jovens e Adultos
FENATRAD - Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas
FGV - Fundação Getúlio Vargas
FVA - Fundação Vitória Amazônica
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MTE - Ministério do Trabalho e Emprego
OIT - Organização Internacional do Trabalho
PDEE - Programa de Doutorado no País com Estágio do Exterior
PLANSEQ - Plano Setorial de Qualificação
PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNDA - Plano Nacional de Desenvolvimento do Artesanato
PNPM - Plano Nacional de Políticas para as Mulheres
SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEPPIR - Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
SNIG - Sistema Nacional de Informações de Gênero da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres
UFBA - Universidade Federal de Brasília
UFC - Universidade Federal do Ceará
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA - Universidade Federal do Pará
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UFPR - Universidade Federal do Paraná

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos

UFV - Universidade Federal de Viçosa

UNB - Universidade de Brasília

UNEF - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

UNESP - Universidade do Estado de São Paulo

UNR - *Universidad Nacional de Rosario*

USP - Universidade de São Paulo

SUMARIO

PRIMEIROS FIOS DA HISTÓRIA -----21

1. A EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES: RETOMANDO O “CORPO-PARA-OUTROS” E A INVISIBILIZAÇÃO DE CONHECIMENTOS DITOS “FEMININOS” -----27

1.1. “CORPO-PARA-OUTROS” DESAFIOS PARA A EMANCIPAÇÃO -----	31
1.2. AÇÕES POR EMANCIPAÇÃO: UM POUCO DA HISTÓRIA DE MULHERES NEGRAS-----	39
1.3. PRÁTICAS PROFISSIONAIS: ALTERNATIVAS PARA A EMANCIPAÇÃO? O CASO BRASILEIRO INSPIRANDO A TESE -----	41
1.3.1. A LUTA POR DIREITOS: DOMÉSTICAS -----	44
1.3.2. “NÃO É POSSÍVEL CONTER O VOZERIO”, CONVERSA DE LAVADEIRA -----	49
1.3.3. “ALUGA-SE UMA NEGRA BOA PARA AMA-DE-LEITE”: ORIGENS E TENDÊNCIAS DA PROFISSÃO DE BABÁ NO BRASIL -----	54
1.3.4. CORPO E CABELO: SER TRANÇADEIRA OU APENAS SABER TRANÇAR -----	57
1.3.5. O CONHECIMENTO “NATURAL” JÁ NÃO É SUFICIENTE -----	61

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O ARTESANATO, TRABALHOS MANUAIS E O COTIDIANO DAS MULHERES ARTESÃS-----72

2.1. POR DENTRO DA TRAMA: ESTUDOS RELACIONADOS AO ARTESANATO NO BRASIL -----	76
2.2. PROGRAMAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO ARTESANATO: E OS DIREITOS DAS ARTESÃS?-----	98
2.3. VISÃO PANORÂMICA SOBRE O CONTEXTO ARGENTINO: ARTESANÍAS, ARTESANAS Y DERECHOS -----	104
2.4. MATEAR: MULHERES DO/NO RIO GRANDE DO SUL E AS MANUALIDADES -----	109

3. DAS PRIMEIRAS CONVERSAS COM AS MULHERES DE RIO GRANDE ÀS POSSIBILIDADES DE VISIBILIZAR CONHECIMENTOS E PEDAGOGIAS NO BRASIL E NA ARGENTINA ----- 116

3.1. PRIMEIRA CONVERSA GRAVADA EM RIO GRANDE: QUANDO O ARTESANATO AINDA ERA UM PRETEXTO -----	120
3.2. OS PRIMEIROS INDÍCIOS DE QUE O ARTESANATO ERA O “ATOR PRINCIPAL” NA CENA OU A VIRADA NO OBJETO DE PESQUISA -----	129
3.3. COMPOSIÇÃO METODOLÓGICA: TRAMANDO PESQUISA PARTICIPANTE, PESQUISA FORMAÇÃO, OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E GRUPOS DE DISCUSSÃO. -----	137
3.4. SOBRE ROSARIO E CAPITÁN BERMÚDEZ: O C. E. PORIAJHÚ -----	155
3.5. SOBRE RIO GRANDE E A ESCOLA ALCIDES BARCELLOS -----	161
3.6. OLHARES SOBRE MUJERES NEGRAS -----	163

4. HISTÓRIAS EM MÚLTIPLOS FIOS: O ARTESANATO EM NOSSAS VIDAS ----- 166

4.1. NIARA E O ARTESANATO: A EXPERIÊNCIA DE SER PROFESSORA PELA PRIMEIRA VEZ. -----	167
4.2. NAARA E AS MANUALIDADES: A LARGA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE ARTESANATO -----	169
4.3. MINHA TRAJETÓRIA COM AS MANUALIDADES -----	172

4.4. APRENDER A TECER... DESTECENDO: NA DIALÉTICA DA VIDA AS MULHERES LÊEM SEU MUNDO E DIZEM A SUA PALAVRA. -----	173
4.5. NOSSA VIDA COMO UM TRICÔ: OS “NÓS” QUE APARECEM QUANDO DESTECEMOS A PEÇA---	176

5. MULHERES NEGRAS E TRABALHO MANUAL: SENSIBILIDADES QUE SUPERAM CONDICIONANTES E ESTIGMAS. ----- 181

5.1. TRABALHOS MANUAIS E POSSIBILIDADES DE (RE)CRIAÇÃO DE PEDAGOGIAS DA NÃO-FORMALIDADE OU DAS TRAMAS COMPLEXAS -----	188
5.2. FIOS QUE COMPÕEM AS PEDAGOGIAS DA NÃO-FORMALIDADE OU DAS TRAMAS COMPLEXAS -	191
5.2.1. A CORPOREIDADE E A VALORIZAÇÃO DO ABRAÇO-----	203
5.2.2. UMA PERCEPÇÃO SENSÍVEL SOBRE OS TRABALHOS MANUAIS-----	206
5.2.3. A IMPORTÂNCIA DO CUIDADO ESTÉTICO -----	209
5.2.4. PROCESSOS EMANCIPATÓRIOS: VALORIZANDO CONQUISTAS “MIÚDAS” -----	211
5.2.5. AS MANUALIDADES E A PROMOÇÃO DE SAÚDE -----	214
5.3. OUTRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE MANUALIDADES: O MÉTODO -----	217
5.4. A PROFESSORA DE MANUALIDADES -----	224
5.4.1. CRIATIVIDADE E OUSADIA -----	224
5.4.2. PACIÊNCIA -----	225
5.4.3. CONHECIMENTO E CARISMA -----	227

TRAMAS FINAIS: TERMINANDO UMA PEÇA, PENSANDO NAS PRÓXIMAS ----- 229

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ----- 235

APÊNDICE A - AUTORIZAÇÃO EMITIDA À ESCOLA ALCIDES BARCELLOS----- 254

APÊNDICE B - AUTORIZAÇÃO EMITIDA ÀS MULHERES BRASILEIRAS PARTICIPANTES DO GRUPO DE DISCUSSÃO ----- 255

APÊNDICE C - AUTORIZAÇÃO EMITIDA ÀS MULHERES BRASILEIRAS PARTICIPANTES DA PESQUISA ----- 256

APÊNDICE D - AUTORIZAÇÃO EMITIDA ÀS MULHERES ARGENTINAS PARTICIPANTES DA PESQUISA EM CAPITÁN BERMÚDEZ----- 257

ANEXO A - ESQUEMA DAS FALAS DO GRUPO DE DISCUSSÃO EM RIO GRANDE. -- 258

ANEXO B - ESQUEMA DAS FALAS DO GRUPO DE DISCUSSÃO EM CAPITÁN BERMÚDEZ. ----- 260

ANEXO C - PERGUNTAS ELABORADAS PELA PESQUISADORA A PARTIR DOS TÓPICOS-GUIA PARA OS GRUPOS DE DISCUSSÃO ----- 261

ANEXO D - PERGUNTAS ELABORADAS PELA PESQUISADORA A PARTIR DOS TÓPICOS-GUIA PARA AS ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE. ----- 262

ANEXO E - MAPA DO RIO GRANDE DO SUL ----- 263

ANEXO F - IMAGEM DE SATÉLITE E MAPA DA CIDADE DO RIO GRANDE. ----- 264

ANEXO G - MAPAS DA REPÚBLICA ARGENTINA E DA CIDADE DE ROSARIO (SANTA FE - ARGENTINA) ----- 265

ANEXO H - MAPAS DE CAPITÁN BERMÚDEZ (SANTA FE - ARGENTINA) ----- 266

PRIMEIROS FIOS DA HISTÓRIA

Fios da História...

São retomadas nesta tese algumas caminhadas. Fios de histórias tramadas que contribuíram para a mulher-negra-pesquisadora que hoje me sinto e na curiosidade epistemológica que vem me acompanhando. Recorri a papéis, cadernos, livros, textos, mulheres, saberes onde fui compondo algumas idéias que ainda borbulham. As costuras possíveis, neste momento, estão aqui entretecidas e carregam sua boniteza e seus limites. Para este momento, descreverei como ocorreu a escrita desta tese no campo da Educação, consolidada a partir de um diálogo com mulheres negras brasileiras e descendentes de indígenas argentinas.

A pergunta que acompanhou todo o processo investigativo referiu-se a quais as pedagogias presentes na atividade de ensinar e aprender *manualidades* elencada como alternativa na busca de processos emancipatórios empreendida por mulheres *negras*? Essa pesquisa aconteceu no Brasil, na cidade do Rio Grande (Rio Grande do Sul) definições que fui adotando num primeiro momento da pesquisa, mulheres negras que atuam ou atuavam em profissões “femininamente” constituídas e, em especial, entre este grupo étnico. Durante o estágio de Doutoranda na Argentina² (CAPES/PDEE - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior - Programa de Doutorado no País com Estágio no

² Realizei no período compreendido entre Março/2009 e Junho/2009 um Estágio de Doutoranda na Universidade Nacional de Rosario (Rosario - Argentina). Aproveito para destacar a relevância desta oportunidade para o enriquecimento teórico-metodológico desta investigação. Outrossim, vale ressaltar a necessidade de ampliação deste Programa como já vem ocorrendo por meio de iniciativas do Governo Federal Brasileiro, investindo verbas públicas para a qualificação dos pesquisadores e promoção de intercâmbios com outros países. A realização deste tipo de estágio em países latino-americanos pode contribuir para a consolidação de um MERCOSUL politicamente e culturalmente engajado, para além do âmbito econômico.

Exterior), encontrei na cidade de Capitán Bermúdez (Provincia de Santa Fe) mulheres que, também exerciam, na maior parte do tempo, tarefas domésticas, como as minhas conterrâneas e também participavam de grupos de artesanato. Encontrar com estas mulheres foi o elemento fundamental para a compreensão de como se estruturam e se consolidam formas de ensinar e aprender vinculadas a pessoas sem formação acadêmica e, nos referidos grupos, com poucos anos de escolarização.

Para a pesquisa do Doutorado, meu olhar curioso foi-se direcionando, para além da conversa com mulheres que atuam/atuavam na profissão de cabeleireira, mais especificamente as trançadeiras (como havia realizado no curso de Mestrado), também às mulheres que se envolveram com outras profissões que historicamente foram dedicadas às mulheres negras: empregadas domésticas, lavadeiras/passadeiras e babás. Desde os primeiros ensaios, esta escolha não se deu aleatoriamente.

Num primeiro momento, foi possível observar que estas práticas profissionais correspondem aos seguintes critérios: foram e são exercidas, na atualidade, por uma maioria de mulheres negras; algumas das mulheres que exerciam estas profissões recebiam “ganho” mesmo no período escravagista, o que dá certa diferenciação ao trabalho feminino escravo; os relatos sobre estas profissões já apontam para pedagogias da não-formalidade; nos lugares onde trabalhavam, através do convívio entre mulheres, era possível perceber ações na busca por emancipação; continuam sendo profissões desvalorizadas e carregadas de preconceitos; dizem respeito às práticas do cotidiano doméstico de mulheres de diferentes grupos étnicos de forma não-remunerada; são tidas como “coisa de mulher”; neste meio doméstico, entre cuidados de crianças, lavagens de roupas, preparação de alimentos e cuidados estéticos, a maioria das mulheres aprende trabalhos manuais (crochê, tricô, bordado, costura etc) e, por fim, sem que isto se esgote, apontam para uma proximidade entre o cotidiano de mulheres negras na atualidade e no período escravagista, representando a retomada de algumas questões do passado com nova roupagem no presente.

Poderia ainda dizer que percebi ser relevante para a análise que propus, dialogar com mulheres que atuam/atuavam nestas profissões, pois estas são as mais referidas nos jornais do século XIX e a noção de sua relevância histórica,

também me provocaram a escolhê-las.

Para consolidar esta pesquisa, recorri a alguns documentos específicos que trouxessem dados quantitativos sobre as mulheres negras brasileiras, já que por estas era composta a empiria. Percebi que estavam em sua grande maioria no trabalho informal, segundo dados do I PNPM (Plano Nacional de Políticas para as Mulheres), que exerciam em grande parte o trabalho doméstico não remunerado, que sofriam assédio sexual em sua atividade profissional, que mesmo com escolaridade superior a dos homens ainda permanecem as diferenças salariais entre os sexos e discriminação no que diz respeito às funções exercidas por mulheres, agravando-se ao ser considerado o caráter étnico. Sendo assim os dados disponíveis sobre o mercado de trabalho indicam as dificuldades que um contingente importante de mulheres, especialmente as mais pobres e com menor escolaridade, ainda enfrentam para poder entrar no mercado de trabalho (I PNPM, p. 37).

Este contato com os documentos apontou para um contingente de mulheres negras brasileiras que, historicamente, foram cerceadas do direito à escolarização. Então, a partir da categoria “raça”, aliada a de gênero, encontrei a seguinte diferença: a taxa de desemprego de mulheres negras é 20% maior do que de mulheres brancas.

Estes achados sobre as mulheres negras brasileiras possibilitaram pensar em maneiras de pesquisar essa realidade, em formas de encontro com elas que pudessem sistematizar uma reflexão sobre seus saberes e aprimorassem suas práticas cotidianas, além daquilo que costumeiramente já faziam. Busquei numa Escola Estadual no município de Rio Grande um contato com mulheres negras, todas com experiências de trabalho relacionadas aos trabalhos manuais como empregadas domésticas, trançadeiras, lavadeiras e babás. Boa parte das mulheres que se apresentou tinha essa experiência, mas no momento desse contato estavam desempregadas e não se mostravam muito receptivas em falar sobre essas tarefas que um dia desempenharam. Propus então que nos reuníssemos para realizar uma troca de saberes sobre diversos trabalhos manuais que elas gostariam de aprender. Contatei mulheres que sabiam fazer vários artesanatos para que pudessem ensiná-las. E assim fomos construindo esse grupo. De maneira que, no início da pesquisa imaginei que seria possível reconhecer os saberes já constituídos pelas mulheres em seus afazeres cotidianos, tendo os “trabalhos manuais” (tricô, crochê, bordado,

pintura, colagem, trançados, tecelagem etc.) como um pano de fundo. Contudo, ao longo do trabalho, o ensino das atividades manuais se tornou o foco da questão. Percebi que “os cursinhos³” ou ainda “*los talleres de manualidades*” eram lugares onde o ensinar e o aprender se fortaleciam através do encontro e da solidariedade entre as mulheres no contexto brasileiro e no argentino. Portanto, suspeitei que lá, era possível encontrar pedagogias (re)criadas por estas mulheres para prosseguir com sua intenção de ensinar artesanato.

Quando realizei o estágio de doutoranda na Argentina e busquei informações sobre grupos de mulheres descendentes de indígenas, percebi uma realidade com características impressionantemente semelhantes. Conheci o contexto vivido pelas mulheres em Capitán Bermúdez (Santa Fe - Argentina) e os rumos da investigação foram ampliando-se e consolidando-se.

Notoriamente, nos dois países, entre as formas mais freqüentes de discriminação da mulher no mundo do trabalho está o pertencimento étnico e a pobreza. Por isso, algo que está descrito no PNPM, referindo-se ao caso de mulheres brasileiras, é também vivenciado por mulheres argentinas na atualidade: “a discriminação (...) e o preconceito racial, aliados às dificuldades de acesso à educação, reservam às mulheres negras [brasileiras e descendentes de indígenas argentinas] as menores remunerações e as funções de mais baixa qualificação” (I PNPM, p. 39) - o que, para mim, elucida, por todos estes motivos, a relevância do tema aqui proposto. Após esta breve contextualização, apresentamos como se constitui esta tese.

No primeiro capítulo buscaremos retomar uma perspectiva antropológica do corpo feminino, dedicando-nos a discutir através de Marcela Lagarde y de Los Ríos (2005) o quanto a cisão entre as mulheres e o fato de terem em seus corpos a premissa dos “ser-de-outros” e “para-os-outros” as vêm oprimir. Neste caminho, buscaremos dar um enfoque sobre o que estamos salientando ao referirmo-nos às mulheres como *negras*, fruto de uma percepção que se aprimorou após o convívio com mulheres argentinas. Após esta discussão, ainda neste capítulo, traremos algumas idéias sobre as profissões historicamente destinadas às mulheres negras no

³ Obviamente esta não é a forma que considero mais adequada para a nomeação de espaços tão densos e relevantes para a vida das mulheres. Utilizei esta nomenclatura, neste momento, para dar ênfase a como as mulheres vinham chamando os encontros que realizavam (no caso brasileiro “cursinho”). Durante a realização da pesquisa e em momentos posteriores, fui problematizando esta questão com as mulheres.

Brasil (orientação primeira deste trabalho): domésticas, babás, lavadeiras e trançadeiras. A partir destas reflexões desejamos problematizar as ações por emancipação empreendidas pelas mulheres, mesmo em contextos de grande opressão. Por fim, ainda sobre este tema, faremos algumas considerações a respeito do que chamamos de “institucionalização dos saberes da não-formalidade”, ou seja, momentos em que, na falta de “sistematização legitimada” de conhecimentos por parte das protagonistas, estes são apropriados por outros.

No segundo, após estas considerações sobre o trabalho feminino, buscamos analisar o trabalho manual e a produção artesanal apontando diferenças e proximidades destas práticas. Após, apresentamos um estado da arte dos trabalhos acadêmicos sobre estes temas, salientando as contribuições destes estudos para as análises até aqui efetivadas. Também buscamos apresentar uma panorâmica da produção artesanal e *manualidades* em contexto argentino e, por fim, algumas considerações sobre a história destas práticas no cotidiano de mulheres gaúchas.

Na terceira parte o leitor encontrará, na pretensa “ordem”, como foram ocorrendo as escolhas e a imersão empírica deste trabalho, propriamente dita. Relatamos os primeiros encontros com as mulheres de Rio Grande, fundamentais para algumas delimitações e opções metodológicas, os quais também apontaram para a necessidade de ter a produção manual como “contexto” e não como “pretexto” das análises. Sendo assim, na continuação, explicitamos as escolhas metodológicas e como foram tramados os campos teóricos referência⁴. Para concluir este capítulo, por considerarmos relevante para a compreensão desta tese, apresentamos brevemente, Rio Grande (Rio Grande do Sul - Brasil) e Capitán Bermúdez (Santa Fe - Argentina) e os locais onde eram realizadas as oficinas de *manualidades* com mulheres.

O quarto capítulo se dedica a apresentar do que se tratam estas pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas, aqui compreendidas. Iniciam-se as análises deste capítulo, pelas histórias de duas professoras de *manualidades* Niara (brasileira) e Naara (argentina). Com os depoimentos destas mulheres e o meu próprio envolvimento com os trabalhos manuais, passamos a considerar, através da metáfora dos “nós de marinheiro” de Marie-Christine Josso (2006) as vivências das mulheres com suas produções e profissões, além de outros temas.

⁴ Esta “inversão” se deu porque tentamos explicitar cada um dos passos adotados da forma como ocorreram.

Dando seqüência, no último capítulo, enfatizamos, sistematicamente, como estamos compreendendo as pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas e os fios que a compõem, bem como a relevância destas atividades manuais para mulheres *negras*, a partir dos seus depoimentos.

Assim apresentamos este estudo que teve por finalidade buscar uma leitura das pedagogias que são gestadas em espaços que podemos considerar, até mesmo, inusitados. No caso desta tese, grupos de mulheres que se reúnem para aprender trabalhos manuais.

1. A EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES: RETOMANDO O “CORPO-PARA-OUTROS” E A INVISIBILIZAÇÃO DE CONHECIMENTOS DITOS “FEMININOS”

Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social. (Art. 2º, Lei Maria da Penha)

Os elementos trazidos neste título remetem ao que trata esta tese: discutir a emancipação feminina considerando os limites e possibilidades deste conceito e das alternativas que as mulheres adotam para a superação de condicionantes sociais. Discutimos este tema através do ensino e da aprendizagem das *manualidades*. Considerando que estes escritos fazem parte de um grande elenco de outros escritos que vêm tratando deste tema, sugerimos algumas considerações, no intuito de colaborar com os estudos feministas no que tange à produção criativa das mulheres em atividades que, anteriormente, poderiam ser consideradas supérfluas, de pouca serventia ou, especificamente, “coisinhas” (EGGERT, 2004) de mulher.

Importante destacar o que, neste texto, significa a “emancipação” e outros conceitos que a ela se vinculam na constituição das pedagogias “da não-formalidade” ou “das tramas complexas”. Primeiramente, não se trata de um conceito em si mesmo, algo que possa ser explicado em poucas palavras ou então, alguma espécie de horizonte pronto e acabado ao qual se pode chegar num

determinado momento. A emancipação aqui é compreendida a partir de Freire (1987; 2002; 2006) e Josso (2006) como momentos de luta e conquista, empreendidos pelas gentes cotidianamente. No caso específico das mulheres, por toda a sua vida e, num âmbito mais geral, ao longo da história das lutas feministas.

Para Moreira a emancipação em Freire trata de “uma grande conquista política a ser efetivada pela práxis humana, na luta **ininterrupta** a favor da libertação das pessoas de suas vidas desumanizadas pela opressão e dominação social” (In. STRECK, REDIN e ZITKOSKI, 2008, p. 163, grifo meu). Neste sentido, considera que Freire não fala apenas de uma proposta de emancipação individual, mas de processos emancipatórios que se consolidam de forma coletiva. Na *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1987) salienta que “para a educação problematizadora, enquanto um *quefazer* humanista e libertador, o importante está, em que os homens [e as mulheres] submetidos à dominação, lutem por sua emancipação” (p. 43, versão em PDF). Disse ele, ainda, que a “sectarização é um obstáculo à emancipação dos homens [e das mulheres]” (p. 13, versão em PDF).

Nesta análise, é possível compreender que os processos educativos podem co-laborar com este engajamento de homens e mulheres na conquista do seu direito de ser, porém, não configuram uma solução para este tema. As lutas cotidianas é que vão desafiando homens e mulheres e estes “desafios mobilizadores”, podem despertar-lhes o desejo de se emanciparem. Vale a pena destacar essa referência ao sectarismo, algo presente nas lutas sociais pela consideração de que algumas demandas são mais urgentes ou ainda, maiores do que outras. No caso da luta por relações igualitárias entre homens e mulheres, nesta perspectiva, somos levados a compreender o caráter diferenciado de algumas demandas, porém, a necessidade de compreensão de processos em duas vias onde também os homens possam repensar seus lugares sociais. Portanto, pode-se compreender que a sectarização levaria a uma busca por alternativas que se proporiam estruturar fora de uma rede de lutas. É preciso, portanto, para a superação deste pensamento, entender que algumas conquistas dependem de outras, em rede, ou seja, é fundamental estar ciente da transversalidade necessária para a efetivação destas. Para exemplificar esta afirmação, proponho pensar sobre as políticas públicas que se destinam a promover a igualdade entre homens e mulheres. Estas não são, apenas, políticas para a equidade de gêneros,

mas lutas por trabalho, por salário, por saúde, por educação, ou seja, uma conquista está estreitamente “enredada” a outra⁵.

Nesta discussão que apresentamos, emancipação e autonomia são conceitos correlatos. Também não os abordamos como algo pronto e acabado, como o centro do alvo atingível por um dado certo. A conquista da autonomia é processual e duradoura, feita na luta constante e coletiva. Para Freire, a “autonomia do ser do educando” é algo que precisa ser respeitado e não somente isso, sua reflexão é encaminhada para a radicalidade deste conceito. Respeitar a “autonomia do ser” significa estar ciente de que todos somos inacabados e que, reconhecendo nosso inacabamento, estamos aptos a reconhecer, nos outros, seus limites e possibilidades. Compreendemos que a autonomia leva a desacomodação, já que, com Freire, podemos compreender que é uma saída da “sombra”. Para ele

os oprimidos que introjetam a ‘sombra’ dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, a medida em que esta, implicando na expulsão desta sombra, exigiria deles que ‘preenchessem’ o ‘vazio’ deixado pela expulsão, com outro ‘conteúdo’ - o de sua autonomia. (FREIRE, 1987, p. 18, versão PDF)

Quando este tema se torna central em uma das obras mais conhecidas de Paulo Freire, a *Pedagogia da Autonomia*, parece realizar um chamamento a algo que ainda não foi compreendido, mas se configura como algo já superado. Compreendemos que a autonomia em Freire está intimamente ligada ao conceito de “individuação” em Josso (2004). Para ela, o “processo de individuação”, baseado em Carl Gustav Jung, significa “o processo de se tornar o ser único,

⁵ **Exemplo de Política com transversalidade: Lei Maria da Penha - 11.340/06** (Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher)

Reconhecimento da necessidade de ações em rede, expressas no artigo 3º e 8º:

“Serão asseguradas às mulheres as condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, à segurança, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, à moradia, ao acesso à justiça, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

§ 1º O poder público desenvolverá políticas que visem garantir os direitos humanos das mulheres no âmbito das relações domésticas e familiares no sentido de resguardá-las de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

§ 2º Cabe à família, à sociedade e ao poder público criar as condições necessárias para o efetivo exercício dos direitos enunciados no caput.”

Expressão de ações não-sectárias, porém atendendo à demandas específicas das mulheres, referidas na Lei em seu artigo 4º:

“Na interpretação desta Lei, serão considerados os fins sociais a que ela se destina e, especialmente, as condições peculiares das mulheres em situação de violência doméstica e familiar.”

singular, que cada pessoa é, o que não significa ser ‘egoísta’ ou ‘individualista’, no sentido usual destas palavras, mas sim, procurar realizar a peculiaridade de seu ser” (JOSSO, 2004, p.37). É como lemos em Freire: o encontro do seu lugar na história como quem a faz sem ser, simplesmente, levado por ela.

Percebemos a relevância destes conceitos para a compreensão do cotidiano de mulheres que aprendem e ensinam *manualidades*, principalmente as que se vinculam aos grupos negros (no Brasil) e descendentes de indígenas (na Argentina) tendo em vista que foram grupos dos quais esta oportunidade de aprender tinha como princípio o serviço para os outros e não a possibilidade de criação. Compreender os processos de emancipação e autonomia destas mulheres pode ser um contributo interessante para análises no campo da Educação Popular, principalmente no que tange às formas de superação destes condicionantes através dos saberes por elas construídos e valorados.

Abaixo, a fim de explicitar mais sinteticamente o que viemos dizendo, apontamos para um pequeno esquema onde podemos compreender os entrelaçamentos entre emancipação, autonomia e outros conceitos afins a esta temática. A partir do que viemos realizando, não é possível compreender a emancipação sem que nela estejam incluídas outras conquistas das mulheres como: autonomia e liberdade de expressão. Já explicitamos que a emancipação está diretamente relacionada com a autonomia.

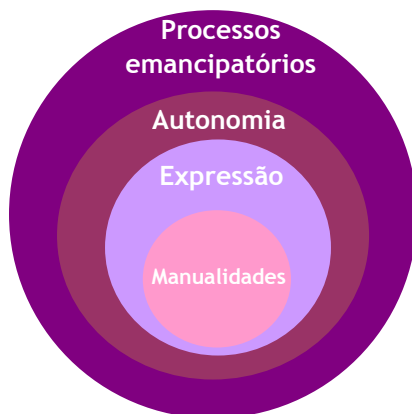


Figura 1: Esquema representativo de alguns temas relevantes para a tese.

1.1. “Corpo-para-outros” desafios para a emancipação

A partir de um olhar sobre o conceito de mulher “corpo-para-outros” apresentado pela antropóloga mexicana Marcela Lagarde y de los Ríos (2005), discutimos as (im)possibilidades de as mulheres se tornarem seres autônomos em contextos de opressão patriarcal, o que consideramos relevante para a descrição de alguns dos motivos para que seus conhecimentos sejam invisibilizados, para que elas não se percebam como gentes que podem ensinar e aprender, ou ainda, para que criem estratégias possíveis para conviver com estes condicionantes, superando-os. Neste texto, focamos nas reflexões sobre os contextos que envolvem mulheres negras brasileiras e descendentes de indígenas argentinas, as quais participaram da pesquisa aqui relatada. Cada grupo, em seu tempo e contexto, através de uma coletividade que surge dos encontros para aprender e ensinar *manualidades* vai construindo espaços para o que chamamos de “breves alternativas para emancipação”. Conforme o que já está colocado neste texto, por ser a emancipação um conceito em movimento, portanto, processual, compreendemos que estas mulheres conquistam cotidianamente o que consideram necessário para que tenham uma vida mais feliz. Logram conquistas, processos emancipatórios, porém consideramos que ainda precisam concretizar ações onde, coletivamente, possam construir outras realidades.

Lagarde (2005) destaca, através de Franca Basaglia (1983), que é possível perceber que as mulheres, sendo definidas como um “ser-de-outros”, têm sua opressão baseada na premissa de ter um “corpo-para-outros”. Sendo assim, como se tornam seres autônomos já que inscrito em seus próprios corpos está este cativo?

Neste contexto, tratando de um olhar sobre a “emancipação das mulheres” e a inscrição de cativos sobre seus corpos, procuramos destacar em consonância com o pensamento da antropóloga mexicana Marcela Lagarde, alguns elementos para problematização desta temática. Sem querer definir as respostas, pretendemos apontar algumas alternativas viáveis, a partir da teoria feminista, para que as mulheres dos mais diversos segmentos e em especial, as mulheres negras brasileiras e descendentes de indígenas nos centros urbanos argentinos, possam pensar sua existência e suas possibilidades de ser.

As raízes para a compreensão da categoria “mulher corpo-para-outros” estão, segundo Lagarde (2005), no que destaca Franca Basaglia:

Si la mujer es naturaleza, su historia es la historia de su cuerpo, pero de un cuerpo del cual ella no es dueña porque sólo existe como objeto para otros, o en función de otros, y en torno al cual se centra una vida que es la historia de una expropiación. ¿Y qué tipo de relación puede haber entre una expropiación y la naturaleza? ¿Se trata del cuerpo natural, o del cuerpo históricamente determinado? (apud LAGARDE, p.25, grifo meu)

Ainda segundo Basaglia (apud LAGARDE, 2005), o fato de as mulheres estarem vinculadas estreitamente aos ciclos naturais - mulheres menstruam em ciclos, ficam grávidas, têm partos, amamentam, têm menopausa - apresentando alterações visíveis em seus corpos solidamente vinculadas à natureza das fêmeas, tornou-se justificativa para dizer que tudo que diz respeito às mulheres é “natural” e o é “por natureza”: são débeis por natureza, obstinadas e doces por natureza, maternais por natureza, estúpidas por natureza e também pérfidas e imorais por natureza. Neste sentido, as mulheres fortes, feias, sem “atrativos”, inteligentes, não-maternais, agressivas, rigorosamente morais no sentido social, são fenômenos “*contra natura*”. Isto também ocorre no que diz respeito às práticas profissionais femininas, delimitando-se o que é “naturalmente” profissão de mulher.

Já um primeiro equívoco neste pensamento naturalizador denunciado por Lagarde é o fato de dizer que as mulheres “ficam grávidas”, “têm partos e amamentam” sob o mesmo patamar de menstruarem e entrarem na menopausa. Nega-se que a gravidez é uma escolha que pode ou não ser feita pelas mulheres. O fato de possuírem as condições para, não pode significar que isso determine suas existências, o que é diferente do ciclo biológico da menstruação e da menopausa, que se dão involuntariamente. Além disso, no que diz respeito às práticas profissionais, é possível perceber que foram bem mais uma contingência histórica do que “naturalmente” destinadas às mulheres negras e descendentes de indígenas.

É importante ressaltar que aqui aparece o termo “mulheres” porque não consideramos a existência uma mulher geral que integre a todas, nem nesta referência partindo de recortes étnicos. Há uma grande pluralidade entre as mulheres, porém, concordamos com Marcela Lagarde, quando esta diz que mesmo

en una abstracción de las condiciones de vida de las mujeres, he definido una condición de la mujer constituida por las características genéricas que teóricamente comparten todas las mujeres. La condición de la mujer es una creación histórica cuyo contenido es el conjunto de circunstancias, cualidades y características esenciales que definen a la mujer como ser social y cultural genérico: ser de y para los otros.” (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 33)

Lagarde destaca que as mulheres mexicanas são compreendidas a partir de um ideário que reúne o mito de santa e profana (Nossa Senhora de Guadalupe e Malinche) pelos homens e também por elas mesmas. A partir do que, na sociedade brasileira é compreendido como “mulher negra” e no contexto argentino como “*las negras*”⁶, esta vinculação também acontece, partindo de outros mitos. Dada a contingência da escravidão e das conseqüências do racismo presentes em nossa sociedade brasileira, mulheres negras não têm uma vinculação de “santidade” aceita por todos. Sua vinculação “santa” a partir das orixás femininas não é consenso. Sendo assim, resta a pouca vinculação com Nossa Senhora Aparecida (Santa Negra), mas isto não é lembrado na composição de sua imagem. Mulheres negras, historicamente, têm uma vinculação profana. Seus corpos expostos são o símbolo da diabolização do corpo feminino num Brasil *eurocentrizado*. No caso das descendentes de indígenas argentinas, parece ocorrer algo muito semelhante às descrições trazidas por Lagarde (2005), ao referir-se às mexicanas.

O conceito de corpo-para-outros vem integrar todas as mulheres sem exceção, porém se salienta de forma peculiar em alguns grupos. Estamos todas emaranhadas nesta teia e, em nossas pesquisas, temos feito de seus fios, motivos para continuar nossa jornada. Marcela Lagarde, ainda aponta que

las mujeres comparten como género la misma condición histórica, pero difieren en cuanto a sus situaciones de vida y en los grados y niveles de la opresión. Las diferencias entre las mujeres derivadas de su posición de clase, de su acceso a la tecnología, de su relación con las diferentes sabidurías, de su modo de vida rural, selvático o urbano, son significativas al grado de constituir grupos de mujeres: el grupo de las mujeres sometidas a doble opresión genérica y de clase, el de las que sólo están sujetas a opresión genérica pero no de clase, el grupo de mujeres sometidas a la triple opresión de género, de clase y étnica o nacional, los grupos de mujeres que viven todo esto y mucho más, pero agravado por condiciones de hambre y muerte; grupos de mujeres que no comparten la clase ni otras particularidades, pero que han sido sometidas a formas exacerbadas de violencia genérica, y otras. (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 34)

⁶ Ao longo deste texto explicitaremos este termo “*castellano*”.

Existem, segundo ela, diversas formas de ser cativa e comprometer sua autonomia, que são assumidas pelas mulheres. Percebemos nelas, aspectos que condicionam cada vez mais as mulheres, que compõem os grupos que participaram desta pesquisa, a uma vivência subalterna. Os estigmas sobre o corpo da mulher negra no Brasil se agravam ou se destacam a partir destas categorias elencadas por Lagarde (2005): *madresposas*, *putas*, *freiras*, *presas* e *loucas*. Também ocorre no que se refere às mulheres indígenas argentinas.

A categoria de “*madresposa*”, *esposa e mãe*, está em um cativo construído em torno das definições essencialmente positivas das mulheres: sua sexualidade procriadora e sua relação de dependência vital dos outros por meio da maternidade e da conjugalidade. Segundo Lagarde, o corpo das mulheres não se esgota em seus limites materiais, se estende, simbolicamente, aos lugares onde circula. O corpo da mulher, com isso, é um espaço sempre disposto a carregar e receber o outro. Muitas mulheres passam sua vida alternando a carga do outro dentro e fora do seu corpo. Na gravidez, as mulheres carregam o filho no ventre, com seu corpo. Depois de nascer e por vários anos, as mulheres os carregam na cintura ou nos braços. Com seus corpos, as mulheres ninam e embalam outros corpos para dormir ou acalmar, para alimentar ou passear (caso das mães, babás, cuidadoras...).

As mulheres também carregam os enfermos que não podem se mover. Dão banho, ajudam a caminhar, a sentar, os limpam, os vestem até a morte (pouco comum nas práticas masculinas). A mulher carrega o corpo dos outros desde sua formação até sua morte, o cuida, alimenta, purifica dos dejetos, com seu próprio corpo.

A vida de muitas mulheres se desenvolve como um corpo “carregado”, por dentro e por fora durante muitos anos. Vejamos o exemplo de mulheres que estão, constantemente, grávidas: a vivência corporal da maternidade ocupa a maior parte de suas vidas em um ciclo que alterna gravidez, parto, aleitamento, gravidez, aborto, gravidez, parto, aleitamento... Isto se torna uma totalidade e o sentido da vida, do tempo, prova da plena disposição aos outros.

Contrariamente, segundo Lagarde (2005) as *putas*, concretizam o *eros* e o desejo femininos que são negados às demais. Estas mulheres se especializam, social e culturalmente, em uma sexualidade proibida e cheia de tabus, num

erotismo para o prazer dos outros. Neste grupo, as prostitutas são a especialização da especialização social. Reconhecida por todos, pois seu corpo encarna o erotismo e seu ser-de-outros se expressa na disponibilidade de estabelecer um vínculo vital ao ser usada eroticamente por diversos homens que não estabelecem vínculos permanentes com elas.

Lagarde (2005) também nos apresenta a categoria das *freiras*, que são o grupo de mulheres que encarnam, simultaneamente, a negação sagrada de ser esposa e mãe e, também, de ser puta. São mulheres que não procriam nem se vinculam aos outros a partir de práticas eróticas. Sem dúvida, esta escolha encontra reconhecimento social e religioso, pois as freiras não têm filhos nem cônjuges, mas são mães universais e estabelecem um vínculo conjugal com Deus. Da mesma forma, está presente o ser-de-outros e ter um corpo-para-outros.

A categoria extrema do confinamento é vivida pelas mulheres que são *presas*, objetivamente reaprisionadas por instituições de poder coercitivo. Segundo Lagarde (2005), a prisão destas mulheres se torna exemplar e pedagógica para as outras, mesmo que todas as mulheres, mesmo não encarceradas, também sejam consideradas “presas”.

O último cativo apresentado pela autora como categoria, trata da loucura. Diz ela que as *loucas*

actúan la locura genérica de todas las mujeres, cuyo paradigma es la racionalidad masculina. Pero la locura es también uno de los espacios culturales que devienen del cumplimiento y de la transgresión de la feminidad. Las mujeres enloquecen de tan mujeres que son, y enloquecen también porque no pueden serlo plenamente, o para no serlo. La locura genérica de las mujeres emerge de su sexualidad y de su relación con los otros. (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p.40)

Para Lagarde, a loucura de todas as mulheres é ser-mulher-para-outros, pois, assim, não têm espaço nem tempo para si. Ficam sem personalidade própria e sem autonomia. Como já referido, todas as ações que contradizem este princípio de corpo-para-outros são vistas com maus olhos (vejamos os casos das solteiras por opção, das feministas, das agnósticas, das que são favoráveis ao aborto, das profissionais do sexo que o fazem porque querem, das mulheres trabalhadoras que deixam seus filhos em creches etc.)

Com o destaque anterior, é possível remeter-se às peculiaridades que

dizem respeito às mulheres negras no Brasil e descendentes de indígenas no caso argentino. Mesmo que, todas as mulheres estejam, por sua condição de mulher, atreladas às opressões sexistas, a contingência histórica de mulheres negras no Brasil, por exemplo, remete a outros lugares. O contexto de escravidão, no qual, estas mulheres eram, para além do simbólico, concretamente expropriadas de seus próprios corpos, sendo propriedade do “seu dono”, senhor de escravos, remete a uma realidade que lhes foi singular. Seu corpo, visto como exótico, erótico e proibido, era “usado” e castigado por seus senhores com o aval da lei. No caso das argentinas, algo semelhante ocorreu. Mesmo que não escravizadas foram vorazmente prejudicadas pelos contextos de guerra e fome aos quais foram submetidas. Seu corpo, “livre” aparentemente, era cativo por estas circunstâncias cruéis de descaso e racismo colonial espanhol.

Além desta opressão involuntária, aquela que se dá por fatores externos, é possível, com Lagarde, compreender uma opressão voluntária exercida pelas próprias mulheres. Assim,

la condición de las mujeres es opresiva por la dependencia vital, la sujeción, la subalternidad y la servidumbre voluntaria de las mujeres en relación con el mundo (los otros, las instituciones, los imponderables, la sociedad, el Estado, las fuerzas ocultas, esotéricas y tangibles). También es opresiva la condición genérica por la definición de las mujeres como seres carentes, capaces de renuncia, cuya actitud básica consiste en ser capaces de todo para consumir su entrega a los otros, e incapaces para autonomizarse de ellos. Esta dificultad de las mujeres para constituirse en sujetos constituye la impotencia aprendida. He llamado cautiverio a la expresión político-cultural de la condición de la mujer. Las mujeres están cautivas de su condición genérica en el mundo patriarcal. (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 35 e 36)

Segundo a autora, é possível que as mulheres sobrevivam criativamente aos cativos. Para a maioria, a vivência do cativo significa sofrimento, conflitos, contrariedades e dor, porém, há cativas felizes. Em outras palavras, as mulheres constroem sua felicidade dentro do cativo, ressignificando-o.

Suspeitamos, neste momento, que as formas de ensinar e aprender através das *manualidades* pode ser uma destas formas que variam entre cativos e respiradouros. Uma prática que antes buscava promover o assujeitamento das mulheres, hoje é reinventada por elas como espaço coletivo para dizer a palavra e partilhar conhecimento. Outrossim, como já destacado, também compuseram

historicamente estes respiradouros, nas práticas domésticas e afazeres ditos femininos.

Especificamente sobre a emancipação das mulheres, a autora destaca que elas estão cativas porque são privadas de “autonomia vital”, de independência para viver conforme desejam, do governo sobre si mesmas, da possibilidade de escolher e da capacidade de decidir sobre os fatos fundamentais de suas vidas e do mundo. O cativo que se inscreve em seus corpos como um “ser-para-outros”, torna as mulheres subordinadas ao poder, dependentes dos outros, entregando o governo de sua vida a outrem. Além disso, as mulheres assumem a obrigação de cumprir o “dever ser feminino” que se concretiza em vidas estereotipadas, sem alternativas, com as quais convivem e ao invés de reagirem a estes modelos, os tornam exemplos. Para Marcela Lagarde (2005, p. 37) “todo esto es vivido por mujeres desde la subalternidad a que las somete el dominio de sus vidas ejercido sobre ellas por la sociedad y la cultura clasistas y patriarcales, y por sus sujetos sociales”.

Na concepção de Lagarde, todas as mulheres estão cativas de seu corpo-para-outros, procriador ou erótico e de seu ser-de-outros, vivido como sua necessidade de estabelecer relações de dependência vital e de submetimento ao poder e aos outros. Ainda por isto, se definem filosoficamente como seres incompletos (diferente de serem inabacadas, no sentido freireano), como territórios a serem disputados e dominados por outros, num mundo patriarcal.

Os ganhos e as formas concretas de como isto acontece variam de acordo com a situação concreta de cada mulher (o que também remete aos condicionantes raciais), com sua capacidade criadora de elaborar sua vida e sobreviver ao cativo e até transpondo-o. Cada espaço e cada processo de desestruturação do ser-de e para-outros, significam uma possibilidade de afirmação das mulheres. São feitos inovadores, feitos de liberdade e de possibilidade de democratização das relações sociais e da cultura. Mesmo que esta luta possa se tornar desgastante para as mulheres, contraditoriamente, estes mesmos feitos podem significar avanços na constituição delas como sujeitos sociais emancipados.

Na senda das tensões, o legado teórico feminista, segundo Lagarde (2005), propõe a superação dos cativos através de idéias e atitudes anti-sexistas; da desconstrução da sexualidade da mulher como definição social, cultural e política

de seu lugar social; da superação dos cativeiros gerados pelo trabalho invisível e pela exploração econômica; da reivindicação de que as mulheres possam agir criativamente, com sua sabedoria e suas linguagens. Além disso, o movimento feminista, em suas nuances, vêm lutando para que as mulheres possam ocupar diversos espaços e não apenas o privado, o doméstico, o cuidado apenas dos outros, do prazer para os outros e a renúncia de si mesma.

Dentre outros objetivos deste movimento está: possibilitar através do pensamento crítico que as mulheres possam ter diferentes opções de vida, diferentes possibilidades de ser mulher e lutar para que as mulheres possam apropriar-se de seus corpos e de sua subjetividade. Com isso, a superação da servidão voluntária ou imposta, da dependência vital, além da superação das formas de violência e domínio exercidos por outros e por elas mesmas consigo. Também tem sido um desafio, superar a inimizade histórica que divide as mulheres. Sendo assim, é necessária uma transformação das mulheres em sujeitos políticos dentro de um novo projeto social, mulheres que se transformem em seres autônomos e independentes, coletivamente.

Portanto, vemos que há uma tensão entre “ser-dos-outros” e “ser-para-mim” que a todo o momento vêm à tona na vivência cotidiana das mulheres. Ser para si, longe de ser um estado de egoísmo, significa que as mulheres estão se “autonomizando”, ou seja, sendo autônomas e nomeando sua autonomia (como já destacado a partir de Josso (2004), empreendem processos de “individuação” e não de “individualismo”).

Que as mulheres possam partir de si, para pensar os outros e assim pensar-se e não se anular. Em suas relações com os outros, buscar sua valorização, autoestima e consciência dos papéis que podem e desejam desempenhar. As mulheres que desejam ser-para-si, precisam romper com a dependência vital em todos os níveis e dimensões de suas vidas, sentirem-se capazes “de ser”.

No seu trabalho, mesmo nas contingências da exploração e do não-reconhecimento, mulheres negras e descendentes de indígenas nos centros urbanos, precisam desempenhar a difícil tarefa de construir positivamente suas profissões e suas práticas cotidianas, constituindo-se, em qualquer âmbito (privado ou público) como trabalhadoras. Por isso, nossa atenção especial, no caso destas mulheres, aos seus direcionamentos profissionais constituídos historicamente e o

porquê de deslocarem para as *manualidades* e não para estas profissões, a sistematização de saberes e práticas de ensino. Credo na possibilidade de emancipação através do ensino e da aprendizagem daquilo que poderia ser considerado algo desprovido de conhecimento significativo como o trabalho manual e sua experiência profissional neste campo.

1.2. Ações por emancipação: um pouco da história de mulheres negras

Retomando o conceito abordado em subtítulo anterior, é perceptível que historicamente, mulheres negras no Brasil têm assumido esta postura de “corpo-para-outros”, tanto no período de escravidão, quanto no momento de trabalho assalariado. Também semelhante a esta realidade vivenciada no Brasil se encontram as descendentes de indígenas argentinas que formam, ainda hoje, um expressivo contingente de mulheres que vivem nas periferias das cidades em contextos de opressão familiar e social. Contudo, estas mesmas mulheres que vêm sofrendo com a opressão, conseguem, de diversas maneiras, lugares para superar estes conflitos.

No caso brasileiro, é visível que estas ações, para as mulheres negras, historicamente, iniciam em contextos profissionais. Destacamos aqui as profissões femininas que, ao longo da História, se apresentaram como práticas de mulheres negras: trabalho em “casas de família”, lavagem de roupas por encomenda, cuidado de crianças (serviço de babá) e cuidados estéticos que envolvem tranças, *dreadlocks*, dentre outros. Estas trabalhadoras, tanto no período escravagista quanto no assalariamento, demonstraram superação de alguns condicionantes. Mulheres, que eram escravas no trabalho doméstico, articulavam ações em prol de sua libertação (fugas, envenenamento dos senhores, desvios de comida para as senzalas etc.) hoje, como “trabalhadoras autônomas” continuam reivindicando melhores condições de trabalho e, inclusive, são fundamentais no cotidiano das casas onde atuam. Lavadeiras, que mesmo parecendo extintas, ainda remetem às práticas e a religiosidade de suas ancestrais. Além do que reinventam, através de lavanderias domiciliares, esta prática. Babás, antigamente reconhecidas como

“amas”, além dos momentos de cuidados às crianças pequenas, ainda hoje transmitem conhecimentos em pequenas sutilezas. Por fim, trançadeiras, que do cuidado do cabelo da sinhá passaram a uma forma pouco comum de luta contra a segregação através de suas práticas de embelezamento. Enfim, momentos inusitados vividos por mulheres em busca de autonomia por meio de alguns respiradouros.

No que diz respeito às mulheres descendentes de indígenas argentinas⁷ na América Latina é visível como, através das suas crenças e rituais vão retomando seu lugar e assumindo alternativas viáveis para consolidar projetos de vida. Habitam, atualmente, o que Norma Giarraca (2003) chama de lugares de “baja urbanización” ou “rururbanos”. Historicamente é possível perceber a presença indígena e, especificamente, das mulheres indígenas nas lutas por justiça social na América Latina. Como salienta Giarraca (2003, p. 253)

en junio de 1994, en Ecuador, los indígenas de todo el territorio convocaron a una movilización que paralizó durante dos semanas el país. Como sostiene Nina Pacari (1996), abogada y líder del la Confederación de Nacionalidades Indígenas del Ecuador (CONAIE), la protesta se orientó en contra de la Ley de Desarrollo Agrario...

Tal lei, que visava favorecer o agronegócio em detrimento da agricultura familiar, ignorava tudo o que se referia aos indígenas, camponeses e pequenos agricultores equatorianos. Também os povos *mapuches* do sul da Argentina protestaram contra a instalação de uma mineradora, argumentando o que isso significaria em termos de gastos de água (GIARRACA, 2003). Ainda para esta autora

Podríamos sumar a... [estas] ...protestas y resistencias campesinas e indígenas con sus ramificaciones a las poblaciones urbanas, al Movimiento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra de Brasil así como los muchos otros sindicatos campesinos de este país como la Confederação Nacional de Trabalhadores na Agricultura (CONTAG); la Federación Nacional Campesina de Paraguay, los movimientos campesinos e indígenas de Bolivia, Colombia, Perú, Chile. (GIARRACA, 2003, p. 254)

⁷ Refiro-me às conversas que tive com estas mulheres na cidade de Capitán Bermudez (Província de Santa Fé - Argentina) durante a realização do meu Estágio de Doutoranda (CAPES/PDEE), com antropólogos argentinos especializados nas culturas Toba e Mapuche as quais registrei em meu diário de campo, vídeos documentários sobre o tema, artigos impressos e disponíveis on-line, dentre outras fontes que permitiram esta síntese.

Talvez nenhum outro povo tenha manifestado sua ligação profunda com a terra do que os povos indígenas. Embora reconheçamos que o andar descalço, contingência de negros escravizados no Brasil, fosse ressignificado com a possibilidade de um contato direto com o solo, com a terra, com a “grande mãe” provedora dos frutos e das águas, é conhecida a relação estreita entre indígenas e o “chão”. Esta relação foi descrita por Giarraca (2003) no que se refere a alguns povos indígenas que vivem na Argentina. Segundo a autora,

La tierra es un aspecto esencial de sus cosmovisiones para las poblaciones indígenas mapuches o kollas, por ejemplo. El mapuche o el kolla se sienten pertenecientes a la tierra y piden, básicamente, una reparación histórica a través de las leyes de recuperación de campos que pertenecieron a sus ancestros. (GIARRACA, 2003, p. 272)

É possível, portanto, perceber a longa trajetória de luta destes povos por emancipação, ações estas caracterizadas por *una mirada* coletiva e politicamente engajada. Ainda, no que diz respeito ao “amor a terra”, as mulheres indígenas, únicas conhecedoras da arte da cerâmica, manifestavam através da confecção destas peças sua estreita ligação com este “chão” e os significados nele presentes de provisão de alimento, de recebimento dos corpos em sua finitude e a possibilidade de extrair dela os utensílios necessários para suas tarefas cotidianas através da modelagem. Longe de ratificar que mulheres são “natureza”, simplesmente queremos salientar que esta relação estreita, por contingência histórica de divisão sexual do trabalho, caracterizou algumas das mais significativas experiências de mulheres indígenas no passado e descendentes de indígenas que habitam os centros “rururbanos” (GIARRACA, 2003).

1.3. Práticas profissionais: alternativas para a emancipação? O caso brasileiro inspirando a tese

Compreendemos que as práticas profissionais e as *manualidades*, constituídas em um universo de mulheres *negras*, podem ressignificar a vida destas e proporcionar alternativas para a sua emancipação. Mulheres negras no Brasil, desde o período de escravidão, exercem profissões como: domésticas, babás,

lavadeiras e trançadeiras; apresentavam os germes para a (re)criação de pedagogias em espaços de não-formalidade ou ainda, de busca de outras formas de ser e existir. A problematização dessa pesquisa é como estas mulheres conseguem elaborar formas, meios, métodos de ensinar a outras mulheres, como elaboram conhecimentos que se tornam significativos para a prática profissional, mas também como “apre(e)ndam” entre si, formas de ser mulher *negra* e superam condicionantes sociais. Segundo Marcela Lagarde (2005, p. 270)

a pesar de la solidez de los mecanismos de servidumbre voluntaria de las mujeres al poder, en ocasiones sucede que las instituciones y las ideologías no logran sus objetivos a plenitud. Entonces, las mujeres pueden rebelarse, contestar la agresión o, por lo menos, defenderse.

Serão apresentadas reflexões sobre estas práticas profissionais, pois foi a observação destes contextos passados que compuseram as primeiras motivações para a consolidação desta tese, embora, depois da realização do estágio de Doutoranda, tenhamos ampliado esta discussão. O propósito aqui é, também, para além de uma simples descrição das profissões e seus contextos, poder realizar uma discussão teórica reflexiva sobre a representação destas mulheres profissionais de diferentes formas. Entendemos que os diversos textos e contextos sociais permitem, para quem lê, apreender estes elementos de forma a julgá-los e construir conceitos. Consideramos esta análise bastante significativa, sabendo que as diferentes profissões não são dadas ao acaso. Existem, para além da distinção de gênero (profissões de homem e de mulher), questões que dizem respeito aos condicionantes étnicos (entre mulheres negras e não-negras). Sem desprezar as divisões classistas do trabalho feminino, mesmo que nossa análise tenha sido focada, num primeiro momento, nos contextos da afrobrasilidade. Durante esta abordagem serão feitas algumas referências sobre este tema no que se refere ao conceito que aqui ampliamos de “mulheres *negras*”.

Embora nos contextos atuais de flexibilização dos direitos trabalhistas e da ainda visível má remuneração, condições insalubres de trabalho nas quais estão inseridas mulheres *negras*, é possível vislumbrar que muitas delas não perderam a condição eminentemente humana do “ser mais”, como descreve Paulo Freire (2006).

Tais análises têm o objetivo de proporcionar o “desenquadramento” destas

mulheres e suas profissões “enquadradas” em um contexto de subalternidade, descaso, baixa remuneração, preconceito, racismo e sexismo, sabendo que estes podem “obstaculizar” a conquista da emancipação por parte das mulheres, mas a esperança permanece de que eles não as venham impedir. Mesmo que em nuances ou em formas muito peculiares, dadas em “miudezas” do cotidiano (GEBARA, 2008), é possível perceber que estas mulheres vêm buscando sua autonomia e construindo saberes em diferentes espaços.

É relevante destacar que as mulheres que atuam/atuavam nestas profissões, podem, através do trabalho manual, discutir os seus lugares sociais, (re)criarem e (re)valorizarem tais aprendizados. Mesmo que, em dado momento, queiram desvencilhar-se dos conhecimentos profissionais anteriores, por considerá-los ineficientes ou não vislumbrarem os saberes que as constituem dada a desvalorização inerente à lógica hierárquica dos conhecimentos, buscam ao invés de acomodar-se, outros caminhos através do artesanato realizado coletivamente.

Nesta perspectiva, vários recursos foram procurados e experimentados: cinema, jornais do século XIX, pinturas, *sites*, e textos acadêmicos a fim de compor esta análise. Para ilustrar o contexto vivido pelas empregadas domésticas, encontramos subsídios no filme “Domésticas”, focalizando a análise na personagem Créo e em registros do diário de campo sobre “*Maria*” uma mulher *negra* paraguaia empregada em um *hostel* em Buenos Aires. No que diz respeito às lavadeiras, faremos uma análise a partir dos relatos de viajantes do século XIX como Thomas Ewbank (1976) e na folclorista Hildegardes Viana (1998), uma das grandes estudiosas dos costumes populares brasileiros. Para compreender alguns dos contextos vividos por “amas-de-leite” que, futuramente, passam a ser chamadas de “babás”, foram procurados indícios nos jornais “Diário do Rio Grande” e “Echo do Sul”, periódicos de grande circulação na região Sul do Rio Grande do Sul. No que diz respeito às trançadeiras, ou ainda, às profissionais que se dedicam ao cuidado estético com viés étnico afro, partimos dos escritos de Nilma Lino Gomes (2006), estudiosa na área, pesquisadora e professora da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Buscando costurar estas descrições analítico-reflexivas com o objetivo desta pesquisa, propomos um olhar sobre algumas das percepções atuais, possíveis, no que diz respeito a estas profissões e os conhecimentos produzidos pelas mulheres *negras* em seu contexto de trabalho a fim de, posteriormente,

apresentar a opção pelas *manualidades* eleita por estas mulheres.

1.3.1. A luta por direitos: Domésticas

Talvez esta seja a profissão mais lembrada a partir da pergunta: “- Qual a profissão que ainda possui, em sua maioria, um grande número de trabalhadoras *negras*?” Ocupando a base da pirâmide social e recebendo baixos salários, 82% das empregadas domésticas brasileiras são mulheres negras (SCHUMAHER e BRAZIL, 2007, p. 229). Na Argentina, é fácil encontrar o mesmo perfil: descendentes de indígenas, migrantes de províncias do norte argentino, paraguaias, dentre outros grupos que compõem as camadas populares.

Em meados do século XX, divulgado pelo jornal Quilombo⁸ de fevereiro de 1950, encontramos alguns elementos para a compreensão de uma realidade que, desde longa data, vem sendo vivenciada por mulheres negras, nesta prática profissional. Além de terem uma prática-para-outros, coisificadas pelo exercício da profissão e pela percepção sobre ele, tais mulheres buscam sua autonomia em contextos adversos de opressão, como no descrito por Marcela Lagarde (2005), o que já foi destacado neste texto. Embora em árdua luta pode-se perceber que alguns ganhos foram significativos para as trabalhadoras domésticas, mesmo que ainda seja necessário prosseguir na conquista de direitos.

A manchete em destaque no jornal Quilombo (NASCIMENTO, 2003, p. 79) é intitulada “Precisam-se de escravas”, o que já deixa visível a proximidade que desejam estabelecer entre a prática profissional exercida no cativo e a precariedade vivida no assalariamento. A partir da premissa do gênero que une, mas da raça e da classe que separam, é destacada a concepção das patroas sobre suas empregadas.

⁸ O Jornal “Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro” teve circulação mensal no Rio de Janeiro de dezembro de 1948 até julho de 1950. Quem o idealizou foi Abdias do Nascimento e sua companheira Elisa Larkin Nascimento. Este jornal estava intimamente ligado ao Teatro Experimental do Negro, também fundado por Abdias Nascimento. Dentre os colaboradores deste jornal estavam Gilberto Freyre, Roger Bastide, Nelson Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade, Jean-Paul Sartre, dentre outros. Dentre as problemáticas mais destacadas nas edições do jornal estavam: bolsas para alunos negros nas escolas e universidades, maior participação de candidatos negros na política brasileira. (Notas da Editora 34)

Tais patroas lamentavam a falta de submissão das domésticas, além de serem saudosistas quanto ao período de escravidão, sobre o qual, mesmo não tendo vivenciado por inteiro, nutriam concepções pelos relatos de família e em todo o contexto social. Enganadas estavam, já que não são poucos os relatos de escravas que no interior das casas resistiam ao poder escravagista através de suas ações no cotidiano. Os relatos de jornais do século XIX e alguns textos de historiadores trazem ao conhecimento o fato de escravas e mucamas resistirem através do envenenamento dos senhores, já que por elas passavam todos os alimentos que eram consumidos na casa grande. Além disso, dos restos que recebiam das casas - dentre eles patas e orelhas de porcos - elaboraram pratos que, pelo teor e aprimoramento, se tornaram típicos do Brasil: a feijoada, por exemplo (SCHUMACHER e BRAZIL, 2007). Em seus cabelos, carregavam sementes e o que mais conseguissem, a fim de suprir as necessidades em focos de resistência, que iam desde as senzalas e mocambos onde habitavam, até os quilombos para onde fugiam (GALEANO, 1998, p. 48).

A manchete do jornal Quilombo destaca que Café Filho, na época deputado federal, lutando pelas “causas populares” preocupou-se com a regulamentação da profissão de doméstica, inclusive sugerindo, que houvesse escolas, as quais transformariam “esse grupo em verdadeiras profissionais especializadas” (NASCIMENTO, 2003, p. 9). Antes dele, é destacado que o Deputado Benício Fontenelle⁹ já havia levantado a questão, a qual foi desconsiderada pelos demais parlamentares.

O mote principal da reportagem “Precisam-se de escravas” é a necessidade de regulamentação da profissão, destacando que as empregadas domésticas compunham a classe de trabalhadores que menos “benefícios”¹⁰ ou segurança possuíam na época. Para elucidar tal questão, está descrito o caso de trabalhadoras domésticas que trabalhavam durante toda a sua vida, sem direito a aposentadoria. Outras mulheres, por serem idosas ou haverem adquirido patologias, fruto das insalubres funções desempenhadas, não conseguindo dar conta de toda a “lida

⁹ Deputado federal que participou na Constituinte de 1946 e era apoiador das aspirações do Teatro Experimental do Negro, inclusive as propostas de criminalização do racismo.

¹⁰ Julgo importante destacar que o uso do termo “benefícios” não caracteriza o que realmente são para os trabalhadores e trabalhadoras, os direitos assegurados pela luta popular. Mesmo que decretados e sintetizados em “leis trabalhistas”, tais conquistas são fruto de anos de embate político entre trabalhadores e empregadores.

doméstica”, ficavam desempregadas em idade avançada sem direito a indenização ou qualquer outro auxílio, justamente merecido. Estes casos, vividos e descritos no jornal Quilombo na década de 50, não são raros em nosso contexto atual de século XXI tanto no Brasil quanto na Argentina.

É possível ler neste mesmo texto que naquela época, não havia leis que regulamentassem tal profissão, sendo assim, caso a patroa protelasse ou negasse o pagamento pelos serviços prestados, a trabalhadora não tinha a quem recorrer. Talvez este fato, pudesse ser recorrente no momento em que o trabalho doméstico, além de não estar amparado por uma legislação trabalhista, ainda contava com um olhar sobre a “inquestionável vocação” feminina para este serviço. Nesse caso, algumas domésticas, sendo vistas em práticas “*contra natura*” de reivindicação de direitos, poderiam ser consideradas perversas e insolentes. Fazendo “coisas de mulher” e recebendo uma cama e comida, em alguns casos, já era considerado suficiente para o papel que exerciam. Remete-nos muito facilmente ao que se sabe deste trabalho no período escravagista, sendo assim, corrobora a pertinência do título escolhido para a referida manchete.

A reportagem do jornal Quilombo ainda salienta os casos de humilhação, a insalubridade do serviço, dentre outras questões. Contudo, mesmo com todo esse contexto adverso, na notícia aparece a “rebeldia” das empregadas, as quais “reclamam” constantemente dos mandos e desmandos de suas patroas, independente do que se diga sobre elas.

Sentindo-se tratadas como “coisas”, as mulheres que trabalhavam nesta função, migravam para outras. Segundo a descrição do jornal, havia uma preocupação das empregadoras com o grande número de domésticas abandonando a profissão e dedicando-se a outras práticas profissionais que lhes dessem melhores condições de vida. Sendo assim, a pressão estava para que houvesse

uma regulamentação da profissão de empregada doméstica, com reconhecimento da sua profissão, registro no Ministério do Trabalho, garantias, filiação a Institutos que lhes garantam assistência e mais amparos que são concedidos às fundações outras, salários adequados, fixos, com horas de trabalho pré-fixadas (nada além), estabilidade, etc... (NASCIMENTO, 2003, p. 9)

Buscando algumas referências sobre esta prática profissional na atualidade, para além da contextualização histórica, encontramos o filme *Domésticas*. Um

espetáculo teatral, escrito por Renata Melo, produzido a partir de dois anos de entrevistas com empregadas domésticas brasileiras, deu origem a este filme no ano de 2001. Tratando da cotidianidade destas mulheres, apresenta o depoimento da empregada doméstica Créo, vivida pela atriz Lena Roque. Suas falas tornam-se significativas para compreender a vivência de empregadas domésticas negras em nossa sociedade, pois remete a um contexto semelhante ao da década de 50, que ainda hoje é vivido por estas mulheres profissionais. Créo assim se expressa:

- Por que que eu é que tinha que nascer assim desse jeito? Pobre, Preta, Ignorante?
- Minha fia, tu tá amargando agora uma outra vida muito cheia de luxo. Sabia?
- Não. Eu não sabia de nada!! A minha bisavó foi escrava. A minha vó foi doméstica. A minha mãe quando eu nasci, ela disse que preferia me ver morta do que empregada doméstica. Eu sou doméstica (*Domésticas*, o filme - trecho do trailer apresentado no *site*¹¹).

Créo se apresenta como uma mulher que “não sabia de nada”, sintetizando um silenciamento imposto às mulheres negras ao longo da história do Brasil. Durante sua fala, mostra-se descontente quanto ao seu pertencimento étnico ao questionar “o porquê” de ter nascido assim: pobre, preta e ignorante. Certamente, a partir dos estereótipos da profissão e da conhecida situação de subalternidade na qual ainda vivem mulheres negras que atuam nela, a referência condiz com uma percepção do real. Em uma sociedade que imprime padrões não-negros, necessidade de ter, que desvaloriza o trabalho feminino, que convive com o racismo e o sexismo, ser empregada doméstica e ser negra, não é o desejável.

Outro fator, diz respeito à escolarização, que pode ser inferida através do termo “ignorante”. Sem reconhecer os saberes produzidos em seu cotidiano através de suas vivências e das práticas profissionais, estas mulheres submetem-se ao discurso fatalista como a única forma de explicitar suas realidades. Talvez por isso, fosse bem acolhida a idéia de Café Filho em criar escolas para a formação de domésticas, especializando-as e certificando a profissão.

Desconhecendo-se como seres de transformação e sendo oprimidas por um modelo excludente, talvez necessitem sistematizar melhor suas reflexões, realizadas em simples conversas com seus pares ou em momentos consigo mesmas

¹¹ Os endereços de todos os *sites* visitados encontram-se nas Referências Bibliográficas.

e com a atividade que desempenham. Nestes pequenos trechos, é possível ver mulheres que realizam tarefas insalubres que exigem força física e destreza, que apreendem e problematizam seu cotidiano umas com as outras, além de demonstrarem, claramente, como na fala de Créo, que pensam sua existência. Apesar disso, talvez ainda não a sistematizem de forma a dar-lhe consistência.

Créo destaca que sua bisavó foi escrava, sua avó doméstica e, mesmo que sua mãe almejasse outro futuro, ela se tornou empregada doméstica. É interessante o destaque que ela dá ao que sua mãe lhe disse: que preferia lhe ver morta ao vê-la doméstica. É comum observarmos em nosso cotidiano, histórias de mães que, percebendo as dificuldades pelas quais passaram em sua vida, sonham com “futuros melhores” para suas filhas. Expressam seus cativeiros e almejam que suas filhas sejam menos atravessadas por eles. Sem pensar em modificar o contexto em que estão inseridas para que o “futuro melhor” aconteça, as mulheres somente conseguem atribuir sucesso a uma posição que não é a sua, ou seja, não vêem a possibilidade de galgar dignidade, boa remuneração e reconhecimento, na profissão que executam, por isso, para suas filhas, almejam outro espaço ou, como na descrição do jornal Quilombo, migram para outras práticas profissionais onde se sentem “menos exploradas” (mesmo que ainda o sejam). Geralmente, seguindo este raciocínio, dentro do possível para a subsistência no lar, muitas mulheres encaminham suas filhas à escola e, mesmo que não tenham se escolarizado ou que, pela via “dos estudos” não tenham conquistado o lugar que desejavam, para suas filhas, têm a escolarização como o meio mais eficaz para atingir um novo lugar na sociedade, um melhor *status*. Buscam emancipação nestas ações que empreendem.

Ao conversar com “Maria”¹², empregada doméstica em um Hostel na cidade de Buenos Aires (Argentina)¹³, observei uma resistência que facilmente aflora. Limpando pratos, varrendo, preparando o *desayuno*, quando instigada a falar da condição feminina, prontamente realizou análises sobre sua própria vivência. Considerou que os homens não valorizam o trabalho feminino, principalmente o doméstico. Que o preconceito contra a mulher é manifesto na atualidade e em seu país, o Paraguai, são comuns os relatos entre as mulheres de desrespeito e discriminação. Ilustrou um anúncio de possibilidade de alteração deste quadro ao descrever a conversa que teve com um rapaz que lhe perguntou o que fazer para

¹² Nome fictício.

¹³ Durante uma viagem à “Faculdade de las Madres” realizada em setembro de 2009.

aproximar-se *de las chicas* argentinas. Contou-me que aconselhou ao jovem que fosse gentil, educado, carinhoso e atencioso. Justificou seu conselho dizendo que admira a forma como o esposo de sua patroa a trata de forma respeitosa e companheira. Mesmo percebendo que é difícil, considera que é possível transpor essa realidade que temos, dado que algumas *semillas* já foram *sembradas*.

1.3.2. “*Não é possível conter o vozerio*”, *conversa de lavadeira*

Vários eram os adjetivos dados às lavadeiras negras no Brasil em meados do século XIX. Eram tidas como mulheres indecentes, por suas roupas; baderneiras, pelas conversas que promoviam durante os encontros; macumbeiras, já que inúmeras também se identificavam com a tarefa e com a água por uma questão ancestral e religiosa a partir de Orixás femininas; perigosas e desencaminhadoras, pela mostra de seu corpo durante a lavagem das roupas; além de, entre elas, já existir certa hierarquia, dependendo da função que desempenhassem e das especialidades que desenvolviam (VIANA, 1998).

Desprovidas da oportunidade de serem instruídas na leitura e na escrita, em sua totalidade, portanto, analfabetas, eram impedidas de registrarem suas histórias, mas o faziam oralmente. Nos registros escritos que encontramos vemos suas histórias contadas pelo viés do viajante, do historiador, do jornalista, do pintor. Todos “de fora”, todos homens, com raras exceções.

O uso das expressões no feminino, ao referir-me à profissão de lavadeira, se dá porque reconhecemos que no cotidiano, às mulheres, em sua maioria, é destinada essa função. Historicamente, o que há registrado sobre esta prática remete ao público feminino. Tais escritos, em pormenores semelhantes, ajudam a compreender o cotidiano destas profissionais. Existem semelhanças nos relatos sobre as suas roupas, sobre o modo como lavavam, os cenários por onde transitavam, dentre outros aspectos.¹⁴

Mesmo que o trabalho fosse cansativo e insalubre, através dos relatos é

¹⁴ Encontramos semelhanças nos escritos como os do pintor francês Jean Baptiste Debret e do americano Thomas Ewbank no século XIX.

possível perceber que as mulheres reinventavam estes espaços pois, ao menos, era um momento de rememorar os saberes ancestrais, partilhar as histórias de vida, a dura vida da escravidão. Martins (2003, p. 3) aponta que “ao mesmo tempo em que realizavam seu trabalho, trocavam informações, travavam disputas, divertiam-se e namoravam”.

Uma descrição interessante, do cotidiano de uma lavadeira, é a feita pelo viajante americano Thomas Ewbank (1976) no século XIX. Ele escreveu sobre as lavadeiras do Campo de Santana¹⁵ na cidade do Rio de Janeiro. Segundo este viajante, o lugar onde as lavadeiras estavam, era bastante animado. Descreve a “algazarra” formada no lugar, dada a presença de escravos e escravas. Mais de duzentas mulheres se espalhavam pelo Campo, além daquelas que ficavam próximas à grandiosa fonte que havia no lugar. Destaca que usavam roupas leves e eram “moças minas” ou de “Moçambique”, reconhecendo-as por sua forma de vestir e por sua formosura. Diz que “se outras se mostram nuas da cintura para cima, com essas, isso poucas vezes acontece”¹⁶.

Ewbank diz que era possível aos policiais conterem os homens que aguardavam na fila para pegar água, evitando que um passasse à frente do outro, mas era impossível conter o “vozerio” das mulheres. Esse dado, visto que outros escritos sobre as lavadeiras também mencionavam a presença de policiais próximos a elas, aponta para algo muito interessante: não era possível conter suas conversas. Sendo assim, pode-se inferir que, se planejavam fugas, compartilhavam saberes e, coletivamente, discutiam o seu cotidiano, não era eficaz a ação de impedi-las. Elas burlavam o esquema.

A semelhança nos relatos sobre estas mulheres pode ser um facilitador na busca de informações sobre a sua cotidianidade. Certamente, não temos detalhes sobre suas conversas, sobre o que diziam, mas acreditamos que, mesmo sendo as próprias lavadeiras a registrarem suas histórias por escrito, não os encontraríamos, já que o segredo, neste caso, foi fundamental para que tivessem sucesso em seus intentos. Ficamos então, com uma breve idéia, uma nuance. Como em uma imagem, captamos alguns indícios e, ousadamente, prosseguimos com nossas análises.

¹⁵ Local histórico da cidade que “presenciou” a Aclamação de D. Pedro I como Imperador, a Proclamação da República e a Revolta da Vacina.

¹⁶ Trecho do livro de Ewbank (1976) apresentado no site: www.jangadabrasil.com.br



Na imagem das duas lavadeiras que ilustram o texto de Thomas Ewbank (Imagem 1) fica evidente que se trata de mulheres negras escravas, o que é visível por suas roupas e pelo fato de estarem descalças (*status* de cativa). No cenário, dois barris de madeira e ferro e uma bacia acima de um deles. Uma delas, com a mão estendida, deixa transparecer que conversam durante a atividade. A outra sentada à sua frente, parece escutá-la, atentamente. Esta imagem reforça aquilo que podemos compreender sobre o cotidiano das lavadeiras: a conversa fazia parte das suas vidas.

Mesmo que, em recorte, na imagem apareçam duas mulheres é possível compreender que esta imagem é uma representação, em foco, do cotidiano desta prática profissional. Talvez represente uma conversa particular que remetesse ao cotidiano de uma casa com poucas escravas ou, então, duas mulheres que se articulavam em meio à multidão. Além destas conversas cotidianas e, a princípio, informais, inúmeros saberes eram partilhados por elas.

Embora muitos dos conhecimentos profissionais fossem socializados, outros permaneciam em segredo. Havia uma especialidade na profissão que remetia, inclusive, a uma hierarquização entre as lavadeiras. Hildegardes Viana (1998) relata as características de uma lavadeira, a descrição do trabalho, expressões usadas por estas mulheres e outras especificidades. Descreve que as lavadeiras eram mulheres que andavam descalças, com as saias arregaçadas, geralmente seguidas por uma criança pequena. Fala da profissão de lavadeira como uma das mais duras e penosas.

As que apenas lavavam eram menos especializadas e tinham ferimentos graves nas mãos, já que o esfregar das roupas rasgava as cutículas. Algumas

apresentavam irritações na pele por causa dos sabões. Seus dedos inchavam e, geralmente, infeccionavam ao redor das unhas as quais, caíam. Hildegardes Viana (1998), ainda relata que durante todo o sofrimento, sem deixar de lavar, a lavadeira experimentava tudo quanto estivesse ao seu alcance. Mandava rezar, fazia simpatias e remédios caseiros. Punha emplastos para “amadurecer o pus”, feitos a partir de ervas e plantas aproveitando suas propriedades medicinais (quiabo, farinha crua com azeite doce, hortelã, alho, sumo de urtiga, dentre outros). Saberes de uma medicina alternativa que tinha seus resultados.

As profissionais que lavavam e engomavam eram muito valorizadas (no sentido de valor monetário na venda da escrava). No jornal *Echo do Sul*, aparece o seguinte anúncio de venda:

ATENÇÃO Vende-se uma excelente escrava, parda, moça e sem vícios, própria para todo o serviço doméstico de uma casa de família. Lava e engomma com perfeição; para tratar com Joaquim da Fonseca Moreiro, á rua de S. Miguel n. 107, junto ao hotel Alliança (09.01.1874).

Assim, como aparece nos relatos de viajantes, no anúncio é possível perceber uma relevância na prática de engomar, considerando a especialidade da lavadeira e o *status* fornecido àquelas que eram mestiças que, consideradas mais inteligentes (mais próximas da pele branca) poderiam desempenhar tal função.

O grupo das lavadeiras mais valorizado era o composto por aquelas que lavavam e engomavam punhos, colarinhos, peitinhos, camisas de peito duro, calça e coletes brancos, ternos, ou seja, roupas masculinas. Por formarem uma “elite” ante a comunidade das lavadeiras, recusavam-se, sistematicamente, a lavar e engomar fronhas, toalhas de mesa, guardanapos e “paninhos”¹⁷ (VIANA, 1998). Também era comum que as lavadeiras que “executavam” peças masculinas, engomando-as, não as lavassem, recebendo já limpas de outra lavadeira, menos especializada. Algumas expressões usadas pelas lavadeiras, ainda hoje estão presentes no cotidiano, por exemplo, “passar a ferro” que significava “alisar a roupa sem goma”. Sendo assim, na dura vida de lavadeira, é possível enxergar mulheres que superam diariamente inúmeros condicionantes sociais através de uma epistemologia cotidiana, onde sua voz, não consegue ser tolhida. Cabe saber até que ponto suas falas não ficarão perdidas no “vozerio” e suas práticas não cairão

¹⁷ Usados como absorventes higiênicos durante o período menstrual.

no esquecimento.

Atualmente, mesmo em uma profissão pouco reconhecida e, de certa forma, pela tecnologia doméstica, quase extinta nos contextos do sul do sul, é possível vislumbrar formas de resistência empreendidas por estas mulheres na atualidade.

Encontrei a imagem de uma lavadeira moradora no Bairro Novo Horizonte em Rio Branco-AC em uma manchete do jornal acreano *on-line* Página 20, com data de 25/06/2003. A reportagem retrata a denúncia feita por ela de que sua vida mudou, radicalmente, durante os dois meses em que o abastecimento de água, em seu bairro, começou a apresentar problemas.



Fotografia 1: Lavadeira *negra*

FONTE:

<http://www2.uol.com.br/pagina20/6junho2003/site/25062003/amazonia.htm>

Seu cotidiano é acordar “às 5h30 da manhã para dar conta das cinco lavagens de roupa que garantiam o sustento da família”, segundo a manchete. Por causa do problema no abastecimento de água, ela precisa, para compensar a perda na lavagem de roupas, capinar terrenos na vizinhança.

A imagem selecionada pelo jornal, da lavadeira *negra*, mostra uma mulher carregando duas trouxas: uma à cabeça e a outra, pendurada como uma bolsa, no braço direito. Vem caminhando no sol e ao fundo, o cenário deixa transparecer que está na periferia da cidade acreana. Usa uma saia, chinelos de dedo e uma camiseta em estilo regata. Como suas ancestrais, deixa à mostra seus braços e pernas. Através da imagem não é possível saber aonde vai, se entregar as roupas ou levá-las para sua casa, porém, fica aparente que esta caminhada carregando as trouxas, faz parte do seu cotidiano.

Através da notícia do jornal, é possível perceber que denuncia a dura realidade de sua vida como lavadeira, o que tem grande semelhança com o

cotidiano vivenciado pelas lavadeiras do século XIX:

Não vou sair por aí roubando pessoas e supermercados para ter o que comer. Vou fazer o que posso para não deixar faltar nada em casa. Mas acho que as autoridades já deveriam ter tomado uma providência para resolver a situação. Não é justo alguém ficar se humilhando por causa de água. Isso não é coisa que se faça. Não quero que meu filho leve a mesma vida que eu. Não tive oportunidade de estudar quando jovem, mas quanto a ele, vou fazer o possível para incentivá-lo a estudar e ser alguém na vida. (Página 20, 25.06.2003)

Mesmo que a falta de água não fosse um problema recorrente nas lavadeiras no século XIX - dado que o abastecimento se dava de forma diferente, o número de habitantes nas cidades era menor, a crise ambiental ainda não estava instalada e também pelo fato de lavarem as roupas nos rios - encontramos no “descaso das autoridades” uma grande semelhança entre essa lavadeira *negra* do século XXI e àquelas profissionais negras de quase dois séculos atrás.

Embora não se humilhassem “por água”, lavadeiras eram humilhadas por serem mulheres, por serem negras, por serem escravas, por serem lavadeiras... Cativéis que mudam de contexto e forma, mas que, nos efeitos, são muito semelhantes. Ao falar no filho, a lavadeira acreana, destaca um desejo de que ele “seja alguém”. Pensa a sua pouca escolaridade e atuação profissional como um “menos gente”, um “ninguém”. Quem sabe isto, historicamente, fosse o que muitas lavadeiras pensavam sobre elas mesmas. Com seus filhos pequenos atrás de si no caminho até a beira do rio, talvez muitas destas mulheres pensassem que os mesmos não deveriam, no que diz respeito a sua vida futura, seguir seus passos, contexto também vivido por empregadas domésticas, como vimos.

1.3.3. “Aluga-se uma negra boa para ama-de-leite”: origens e tendências da profissão de babá no Brasil

Utilizando anúncios como este, senhores e senhoras donas de escravas e escravos povoavam o setor dos “Classificados”¹⁸ do jornal Diário do Rio Grande, na

¹⁸ Mesmo que esta terminologia não fosse a utilizada para descrever o conjunto dos anúncios do

intenção de realizar a venda e a compra de trabalhadoras. Tais anúncios, mesmo que em seu bojo revelem pouco sobre a realidade das mulheres nestas profissões, permitem que nas entrelinhas seja possível obter algumas nuances destas práticas profissionais.

O primeiro anúncio elencado, não é de venda e sim da manifestação da necessidade de uma menina negra para fazer a função de babá, dizia: “PRECISA-SE de uma crioula de 14 até 15 anos, para andar com criança; para tratar na rua dos Comoros n.38” (Diário do Rio Grande, 11/04/1865). O uso do termo “crioula” remete a uma jovem nascida no Brasil. A descrição da função “andar com criança” supõe alguém que não necessite amamentá-lo, aparentando tratar-se do cuidado de uma criança que já caminha. Sendo assim, uma menina de 14 anos que ainda não tivesse filhos, poderia executar tal função. Pela necessidade de “andar” com a criança, neste contexto também era valorizada a disposição de uma jovem para a brincadeira.

Semelhante a esse anúncio, encontramos no jornal: “ALUGA-SE uma crioula de 14 annos, com princípio de cozinha, e costura, própria para andar com crianças; na rua Direita n. 52” (Diário do Rio Grande, 12/07/1865). Este também não é um anúncio de venda, mas, diferente do anterior, trata-se de uma renda extra para o proprietário. Era comum no contexto de escravidão que, escravos considerados pouco produtivos no momento, fossem “alugados” para outras famílias e, terminado o serviço, retornassem aos seus donos de origem. Em alguns contextos, inclusive, era possível que a escrava fosse alugada, acertasse uma quantia com seus donos e pudesse ficar com a sobra da renda, a qual, geralmente, era guardada para a compra da Carta de Alforria. Uma forma de galgar sua liberdade. No caso desta menina, que conhecia inclusive “princípios de costura”, tal possibilidade era bastante iminente dado que este conhecimento não era tão popularizado entre trabalhadoras escravizadas. Neste ponto, o conhecimento e a possibilidade de confeccionar peças de vestuário e adornos, poderia significar uma alforria mais plena. Um outro anúncio, de venda, traz detalhes interessantes:

AMA DE LEITE Vende-se uma crioula de 18 annos com cria de 8 mezes, própria para ama de leite por ser muito sadia, sabe lavar, engommar, costurar e fazer crochet; os motivos da venda se dirão ao comprador. Para

tratar na rua Formosa n. 26. (Diário do Rio Grande, 10/05/1865)

A jovem descrita no anúncio possui uma “cria”. Desta forma eram tratados os filhos e filhas das escravas. Tratados como pequenos animais, as crianças eram extremamente prejudicadas quando suas mães eram vendidas como amas-de-leite. Segundo Schumacher e Brazil (2007), as conseqüências de tal prática na vida das mulheres eram nefastas: para que o leite fosse disponibilizado ao filho do senhor era necessário que deixasse de amamentar seu próprio filho, trazendo conseqüências graves para a constituição das famílias escravizadas. Para os senhores, o filho da escrava era de pouca serventia e na venda, implicava para o comprador, mais um gasto. Além disso, para os senhores, era inadmissível que o seu filho partilhasse o seio com um “negrinho”. Daí pode se concluir que, sem a necessária alimentação para sua sobrevivência, muitas crianças escravizadas morriam.

Outras habilidades profissionais desta mulher são destacadas no anúncio: lava, engoma, costura e faz *crochet*; as quais podem elevar o preço da escrava em questão, além da descrição de ser sadia. Chama atenção o fato de vendê-la. Por que seria vendida uma escrava tão cheia de qualidades? Talvez, exatamente por isso ou pela possibilidade de que esta criança seja filha da escrava e seu “dono”. Por terem seus corpos a mercê dos desejos do patrão, várias mulheres engravidavam, após relações com estes.

Este é um dos poucos anúncios encontrados no qual apresenta o “*crochet*” no “currículo” da escravizada. Esta descrição pode contribuir no reforço da idéia de que esta era uma escrava com estreitos contatos com sua “senhora”, tendo em vista que, nesta época, o *crochê* era uma prática bastante difundida entre as mulheres de origem portuguesa.

Schumacher e Brazil (2007) descrevem a presença forte das amas-de-leite na vida das crianças brancas. Era comum que alguns pais declarassem sua “preocupação” com as “alminhas” dos pequenos por estarem convivendo com as amas e ouvindo cantigas de ninar em língua nativa africana, as quais remetiam aos mitos e a personagens daquele continente. Para, além disso, várias escravas tornavam-se “amantes” dos seus senhores, pois estes eram “seus donos”. Esta escrava do anúncio anterior, inclusive, se tivesse um filho do seu senhor, por uma

exigência da senhora, poderia ser vendida a outra família. Obviamente, outros motivos podem ter levado à sua venda, porém, esta hipótese não pode ser descartada, pois era comum no contexto escravagista (SCHUMAHER e BRAZIL, 2007).

Como visto, os relatos dos jornais eram povoados de anúncios sobre o comércio de mulheres para esta função, sendo assim, “o serviço de amamentação representou uma das formas comuns que os exploradores encontraram para acumular mais recursos” (SCHUMAHER e BRAZIL, 2007, p. 44). Para as mulheres, mesmo neste árduo contexto, era possível transgredir, afinal, de certa forma, havia trocas culturais entre as amas e os filhos e filhas dos senhores. Saberes partilhados na clandestinidade que apontavam para certa resistência. Além disso, a possibilidade de realizarem uma atividade que, por vezes, exigia que ficassem mais no interior da casa, possibilitava um contato mais estreito com as “senhoras” e a partilha de saberes artesanais com estas. Iniciava-se assim, o envolvimento de mulheres negras com *manualidades* que não lhes eram antes permitidas.

1.3.4. Corpo e cabelo: ser trançadeira ou apenas saber trançar

Os salões de beleza de cultura afro possivelmente têm suas primeiras manifestações no interior das senzalas, no envolvimento das mulheres trabalhadoras em regime de escravidão com sua própria estética. Sabe-se que o uso do turbante, vinculado a uma ancestralidade africana, poderia ser substituído por exuberantes penteados, se a escrava fosse “da casa”. Os enfeites com panos e sementes, complementavam a indumentária de roupas simples feitas de algodão cru¹⁹.

Alencastro (1997) destaca que após a abolição da escravatura no Brasil, havia uma grande necessidade de os livres e libertos²⁰ afirmarem a sua liberdade e, por isso, procuravam, principalmente os mulatos, parecerem “brancos e bem-

¹⁹ Assim como as mulheres reinventaram a culinária a partir das “sobras” dos senhores, também recriaram a vestimenta mesmo com tecidos tão pouco especializados.

²⁰ Livres: possivelmente os beneficiados pela Lei do Ventre Livre ou dos Sexagenários - Libertos: os que receberam alforria, depois de terem exercido um período de trabalho escravo.

apessoados”. “Nesse contexto, o Império, e a corte em particular, apresentava-se como um excelente mercado para os fotógrafos, cabeleireiros, droguistas e outros profissionais que prometiam mudar a aparência de seus clientes” (ALENCASTRO, 1997, p. 84).

Não havia limites para o preconceito de cor, por isso, a aparência racial era colocada em foco. Pela postura assumida frente aos cabelos crespos do povo negro, agora, liberto da escravidão, o uso de perucas de cabelos lisos e claros tinha boa aceitação. O autor ainda destaca o comentário escrito no periódico recifense *A Voz do Brasil* de 1848 sobre um mulato, mesmo que este fosse um cidadão português: “Olhe, sr. Redator, isto é só aqui para nós, que ele ... não gosta que se digam lá estas coisas, é apardavascado e um cabelo, olé, danado, cheio de altos e baixos”.

Inclusive as perucas aristocráticas (brancas e com cachos), que já caíam em desuso na Europa, entram na moda do Império com o objetivo de esconder o “cabelo pixaim”. Os cabeleireiros da época passam a ter, nesse produto, grande fonte lucrativa, principalmente com os mulatos. Outros produtos como a “Água dos Amantes” prometiam embranquecer quem os usasse. Outro anúncio, deste mesmo produto, prometia desfazer a cor trigueira (mulata) em cinco dias. A “vontade de querer parecer branco consistia em caracterizar, a qualquer preço, a escravidão como um estatuto exclusivamente reservado aos negros, pretos e pardos” (ALENCASTRO, 1997. p. 87). A própria Lei Imperial, previa que o cativo era permitido a pretos ou mulatos, nunca aos brancos.

Constituídos por estes elementos históricos e pelas questões atuais que envolvem o racismo velado e as percepções sobre o corpo e o cabelo negros, os salões de beleza com esta especialidade, aglutinaram práticas ancestrais, antigas e atuais, numa miscelânea de oportunidades para todos os gostos. Por estas adversidades, sua atuação pode até mesmo ser considerada paradoxal: alisar ou permanecer com o cabelo crespo?

Percebemos a relevância do salão para a vida de inúmeras mulheres negras, portanto, neste momento, gostaríamos de elucidar algumas das peculiaridades deste lugar e na prática das cabeleireiras e/ou trançadeiras negras, apontadas por Nilma Lino Gomes (2003; 2006). Embora a autora utilize uma nomenclatura diferente para tratá-lo (salão de beleza étnico), aqui as reflexões assemelham-se às suas, sobre este lugar. Preferimos chamá-los de “salões de beleza de cultura

afro”, pois o termo étnico, sem ser explicitado, pode não delimitar de qual etnia estamos falando. Um salão de beleza étnico, a princípio, pode referir-se a qualquer etnia. Salientando que são de “cultura afro”, os salões étnicos ganham nome e sobrenome.

Concordamos com a autora quando destaca que, embora as vivências de racismo, sexismo e discriminação pelas quais passam @s negr@s no seu cotidiano, é possível perceber como estes vêm superando tais obstáculos à sua gentificação. Segundo Nilma Gomes (2003), na profissão de cabeleireira étnica (negra) as mulheres podem constituir uma destas formas de ressignificar sua trajetória, tratando das questões raciais via estética. Sendo assim, o salão de beleza étnico (afro), assim denominado por Nilma, torna-se um espaço educativo não-escolar. Estes salões

apresentam, no seu interior e na sua constituição, todas as tensões e ambigüidades que envolvem a construção da identidade negra no Brasil. Porém, não é só isso. Eles se destacam como espaços de resistência. Revelam-se como algo muito além de microempresas ou lugares de “embranquecimento”, como julgam algumas pessoas. Eles são espaços da comunidade negra. As pessoas que por ali circulam e as que ali trabalham enfrentam, cotidianamente, o desafio de “lidar” com as questões concernentes à construção da identidade negra. Nesses espaços, a identidade negra, enquanto processo, é problematizada, discutida, afirmada, negada, encoberta, rejeitada, aceita, ressignificada e recriada. Tudo isso acontece ao mesmo tempo e, nesse sentido, os salões étnicos nos colocam no cerne das tensões e também das possibilidades de recriação vividas por homens, mulheres, crianças, adolescentes, jovens e adultos negros. (GOMES, 2003, p. 13)

Além da questão estética, o trato dos cabelos para as mulheres negras, significa um momento de cuidado. Alvos de piadas e apelidos, os cabelos crespos negros ao serem cuidados pela cabeleireira/trançadeira, tomam uma nova dimensão. A ancestralidade africana, tão regada de expressões que remetem à cabeça (orixá - guia de cabeça; entregar a cabeça - cerimônia de devoção ao orixá que guia) se manifesta no cuidado despendido pela cabeleireira/trançadeira, a qual, através das “conversas em espelho” estabelece uma relação quase simbiótica com suas clientes. Conversar através do espelho é uma prática comum nos salões de beleza, a qual proporciona momentos de partilha e até mesmo, conforto. As situações que são ali contadas podem partir de uma simples referência a fatos do cotidiano que se entrelaçam na vida da cabeleireira e de sua cliente.

Segundo Gomes (2003), algumas vezes, o ativismo do salão de beleza étnico, ultrapassa os limites de relações em seu interior. Em sua pesquisa de doutorado em Antropologia Social, Nilma encontrou cabeleireiras que, inclusive, faziam parte de uma militância em projetos sociais.

O salão de beleza de cultura afro é um *locus* onde, não raro, se encontram as domésticas, as babás, as lavadeiras e outras profissionais, em mais um espaço onde a sua voz é privilegiada. Para estas mulheres, além dos lugares construídos em suas práticas profissionais, o salão de beleza afro pode ser mais um respiradouro. Ali, cansadas do trabalho, até mesmo desesperançosas pelo cotidiano vivido, têm seu momento de cuidado. A cabeleireira étnica, em seu ser-para-outros, assumido através do cuidado da outra, compartilha momentos íntimos com outra mulher que não necessariamente é sua velha conhecida. Na intensidade daquele momento, são íntimas, “sofrem” as mesmas “dores”, passam pelos mesmos problemas, mesmo que dali a alguns minutos, na saída daquela cliente, tudo ocorra de outra forma.

Mas e a cabeleireira/trançadeira? Que cuidados recebe? Dentro do próprio salão, cabeleireira/trançadeira e auxiliares vão desempenhando diferentes papéis. Em um revezamento constante, vão despendendo cuidados umas às outras.

Algo que também é relevante nesta análise é a religiosidade presente no salão. Como já dito, as práticas e as falas no salão de cultura afro referindo-se ao cabelo e à cabeça são muito semelhantes àquelas que remetem às religiões de matriz africana. Por exemplo, uma frase comum nos salões é: “Não entrego a minha cabeça para qualquer uma” (CUNHA, 2006). No salão, falar desta forma significa não trocar de cabeleireira tão facilmente ou ter uma cabeleireira fixa que é de total confiança. Na religião, “entregar a cabeça”, como já dissemos, é também um voto de fidelidade. Segundo Gomes (2006, p.366)

[...] não seria ousado acrescentar que, ao lado da religiosidade, vista como um campo cultural muito resistente, no qual se pôde nitidamente observar o fenômeno de continuidade de elementos culturais africanos, encontramos também, no Brasil, a manipulação dos cabelos através dos cortes, tranças, penteados e diferentes estilos.

Existe ali, uma ancestralidade, que mesmo plural, é própria da mulher negra brasileira, muitas vezes declarada explicitamente. O cuidado do cabelo, caso

seja direcionado à participação da mulher em cerimônias religiosas, não pode ser realizado se a cabeleireira estiver em período menstrual e, mesmo que a cabeleireira atenda alguma mulher, por “estar menstruada”, o trabalho não fica bom, segundo elas. Talvez esta crença esteja associada às tantas referências existentes à menstruação como algo maldito (dentro do princípio que vigorava na Idade Média de que “como poderiam as mulheres sangrar todo o mês e não morrerem?”) e impuro (destacado na Bíblia, livro do Levítico), à perda de energia durante a menstruação (o significado da não fecundação e do sangramento), além das corriqueiras falas quanto ao desconforto frente a ela. Religiosidade... Feminilidade... Auto-estima... Autonomia... Conquistas... Resistência.

Mesmo com uma aversão inicial ao cabelo e o aprisionamento a ele, o salão de beleza de Cultura Afro pode se tornar um espaço para sua revalorização que extrapola a dimensão individual e que chega a atingir os grupos freqüentados pela mulher. Está em jogo, uma possibilidade de ser, de experimentação e de vivência de uma ancestralidade africana recriada aqui no Brasil (GOMES, 2006). As mulheres podem freqüentar o salão de beleza de cultura afro e perceber diferentes possibilidades para sua estética: crespas, lisas, com tranças, preso, solto, escovado - sem que isso configure uma necessidade de branqueamento, que nestes casos, pode existir ou não.

Sendo assim, é possível perceber que o salão de beleza de cultura afro, toma a dimensão de um lugar onde se ensina e se aprende sobre o ser negra e o ser mulher. As cabeleireiras/trançadeiras, seja ensinando tais práticas ou no momento de conversa com outras mulheres, elaboram saberes no cotidiano de suas tarefas e assim, resistem.

1.3.5. O conhecimento “natural” já não é suficiente

Após estes relatos sobre as primeiras motivações para a consolidação desta tese e, em consequência disto, a apresentação de um breve perfil das profissões ditas “femininas e negras”, passamos a refletir, mais uma vez sobre sua atualidade. Propomos neste momento, observar que tais profissões, anteriormente dadas

“naturalmente” às mulheres, hoje podem ser compreendidas sob outras balizas. Na atualidade, nem sempre basta ser mulher para ser uma trabalhadora no lar, babá ou trançadeira, mesmo que isto seja um bom condicionante. O conhecimento acumulado na empiria, muitas vezes já é sistematizado por alguns grupos e retorna às mulheres com outros vieses. Não raro, no retorno às mulheres, estas passam a julgar-se “ignorantes” dentro de suas próprias práticas, sem reconhecer as vinculações com seu cotidiano nesse processo de “reaprendizagem”. Também porque, conforme Munanga (1988, p. 21)

a desvalorização e a alienação do negro [e, obviamente, das mulheres *negras*] estende-se a tudo aquilo que toca a ele: o continente [africano], os países [que o compõem], as instituições, o corpo, a mente, a língua, a música, a arte etc.

Ao acompanhar a cotidianidade das babás em diferentes lugares no Brasil, vimos que ainda, em muitos casos, prevalece a sensação de que o conhecimento “natural” das mulheres que se manifesta no cuidado com as crianças é o suficiente para que exerça de forma adequada a sua função. Em outros casos e a partir do que consideramos como *institucionalização dos saberes da não-formalidade*, percebemos que vários cursos são oferecidos para que sejam aprimorados conhecimentos a partir de “uma nova linguagem para o cuidado de bebês e crianças”²¹. Percebendo que não seria possível mapear todos os cursos e seminários oferecidos para tal fim, observamos àqueles que têm sua divulgação feita pela internet em *sites*²² com boa visitação.

No caso das babás encontra-se, na grande maioria dos cursos, um enfoque na Nutrição e na Psicologia. No programa de um deles, os módulos envolvem conhecimentos sobre postura, atribuições da função e comportamento. Também, noções de nutrição e higiene. Cursos, em muito, relacionados à área da saúde. Outros ainda são mais explícitos ao descrever este caráter. Um dos cursos encontrados era ministrado por um médico e descrito como tendo um “*status* de enfermagem”.

Esta colocação remete ao que destaca Mariza Corrêa (2007) a respeito

²¹ Interessante como aqui é destacado “bebês” e “crianças”, parecendo que bebês não são crianças.

²² Os endereços dos sites visitados encontram-se descritos nas Referências Bibliográficas.

desta profissão. Segundo ela na literatura inglesa²³ sobre o século XIX o termo para designar a babá, ora é *nanny*, ora é *nurse* (enfermeira), o que pode apontar para as origens das atribuições destacadas no referido curso para babás.

Estritamente, a babá (nanny) seria a pessoa encarregada da criança na primeira infância, enquanto que a nurse, ou governanta, tomaria conta dela a partir do momento em que algum tipo de ensino, principalmente para meninas (os meninos iam para a escola), era administrado em casa. Na realidade, e na ficção, ambas se confundem. (CORRÊA, 2007, p. 63)

Nos programas, além de nutrição e higiene, é possível encontrar noções de desenvolvimento físico e emocional da criança, vestuário (sem explicitar se trata da criança ou da babá) e ainda dicas de segurança e prevenção de acidentes.

Aparece, em um anúncio, a necessidade de valorização da profissão de babá, anunciando-a como “nobre” e “rentosa”. Ao destacar a atividade como uma nova carreira rentável, relaciona diretamente esse fato ao conhecimento adquirido através deste curso. A intervenção masculina através do médico-professor dá o referido *status* profissional, destacando, inclusive, a formação da “babá ideal”. Por outro lado, a questão da “nobreza” da profissão, pode ser considerada semelhante ao caráter de mãe, pura e que se doa, atribuído às mulheres a partir de modelos religiosos cristãos.

Fica explicitamente elucidado no anúncio que o médico-professor-pediatra, é apresentado como aquele que “vai ensinar” o que as babás precisam saber. Neste caso, ao contrário do que era costumeiramente aceito, o conhecimento “feminino-maternal” é desconsiderado ou, pelo menos, não vigora como o mais significativo para exercer a função. Veja-se que, o fato de atingir o *status* profissional, não está vinculado a um conhecimento que possa surgir das mulheres. Fica implícito que o conhecimento das mulheres, que se traduziria em cuidado e maternagem, não as torna profissionais. A profissionalização se dá à medida que conseguem apreender um conhecimento adquirido no mundo de apropriações masculinas (medicina e puericultura). Neste caso, mesmo que não lhes seja interessante assumir tal função (ao contrário do que ocorreu com as parteiras), sugerem que podem ensinar mulheres que não sabem uma função que, anteriormente, era “naturalmente”

²³ “Vários memorialistas e romancistas do século 19 as mencionam como fontes de prazer, ou, com frequência, de desprazer.” (CORRÊA, 2007, p. 63)

destinada a estas.

Em síntese, percebemos que tempos atrás, para exercer tais funções, era necessário apenas um critério: ser mulher. Em determinada época, ser mulher negra (no caso das amas-de-leite). Em outras épocas ainda, a questão geracional era levada em grande consideração, já que as babás deveriam ser bem jovens (com menos de 20 anos de idade). O foco estava no feminino e na possibilidade-determinante de ser mãe, cuidadosa e prestativa. Hoje, mesmo que ainda permaneça o foco no feminino, afinal, não temos muitas notícias de “um babá”²⁴, modifica-se, à medida que permite maior diversidade étnica na função e, algumas vezes, exige-se o treinamento em cursos cujo programa aborda conhecimentos outrora dados como “naturais” às mulheres.

Para o agenciamento da profissional, alguns *sites* fornecem até mesmo um formulário onde quem está interessado neste serviço pode indicar o perfil da babá que deseja. Dentre as questões encontra-se: faixa etária, grau de instrução, se deseja que a babá durma na residência ou que acompanhe em viagens.

As atribuições consideradas mais importantes são: carinho, atenção, segurança e bom-humor, pois, afinal, serão responsáveis pela alimentação da criança, sua higiene, seu cuidado durante o sono e nos momentos de brincadeiras. Apontam, com isso, para o fato de que, mesmo buscando em outros referenciais o conhecimento necessário para o ensino da profissão, tais cursos ainda primam por características atribuídas às mulheres, mesmo que elas não sejam mais suficientes.

Para “surpresa” ou já esperado, tais cursos não possuem em seus quadros de profissionais no campo pedagógico. A Psicologia talvez assuma o que tange ao pedagógico ou este aspecto nem seja referenciado, ficando subsumido na prática das profissionais entre os cuidados.

Esta prática sugere que mais uma vez o campo pedagógico ou a Pedagogia, dissolve-se em outras áreas de conhecimento e isto é dado como suficiente e eficaz. Mais uma vez, pela possibilidade de ensinar inerente aos seres humanos, confundem-se os papéis. Obviamente, seria paradoxal considerar que profissionais que atuam na área da Saúde (psicólogos, enfermeiros, pediatras, nutricionistas etc.) seriam totalmente ignorantes quanto ao cuidado infantil. Certamente que não. Cabe aqui lembrar que desconsiderar o legado teórico do campo pedagógico

²⁴ Não encontrei um suposto “masculino” para o termo babá, por isso optei por considerá-lo comum de dois gêneros.

ratifica o que viemos criticando: as mulheres que atuam como babás, ignoram o fato de ensinar e aprender com as crianças o que impede a sistematização de seu conhecimento, favorecendo um ciclo de subalternidade e espera por um conhecimento que vem de outros (nesse caso, do pediatra ou da psicóloga). Isso pode se estender a outras práticas profissionais e até mesmo ao trabalho com *manualidades*.

O enfoque destes cursos, recorrentemente, distanciado do pedagógico, reforça a percepção de que os conhecimentos que vêm do cotidiano são insuficientes para exercer com eficácia seu papel, além de, por consequência, serem considerados uma “não-ciência”, sem fundamento, senso comum... dentre outras nomenclaturas.

Certamente, muitas babás, desconhecem as fases do desenvolvimento infantil, a pirâmide dos alimentos, os primeiros socorros, dentre outros temas tratados em cursos de treinamento de babás, porém, no seu cotidiano, através do bom senso e da vivência, vão cumprindo seu papel. Não quero dizer com isso que seja desnecessário aprimorar tais conhecimentos. Questionamos o fato de estes não se vincularem ao caráter educativo já desempenhado pelas babás na sua função. Isto leva as mulheres a pensarem que “não sabiam nada” sobre o assunto e que, treinadas, podem desempenhar sua função eficazmente, sem a necessidade de sistematizarem conhecimentos de sua prática, com autonomia, e perceberem o quanto ensinam e aprendem no cotidiano com as crianças. A não percepção de sua possibilidade de ensinar e aprender (diferente da percepção do “bom treinamento”) é o que contribui grandemente para a desvalorização de tal profissão e das demais que têm sido discutidas até aqui.

No caso das domésticas, ou mais amplamente, nas profissionais que atuam em serviços que se vinculam ao cuidado doméstico, a realidade é bastante semelhante. Quando há cursos de formação, tendo como foco o aperfeiçoamento das práticas e a “capacitação” das trabalhadoras, muitos destes também desconsideram os conhecimentos das mulheres, adotando o viés de uma proposta “bancária” de educação, conforme destacou Paulo Freire. Por outro lado e, felizmente, alternativas vinculadas ao Governo Federal Brasileiro a partir das reivindicações das(os) trabalhadoras(es), vêm buscando um outro olhar sobre tal profissão (e também a das babás), além da possibilidade de formação tendo como

foco os conhecimentos dos próprios sujeitos.

No âmbito da Lei, a de número 5.859/72²⁵ é a que “dispõe sobre a profissão de empregado doméstico”. Por definição desta, empregado doméstico é “aquele que presta serviços de natureza contínua e de finalidade não lucrativa à pessoa ou à família no âmbito residencial destas” (Art. 1º). Segundo cartilha distribuída pelo Ministério do Trabalho e Emprego

considera-se empregado(a) doméstico(a) aquele(a) maior de 16 anos que presta serviços de natureza contínua (frequente, constante)... Assim, o traço diferenciador do emprego doméstico é o caráter não-econômico da atividade exercida no âmbito residencial do(a) empregador(a). Nesses termos, integram a categoria os(as) seguintes trabalhadores(as): cozinheiro(a), governanta, babá, lavadeira, faxineiro(a), vigia, motorista particular, jardineiro(a), acompanhante de idosos(as), entre outras. O(a) caseiro(a) também é considerado(a) empregado(a) doméstico(a), quando o sítio ou local onde exerce a sua atividade não possui finalidade lucrativa. (MTE, SIT, 2007, p. 6)

Somente a partir de 2006, é que empregadas domésticas ficam totalmente isentas de despesas com alimentação, vestuário, higiene e moradia (no caso de morarem no local de trabalho). Anterior a este período, trabalhadoras(es) domésticas(os) poderiam ficar sem rendimentos ao final do mês por serem obrigadas a “pagar” tais “benefícios”. Outro direito que só ficou assegurado em 2006, foram férias de 30 dias com direito a 1/3 do salário e a garantia de emprego para a doméstica gestante até 5 meses após o parto. Anterior a isto, previsto na lei de 1972, só poderiam perceber 20 dias de descanso anual. No ano de 2001, foi conquistada a possibilidade de que os(as) trabalhadoras(es) domésticas(os) fossem incluídos no FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço)²⁶, pois em governos anteriores, esta hipótese nem existia alegando-se que isto poderia agravar o desemprego. Buscando evitar que isso ocorra e

com o propósito de aumentar os índices de formalização do trabalho doméstico, o Governo Federal criou incentivo fiscal, possibilitando ao contribuinte o abatimento dos valores devidos à Previdência Social na qualidade de empregador. (MTE, SIT, 2007, p.5)

Mesmo com estes direitos assegurados, isto não significa uma conquista

²⁵ <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Leis/L5859.htm>

²⁶ Sendo também garantido o seguro desemprego em caso de demissão sem justa causa.

para grande parte das trabalhadoras domésticas, já que boa parte delas está na informalidade. Segundo o *site* “Doméstica Legal”, que se destina a empregadoras(es), “a formalidade aumenta no trabalho doméstico porque os patrões receiam perder dinheiro com processos na justiça”, o que deixa implícito uma preocupação que não se dá por uma valorização destas profissionais. Neste mesmo *site* está relatado que “muitas empregadas domésticas preferem ficar na informalidade, sem carteira de trabalho assinada. Como diaristas, trabalhando em casas diferentes”, elas ganhariam bem mais do que com carteira assinada. Não é possível considerar que esta “preferência” se dê apenas por este fato. Parece relevante, também, que as trabalhadoras domésticas ficam com menos opções de emprego, caso tenham como prioridade a sua carteira de trabalho assinada.

Em outro *site* que trata de assuntos relacionados ao trabalho doméstico, denominado “DomesticaS”, podemos encontrar chamadas para campanhas contra o racismo e o trabalho doméstico infantil, apontando para realidades presentes em nosso cotidiano. Tratando de temas relacionados, é possível encontrar no *site* “Agência Brasil”, vinculado ao Governo Federal, algumas considerações de Elisabete Pereira (Diretora de Programas da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres) sobre esta profissão. Segundo ela (2008, apud JUNGSMANN, 2008), a constituição brasileira é discriminatória no que diz respeito às domésticas, pois esta atividade ainda precisa ser regulamentada como profissão. Embora, a Constituição de 1988, tenha concedido outros direitos sociais às(aos) empregadas(os) domésticas(os), tais como:

salário mínimo; irredutibilidade salarial; repouso semanal remunerado; gozo de férias anuais remuneradas com, pelo menos, 1/3 a mais do que o salário normal; licença à gestante, sem prejuízo do emprego e do salário, com duração de 120 dias; licença-paternidade; aviso prévio; aposentadoria e integração à Previdência Social.

Para ela “temos que eliminar um artigo restritivo e discriminatório que diz que todos os trabalhadores têm direito ao que está previsto na consolidação das leis do trabalho, exceto as empregadas domésticas” (PEREIRA, 2008, apud JUNGSMANN, 2008). De acordo com a legislação, dos 34 direitos assegurados aos trabalhadores, domésticas com carteira assinada, só podem usufruir de poucos deles.

Para a valorização desta prática profissional, para a Diretora é importante haver uma sistematização da atividade (mas não se trata aqui, da sistematização do conhecimento que venho salientando). Salienta que

toda a profissão é disciplinada por um conjunto de regras, com essa não pode ser diferente. Temos que legislar pensando que há empregadas que trabalham oito horas por dia; há as que dormem no emprego e, por isso, trabalham mais; há as que são diaristas e trabalham em várias casas diferentes, são muitos modelos. (PEREIRA, 2008, apud JUNGSMANN, 2008)

Contudo, é notório que esta mudança só ocorrerá à medida que as próprias empregadas domésticas e os patrões vislumbrarem esta prática como profissional e qualificada. Para Elisabete Pereira (apud JUNGSMANN, 2008)

[...] no espaço privado, a cultura que existe ainda é a de um Brasil colonial. As sinhazinhas e os barões libertaram os escravos, mas mantiveram dentro de casa as mulheres, numa profissão que eles não querem dizer que é profissão - é, na verdade, o trabalho que sobrou, o que a sinhazinha não quer fazer.

Considerando outros aspectos da atualidade, é possível perceber que para além do “não querer fazer” está um “não poder fazer”, presente na vivência de mulheres que trabalham fora do âmbito do lar.

Alguns dados da OIT (Organização Internacional do Trabalho), por ocasião do Dia do Trabalhador Doméstico em 2008 (dia 24 de abril), revelam a desigualdade no interior desta prática profissional, referindo-se, especificamente, às trabalhadoras negras. Segundo estes dados, baseados na PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), encontram-se entre as trabalhadoras domésticas negras um índice de 75,6% que não possui carteira assinada. Entre as não-negras, os índices são de 69,6%; entre homens negros 61,9%, e entre homens não-negros 54,9% - dados que apontam para uma maior discriminação da mulher negra.

Para Solange Sanches (Coordenadora da Área de Gênero e Raça da OIT), a fim de que “tenhamos uma situação mínima de igualdade no mercado de trabalho, é preciso corrigir com mais rapidez a situação das mulheres negras, que é a pior de todas” (SANCHES, 2008, apud CRAIDE, 2008) embora, a formalização do trabalho doméstico tenha crescido 17,2% para as mulheres negras entre 2004 e 2006. Além disso, segundo a OIT, entre os anos de 1995 e 2006 houve uma diminuição nas

diferenças salariais entre homens e mulheres. Em 1995, mulheres negras recebiam o equivalente a 55,4% dos rendimentos percebidos por homens brancos. Em 2006, passam a receber 66,4%. Mesmo persistindo a desigualdade, houve uma redução deste abismo. Sendo assim, é possível perceber que “mesmo em uma categoria que já é tão vulnerável e tem condições de trabalho tão precárias, ainda assim a desigualdade de gênero e raça se mantém e aparece claramente” (SANCHES, 2008, apud CRAIDE, 2008), segundo a Coordenadora. Os dados abaixo podem explicitar ainda mais tal realidade (Tabela 1).

Trabalhadoras(es) Domésticas(os)			
Com carteira assinada		Sem carteira assinada	
27,8%		72,2%	
Negras	Não-negras	Negros	Não-negros
57,5%	37,8%	3,4%	2%

TABELA 1: Trabalhadoras(es) domésticos em 2006 no Brasil.

FONTE: <http://www.agenciabrasil.gov.br/>

A partir destas demandas apresentadas pelas trabalhadoras domésticas em suas associações em todo o país e com as referências supracitadas, o Governo Federal Brasileiro passa a investir na “qualificação profissional” destas, o que nada mais é do que a idéia de sistematizar os conhecimentos desta categoria buscando seu aprimoramento. Fica visível, mais uma vez, atentando-se para essa ação governamental, que o conhecimento outrora “naturalmente” feminino, não é o suficiente, além da percepção da necessidade de complementá-lo a partir de outros conhecimentos. Sendo assim, surge em 2005, no âmbito do MTE (Ministério do Trabalho e Emprego), o projeto “Trabalho Doméstico Cidadão”, uma parceria da SEPIIR (Secretaria de Políticas Públicas para a Igualdade Racial), da FENATRAD (Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas) e da OIT, abrangendo as seguintes questões: “elevação de escolaridade, o fortalecimento da auto-organização das trabalhadoras domésticas e o desenvolvimento de projetos para intervenção em políticas públicas” (MTE, 2005).

Este projeto

compreende três subprojetos, que, além da qualificação social e profissional, abrangem questões fundamentais para o exercício da

cidadania, como a elevação de escolaridade, o fortalecimento da auto-organização das trabalhadoras domésticas e o desenvolvimento de projetos para intervenção em políticas públicas. (MTE, 2005)

Esta é a primeira iniciativa do Governo Federal neste sentido. Segundo o MTE

como projeto integrado e inovador, além dos conteúdos exigidos nos cursos de elevação de escolaridade (linguagem e ciências exatas, naturais e sociais), as participantes discutirão cultura e mundo do trabalho, envolvendo temas como psicologia, relações humanas, ética, valor social do trabalho doméstico, história e cultura africana, legislação (qualificação social). (MTE, 2005)

Especificamente, para a qualificação da profissão, foram elencados conteúdos que envolvem: economia doméstica; organização e gestão de estoque; técnicas de limpeza, arrumação, lavagem e conservação de roupas; puericultura; higiene e manipulação de alimentos; bem como cozinha básica, regional e étnica. Na proposta do MTE (2005)

os cursos serão desenvolvidos de forma que as trabalhadoras domésticas participem ativamente das aulas, mobilizando os saberes que desenvolveram na experiência de trabalho ou em outros programas de qualificação.

No que tange à qualificação social e profissional para fortalecimento da organização, buscando “garantir melhor intervenção por parte das trabalhadoras e suas representantes nas políticas públicas e de dotar as organizações (associações, sindicatos e outras) de condições para um pleno exercício dessa atividade” (MTE, 2005), os módulos referentes a estas práticas compreendem os seguintes temas: trabalho doméstico no Brasil - História e transformações; Direitos e Cidadania; Estrutura, Organização e Gestão Sindical.

Dentro da perspectiva de qualificação social e profissional com intervenção em políticas públicas, haverá, por parte do governo federal, segundo compromisso assumido pelo MTE, a valorização do trabalho doméstico através de campanhas, parcerias, ações na área de Direitos Humanos e Violência contra a mulher, programas para moradia, saúde, trabalho, previdência social e para a erradicação do trabalho doméstico infantil. Segundo Almerico Biondi Lima²⁷, Diretor do

²⁷ Conforme depoimento citado no *site*:
<http://www.mte.gov.br/noticias/conteudo/temp_66.asp>.

Departamento de Qualificação do MTE “trabalho doméstico é profissão. É preciso tornar esse trabalho tão importante socialmente, em trabalho cidadão”, referindo-se ao que está descrito em livreto descrevendo os PLANSEQs (Plano Setorial de Qualificação) que “são projetos de qualificação focalizados e integrados com outras políticas públicas de trabalho, emprego, renda, educação e desenvolvimento” (MTE/PLANSEQ, 2008).

No caso das trançadeiras, profissionais que também tiveram suas origens no meio escravagista, os programas de qualificação vão além daqueles que buscam um aprimoramento da prática. Neste caso para, além disto, há a formação acadêmica em nível superior em cursos de tecnologia em estética, os quais são inúmeros no Brasil. Voltados a uma formação “da beleza”, não deixam claro que podem proporcionar suportes para a prática das trançadeiras, porém, pode-se inferir este olhar já que são abordados temas referentes à estética afro.

Embora com todas estas reflexões e a descrição destas profissões femininas, percebi que a valorização destas e a visualização de conhecimentos presentes no cotidiano eram um olhar de pesquisadora. Poderia levar todas estas reflexões às mulheres, debatendo com elas e problematizando alguns discursos fatalistas, porém, ao apresentar esta proposta tendo como “pretexto” a produção artesanal, onde poderíamos discutir e tecer, por serem sujeitos de sua história e nesta pesquisa, as mulheres apresentaram o artesanato como “contexto” e não como “pretexto”. Nas conversas que tivemos, deixaram visível que não queriam fazer destes saberes que tinham, o foco do encontro, mas sim a aprendizagem e a ensinagem de um “outro” conhecimento que parecia pouco fecundo para elas, num primeiro momento: a confecção de trabalhos manuais envolvendo, principalmente, as tramas. Como uma metáfora de suas vivências, estas mulheres demonstraram que poderiam sim, refletir sobre o seu cotidiano através destes encontros, porém, provavelmente porque já o faziam, agora queriam alçar novos vôos. Já haviam superado a denúncia, agora queriam anunciar. Todas estas considerações, faremos em capítulos posteriores. Para dar seqüência, partiremos para as análises sobre este tipo de produção eleita pelas mulheres - o artesanato - bem como as implicações no cotidiano das artesãs no que se refere a este trabalho.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O ARTESANATO, TRABALHOS MANUAIS E O COTIDIANO DAS MULHERES ARTESÃS

*Há dores que sinceramente eu não resolvo
sinceramente sucumbo
Há nós que não dissolvo
e me torno moribundo de doer daquele corte
do haver sangramento e forte
que vem no mesmo malote das coisas queridas
Vem dentro dos amores
dentro das perdas de coisas antes possuídas
dentro das alegrias havidas...*
(Elisa Lucinda - No elevador do filho de Deus)

Ao buscar referências legais para a profissão da(o) artesã(o) foi impactante a forma masculina, para além do gramatical, como se apresentavam as atividades envolvendo tais práticas, mesmo naquelas em que a presença feminina majoritária, é indiscutível. Encontrar referências no masculino, num primeiro momento, foi uma surpresa, já que às mulheres são destinadas muitas destas tarefas. O que concluímos também, com este achado, é que em se tratando de artesanato, existem trabalhos de homem e de mulher, assim como em outras profissões. Então, alguns trabalhos artesanais são tidos como eminentemente femininos, outros não. Sendo assim, o artesanato só é entendido como vinculado totalmente às mulheres, quando diz respeito aos trabalhos manuais que envolvem: pintura em tecido, tricô, crochê, bordado etc. Já aos homens, está a vinculação à produção artesanal em atividades como: carpintaria, escultura com diversos materiais, ourivesaria, cutelaria etc. Cabe, portanto, trazer algumas idéias, que parecem oportunas, a respeito do que é trabalho manual e do que seja a produção artesanal. Neste momento do texto, serão apresentadas características dessas formas de produzir,

associando-as ao trabalho feito por mulheres artesãs.

Por trabalho manual, entende-se aquilo que é feito com as mãos, mas não necessariamente há o envolvimento da artesã do início ao final da confecção da peça. Geralmente, neste caso, a matéria-prima já foi trabalhada por “outra-o” para depois servir como elemento principal na produção. É possível que haja trabalhos manuais artesanais, afinal todo o trabalho artesanal é manual, como veremos. Pela possibilidade da artesã não estar presente em todo o processo, ao contrário, não se pode afirmar que todo trabalho manual é artesanal. Por exemplo, pela tecnologia já implementada, o ato de cozinhar, nem sempre é artesanal, mas é trabalho manual.

A produção artesanal prevê que a artesã transformará a matéria-prima em peças, atuando sobre elas desde o início até o final da produção. Para Saul Martins (1973, In: BARBOSA LESSA, s/d) existem, pelo menos, 6 características fundamentais para que se identifique a produção artesanal.

1. *“O processo de trabalho é manual”*: a peça é feita com as mãos ou com o auxílio de ferramentas simples. Para Martins, também estas ferramentas deveriam ser confeccionadas pela própria artesã, porém, dada a facilidade com que são disponibilizadas, é possível adquiri-las, o que não denota um motivo para a perda do lugar de produção artesanal;
2. *“A inteligência comanda as mãos [da artesã]”*: neste ponto, Martins retrata a exclusividade das peças confeccionadas. A “inteligência” abarca a capacidade criativa da artesã em sua elaboração consciente, executando uma peça única;
3. *“Em artesanato se produzem formas (objetos úteis e ao mesmo tempo suscetíveis de adquirir valor estético pelo aprimoramento e bom-gosto) e não simples produtos ou bens econômicos”*: este ponto é que se torna o “nó górdio” da produção artesanal. Toda artesã, que vive do seu trabalho, depende da venda das peças para ter um ganho. Se cada peça é única, demandou um cuidado especial na feitura e carrega consigo parte da artesã - nem sempre é fácil atribuir-lhe valor monetário. Este é um ponto e ainda

há outro. Ao ser atribuído este valor, geralmente não é o suficiente para que sejam nele incorporados o tempo, a mão-de-obra, o material e o desgaste do artesão em confeccioná-lo, dentre outros elementos. Se o valor ultrapassa àquele que é comumente pedido por uma peça, semelhante, manufaturada, perde a freguesia. Outras vezes ainda, a peça é tão carregada de sentidos para a artesã que não é posta à venda, o que exige a confecção de uma nova peça, mais trabalho, mais material e, muitas vezes, poucos lucros. Consegue-se, muitas vezes, atribuir valor monetário a uma peça quando esta, carregada de uma dimensão artística, passa a ser valorada por seu caráter estético e não pelo esforço demandado no trabalho da artesã;

4. “[A artesã] emprega a matéria-prima disponível no lugar”: Martins (1973) ressalta o caráter arraigado no “seu lugar” que perpassa o trabalho artesanal. Salienta também que, trabalhando desta forma, a artesã pode aproveitar materiais que estão próximos, com baixo ou nenhum custo. É importante ainda ressaltar que esta pode estar atenta ao que está disponível e aparentemente não seria útil, como: pedaços de madeira, folhas, penas caídas, pedaços de pano etc. Esta característica é bastante relevante no momento em que ela pode reaproveitar materiais, evitar o desperdício, produzir mais e minimizar os custos, além da beleza inerente às peças confeccionadas com distintos materiais;
5. “É doméstico, o regime de trabalho é caseiro”: dizer que o trabalho é doméstico explicita também que pode ser familiar com a presença dos filhos (se houver) e outros aprendentes bem próximos. Segundo Martins (1973) os utensílios para o trabalho podem, inclusive, se misturarem aos da casa. Este é um ponto que tem uma relação estreita com o trabalho de muitas mulheres artesãs - trabalham em casa onde podem unir o cuidado dos filhos, da casa e seu trabalho, organizando seus tempos;
6. “[A artesã] não conhece a divisão do trabalho”: portanto, não há divisão de tarefas. Tudo é feito pela artesã do início ao fim da confecção (busca da matéria-prima, adequação ao trabalho, confecção e finalização da peça).

Pode haver a presença de um aprendiz, como já dito, porém, este executa um serviço bem mais rápido, estando presente com seu olhar para aprender com sua mestra.

Baseando-nos nestes pontos, podemos concluir então que, para ser considerada artesanal na visão de Martins (1973), a produção deve ser coordenada do início ao fim por sua criadora. E neste ponto também é interessante ressaltar que o *processo de criação*, o qual envolve o ato de imaginar e compor a peça mentalmente é um momento importante da execução. Poderia ser considerado um momento anterior, mas pode-se considerar que a elaboração mental é parte integrante de um processo que inclui sua execução concreta posterior. A artesã, ao pensar sobre a sua obra, manifesta seus gostos, seus desejos e pode nela, projetar um grande cabedal de sentimentos que poderão ser diferenciados a cada peça confeccionada. Ou seja, a produção artesanal não só envolve a artesã do início ao fim da confecção como também, em cada peça produzida, está um pouco da sua criadora. No trabalho manual, isto nem sempre ocorre. Portanto, podemos dizer, partindo do pensamento de Martins (1973) que toda produção artesanal é trabalho manual, mas nem todo trabalho manual é produção artesanal.

Para Martins (1973) ainda

é comum se confundir artesanato com rusticidade, mas é importante observar que, nesse trabalho, fazem-se tanto objetos rústicos como bem acabados, pois o artesanato se define pelo processo de produção de objetos, e não pelas qualidades práticas que podem ser emprestadas a este no ato de fazer (apud CUNHA e VIEIRA, 2009, p.260)

Para o Conselho Mundial de Artesanato “este é definido como toda atividade produtiva de bens e artefatos realizados manualmente ou com a utilização de meios rudimentares com habilidade, destreza, qualidade e criatividade” (CUNHA e VIEIRA, 2009, p.260).

Percebe-se, por estas considerações a partir de uma das referências presentes em várias bibliografias sobre o artesanato (Saul Martins) e do próprio conselho mundial que há algumas importantes características deste trabalho a fim de que seja considerado como tal. Da mesma forma pode ser entendida a profissão de artesã, a qual não se dá aleatoriamente.

No caso das mulheres que integram esta investigação, o artesanato é uma

atividade profissional apenas para as professoras. As aprendentes ainda estão em processo de profissionalização, aprendendo algumas técnicas. Talvez aqui resida uma diferença bastante importante. As artesãs, ou seja, aquelas que já se identificam como profissionais, têm enfrentado as questões relativas ao trabalho com artesanato propriamente dito: tendinites, dores musculares, conflito com o valor final de cada peça. As aprendentes não enfrentam tais questões. Sua produção é para consumo próprio, na maioria das vezes e, quando vendida, consideram o preço favorável porque ainda não dominam todos os critérios para propor valores à peça. Portanto, não podemos considerar que nesta tese haja uma visão romântica da produção artesanal, por serem ressaltados os aspectos referentes à emancipação, saúde mental, questões que envolvem a corporeidade, estética e processos de sensibilização. O que estamos tratando é de algo anterior ao profissionalizar-se, ao trabalhar com, que diz respeito à aprendizagem da confecção de peças artesanais e domínio da técnica. O ato de ensinar e aprender artesanato é que está em voga. Vale ainda ressaltar que mesmo as profissionais por vezes atuam em trabalhos manuais, sendo que, na maioria das vezes, pelos critérios apontados por Martins (1973) e pelo Conselho Mundial de Artesanato, produzem peças artesanais.

Retornando o que foi expresso no início, é muito comum ver a apresentação de discussões a respeito dos trabalhos manuais (propriamente ditos ou da produção artesanal) no masculino. Da mesma forma ocorreu em boa parte dos trabalhos acadêmicos (artigos e teses) lidos, os quais apresentavam o tema de alguma forma. Percebemos que o artesanato, embora em algumas técnicas ainda seja um território feminino, tem sua descrição feita sob paradigmas androcêntricos.

2.1. Por dentro da trama: estudos relacionados ao artesanato no Brasil

Ao longo das leituras sobre o tema, é possível perceber que homens e mulheres estiveram envolvidos nessas tramas de desvalorização e descaso no que diz respeito à produção artesanal. O indício de que esta forma de exclusão se deu mais acirradamente para as mulheres é visível por vários motivos: primeiro, como já

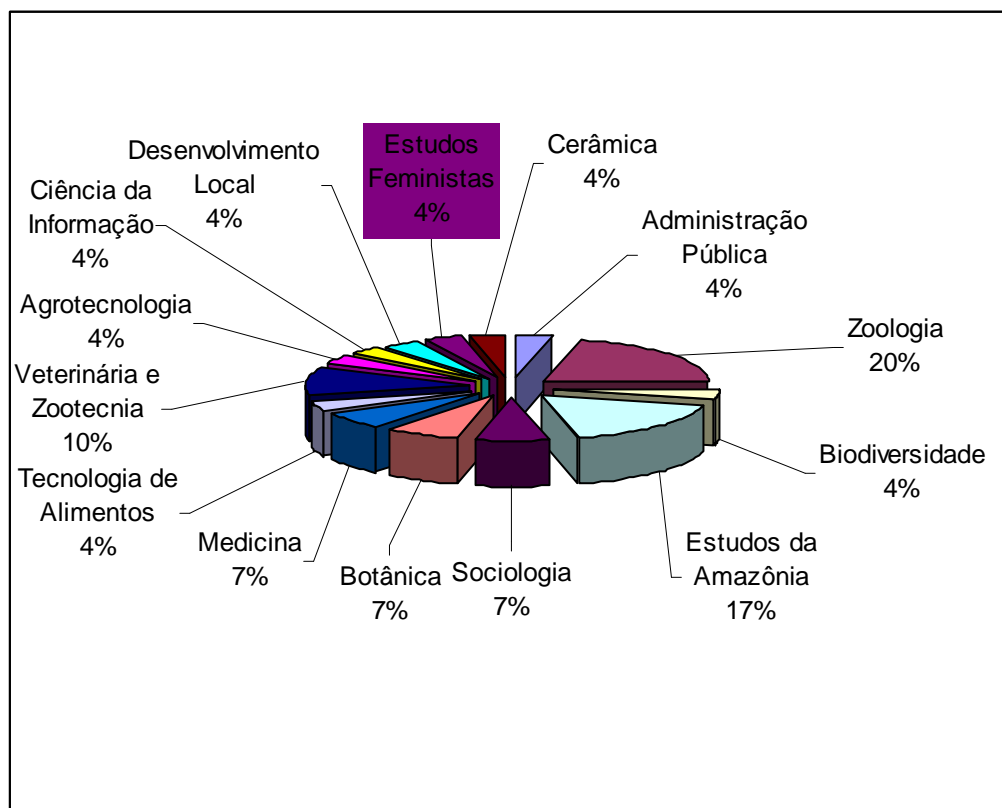
dito, mesmo em se tratando de atividades concernentes a elas, tais trabalhos são citados em boa parte da literatura acessada, no masculino; depois de citadas, várias vezes, práticas eminentemente femininas no masculino, alguns autores referenciam, não mais do que em algumas poucas linhas, que este era um trabalho realmente feito pelas mulheres; também, neste sentido, algumas obras trazem primeiro toda a produção artesanal vinculada aos homens para depois se referir àqueles trabalhos realizados por mulheres²⁸, embora estejam presentes em vários artigos referências a que o trabalho artesanal ainda é executado, em grande parte, por elas.

Para exemplificar as afirmações anteriores, serão aqui apresentados, resumidamente, alguns destes textos encontrados em periódicos acadêmicos de circulação nacional que podem ser acessados através da internet (não foram considerados os textos em inglês). Além destes periódicos, apresentamos, através dos resumos, teses de Doutorado em diversas áreas que tratam do artesanato como tema central. Foram adotadas como palavras-chave para a busca em periódicos: artesanato, artesãos, artesãs e artesanal. Para a busca de teses de Doutorado, apenas a palavra: artesanato. Por fim, serão apresentadas investigações realizadas no Grupo de Pesquisa coordenado pela Profa. Edla Eggert, junto ao Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, no campo dos estudos feministas.

Nos periódicos indexados são poucas as referências sobre este tema. Talvez, alguns textos o abordem, mas não seja possível identificá-los sem lê-los na íntegra porque não constam nas palavras-chave referências a questão, optando, os autores e autoras, por referenciar como chave o próprio nome da arte (bilro, labirinto, renascença, tear) do que o termo mais geral “artesanato”. É também comum que o tecer, tramar, costurar, sejam utilizados como metáfora para a compreensão de vários fenômenos educativos.

²⁸ Aqui tratamos de “referências históricas” sobre o artesanato. Obviamente, o trabalho de estudiosas como Albuquerque & Menezes (2007) que se encontra na Revista de Estudos Feministas não segue este padrão, porque compõe o universo de pesquisas que discutem as questões das mulheres e não atribuem ao texto uma linguagem “androcêntrica”.

Artigos encontrados em revistas indexadas (Base Scielo)
Por área



Total de artigos encontrados: 28 (100%)
→ Estudos feministas: 4%

Alguns artigos, inclusive, possuem a palavra “artesanato” como chave, mas tratam de temas que não necessariamente se vinculam à produção manual, como abordado nesta tese. Em “Espaços e caminhos para a pesquisa em administração: estimulando a prática da reflexividade” (CAMPOS e COSTA, 2007) artigo publicado na *Revista de Administração Pública*, foram encontradas referências ao “artesanato intelectual” (MILLS, 1959 apud CAMPOS e COSTA, 2007) explicitando que

Tal como artesão, o pesquisador social deve rejeitar normas rígidas de procedimento; não se deixar escravizar pelo fetichismo do método e da técnica: fazer-se seu próprio metodologista. Sua imaginação sociológica [...] é estimulada pela postura de artesanato intelectual. No exercício desse artesanato, combina, de forma original, experiências recolhidas do trabalho e da vida, em processo contínuo de enriquecimento mútuo. Em seu trabalho acadêmico, usa a experiência de vida; não os separa: abre espaços para crescimento recíproco. (p. 39)

Outros ainda destacam a produção artesanal que se vincula à pesca. Sobre este tema destacamos os artigos publicados na *Revista Brasileira de Zoologia*, na revista *Iheringia Série Zoologia* (da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul) e também, no periódico denominado *Biota Neotropica* (Campinas). Alguns artigos apresentam observações do trabalho dos pescadores artesanais, a partir do conteúdo das redes por ocorrência dos desembarques diários. Assim também se interessam por este conteúdo visando um melhor manejo da pesca na região onde ela ocorre. Portanto, estudam o “perfil da produção pesqueira” para um “adequado entendimento do sistema produtivo”. Diferenciando-se das abordagens que, mesmo apresentando um breve panorama do trabalho dos pescadores e seu contexto focam no produto do seu trabalho (os peixes e crustáceos), Rebouças, Filardi e Vieira (2006) destacam no artigo “Gestão integrada e participativa da pesca artesanal: potencialidades e obstáculos no litoral do Estado de Santa Catarina” a questão da crise no setor pesqueiro artesanal em contextos desenvolvimentistas, propondo os limites e possibilidades do contraponto ocasionado pelo avanço da pesquisa ecológico-humana e pelos princípios do ecodesenvolvimento. Assim também Fonseca-Kruel e Peixoto (2004) na *Acta Botânica Brasílica*, discutem no texto “Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil” o conhecimento dos pescadores artesanais da região sobre o uso das plantas e o ambiente. Deixam, especificamente, de tratar do produto do trabalho para abordar os saberes deste grupo. Foi encontrado um texto que trata diretamente dos materiais usados pelos pescadores na sua atividade laboral. Assim, Fernandes, Vicentini e Batista (2009) no artigo “Caracterização do uso de malhadeiras pela frota pesqueira que desembarca em Manaus e Manacapuru, Amazonas” publicado no periódico *Acta Amazonica*, debatem o uso das redes “malhadeiras” e as questões de legislação nacional neste campo. Especificamente sobre a organização do desembarque pesqueiro, Parente & Batista (2005) a fim de “subsidiar o planejamento do setor” (p. 375) discutem o tema, neste mesmo periódico, a partir do texto “A organização do desembarque e o comércio de pescado na década de 1990 em Manaus, Amazonas”. Neste trabalho destacam questões relativas à venda do produto o que é relevante em um contexto social onde os “atravessadores” e o “vendedor final” têm garantia de lucro em detrimento do pescador artesanal. E, finalmente, sobre a escassez de recursos caso

não sejam respeitadas regras para o manejo sustentável da pesca, Camargo e Pretere Jr. (2004) tratam desta questão no artigo “Análise de risco aplicada ao manejo precaucionário das pescarias artesanais na região do Reservatório da UHE-Tucuruí (Pará, Brasil)”.

Com relação ao artesanato, é possível perceber que há diversos estudos em diferentes áreas do conhecimento²⁹. Mesmo parecendo alheios ao tema por seus títulos, alguns artigos trazem importantes referências sobre o assunto. Com este perfil, citamos, “Diálogo sobre a poesia oral na Cabília: entrevista de Mouloud Mammeri a Pierre Bourdieu” (BOURDIEU, 2006), publicado na *Revista de Sociologia e Política*, onde há referência sobre o artesanato neste grupo étnico (cabila) em meio ao tema central que é a literatura oral. Nesta mesma linha, no artigo “Biologia e ecologia do arumã, *Ischnosiphon polyphyllus* (Marantaceae), no arquipélago de Anavilhanas, Rio Negro, Amazônia Central” de Nakazono e Piedade (2004), publicado na *Revista Brasileira de Botânica* aparecem as características desta planta e sua utilização pelos artesãos ribeirinhos (caboclos e indígenas) na região do Arquipélago de Anavilhanas (Amazônia Central), para a confecção de artigos domésticos e, também, comercializáveis por meio Associação dos Artesãos de Novo Airão (fundada em 1996). O texto também trata dos critérios de seleção adotados pelos artesãos para a seleção da matéria-prima, ocupando-se de questionar características ecológicas da extração. Ressaltamos que, mesmo estando o texto escrito com referências masculinas, a maioria das trabalhadoras, nesta Associação, são mulheres.

²⁹ Alguns estudos apontam para a criatividade humana na adaptação do produto industrial (quando mais caro) por algo “feito em casa”. Sobre este tema, podemos citar os trabalhos de Chong Neto et.al. (2005) abordando que “espaçadores artesanais produzidos com garrafas de refrigerante, água mineral e até mesmo frascos vazios de soro fisiológico têm sido utilizados como alternativa à compra de espaçadores industriais, com eficácia semelhante e custo inferior” (p. 299) para o tratamento de crises de asma. Os autores abordam este tema, tentando obter outros meios para o tratamento estas crises em crianças e adolescentes, a fim de agilizar o atendimento em Unidades de Saúde. Anterior a este estudo, em 2003, tratando do mesmo tema Vilarinho, Mendes & Souza no *Jornal de Pediatria*, destacam, inclusive, vantagens do uso do espaçador artesanal para administração de broncodilatadores em relação ao uso de um nebulizador. Embora consideremos estes estudos bastante profícuos para a agilidade do tratamento da crise de asma em crianças, é possível considerar que esta criatividade, exercida pelos médicos, diz respeito a um problema que enfrentamos em nossa sociedade: a falta de investimento na melhoria e compra de equipamentos nas Unidades Públicas de Saúde espalhadas pelo Brasil. Considerando que unidades particulares jamais lançariam mão deste tipo de método, podemos “ler nas entrelinhas” que o descaso e por isso, a criatividade, é somente exercida com as classes populares, que dependem do serviço público de saúde. Mesmo assim, é importante e um pouco confortante, saber que o método “alternativo” é eficaz, já que baixa significativamente os custos do tratamento.

Fundação Vitória Amazônica (FVA)

Um dos objetivos da FVA

“é gerar renda de forma sustentável, contribuindo para a conservação da biodiversidade e para a melhoria das condições de vida dos moradores locais. Desde 1994, o projeto Fibrarte busca transformar o trabalho artesanal desenvolvido com fibras vegetais em uma atividade econômica e ecologicamente sustentável. Com ajuda do projeto foi formada a **Associação dos Artesãos do Novo Airão**, que atualmente conta com 25 artesãos, a maioria mulheres”.
(*Alternativa sustentável para a Amazônia*, 09.09.2005)

FONTE: <http://www.planalto.gov.br/consea/exec/noticias.cfm?cod=6302>

Também é tratada em diversos periódicos, a questão da produção artesanal de alimentos, como é o caso do artigo de Machado et.al. (2004) publicado na revista *Ciência e Tecnologia de Alimentos* (Campinas) sob o título “Características físico-químicas e sensoriais do queijo Minas artesanal produzido na região do Serro, Minas Gerais”. No *Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia* (Belo Horizonte) também há presença de artigos sobre este tema. São relevantes os trabalhos de: Bulhões & Rossi Junior (2002) - “Ocorrência de bactérias do gênero *Aeromonas* em queijo-de-minas frescal artesanal”; Alexandre et.al. (2002) - “Atividade antimicrobiana de bactérias lácticas isoladas de queijo-de-minas artesanal do Serro (MG) frente a microrganismos indicadores” e Brant, Fonseca & Silva (2007) - “Avaliação da qualidade microbiológica do queijo-de-minas artesanal do Serro-MG”. Outro aborda questões relativas à produção de açúcar mascavo artesanal - “Efeitos da adubação orgânica e da época de colheita na qualidade da matéria-prima e nos rendimentos agrícola e de açúcar mascavo artesanal de duas cultivares de cana-de-açúcar (cana-planta)” - publicado na revista *Ciência e Agrotecnologia*, tendo como autores Anjos et.al. (2007).

Outra abordagem do “artesanal” presente em um dos artigos lidos, diz respeito a questões que unem o artesanato e uma perspectiva ecológica. Tratando da assimilação da informação “lugar do lixo é no lixo” com alunos da 4ª série do Ensino Fundamental através de oficinas reciclagem artesanal de papel, Tavares e Freire (2003) no artigo “‘Lugar do lixo é no lixo’: estudo da assimilação de informação” (revista *Ciência da Informação* - Brasília) apontam que tal trabalho pode contribuir para uma melhor compreensão do que está sendo abordado,

partindo-se de uma perspectiva pautada na prática.

Alguns dos artigos encontrados enfatizam a questão da produção artesanal na perspectiva da geração de renda para as comunidades onde ocorre a atividade. No texto “O papel dos agentes na comunidade de artesãos em Três Lagoas/MS, como instrumentos impulsionadores do desenvolvimento local” (ALCALDE, LE BOURLEGAT e CASTILHO, 2007), publicado na revista *Interações*, é discutido este tema. Embora escrito no masculino (mais uma vez), aponta para uma “comunidade de artesãos” em que 92% são mulheres, coordenadas por uma religiosa³⁰. A eleição desta como liderança local, segundo a pesquisa, foi fundamental para que a ATAR (Associação Três-lagoense de Artesãos - Três Lagoas (MG)³¹) pudesse ter continuidade após o período de “incubação”. Além disso, as autoras consideram fundamental a autonomia frente aos “agentes externos” (nesta pesquisa SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às micro e pequenas Empresas e ACITL - Associação Comercial Industrial de Três Lagoas), apostando na gestão compartilhada entre o grupo.

Tratando especificamente do artesanato que envolve o trabalho de mulheres, na *Revista de Estudos Feministas* há um artigo que trata da renda renascença. Intitulado “O valor material e simbólico da renda renascença”, as autoras Albuquerque e Menezes (2007) analisam que esta atividade produtiva rentável é “perpassada por relações de gênero” (p.462), pois mesmo que seja grande o contingente de mulheres que a confeccionam, na região do Cariri paraibano, dividindo-se entre a atividade artesanal e agrícola, também há homens que a tecem. A maioria destes, por sua vez, vive o dilema de praticarem uma “atividade de mulher”.

³⁰ A presença feminina neste contexto é muito marcante. No texto, as autoras abordam que, na primeira reunião realizada para a formação de uma cooperativa, esteve presente uma artesã, membros do SEBRAE e da ACITL. O grupo, no contexto da pesquisa, contava com 25 pessoas.

³¹ Atividades realizadas pela ATAR: Pintura, retalhos, costuras, bordados, tecelagem, madeira, arte em jornal, meia de seda, mosaicos, crochês, entre outros.

Renda Renascença

“...se caracteriza por ser uma renda de agulha, cujos pontos teriam tido origem na época do Renascimento.” (ALBUQUERQUE e MENEZES, 2007, p. 462)



Fotografia 2 - Renda Renascença

FONTE:

<http://www.viladoartesaio.com.br/blog/2008/10/renascenca-das-cortes-francesas-para-o-cariri-nordestino/>



Fotografia 3 - Renda Renascença

FONTE:

<http://www.viladoartesaio.com.br/blog/2008/10/jogos-americanos-em-renda-renascenca-do-cariri-paraibano/>

Outro artigo que referencia esta temática do trabalho artesanal de mulheres foi escrito por Ramos et.al. (2008), com o título “A indústria cerâmica vermelha de Campos dos Goitacazes e a inclusão social das artesãs da baixada campista através do projeto Caminhos de Barro” o qual se encontra na revista *Cerâmica* da Associação Brasileira de Cerâmica. Neste texto é possível encontrar uma problematização sobre o trabalho com cerâmica realizado no Parque Industrial de Campo dos Goytacazes (norte do estado do Rio de Janeiro), o qual é composto por mais de 100 empresas do ramo nas quais trabalham cerca de 5000 funcionários. Por ser considerado um trabalho “pesado”, são excluídos desta atividade idosos, portadores de deficiência e mulheres. Por iniciativa da UNEF (Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro), desde 2000, está sendo implementado o Projeto *Caminhos de Barro* que “tem como finalidade capacitar, na arte cerâmica artesanal, essas comunidades excluídas do processo industrial de produção de tijolos e telhas” (RAMOS et.al., 2008, p. 280). O texto apresenta a discussão do aprimoramento da matéria-prima e da tecnologia utilizada pela “primeira geração de artesãs” (RAMOS et.al., 2008, p.280) que se formaram através deste projeto.

No âmbito das teses de Doutorado publicadas no Portal da CAPES³², foram vários os trabalhos encontrados (cerca de 40 teses). Pela quantidade de trabalhos produzidos onde o termo “artesanato” esteve presente nos resumos ou nas palavras-chave, referenciamos apenas aqueles que tratam do artesanato como temática central e o consideram sob viés do trabalho manual, das *manualidades* e sua execução. Portanto, não foram considerados os textos que, em seu resumo, apontassem para o artesanato como coadjuvante na investigação.

Foi percebido durante a busca que, para uma visão mais minuciosa das produções sobre artesanato no que diz respeito às teses e outros textos, bom seria não restringi-la a uma palavra-chave, já que algumas teses não apontam para a temática nestas (assim como nos periódicos), porém, nos resumos, abordam intensamente o tema. Tendo em vista, mais uma vez, o grande número de trabalhos, organizamos as teses encontradas de acordo com sub-temas a fim de melhor situar o leitor nesta visão panorâmica. Há limites nesta abordagem já que foram lidos apenas os resumos das teses, mesmo assim, através destes, é possível ter uma visão de conjunto das produções acadêmicas, no Brasil, a respeito desta temática.

Aqui, apresentaremos os temas mais significativos dentro de cada abordagem sobre estas manifestações culturais através do tecer e do tramar. Em diversas áreas foi possível identificar estudos que contemplassem discussões a respeito deste trabalho que é desenvolvido majoritariamente por mulheres, por exemplo, nas áreas de Educação, História Econômica, Geografia Humana, Enfermagem, dentre outros.

A tese de Doutorado de Ikuta (2002) - “Práticas fitotécnicas de uma comunidade indígena Mbyá Guarani, Varzinha, Rio Grande do Sul: da roça ao artesanato” (UFRGS - Agronomia), contribui de forma relevante para a compreensão das técnicas, percalços e superação de condicionantes de povos indígenas brasileiros, a partir do artesanato, apresentando-o uma das alternativas de geração de renda adotada pelo o grupo. Outro estudo semelhante realizado por Silva (2003) - “Etnobotânica dos índios Fulni-ô: Pernambuco, Nordeste, Brasil” (UFPE - Biologia Vegetal) - aponta características da flora local e a sua utilização para o artesanato, medicina e práticas religiosas na referida comunidade indígena.

³² <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/>

O trabalho de Alves (2004) - “Do barro de *loiça* à *loiça* de barro: caracterização etnopedológica³³ de um artesanato camponês no agreste paraibano” (UFSCAR - Ecologia e Recursos Naturais) é muito interessante por investigar os conhecimentos e práticas de artesãos a respeito da matéria-prima por eles utilizada (barro). Traz uma perspectiva que considera os saberes populares em diálogo com o saber filosófico-científico a ponto de sugerir, conforme texto do resumo que a

realização de estudos etnopedológicos em diferentes contextos sociais e pedológicos pode contribuir para o avanço do conhecimento pedológico formal e para uma melhor compreensão e valorização das formas locais de conhecimento e uso de solos. (ALVES, 2004, trecho do resumo)

Considerando o artesanato na perspectiva do trabalho e geração de renda para comunidades populares e outras peculiaridades deste tema, encontramos os trabalhos de Balzon (2006) - “Avaliação econômica dos produtos florestais não madeiráveis na área de proteção ambiental - APA de Guaratuba - Paraná” (UFPR - Engenharia Florestal) e Silveira (2000) - “Geração de renda através de obras sociais para viabilização econômica das comunidades” (UFSC - Engenharia de Produção). Neste último é destacado que nestes lugares de aprendizado e confecção de peças artesanais pode-se entender que “a mão-de-obra é preparada com cursos de qualificação profissional para agregar preço ao serviço realizado com prazer” (SILVEIRA, 2000, Trecho do resumo).

Tratando da produção artesanal como arte, encontra-se o trabalho de Czapski (1994) - “Viagens imaginárias: transformações de uma técnica milenar em linguagem contemporânea” (USP - Artes: teatro, cinema e artes plásticas), especificando a técnica do “*Batik*”. Neste estudo aborda a relação existente entre a técnica em sua composição híbrida (caráter religioso mítico oriental e arte ocidental contemporânea).

³³ PEDOLOGIA: *pedon* (do Grego - *solo, terra*). Nome dado ao estudo dos solos



Fotografia 4 - Batik
Peças confeccionadas utilizando a técnica.
FONTE: <http://www.ghanaexpeditions.com/>

A respeito da produção artesanal e sua relação com os processos de industrialização, podemos destacar teses que apontam para as contradições entre estes dois elementos, como as de Belluzzo (1988) - “Artesanato, arte e indústria” (USP - Arquitetura e Urbanismo); Palermo (2001) - “Avaliação econômica e ambiental das atividades curtidoras e acabadoras de couros na região de Franca - Estado de São Paulo” (UNESP - Geociências e Meio ambiente); e Moroni Filho (2006) - “Continuidades e rupturas no processo de trabalho dos marmoristas: passado e presente” (UFSCAR - Engenharia de Produção). Esta última ressaltando que algumas pequenas empresas ainda lançam mão do trabalho artesanal por não conseguirem, por motivos financeiros, adequar seu maquinário.

Por outro lado, discutindo as “mesclagens” entre “tradição e tecnologia”, “comunicação oral primária e meios eletrônicos e massivos de informação”, numa possibilidade híbrida e plural, encontra-se o trabalho de Santos (2000) - “Movimentos do Vale: corpo e narrativa” (UFMG - Estudos Literários) abordando o estudo de narrativas fantásticas e produção artesanal em cerâmica no Vale do Jequitinhonha; e Dos Santos (1993)³⁴ - “Tradição e modernidade no móvel brasileiro: visões da utopia na obra de Carrera, Tenreiro, Zanine e Sérgio Rodrigues” (USP - Filosofia);

Uma tese aborda ainda, a passagem da produção artesanal para a industrial, tratando também, da não garantia de sucesso que esta passagem pode supostamente supor. Trazendo elementos para a análise deste contexto, podemos considerar o trabalho de Patriota (1999) - “Redenção e miragem na indústria do

³⁴ Também aborda, de certa forma, a passagem do artesanal para o industrial.

Caroá. Crescimento auto sustentado no sertão do Nordeste (1932/1960)” (USP - História Econômica).

Martins (2007) em seu texto “Entre a cruz e o capital: mestres, aprendizes e Corporações de Ofícios no Rio de Janeiro (1808-1824)” (UFRJ - História Social) trata uma questão que pode ser entrecruzada com as abordadas anteriormente. Considera o declínio das corporações de ofício em nome dos “homens de negócios” no Brasil Império, porém, a permanência da prática pedagógica baseada no modelo mestre-aprendiz no interior das fábricas, até meados de 1840.

Um aspecto relevante sobre a produção artesanal que trata da sua divulgação e valorização para o turismo e conseqüentes perdas e avanços na adoção destas políticas, é tratado por Fleury (2006) - “Os lugares do artesanato do Ceará: a estilização da imagem na publicidade institucional” (UFRJ - Artes visuais).

Também abordando o turismo, mas centralmente discutindo a degradação ambiental provocada quando esta prática não é planejada de forma sustentável, Gomes (2008) na tese - “Medidas para o desenvolvimento de um turismo sustentável no distrito de Lavras Novas, Ouro Preto - MG” (UFV - Ciência Florestal) destacou, dentre outros temas, o prejuízo ocasionado aos artesãos (ou artesãs) locais quando os recursos naturais, matéria-prima do seu trabalho, tornam-se escassos. A pesquisa ainda considera que, tendo em vista que esta utilização desmedida provocou a “descaracterização cultural pelo enfraquecimento de manifestações culturais singulares”, como por exemplo, o artesanato, uma das alternativas para a superação deste quadro foi a participação efetiva dos artesãos (ou artesãs) ensinando a arte da confecção de cestaria de taquara e esteira, para os jovens da comunidade. Além desta prática, os artesãos foram instrumentalizados no que tange ao plantio experimental da taquara, na possibilidade de criação de uma Associação de Artesãos, dentre outras ações concretas.

Outra questão tratada é a que diz respeito ao trabalho artesanal (tornar-se artesã(o)) no momento em que esta atividade pode se tornar uma alternativa viável para a substituição de atividades que, a curto, médio ou longo prazo, podem prejudicar as comunidades que delas se valem para sua subsistência (como é o caso do extrativismo de plantas nativas, da pesca predatória, dentre outros temas). Este assunto é tratado na tese de Souza (2003)³⁵ - “Extrativismo em área de reserva da

³⁵ Neste trabalho, em específico, é abordada também, a questão da aposentadoria dos sujeitos

biosfera da Mata Atlântica no Rio Grande do Sul: um estudo etnobiológico em Maquiné” (UFRGS - Botânica).

Como forma de preservação das identidades locais e dos recursos naturais das Áreas de Preservação Ambiental (APAs), o artesanato constitui um dos elementos significativos no trabalho de França (2001) - “Potencialidades para conservação e desenvolvimento do Mocambo do Campinho (APA de Cairuçu - Paraty - RJ)” (USP - Ciências da Engenharia Ambiental). Tal questão é abordada com viés étnico tratando de uma comunidade negra originária das senzalas de uma fazenda que se consolida nesta região após a Abolição da Escravatura. O artesanato surge, portanto, como uma das possibilidades para a conservação e o desenvolvimento do mocambo, dentre outras práticas.

Outros trabalhos abordam a observação por especialistas (arquitetos, artistas plásticos) do artesanato local, da produção artesanal de diversas comunidades, das técnicas mais simples de uso da matéria-prima, como fonte de inspiração para o trabalho que realizam. Sobre esta temática, podemos destacar as teses de Bertella (2008) - “*Lina Bo Bardi: móveis e interiores (1947-1968) - interlocuções entre moderno e local*” (USP - Arquitetura e Urbanismo) e Bamonte (2004) - “Legado - gestações da arte contemporânea: leituras de imagens e contextualizações do “feminismo” na cultura e na criação plástica” (USP - Ciências da Comunicação), mesmo com a importante abordagem, discordamos da autora quando diz que

a utilização do fio, da costura, do bordado, da trama... responde à essência humana e feminina de expressar-se no artesanal, remetendo a necessidades primordiais de fertilidade, feminilidade e propagação, seja no século XXI ou XV. (Trecho do resumo)

Consideramos que não há esta essência feminina voltada a expressar-se por via do trabalho artesanal. Esta “expressão” veio depois. Sabe-se que pela necessidade de conservar as mulheres no âmbito do privado, o aprendizado de trabalhos manuais possibilitaria, com êxito, esta permanência. Como defendemos e abordamos, as amarras foram postas em lugar equivocado, sendo que as próprias mulheres, reinventando seu cativeiro, o tornaram espaço de diálogo, criatividade e possibilidades emancipatórias. Também consideramos que destacar “uma essência feminina” para o artesanal é desconsiderar que esta habilidade é aprendida. Se

fosse essência, não haveria necessidade de tal aprendizado. Abordando-se a produção artesanal feminina à base de essencialismos, desvaloriza-se o seu “legado” histórico, político e pedagógico.

Questões relativas às problemáticas enfrentadas para a existência de associações de artesãos (na verdade, de artesãs) no que tange à sua autonomia, foram estudadas na tese “O empreendimento local do artesanato em fibras vegetais, Amazônia brasileira”³⁶ (UFPA - Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) escrita por Nakazono (2007).

Semelhante a este estudo, Souza (1991) na tese “Uma estratégia de *marketing* para o Rio Grande do Norte: o Programa Integrado de Desenvolvimento do Artesanato sob forma cooperativista” (FGV - Administração de Empresas)

trata do Programa Integrado de Desenvolvimento do Artesanato do Rio Grande do Norte sob forma cooperativista identificando as interferências externas e internas no processo de desenvolvimento da peça artesanal. Aponta problemas e características do setor artesanal e do sistema cooperativista. aborda os conceitos de marketing para organizações sem fins lucrativos e propõe uma estratégia de marketing para o artesanato. (Trecho do resumo)

A tese de Canani (2008) - “Os bonecos, flores e bordados: investigações antropológicas no campo do artesanato em Brasília” (UNB - Antropologia) aborda a produção artesanal feminina em diversos grupos (cooperativas, associações) e a vinculação destas com a iniciativa público-privada representada pelo SEBRAE.

A escolha do artesanato como atividade educativa por grupos de mulheres que se reúnem para superar alguns condicionantes é um tema abordado na tese de Storey (2003) - “Representações sociais e meio ambiente: participação de um grupo de mulheres no planejamento de uma intervenção de Educação Ambiental Popular urbana em Manaus, Amazonas” (UFSCAR - Ecologia e Recursos Naturais). Mesmo que com outro foco, esse tema também é abordado na tese de Craco (2006) - “Ação comunicativa no cuidado à saúde da família: encontros e desencontros entre profissionais de saúde e usuários” (USP - Enfermagem em Saúde Pública), pois a autora destaca que uma das formas mais eficazes de estabelecer uma boa relação com usuários do serviço de saúde e os profissionais, foi através de um grupo de

³⁶ Uma das associações presentes neste estudo é a Associação dos Artesão do Novo Airão a qual é citada em outros textos. (NAKAZONO e PIEDADE, 2004)

artesanato (suspeito que seja de mulheres) abordando-o como “uma opção por uma melhor qualidade de vida e de saúde”.

Uma associação de mulheres artesãs indígenas foi escolhida, para além da escola, como lugar de possibilidades para a investigação, por representar um grupo significativo para o estudo das interações entre as pessoas. Neste campo, citamos o trabalho de Freitas (2003) - “Escola Makuxi: Identidades em Construção” (UNICAMP - Lingüística Aplicada).

Dalglis (2004) em seu trabalho intitulado “A arte do barro na América Latina: um estudo comparado de aspectos estéticos e socioculturais na cerâmica popular do Brasil e do Paraguai” (USP - Integração da América Latina) contribui para uma percepção latino-americana de produção artesanal feminina, os aspectos técnicos da construção das peças, estilos, tendências, influências, venda dos produtos e a superação de condicionantes. Outro estudo bastante significativo para a valorização das atividades artesanais empreendidas por mulheres é o de Pedreira (2008) - “O artesanato de si: uma leitura do *devir* matriarcal a partir de Rachel de Queiroz” (UFBA - Letras e Lingüística). Nele, a autora defende que

nenhuma luta feminista contra o patriarcado e o capital mundial integrado é possível sem que escritoras proliferem a anarquia dos signos, sem que mulheres analfabetas, e sertanejas, façam do artesanato, ainda refugio da produção capitalista, uma forma de invenção de si mesmas... sem experimentar, anarquizar, falsificar, jogar, nenhuma cultura política subjetiva, assim como nenhum agenciamento do espontâneo e do cotidiano como prática política transformadora, é possível.” (PEDREIRA, 2008, grifo meu)

Abordando o trabalho de artesãos(ãs) modeladores(as) de cerâmica folclórica em Santa Catarina (Brasil), Corrêa (2008) salienta as estratégias por eles utilizadas a fim de inserir-se, e à sua produção, “num tipo de circuito de circulação econômica, simbólica e política na cidade de Florianópolis” (CORRÊA, 2008) na tese “Narrativas sobre o processo de modernizar-se: uma investigação sobre a economia política e simbólica do artesanato recente na zona metropolitana de Florianópolis” (UFSC - Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas).

Especificamente no campo da Educação, na tese intitulada “Da palmatória à lanterna mágica: a Escola Normal da Província do Rio de Janeiro entre o artesanato e a formação profissional (1868-1876)” (USP) de Villela (2002) trata da questão “do artesanal”, mas não se referindo aos trabalhos manuais. Discute os modelos

“artesanal” e “profissional” na formação de professores. Salienta, partindo de uma perspectiva histórica que no primeiro predominavam elementos da cultura pragmática e no segundo, a perspectiva de trabalho baseia-se “na separação racional entre conhecimento teórico e prático, alargamento do conteúdo acadêmico, domínio de métodos específicos e aquisição de um *ethos* condizente com a profissão” (Villela, 2002). A investigadora conclui que

a fragilidade e os constantes fracassos das escolas normais no período estudado se explicam pelas diferentes representações que os vários grupos tinham da formação de professores definindo ações ora em direção ao modelo institucional, ora em direção ao modelo artesanal dessa formação. (Villela, 2002, trecho do resumo)

Outra tese aborda a dança e o artesanato como importante elemento na conformação dos currículos escolares indígenas, influenciando, diretamente, nos processos identitários das crianças. Aires (2005) trata desta questão, dentre outras, na tese intitulada “As “escolas diferenciadas” dos índios Tapebas” (UFC - Educação). Discutindo a temática: educação para o trabalho, vista a partir de um olhar sobre os trabalhadores da indústria calçadista em Franca (SP - Brasil), Gigante (2003) em seu trabalho “A fábrica é escola: práticas sociais e educativas de empresários e trabalhadores”

não deixa de estabelecer relações entre o capitalismo histórico e a historicidade da formação das qualificações laborais no artesanato, manufatura e indústria, seja no geral, em outros ramos fabris, seja no contexto específico da profissão de sapateiro. (GIGANTE, 2003, trecho do resumo)

Esta abordagem considera que a passagem do artesanal para o industrial é relevante, também, para o campo da Educação, no momento em que pode contribuir com elementos para possíveis percepções sobre os processos educativos em contexto de trabalho no passado e no presente.

Também buscamos teses que pudessem tratar da questão do ensino e da aprendizagem de um modo mais amplo. O objetivo foi poder mapear trabalhos que trouxessem em sua abordagem uma problematização referente ao ensinar e aprender artesanato. Foram mais de 1.000 as teses encontradas onde a temática do ensino e da aprendizagem estão presentes (usando como referência os títulos e as

palavras-chave, bem como indicações dos resumos). Ressaltamos que nos últimos 5 anos foram produzidos 844 trabalhos.

Conforme Portal da CAPES:	
2004	142
2005	149
2006	155
2007	191
2008	207
TOTAL:	844

Tabela 2 - Teses sobre a temática “ensino e aprendizagem” 2004 -2008

Conforme Portal da CAPES:	
2004	-
2005	-
2006	-
2007	1
2008	-
TOTAL:	1

Tabela 3 - Teses sobre a temática “ensino e aprendizagem” vinculados à produção artesanal (2004 -2008)

Foram encontradas apenas duas produções onde a temática do ensino e da aprendizagem de artesanato esteve presente, uma delas produzida nos últimos cinco anos. Zanella (1997), trata da questão do ensino e aprendizagem referentes à “renda de bilro”, porém no campo da Psicologia da Educação. Sendo assim, na tese “O ensinar e o aprender a fazer renda de bilro: estudo sobre a apropriação da atividade na perspectiva histórico-cultural” (PUC-SP - Educação * Sub-área: Psicologia da Educação) está presente esta análise. Oliveira (2007) na tese “O Galinho do Céu: os saberes das figureiras de Tatubaté” (UNICAMP - Multimeios) trata do ensino e da aprendizagem da arte de esculpir em barro exercida por estas mulheres, destacando que este é um processo transgeracional que vem ocorrendo há, pelo menos, 100 anos. Através do método biográfico, o autor buscou, “por meio

das memórias destas artistas, construir uma história que revele os seus processos de ensino-aprendizagem e expresse as relações de troca de experiências e saberes entre as gerações” (OLIVEIRA, 2007, Trecho do resumo). Mesmo sendo uma grande maioria de mulheres, a cooperativa de trabalho onde se reúnem se chama “Casa do Figureiro” o que, mais uma vez, aponta para a “masculinização” do discurso sobre a prática do artesanato mesmo envolvendo mulheres. Salienta a dificuldade, ainda presente, de escrever no feminino, para além do masculino gramatical.

As Figureiras de Taubaté (SP - Brasil)



Fotografia 5 - Pavão - símbolo do Folclore de Taubaté.

“As Figureiras de Taubaté (SP - Brasil) são assim denominadas por serem mulheres, a maior parte dos artesãos. No entanto, atualmente, há homens exercendo o ofício. Estas mulheres são exímias na arte de esculpir em barro cru obras que espelham o cotidiano da vida do interior com seus usos, tipos, costumes e temas religiosos.”

FONTE: <http://www.ceramicanorio.com/artepopular/figureirastaubate/figureirastaubate.htm>

Através desse levantamento de trabalhos acadêmicos que tratam da temática “artesanato” e “ensino e aprendizagem”, foi possível constatar que, a princípio, nenhum destes abordou a questão do “ensino de artesanato” no campo da Pedagogia, tema central desta tese, vinculando-o aos estudos feministas e étnicos. Portanto, consideramos a originalidade e relevância do tema aqui proposto na contribuição com os estudos nesta área, principalmente no campo da Educação.

Por fim, outro indicador para a busca foram os termos: tear, tecelagem, bilro, labirinteiras, rendeiras (já que o termo “renda” suscitaria outros sentidos), crocheteiras, tricoteiras e trabalhos manuais, a fim de estabelecer um panorama mais completo a respeito das produções sobre o artesanato. A escolha dos termos

se deu tendo em vista a percepção de que, muitas vezes, as teses remetiam ao trabalho específico, utilizando o próprio nome da arte. Sendo assim, as palavras escolhidas poderiam ser profícuas no encontro de outras teses.

O tear e a tecelagem aparecem em várias teses como metáforas³⁷, seja em passagens nos textos ou nos títulos e, ainda, de abordados de forma indireta³⁸. Descrevo agora as considerações de teses que tratam do tear como artefato para a produção de diferentes tecidos e a tecelagem como a arte de tecer os fios que formarão um tecido.

Em uma das teses encontradas, está relatado o uso da fotografia no século XIX para registrar o cotidiano dos trabalhadores escravizados. Estas eram muito apreciadas por estrangeiros (principalmente europeus) porque as consideravam inusitadas e exóticas. A figura de homens e mulheres negros brasileiros ou africanos no Brasil era vendida por boas quantias de dinheiro. Várias destas fotografias (MARTINEZ, 2006) remetem ao cotidiano de trabalho com teares e rodas de fiar

³⁷ ***Algumas passagens que demonstram o uso de metáforas:***

“...os fios do meu tecer não são meus, fazem parte de um grande tear, onde Mestres e Aprendizes se alternam na tarefa de construir um fazer mais significativo, mais verdadeiro.” (RAMOS, 2000)

“Neste trabalho, um modelo proposto por Wersig é utilizado para tecer, no tear interdisciplinar da ciência da informação, uma “rede conceitual” para apreender o sentido de um evento no campo científico.” (FREIRE, 2001)

“Determinando os fios simbólicos e o processo de tessitura de um tecido ficcional, o estudo especifica as linhas de dois principais paradigmas representativos ---o ideal e o real ---, a partir dos quais o tear da narrativa arma um simulacro para construir uma alegoria utópica da vida ou representar a condição trágica da existência, de acordo com o engenho que o homem inventou e aperfeiçoou para fabricar a sua arte de tecer sonhos e pesadelos.” (MOTTA, 1998)

“Entende-se a cultura da escola como a teia de significados no cotidiano da escola, no jogo de relações entre os docentes e os demais atores da escola e a profissão docente no interior dessa trama, desenhando-a, enredando-a e sendo desenhada e enredada por ela... Conclui-se salientando que escola e docentes são os tecelões, tear e linha da teia de significados da cultura da escola e da profissão docente.” (CARDOSO, 2001)

“Pensar e tecer as tramas de uma tecelagem das mediações dos processos comunicacionais, em constante dialética nas dinâmicas de (in)satisfação em um cenário indeterminado e incerto.” (DUARTE, 2005)

³⁸ ***a) Metáforas presentes nos títulos:***

“Com quantos fios se tece uma reflexão?” Narrativas e argumentações no tear da interação.” (BEZERRA, 2007)

“Teias de saberes nas redes de relações: Educação nas Escolas Sinodais” (GOLDMEYER, 2008)

“A trama do tear: sobre o tratar em psiquiatria” (CAVALCANTI, 1997)

“Tear identitário: a prática docente em arte como conhecimento compartilhado” (COELHO, 2008)

“A tecelagem da vida com fios partidos: as motivações invisíveis da emigração de kassegui do Japão em quatro estações.” (OCADA, 2006)

“A cidadania na tecelagem das interações comunicacionais-midiáticas do movimento socioambiental: um estudo de caso do Centro de Educação Ambiental da Vila Pinto em Porto Alegre.” (MAZZARINO, 2005)

b) O tear e a tecelagem presente nas obras estudadas (o tear e a tecelagem vistos de forma indireta):

“Carpintaria e Tecelagem (a obra de Autran Dourado)”. (MONTE, 2002)

algodão. Provavelmente, esta atividade fosse realizada pelas mulheres em diferentes partes do Brasil assim como eram executadas por elas no Rio Grande do Sul (BARBOSA LESSA, s/d). Regiões como as do Vale do Paraopeba em Minas Gerais, tiveram grande desenvolvimento no Período escravagista por meio de atividades de fiação, executada por trabalhadoras negras escravizadas. Inclusive, é possível dizer que o seu trabalho na indústria têxtil artesanal configurou um diferencial em muitas economias locais e regionais.

Ao longo das décadas é possível perceber uma mudança nos modos de produzir peças artesanais (re)inventadas pelos grupos protagonistas. Araújo (1997) aborda as transformações na produção de “redes-de-dormir” no Nordeste brasileiro. O autor considera que estas mudanças têm por princípio a incorporação de outras matérias-primas (agora industriais) na confecção das peças bem como a mudança de valor de uso das referidas redes. Adquirindo o *status* de artigos de lazer e decoração, o que ampliou o mercado, muda também as formas e o preço final de cada peça. Além disso, também é importante considerar que as tecelãs e tecelões, passam a incorporar as técnicas já consolidadas em alguns produtos para a confecção de outros, variando a produção. Assim pode-se constatar que estas (re)invenções podem ultrapassar a própria peça, ou seja, estas modificações substanciais na produção, também configuram mudanças no espaço e na vivência da profissão, percebendo-se protagonista do conhecimento.

Atualmente, na região do Seridó (Rio Grande do Norte, Brasil) o trabalho infantil é presente nas atividades de tecelagem. Segundo Campos (2001) milhares de crianças no Brasil estão inseridas, como trabalhadores precarizados informalmente, em diversos campos de atuação no que tange ao trabalho e nesta região, em específico, em atividade têxteis nas fábricas ou mesmo em seus lares. Sabendo-se que esta tarefa pode ser bastante árdua, provocando dores musculares constantes em quem as executa³⁹, cabe ressaltar a difícil situação enfrentada por estas crianças nordestinas.

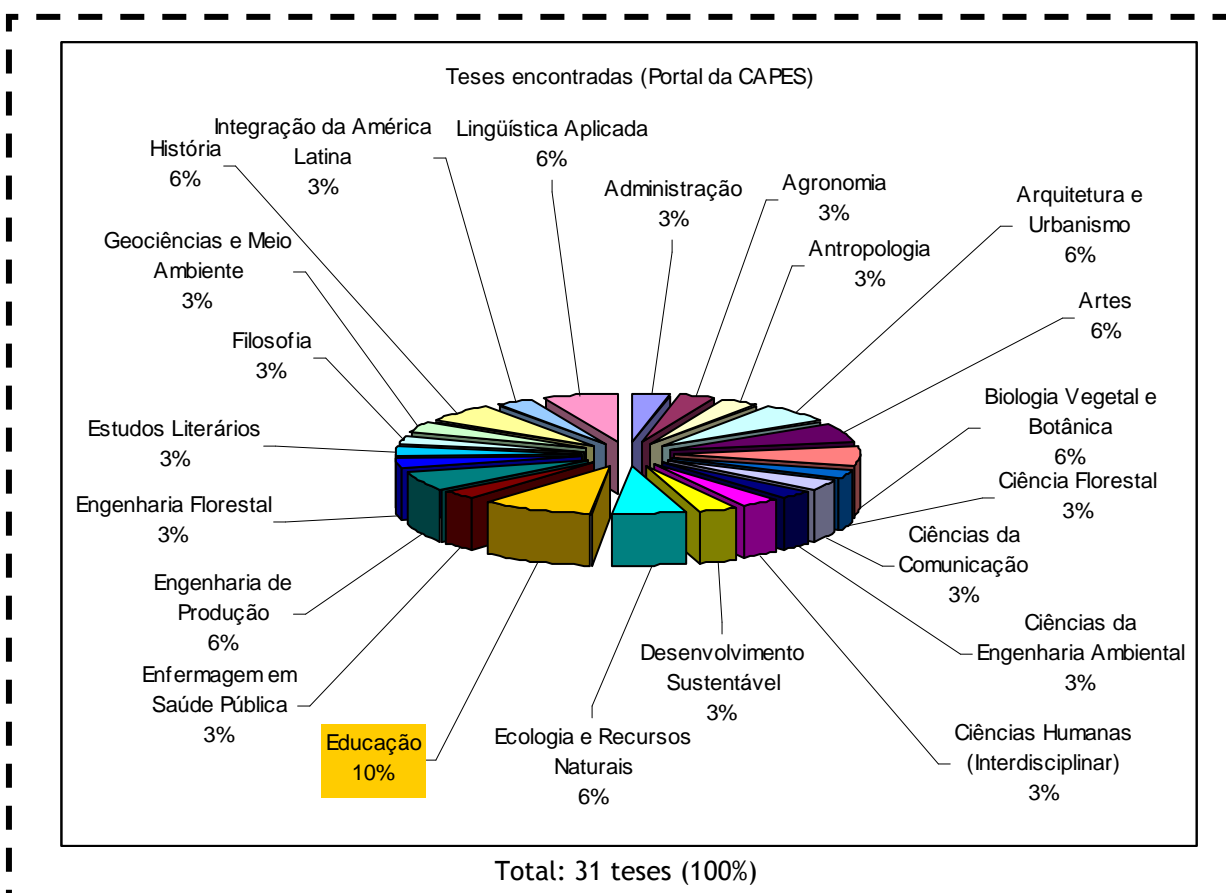
Não foram encontradas teses onde os termos crocheteiras ou tricoteiras estivessem presentes. Também, o “trabalho manual”, assim como é discutido nesta tese, não aparece. A referência aos trabalhos manuais encontrada, diz respeito ao uso das técnicas com mulheres idosas a fim de observar a influência de tais práticas

³⁹ Esta afirmação tem referência na pesquisa realizada pela Profa. Dra. Edla Eggert com tecelãs de um atelier no município de Alvorada na região metropolitana do RS.

(assim como outras, vinculadas ao lazer) na promoção de saúde e bem-estar destas mulheres. O estudo aponta para uma contribuição significativa de tais atividades no retardamento dos “efeitos negativos da velhice” no momento em que as mulheres podem conviver e superar tais condicionantes etários.

Percebe-se, portanto, que ainda hoje o tear, a tecelagem e outras questões referentes aos trabalhos manuais são apresentados em teses nos últimos anos, porém mais como metáfora do que como objeto de estudo. Como salienta Maria Tereza Esteban parece que a feitura destes trabalhos bem como seus protagonistas ainda são considerados como

Fatos e pessoas que não correspondem às grandes narrativas que constituíram os discurso privilegiado das ciências, tornando-se invisíveis a uma ciência que não incorpora em suas análises o “*drama e a trama da sociabilidade do simples*”, aqueles a quem a vida social imprimiu “*a aparência de insignificantes e que como insignificantes são tratados*”. (MARTINS, 2000, p. 135 apud ESTEBAN, 2003, p. 127)



No campo da Educação também podemos destacar os estudos de Eggert em projetos de pesquisa desenvolvidos desde 2005. O primeiro deles “Mulheres Tramando contra a Violência: a produção do conhecimento na ação simultânea do pensamento e da criação artesanal “ desenvolvido no biênio 2005-2006, teve por objetivo analisar as implicações da produção intelectual relacionadas com a produção artesanal como mediação na [re]criação do conhecimento de assessoras técnicas que trabalham com situações de violência no CECA (Centro Ecumênico de Capacitação e Assessoria), possibilitando novas epistemologias e pedagogias nesse campo do saber⁴⁰. A partir deste projeto, foi publicado o livro “Narrar processos: tramas da violência doméstica e possibilidades para a Educação” (EGGERT, 2009) bem como artigos em periódicos e eventos científicos (EGGERT, 2005; 2005b; 2006; 2006b; 2006c; 2006d; 2006e; 2006f; 2008; 2008b). Sobre a produção artesanal em um atelier de tecelagem e as implicações deste processo, vem sendo desenvolvido o projeto “Tramas do ensinar e do aprender em um Atelier de Tecelagem na interface com a Pedagogia Escolar” (2007-2010). Tratando de analisar os processos metodológicos imbricados na fabricação de peças artesanais de tecelagem, relacionando-os com os processos pedagógicos vividos por professoras e alunas do campo da Educação. Parte da suspeita de que a pedagogia construída nesses espaços de trabalho é invisibilizada por meio do automatismo das funções e, tanto o trabalho manual da tecelagem quanto os trabalhos em sala de aula lidam com processos que se empobrecem na medida em que não se pensa e, conseqüentemente, não se teoriza sobre o que é realizada nessas práticas⁴¹. Também, deste trabalho, foram publicados inúmeros artigos bem como dissertações e teses tendo como abordagens temas a ele relacionados⁴² (EGGERT, 2008c, 2008d, 2008e, 2009, 2009b; EGGERT e SILVA, 2009; BAIERLE e EGGERT, 2007; CASTRO e EGGERT, 2009, 2009b; LEÃO e EGGERT, 2009; MOTTA e EGGERT, 2009).

Desde 2008, por este mesmo grupo coordenado pela professora Edla Eggert na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, vem sendo desenvolvida a pesquisa intitulada “O processo (auto)formador de trabalhadoras no artesanato gaúcho⁴³”.

⁴⁰ Conforme resumo do projeto.

⁴¹ Conforme resumo do projeto.

⁴² Citamos aqui, trabalhos já publicados e/ou defendidos.

⁴³ Na cidade de Alvorada, região metropolitana de Porto Alegre (RS).

Tal pesquisa intenciona visibilizar processos (auto)formadores (a partir de Marie-Christine Josso) de tecelãs que trabalham com essa forma de produção artesanal, por meio de observação participante, entrevistas individuais e coletivas. Em 2009 foi iniciada, também partindo desta temática, o projeto “A narrativa de processos auto-formadores de tecelãs - Construindo novos debates para a E.J.A.”. Através do resgate das narrativas sobre os processos da tecelagem e da suspeita de que serão visibilizados criatividade e conhecimento produzidos pelas tecelãs, tal projeto pretende contribuir na produção e sistematização de narrativas de processos auto-formadores para que, de posse desse material, os grupos de EJA tenham mais subsídios no debate sobre a realidade das vivências de quem busca esta modalidade de ensino (em geral, jovens e adultos oriundos das classes populares).

2.2. Programas para o desenvolvimento do artesanato: e os direitos das artesãs?

Em se tratando de uma profissão reconhecida, é contraditório que as(os) trabalhadores(as) artesãs(os) ainda executem suas tarefas, na grande maioria, na informalidade. Vários foram os acordos mundiais que direcionaram seu olhar sobre esta prática profissional. Todos eles, inclusive, com a participação do Governo Federal Brasileiro.

Presente nas discussões promovidas pela UNESCO está o Conselho Mundial de Artesanato, uma ONG fundada em 1964, a qual promove conferências internacionais para o trato das temáticas relativas ao artesanato e ao trabalho das(os) artesãs(ãos). Durante a IX Conferência realizada em Viena no de 1980 (com a participação do Brasil e mais 50 países), foi elaborada a “DECLARAÇÃO DE VIENA SOBRE O FUTURO DO ARTESANATO” que em seu conteúdo destaca seu apoio ao artesanato e aos artesãos (aos quais são chamados de artistas) nos seguintes pontos:

- * O direito de aprender e ensinar o artesanato durante toda uma vida, segundo nossa cultura individual.
- * O direito à pesquisa e a documentação, em nível de igualdade com outras disciplinas.
- * Igualdade de direitos a um suporte financeiro.

* O direito de organização, e de ser consultado sobre todos os programas que serão realizados para os artesãos e o artesanato. (Trecho da Declaração)

Outro documento importante é a “DECLARAÇÃO DE JACARTA SOBRE O PAPEL DO ARTESANATO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO” escrita partindo das discussões realizadas na Conferência e Mostra Internacional de Artesanato de Jacarta, realizada em 1985. Tal declaração traz outros elementos referentes à produção artesanal:

...Reafirmamos que o artesanato é vital para todos os países em desenvolvimento nas escalas econômica, social e cultural. Reconhecemos que o papel do artesanato no mundo é o de distribuidor da tigela de arroz para os países pobres, e que por si só age como um estímulo para o processo de desenvolvimento. (Trecho da Declaração)

A declaração de 1985, ainda traz “pareceres e recomendações” para os países que a assinam propostas pelo Conselho Mundial do Artesanato sobre os temas: “design e criatividade”, “educação e habilidades”, “mercado e *marketing*”, “museus coleções e lojas”, bem como “pesquisa e economia”.

As primeiras ações no Brasil em prol desta categoria (os artesãos, num primeiro momento), estão contidas em um documento chamado PNDA (Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato) vinculado ao Ministério do Trabalho, escrito durante o Governo Geisel, em anos de Ditadura Militar (1979). Além de observar a legislação passada desde esse governo até o atual, também realizamos uma leitura mais pormenorizada do PAB (Programa do Artesanato Brasileiro) e do Estatuto do Artesão (que tramita no Congresso Brasileiro desde 2004). É relevante observar estes documentos como forma de discutir a profissão de artesã(o), a qual é declarada e assumida pelas mulheres que participaram das entrevistas (ambas artesãs e professoras de artesanato), realizadas nesta investigação. Para além disto, tornou-se necessária esta abordagem a fim de reconhecer e explicitar um panorama deste contexto profissional onde estão inseridas e, através deste, perceber as confluências no seu cotidiano como profissionais.

É oportuno salientar que não é surpreendente que os achados venham complementar uma percepção inicial do que vêm acontecendo ao longo da história com àqueles conhecimentos que, para além de em determinado momento

concentrarem-se nas classes populares, estarem vinculados, por gênero, às mulheres e racialmente, às mulheres e homens negros.

Já na introdução do PNDA, é possível encontrar a seguinte consideração:

Vivemos num mundo analítico, em que o processo produtivo, desmembrando o todo em partes, satisfaz-se com o homem anônimo, dono de apenas uma visão parcial da realidade, sem se voltar para os produtos finais ou para o próprio sentido da nossa existência. Ora, o homem, essencialmente, é aquele ser que tem ânsia e possibilidade de síntese. A análise apenas é um diminuto estágio da apreensão da inteligência, diante do ser que desdobra os seres como método para melhor conhecê-los... Parece-me que o artesanato é a expressão popular desta ânsia criativa do ser humano. A visão de um todo que foi criado, a crítica a obra completa, que saiu da transformação do barro, do ouro, da madeira, da pedra, a satisfação do aplauso da sociedade, a admiração pela beleza extraída do inservível, esta possibilidade de realização pessoal, penso, está no âmago do ressurgimento do artesanato em plena sociedade industrial. De certa maneira, o artesanato é a volta às origens. (PEREIRA, 1979, p. 5)

Tal afirmação parece buscar fornecer um realce às questões que se aprofundam a partir das mudanças nas formas de produzir bens necessários às necessidades cotidianas. Além disso, salienta o “retorno às origens” como o desejo de encontrar sentidos na ancestralidade, já que na atualidade parece estar perdido pela fragmentação do ser e de sua prática.

Por isso mesmo, Pereira (1979, p.9) considera que “na transição industrializante algumas instituições da sociedade tradicional são preservadas, outras são alteradas ou transformadas, havendo mesmo as que são sacrificadas”. Podemos entender que a produção artesanal foi, complexamente, por um lado transformada e por outro, sacrificada. Transformada no que tange ao próprio modo de produzir que, mesmo sendo feito por um(a) artesã(o) do início ao final da confecção da peça, hoje já apresenta mecanismos de fazê-lo em maior escala e em peças quase iguais. Sacrificada pelo valor social que foi adquirindo frente à produção industrial em grande escala, a desvalorização do profissional, dentre outros elementos.

O que se vê na atualidade, é que “o velho e o novo estão misturados sem lógica e em proporções curiosas, que diferem muito de sociedade em sociedade” (PEREIRA, 1979, p.9). Portanto, é possível vislumbrar que os valores atribuídos às peças artesanais no Brasil, por sua diversidade, também são bastante diferentes. Cada região, estado ou cidade brasileira, pode ser identificada a partir de sua

produção artesanal, da maior ou menor relevância a esta prática. Por exemplo, no sul do Brasil, mais especificamente no Rio Grande do Sul, é extremamente valorizado o artesanato que remonta às conquistas farroupilhas, às lidas no campo e suas variações em outras peças (como, por exemplo, as almofadas que são decoradas com os “favos” que compõem a lateral das bombachas, o “ponchinho” feminino etc.). No Nordeste, as rendas e redes de dormir foram adquirindo outros sentidos. Saíram do patamar de peças de uso cotidiano para adorno e repouso noturno, tornando-se artigos de exportação e lazer. Assim, o valor das peças também vai sendo alterado, tendo em vista as determinações e exigências de quem passa a consumi-las.

É possível compreender, portanto que, mesmo com todas as alterações e a tão almejada industrialização, ainda é valorizado o trabalho artesanal e reconhecido como fonte de preservação da cultura, das tradições, das lembranças, da história, da vida. Trabalhar manualmente, produzindo uma peça do início ao fim, ainda é fonte de prazer e saúde mental para quem a produz. Sendo assim, a atividade artesanal não se diluiu nas águas passadas de uma sociedade retrógrada.

A modernização da sociedade pode ter feito subsumir-se a criação e confecção artesanal, mas não decretou o seu fim como poderia ser esperado. Por isso, é possível perceber que

O crescimento industrial delineou uma outra realidade para o artesanato brasileiro, na medida em que supria o mercado com produtos mais baratos e em larga escala. As oficinas artesanais foram deixando de produzir bens necessários tanto para o cotidiano doméstico, como para o trabalho no campo e nas pequenas cidades. Nesse novo contexto, os artigos artesanais passaram a ter forte apelo cultural, atendendo uma nova necessidade humana: preservar as suas memórias culturais, mantendo vivos o patrimônio imaterial brasileiro e a sua história.

Os artesãos foram os guardiões de grande parte dos conhecimentos relativos aos processos de produção tradicionais empregados em todo o país. Por isso, hoje esses produtos atendem novos nichos de mercado, onde a identidade passa a ser um valor a ser conquistado, num mundo onde a padronização e a globalização ameaçam a individualidade e a diversidade cultural. (FONTE: www.mdic.gov.br)

O artesão não é o operário e sabe disso. A peça artesanal não é a versão antiquada da manufatura. A fábrica não é uma versão modernizada e mecanizada da oficina. Não houve, ao longo da transição para o Capitalismo esta relação direta e ainda não há (nem haverá).

Sabe-se que, no caso brasileiro, a mão-de-obra escrava (baseando no trabalho manual) manteria a produção artesanal numa sociedade que precisava “evoluir” para um processo de industrialização. Contudo, não houve uma ruptura com esse modo de produzir tão logo ocorreu a oficialização da Abolição. Permaneceram os carpinteiros, as rendeiras, as costureiras, as tecelãs, os escultores e outros, prestando serviços à comunidade e garantindo algum sustento.

Importante ressaltar que, além deste fator relacionado à industrialização, outro ainda corrobora à desvalorização desta atividade: a questão da feminilização do trabalho artesanal em diversas de suas ramificações. Nos povos originários, o que era produzido por homens e mulheres era valorizado porque ambas as produções eram reconhecidas como importantes para a sobrevivência do grupo. Mudando os valores do que seja relevante para a sobrevivência, muda também a percepção sobre o artesanato, principalmente o que é feito por mulheres. Numa sociedade bélica, por exemplo, os adornos não são relevantes porque serão destruídos, além da já reconhecida “naturalização” das práticas femininas.

Foram encontradas referências ao trabalho artesanal masculino com todos os amparos necessários por ser considerado uma profissão (no caso do PNDA, por exemplo). Isso não parece ter ocorrido no caso das mulheres dada a “naturalidade” com que confeccionavam as peças. Confirmava-se este pensamento quando a confecção destinava-se a casa, ao enxoval etc. Se percebemos: *enxoval* e *enxovalhado* têm a mesma raiz etimológica. Quem sabe porque os enxovais são feitos para serem enxovalhados (no uso)... e limpos, trabalho que também é destinado, em grande parte, às mulheres “desenxovalhar os enxovais”⁴⁴.

Outra referência que dá uma idéia mais masculina ao valorizar o trabalho artesanal é a de que o “Dia do Artesão” é o dia 19 de março, data dedicada a São José Operário. Até neste sentido há uma desvalorização do trabalho artesanal feito por mulheres já que não são conhecidas as mulheres que, por exemplo, na Bíblia, faziam peças artesanais. O Rei Salomão em seus provérbios salienta que a “mulher virtuosa” tece, dando uma idéia de que esta prática era comum entre elas, e este é um texto do antigo testamento, anterior à existência de São José.

Não queremos dizer, com isso, que seja sempre e irrestritamente necessária a citação por sexo da atividade artesanal. O que causa estranheza é que, mesmo

⁴⁴ Em espanhol a palavra é *ajuar* e sua raiz etimológica vem do árabe.

sendo uma atividade que após algumas linhas é destacada como atividade feminina, esta venha no masculino (presente em vários estudos citados neste capítulo). Cremos que estas atitudes vão para além do uso da gramática da língua portuguesa de forma correta. Parece sim que, quando tratado como profissão, o trabalho artesanal aparece no masculino e quando tratado como “prenda” vem, necessariamente, no feminino. Dificilmente, nos textos estudados sobre a história do artesanato, encontram-se referências claras e detalhadas sobre o trabalho das mulheres.

Nos primórdios, a produção feminina, estava presente, eminentemente, no que diz respeito à economia doméstica. As mulheres tinham seu trabalho invisibilizado por ser realizado no interior da casa e não na oficina, o que possibilitava o contato do artesão com o público e destas mulheres sempre no âmbito do privado com suas pares. Essa invisibilização, portanto, também foi fruto, para além da “naturalidade” determinada ao trabalho artesanal/manual feminino, à distinção dada ao trabalho realizado por homens, considerado fruto de inspiração e da aptidão masculina para a realização de tais tarefas (contra natura, o que demandaria maior esforço).

Neste texto, mesmo com a necessidade de abordar de modo mais geral as questões relativas ao artesanato, estamos considerando àquela atividade feita por mulheres, sem a intenção inicial de produção em massa ou comercialização, que é feito para o lazer e distração, com forte influência sobre a auto-estima e a emancipação destas.

Cabe ainda ressaltar que o “artesanato confunde-se com a história do homem (*sic*), pois a necessidade de se produzir bens de utilidade e de uso rotineiro e até mesmo adornos, expressou a capacidade criativa como forma de trabalho”⁴⁵. Hoje, esta criatividade e este trabalho, vêm recheados da possibilidade de emancipar-se para estas mulheres artesãs.

⁴⁵ FONTE: www.mdic.gov.br (site do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio)

2.3. Visão panorâmica sobre o contexto argentino: *artesanías, artesanas y derechos*

Em contexto argentino, também foram encontrados documentos e associações que se dedicam a pensar a regulamentação e promoção da atividade artesanal. Como já dito, mesmo que encontrados os textos sempre no masculino, busca-se realizar uma leitura voltada ao contexto vivenciado pelas mulheres artesãs no referido país.

Uma destas instituições com os propósitos mencionados é a *Fundación para el Desarrollo de las Artesanías* (FUNDART)⁴⁶. Apresenta-se como uma instituição que, criada em 1994, tem o propósito de contribuir com o enriquecimento da capacidade empresarial, técnica e produtiva dos artesãos e artesãs argentinos. Sua sede está situada na cidade de Córdoba (Província de Córdoba) e é responsável pela organização de *la Feria Internacional de Artesanías*. Esta fundação tem como objetivo principal “promover la creación y estimular la superación individual de los expositores”⁴⁷.

Tem o apoio de instituições de caráter internacional como *La Comunidad Iberoamericana de la Artesanía* que promove jornadas técnicas de capacitação dos envolvidos com o setor artesanal e microempresarial em contexto latino-americano. A Fundação, corroborando as idéias difundidas por este organismo internacional, acredita ser necessária a criação de novas oportunidades comerciais e estímulo ao desenvolvimento de microempreendimentos produtivos que possam contribuir para melhor a qualidade de vida de artesãos e artesãs, bem como das regiões onde estão localizados. Considera que o favorecimento da preservação do patrimônio cultural (citado nas Declarações do Conselho Mundial de Artesanato), tendo como foco a produção artesanal, pode ser galgado no momento em que haja um intercâmbio entre artesãos e público, entre profissionais da área, técnicos e artistas. Também propõem a promoção da qualidade do trabalho artesanal por meio de entrega de prêmios e menções aos artistas mais destacados em cada especialidade. Percebe-se, na leitura de alguns destes aportes da Fundação, uma

⁴⁶ Informações obtidas através do site: <http://www.fundart.org.ar>

⁴⁷ FONTE: <http://www.fundart.org.ar/fundacion.asp>

visão bastante empresarial e baseada em princípios de “qualidade”⁴⁸. É também, compromisso da FUNDART a promoção de feiras.

La Feria Internacional de Artesanías, promovida por esta fundação no ano de 2009 em Buenos Aires, propôs-se a ser “*una feria muy diferente*, sendo parada obrigatória para os amantes da criatividade, da arte, do patrimônio cultural argentino, latino-americano e mundial. Busca a promoção e uma oportunidade para que os visitantes possam conhecer obras de *prestigiosos creadores* que transmitem a arte e a cultura de sua região através do que chamam “um ofício ancestral que transcende tempos e fronteiras e se expande em permanente renovação”⁴⁹ (*site* da FUNDART), apontando para uma possibilidade híbrida de passado e presente.

Também é destacada, com vistas a atrair mais visitantes, a qualidade das obras e a capacidade criadora de artesãos e artesãs como premissas básicas desta Feira, a qual proporciona aos interessados a oportunidade de adquirir produtos artesanais, com preços mais acessíveis, de diferentes partes da Argentina, da América Latina e de outros países do mundo.

Outra atração da Feira é a possibilidade de os visitantes verem o trabalho dos artistas sendo executado, ressaltando mais uma vez o caráter destas obras na união de técnicas milenares com desenhos e formas da atualidade. Outro grande referente nesta mostra é a possibilidade de aproximação do que chamam de genuínas expressões culturais e artísticas, o que caracteriza, segundo os organizadores, os diferentes grupos de artesãos e artesãs que participam da feira como expositores.

Salientam ainda que o apoio da FUNDART garante a integração harmônica do legado histórico artesanal e das expressões criativas contemporâneas com a crescente demanda de comercialização destes produtos confeccionados pelos artesãos e artesãs. Buscam, assim, colaborar com os processos de venda e ganho destes trabalhadores.

Dentre os objetivos da feira, que se caracteriza como um acontecimento cultural e econômico, está promover o trabalho artesanal, que é destacado como um ofício milenar que transcende tempos e fronteiras. Busca também hierarquizar e premiar peças artesanais “de qualidade”, recompensando seu criador na crença de que, com isso, irão estimulá-lo a sua própria superação. Através desta feira, seu

⁴⁸ Aqui citamos os princípios da “Qualidade Total” que visam esse tipo de prática.

⁴⁹ Tradução minha.

organizadores almejam fomentar a produção artesanal regional e sua posterior comercialização em mercados nacionais e internacionais e assim, impulsionar o desenvolvimento de novos negócios assegurando a perenidade da atividade artesanal em períodos onde não há mostras como esta. Por fim, apresenta-se como um evento ideal para que artesãos e artesãs possam “contactar-se com um público entendido que reconhece o verdadeiro artesanato e manifesta um alto interesse em adquirir peças únicas para presentear ou para colecionar” (*site da FUNDART*)⁵⁰.

Existem três possibilidades (categorias) de participação como expositor na Feira: artesãos convidados, artesãos interessados em participar e por delegações. Os convidados compõem um grupo considerado de alto nível pelos organizadores da feira. Estes preenchem uma ficha de inscrição e pagam uma inscrição de 30 pesos argentinos⁵¹ que irá para o caixa da FUNDART. Artistas e microempendedoras que desejam expor e vender suas obras na feira participam de um processo de seleção. Para participar, também é necessário o pagamento de 30 pesos argentinos e o preenchimento de um formulário. Um corpo de jurados, em dia e hora marcados, irá indicar obras que poderão participar, efetivamente, desta feira. Para artesãos e artesãs de outras partes do país ou do exterior é suficiente o envio de 3 fotografias coloridas das peças. Para as delegações, o processo é bem mais simples, bastando enviar o formulário e o pagamento da taxa. Depois de selecionados os participantes, passa-se ao pagamento do espaço para exposição que varia de 480 pesos argentinos a 1.700⁵² para artesãos independentes ou delegações. De 800 a 2400 pesos argentinos⁵³ para pequenas unidades produtivas e de 3.200 a 4.400 pesos argentinos⁵⁴ para microempreendimentos.

Não são aceitos para participação na feira produtos que sejam produzidos em série na atividade industrial, bem como peças produzidas com materiais deteriorados ou visivelmente precários ou ainda, que estiverem em mau estado de preservação e conservação. Também não são aceitos produtos manufaturados e *manualidades*, bem como qualquer manifestação que, podendo ser qualificada como expressão artística não seja considerada artesanato pelo corpo de jurados.

Vê-se que apontam para o que descreve Martins (1973) na distinção de

⁵⁰ Tradução minha.

⁵¹ Aproximadamente 15 reais.

⁵² Aproximadamente de 260 a 850 reais.

⁵³ Aproximadamente de 400 a 1200 reais.

⁵⁴ Aproximadamente de 1600 a 2200 reais.

trabalhos artesanais e manuais. As *manualidades* compreendem estes trabalhos que podem não ter a participação efetiva de seu criador em todos os momentos da confecção da peça. Corrobora-se esta idéia, no momento em que produtos alimentícios, pinturas e arranjos florais, também não se configuram como aceitos para a exposição na feira (conforme Regimento).

*La artesanía*⁵⁵, neste contexto, é compreendida obtendo um modo de produção específico e como uma expressão da arte popular. Prevê o comércio de peças confeccionadas com técnicas e materiais não industriais e requer do artesão uma habilidade, cujos “segredos” são transmitidos de geração em geração. Portanto a idéia central torna-se reconhecer e hierarquizar seu valor antropológico, estético e cultural. Neste momento é possível compreender que o artesanato assume o caráter de uma prática ancestral que se enriquece em cada obra ao incorporar as características do criador, do tempo e da comunidade que onde é gestada: *Étnica, rural o urbana... De cuero, madera, metal o cerámica... Útil y funcional o exótica y original...*

Segundo os idealizadores de *la Feria Internacional de Artesanías* toda criação artesanal corresponde a uma série de saberes e sentires que se conservam e se transmitem ao longo do tempo através da memória coletiva, da oralidade e de outros modos de expressão artístico-culturais que se recriam e legitimam em permanente equilíbrio entre tradição e inovação, parecendo que este é um ponto crucial que pretendem ressaltar. Por sua capacidade de expressar a identidade dos povos e despertar múltiplas sensações em seus admiradores, o artesanato, para eles, é reconhecida hoje como parte fundamental do patrimônio cultural intangível da humanidade.

⁵⁵ O artesanato.



Fotografía 6 - Feria de Artesanías de Bv. Oroño.

Rosario - Santa Fé - Argentina

FONTE: Acervo da pesquisadora.



Fotografía 7 - Feria de Artesanías de Bv. Oroño.

Rosario - Santa Fé - Argentina

FONTE: Acervo da pesquisadora.



Fotografía 9 - Espejo y muñeca soft hecho por Naara.

Capitán Bermúdez - St. Fé - AR

FONTE: Acervo da pesquisadora.



Fotografía 8 - Cerámica (Artesana: Naara)

Capitán Bermúdez - St. Fé - AR

FONTE: Acervo da pesquisadora.



Fotografía 10 - Cerámica y muñeca soft (Artesana: Naara)

Capitán Bermúdez - St. Fé - AR

FONTE: Acervo da pesquisadora.



Fotografia 11 - Artesana en la Feria Internacional

FONTE: http://www.artesaniabue.com.ar/01_4creadores.html

2.4. MaTEAR: mulheres do/no Rio Grande do Sul e as *manualidades*

O artesanato gaúcho é influenciado por diversas etnias. Além da influência indígena é possível perceber a contribuição do colonizador açoriano para o artesanato que é, até hoje, confeccionado no Rio Grande do Sul. Dentre as diversas manifestações pode-se citar a fabricação de brinquedos em madeira; a funda feita de forquilha; potes e outros utensílios feitos para guardar mantimentos; as pandorgas em papel que, mesmo sendo chinesas, foram trazidas para cá pelos imigrantes açorianos (MENEZES, 1956, apud BARBOSA LESSA, s/d, p. 47).

Ainda é possível perceber, nos instrumentos musicais e em outros trabalhos artesanais, a grande influência de homens e mulheres negros na construção civil (como carpinteiros, pedreiros etc.), nas charqueadas, na fiação de lã e na tecelagem, ao longo da história do Rio Grande do Sul. Barbosa Lessa (s/d; 2002), através de estudos que realizou, aponta para um contingente bastante expressivo

de negros e negras artesãos, na Real Feitoria do Linho Cânhamo⁵⁶ em 1801, confeccionando materiais que eram utilizados na feitura de cordas para navios: 42 fiandeiras, 6 tecedeiras, 5 costureiras, 1 alfaiate, 7 oleiros, 4 ferreiros e 5 carpinteiros.

É evidente que desde longa data, as mulheres gaúchas, de diversas etnias, têm se dedicado aos trabalhos manuais. Podemos começar pela divisão do trabalho na sociedade gaúcha do século XVIII onde “como regra geral, o trabalho masculino se desenvolve na lida de campo com o gado, enquanto o trabalho feminino se volta para as lides domésticas” (BARBOSA LESSA, s/d, p. 108). Estas “lides”, bastante árduas e aprendidas desde cedo, geralmente passavam de geração em geração e envolviam o conhecimento de diversas *manualidades*. Iniciava-se o contato com trabalhos manuais pela própria casa e, muitas vezes, não se saía dela. A mulher cuidava das crianças, adornava o lar, preparava tudo que é necessário para suprir as necessidades básicas da família e, não raro, tudo passava despercebido.

As obras consultadas a respeito do tema (BARBOSA LESSA, s/d; PEREIRA, 1979), especificamente aquelas que tratam da “cultura gaúcha” e do “artesanato gaúcho”, ao descrever o “trabalho feminino”, não tecem comentários para além do que é feito por elas e, muitas vezes, parecem valorar em inúmeras páginas aquilo que é realizado pelo “homem gaúcho”, explicitando seu trabalho como artesão e suas habilidades manuais. Sobre a mulher, ficam poucas páginas, sendo necessário buscar nas entrelinhas e em breves descrições os seus afazeres cotidianos, numa tentativa de assim pô-los à luz e refletir sobre seu valor histórico, social e pedagógico.

O trabalho masculino é bastante referido na produção artesanal, nos longos períodos de guerras os quais atravessaram o Rio Grande do Sul. Havendo, por este motivo um forte estímulo a que os homens fossem treinados como ferreiros a fim de agilizar a produção de ferraduras para os cavalos e lanças, que serviam de armamento. Esta profissão também era muito valorizada entre os gaúchos, para que fossem confeccionados utensílios que agora passavam a ser fundamentais na sociedade em crescimento: trempes para cozinhar, marcas em ferro para demarcar a propriedade do gado e cavalos, espetos para fazer o churrasco substituindo a madeira e, panelas de ferro. Após 1737 e com a vinda de casais

⁵⁶ Em São Leopoldo, RS. Brasil.

açorianos de 1748 a 1752, parece que, mesmo nas entrelinhas, uma maior presença feminina é reconhecida em território gaúcho.

Barbosa Lessa (s/d, p. 108) em sua descrição sobre o trabalho feminino nos ranchos gaúchos (séc. XVIII) destaca que

após o café da manhã, partem os homens para o campo, na atividade rotineira de vistoriar o gado ou eventualmente reuni-lo em rodeio. Sucodem-se então as variadas tarefas femininas, nas quais sobressai o cuidado com os filhos pequenos, quando estes existem. Uma tarefa constante é varrer o chão-batido da cozinha e despensa, e o chão geralmente assoalhado das demais dependências da casa, periodicamente; varrer o terreiro em torno da casa.

Salientando que o autor afirma que esta atividade de cuidado com os filhos “sobressai”, vale ressaltar que, talvez seja a menos reconhecida. Neste caso, estamos falando de mulheres que viviam em propriedades rurais, porém, destacando que são famílias pouco abastadas, sendo assim, não foi citada a presença de escravas amas-de-leite ou cuidadoras. Tal atividade requeria inúmeros conhecimentos, os quais envolvem o trabalho com as mãos (e até braços femininos bem fortes): o preparo do alimento para as crianças, o embalar, a higiene, a feitura de roupas, dentre outras necessidades básicas. Além desta, o varrer. Vinculada a esta atividade estava o fato de que as mulheres mesmas, muitas vezes, confeccionavam suas próprias vassouras com paus e ramas de algum arbusto (carqueja, por exemplo presos com anéis de arame ou de chifre, exigindo habilidades manuais para tal fim. Era um artesanato tão comum, necessário e corriqueiro que, suponho, nem as próprias mulheres reconheciam como tal.

Outras atividades descritas por Barbosa Lessa (s/d) podem explicitar ainda melhor o envolvimento das mulheres deste tempo com *manualidades*: lavar roupas no “arroio”, preparar todas as refeições da casa, lavar a louça e “areiar”, além de, debulhar milho, socar canjica e dedicar-se aos, propriamente ditos, trabalhos manuais ou artesanatos. Estes últimos, “não obrigatórios e sempre condicionados às necessidades de momento e habilidades individua[is]” (BARBOSA LESSA, s/d, p. 109). Então, partindo da descrição do autor, não há a feitura de trabalhos manuais por lazer. Segundo ele, inclusive, não havia nestas famílias, em sua maioria portuguesas, uma preocupação com a produção de adornos para a casa.

Dentre as atividades mais corriqueiras, estavam o conserto das roupas de trabalho ou a feitura de roupas novas: vestidos, saias, roupas de criança e para os

homens adultos (bombachas). Além de serem necessidade, estas habilidades também se configuraram para a mulher gaúcha como “prendas da prenda”. Na bibliografia consultada, não aparece o esmero dedicado às suas próprias roupas, mas, às do homem da casa ou futuro marido:

Uma bombacheira que se preza leva horas e horas imaginando e executando caprichosos “ninhos de abelha” (ou “favos de mel”) que irão ornamentar lateralmente, ao longo de toda a perna, a bombacha do esposo, do noivo ou namorado. (BARBOSA LESSA, s/d, p. 109)

Nesta época, a confecção dos “panos de prato” para secar a louça, feitos com sacos de farinha de trigo, também era uma tarefa feminina.⁵⁷ Conta Barbosa Lessa (s/d, p. 109) que com os sacos de estopa, usados, as mulheres faziam tapetes adornando-os com ponto-de-cruz (já com a influência das imigrantes alemãs). Esta informação deixa uma questão: não era total a despreocupação com os adornos para a casa, já que confeccionavam tapetes com ponto-de-cruz. Podiam ser adornos simples, mas existiam.

Outra habilidade feminina descrita por Barbosa Lessa é o trabalho com “trançados”, que passavam de mãe para filha. Usando fibra de tiririca, butiá, urtiga ou palha, as mulheres confeccionavam chapéus, bolsas e balaios (estes últimos, inclusive, temas do cancionero gaúcho). Para a confecção dos acolchoados (cobertores pesados para o frio), as mulheres cardavam lã de ovelha. Com a lã tecida, faziam xergões, outros cobertores mais leves e ponchos. Completando as pesas de “cama, mesa e banho”, com as penas das galinhas, preenchiavam os travesseiros, algumas vezes, inclusive, completando-os com ervas aromáticas.

Esta rotina era quebrada e o trabalho ampliado nos funerais, festas de casamento e batizados quando as mulheres se dedicam a fazer “... doces como sequilhos, merengues, pés-de-moleque, pão-de-ló, ambrosia, doce-de-leite, doce de abóbora e de batata-doce” (BARBOSA LESSA, s/d, p. 109) a fim de receber os convidados. Sabe-se também que, nesta época, nas primeiras casas em estilo português do século XVIII no Rio Grande do Sul, havia em “um canto, bem resguardado, a roca e o fuso, para fazer fios e tecer” (BARBOSA LESSA, s/d, p. 37). As mulheres, visivelmente, deveriam ocupar este “canto” a fim de desempenharem

⁵⁷ Hoje, estes panos, também feitos pelas mulheres, ganham pinturas e outros adereços.

suas tarefas. Quando estavam na sala, geralmente compartilhavam o mate-doce enquanto teciam e tramavam. Este mate compartilhado entre as mulheres do pampa (assim também as uruguaias e argentinas) com suas cuias de louça, variação do chimarrão, atualmente também faz parte de várias “rodas” femininas.

Mas não só no tear e no bordado é possível ver o trabalho artesanal feito por mulheres gaúchas. O relato de Barbosa Lessa (s/d) salienta bem como se deu a contribuição feminina na produção de redes para a pesca artesanal:

Nos meses em que a pesca é menos produtiva, os pescadores do mar dedicam-se a fazer suas redes, com o auxílio das mulheres.. Houve tempo em que o pescador tinha que buscar a própria matéria prima: fibras de gravatá ou tucum. Torcidas essas fibras, eram entregues às mulheres. Para fazerem os fios, elas utilizavam rocas. A roca consistia em uma mesinha de sustentação e uma roda, acionada esta à mão, nos modelos mais primitivos, ou a pedal, nos mais eficientes. A roda acionava, por meio de uma correia, a outra roda, menor, a que era afixado o fuso. Fuso era a vareta onde o fio ia se enrolando à medida que a roda maior imprimia velocidade à menor. Fiandeiras experimentadas podiam dispensar a roda, ficando exclusivamente com o fuso a rodar sobre o chão graças a um movimento contínuo dos dedos polegar e indicador. Uma vez cheio o fuso, tomava-se outro ainda vazio, e assim se repetia todo o processo. Do fio de cada fuso ia sendo feito o novelo (cada um pesando de 1 a 2 quilos) e os novelos produzidos naquele serão eram entregues ao mestre fazedor de redes. (p.60, grifos meus)

Vê-se também que as mulheres na atualidade, adaptaram artefatos confeccionados antigamente, modernizando-os ou conotando-lhes novos sentidos. O artesanato da feitura do poncho, por exemplo, que data do final do século XVIII, hoje é reinventado pelas mulheres. Antigamente, o poncho poderia ser encontrado em tecidos simples, rústicos, os quais se chamavam “bicharás”. Os mais finos, fabricados principalmente por *gauchos* uruguaio e argentino, foram denominados “palas”. No noroeste do Rio Grande do Sul, nas Missões, também eram confeccionados ponchos de algodão e no Paraguai era possível encontrá-los coloridos, próprios das tradições indígenas. As mulheres, para além de tecer seus xales, passaram a tecer ponchos de lã ou tecido, mas não os utilizavam. Atualmente, nos cursos de artesanato podem-se encontrar mulheres que tecem os chamados “ponchinhos”, com bastante estilo e enfeitados com flores de crochê. Diz-se que apenas nos anos 70 do século XX é que os ponchos passam a ser popularizados e, assim, utilizados entre as mulheres. Sendo assim, “os ponchos de lã crua, tecidos por mulheres da campanha, foram durante dois séculos usados

exclusivamente pelos homens [livres ou escravizados], na defesa contra o frio...” (p. 103).

No sul do Rio Grande do Sul, na região de Pelotas, na segunda metade do século XIX pelo luxo que passa a fazer parte do cotidiano pela riqueza das charqueadas há um aprimoramento das vestimentas e dos utensílios para confeccioná-las disponível entre as mulheres. Para cavalgar, eram preparados “selins” especiais para mulheres, pois estas, por suas roupas, precisavam cavalgar com o busto voltado para frente e as pernas voltadas para o lado esquerdo. Este “selim” era, segundo Barbosa Lessa (s/d, p. 100) “coberto de veludo..., geralmente bordado. A parte interna... é acolchoada e coberta de [veludo], com franjas de algodão ou prateadas”, demonstrando o cuidado com estes adornos dedicados por algumas mulheres.

Segundo este mesmo autor, é interessante perceber que, entre todas as mulheres (livres ou escravizadas) o couro era pouco utilizado em suas vestimentas, sendo exclusividade dos homens para roupas de trabalho. Portanto, pode-se compreender que o trato do couro era também masculino. Já a lã de ovelha era tratada por mulheres (geralmente escravizadas). “A técnica da tecelagem artesanal é oriunda do município de Mostardas, no litoral [do Rio Grande do Sul]... Na execução desse trabalho intervêm quase que exclusivamente mulheres, [até hoje]” (BARBOSA LESSA, s/d, p. 102), na confecção de acolchoados e outros utensílios para o frio.

Exclusivamente feminino, também, era o trabalho de confecção de peças cerâmicas na cultura Guarani. Esta tradição, disseminada na tradição tupi-guarani no Brasil, de modo geral, foi bastante desenvolvida e envolvia um trabalho minucioso e complexo. “De barro cozido eram feitos não só os pequenos cachimbos, [...] como também panelas de cozinhar e grandes recipientes destinados ao preparo das bebidas fermentadas” (BARBOSA LESSA, s/d, p. 29).

Segundo Barbosa Lessa (s/d), “não havia peças com finalidade decorativa, caracterizando-se aqui um verdadeiro artesanato utilitário” (p. 29). Parece-me que, esta afirmação depende da forma com a qual *miramos* estas peças, tendo em vista que o mesmo autor salienta que os utensílios eram enriquecidos em detalhes com decoração feita com a pressão dos dedos (corrugada), com as unhas (ungulada) e com sabugos de milho (escovada). Além desta decoração em relevo, havia a

decoreção em cores (vermelho, branco amarelado e preto). Uma alternativa para embelezar a peça era a feitura de desenhos geométricos lineares.

Outra expressão muito significativa da produção cerâmica guarani, explicitada no trabalho das mulheres, era a confecção das urnas funerárias, que mediam de um a dois metros de altura. O objetivo era colocar o corpo em posição fetal, objetivando um retorno ao útero materno, à “Mãe do Mundo” chamada Nhandeci. A urna era formada por uma base cônica, sem decoreção (onde ficava o corpo). Acima, duas ou quatro faixas decoradas com linhas geométricas. Na “boca” um anel para reforço.

Para folcloristas gaúchos contemporâneos, além da tradição do trabalho em cerâmica, são heranças da cultura guarani: a pausada narrativa de histórias passadas presentes na tradição gaúcha, a melancolia estampada os rostos pela saudade cantada em versos, o respeito pela honestidade mesmo na adversidade. Traços que não são apenas visíveis na cultura gaúcha, mas também em outras culturas latino-americanas.

Após esta contextualização do trabalho artesanal, passaremos a explicitar no próximo capítulo a sistematização que foi realizada sobre as Pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas. Conforme já explicitado, tal estudo embasou-se na observação participante, grupos de discussão e entrevistas em profundidade realizados com mulheres negras brasileiras e descendentes de indígenas argentinas compreendendo os anos de 2007 a 2009.

3. DAS PRIMEIRAS CONVERSAS COM AS MULHERES DE RIO GRANDE ÀS POSSIBILIDADES DE VISIBILIZAR CONHECIMENTOS E PEDAGOGIAS NO BRASIL E NA ARGENTINA

Realizamos o primeiro encontro em Rio Grande programado para 2007 no dia 09 de novembro. Uma semana antes foram deixados na escola Alcides Barcellos⁵⁸ 30 convites, os quais, segundo a diretora, foram todos entregues para mulheres negras trabalhadoras, atendendo aos critérios que foram solicitados. Com fé, esperávamos que comparecessem ao encontro pelo menos 6 mulheres. Esperamos... esperamos... e até às 14hs nenhuma mulher havia comparecido.

Para tratar de outro assunto, chegou uma senhora mestiça, pequenina. A diretora, que estava acompanhando o processo, perguntou se ela recebeu o convite e se estava sabendo do grupo. Ela disse que não, mas que estava interessada. Falou que precisava sair e que voltaria trazendo sua filha. Duvidamos. Acharmos que ela estava sendo, apenas, cordial. Qual foi a surpresa? Ela voltou. Trouxe a filha e ainda convidou mais uma amiga. Para fins de preservar suas identidades, chamaremos estas mulheres de D. Ducha, Chiku (sua filha) e Maysara (a amiga)⁵⁹. Por esta experiência, foi possível perceber que o melhor caminho para que outras mulheres fossem convidadas, seria o famoso: "corpo-a-corpo", até porque a intenção era de trabalhar com mulheres negras e a distribuição aleatória de

⁵⁸ Escola Estadual de Ensino Fundamental Alcides Barcellos - Bairro Getúlio Vargas - Rio Grande, RS, Brasil.

⁵⁹ Optamos por identificar todas as mulheres que participaram da investigação no Brasil com nomes de origem africana, os quais apresentam significados relevantes para que cada uma delas possa ser representada, com exceção do próprio nome da pesquisadora que, por razões óbvias, não necessita ser preservado. Os nomes escolhidos foram: D. Ducha (pequena), Chiku (falante), Maysara (facilidade), Chinue (abençoada), Laini (suave), Makini (tranquila), Subira (paciência recompensada), Gharibuu (visita), Dakarai (felicidade), Amina (calma), Omalara (querida), Nina (mãe), Awena (gentil), Ajia (rápida) e Niara (de propósito alto).

convites, não seria adequada.

Nossa conversa começou com as devidas apresentações. Conversamos sobre a proposta e o seu caráter de pesquisa. Esse foi um momento onde também foi possível rever as intenções e os porquês das escolhas feitas: um grupo de mulheres negras, no Bairro Getúlio Vargas, na Escola Alcides Barcelos, Educação, princípios da pesquisa participante e da pesquisa-formação, teoria feminista... Sendo assim, sabendo que seria necessário, em linguagem inteligível, explicar às mulheres o que era uma tese, partimos para algumas colocações mais de fundo.

Ressaltei que o interesse de pesquisa com mulheres negras vinha da minha própria história e dos meus estudos. Como uma mulher mestiça, que há algum tempo estuda a questão da negritude e dos “afazeres femininos”, percebi, através dos estudos e da vivência cotidiana que as mulheres negras ainda passam por algumas situações, as quais historicamente foram consolidadas. Elenquei o fato de serem constituintes, em sua maioria, das classes populares e, ainda com poucos anos de escolarização. Salientei que, mesmo com esta constatação, também foi possível, durante a “história oficial do Brasil”, perceber que é neste grupo onde ocorrem umas das formas mais criativas de resistência à vivência de opressão. A luta das mulheres negras é visível desde longa data.

Destaquei, após esta breve explicação, que havia escolhido o BGV (Bairro Getúlio Vargas) porque, em suas origens, era o que tinha o maior número de moradores negros e pardos na cidade do Rio Grande, permanecendo assim até poucos anos atrás⁶⁰. Outro motivo para a escolha de tal Bairro foi o histórico familiar. Meu avô e minha avó paternos, saindo de Canguçu, migraram para Rio Grande a fim de que ele fosse trabalhar na Empresa Swift⁶¹ e ela nas fábricas de pescado, com meu pai e meu tio ainda pequenos. Minha mãe, vinda de Tavares (interior do Rio Grande do Sul), também se abrigou em casa de conhecidos no Bairro. Minha madrinha, amiga de adolescência de minha mãe, também era moradora do BGV. Enfim, várias das pessoas da família ainda moram lá ou constituíram suas histórias nesse ambiente. No caso da minha mestiçagem, como já

⁶⁰ Não posso afirmar com muita precisão, mas o BGV, ainda hoje, parece ter um maior número de moradores negros e pardos. Nele, há diversas manifestações da cultura negra que foram destaque na cidade do Rio Grande até a década de 70 como: o “Negão da 5” e a “Nega Tereza” (carnaval), bem como vários centros espíritas de matriz afrobrasileira.

⁶¹ Na época, nesta empresa havia beneficiamento de carne e conservas de alimentos. Hoje a empresa não está mais instalada na cidade do Rio Grande.

comentei, “o lado negro”⁶² da minha família, sem que isso seja dito por mim em forma de metáfora, estava ou está lá.

A escolha da Escola Estadual de Ensino Fundamental Alcides Barcelos como “ambiente agregador” de algumas mulheres negras do Bairro se deu, porque lá circulam muitas mulheres com seus filhos, netos, sobrinhos, crianças que cuidam etc. Também, afetivamente, nesta escola, meu pai e meu tio estudaram, bem como outros membros da família.

Para elucidar o porquê de ter optado por conversas com mulheres, destaquei o caráter da pesquisa que estou desenvolvendo. Salientei que, no grupo de trabalho que integro, o qual se chama Linha de Pesquisa IV, optamos por formas de investigação que possam ter uma relação direta com as pessoas. Mesmo sabendo que precisamos estar em contato com os livros, lendo, estudando e escrevendo, não julgamos desnecessário falar com gente, tocar em gente, discutir, problematizar e conviver. Por essa via, como meus estudos são sobre mulheres, mulheres negras, educação de mulheres, trabalho feminino - também me interessa muito em conversar e saber o que elas pensam, sabem e fazem. Neste momento, olhos curiosos e meio duvidosos absorviam a minha fala. Pareceu-me que elas duvidavam da possibilidade de contribuir com uma pesquisa de Doutorado a partir da sua condição.

Para que a possibilidade fosse mais bem explicitada, dei destaque ao fato de que elas, durante sua vivência, aprendem e ensinam várias coisas, as quais, muitas vezes, ficam escondidas ou esquecidas. Concordaram e por fim, pergunto o que desde o início queria fazer: O que vocês gostariam muito de aprender? Escolhi iniciar por esta questão, já que através dos estudos que realizei com o grupo da Prática de Pesquisa (BARTRA, 2004; EGGERT, 2004, 2007, 2008, 2009) reconheço, assim como Eggert (2007, 2008) que há uma invisibilização dos conhecimentos ditos femininos e que as mulheres negras, muitas vezes, assumem uma condição de “não-saber” (EGGERT, 2003). Sendo assim, como percebido ao longo da conversa, se começássemos pela questão “o que vocês sabem fazer muito bem?”, talvez não iniciássemos um diálogo. Percebemos, após conversar com as mulheres que estas questões simples suscitaram uma boa conversa. O objetivo era buscar alguns elementos na fala das mulheres para a consolidação da proposta dos encontros: o

⁶² Expressão muito utilizada por minha mãe.

pretexto através do contexto.

Ao dizer o que gostariam de aprender, prontamente, citaram a pintura em tecido e vidro, o crochê e a feitura de arranjos florais. Saberes que geravam, segundo elas, momentos de distração e também, geração de alguma renda⁶³.

Rimos do relato da Maysara quando ela disse que queria aprimorar os seus conhecimentos de marcenaria. Por que rimos? Talvez porque este não era um conhecimento esperado como desejado, já que esse tipo de atividade foi mais apreendido pelos homens do que pelas mulheres. Ouvimos falar no marceneiro, mas “a marceneira” parece meio estranho.

Na segunda pergunta “O que vocês sabem fazer muito bem?”, houve silêncio e espera. A mais velha do grupo (D. Ducha), no momento com 65 anos, disse que sabia limpar bem a casa. Sua filha Chiku disse que sabia cozinhar bem e, inclusive, inventava pratos. A amiga convidada destacou que fazia pães muito bons e, prontamente, chamava a atenção por outro motivo. Seus cabelos estavam trançados e, por isso, perguntei: “- E estas tranças, quem faz em ti?” E ela me respondeu que fazia as próprias tranças. Retomei: “- E fazes muito bem. Acho que é uma coisa que tu sabes fazer muito bem, assim como fazer o pão”. Meio sem acreditar no que disse, concordou.

Neste primeiro momento da conversa, ficou visível uma questão que é oportuno elucidar. Vemos representada a questão do não-reconhecimento das mulheres frente aos conhecimentos que possuem. Houve silêncio entre as mulheres quando questionadas sobre o que sabiam fazer. Durante a conversa, foi possível que estas percebessem o quanto sabem, mesmo que a dúvida sobre a eficácia deste conhecimento ainda fosse presente.

Partimos para uma conversa mais pontual sobre seus afazeres tanto profissionais quanto no interior de sua própria casa. D. Ducha, com 65 anos, não sabe ler. Disse ela que gostaria de aprender, pois só sabia escrever/desenhar seu nome. Trabalhou com limpeza durante 9 anos e na Fábrica de Pescados por 3, emprego no qual não pôde permanecer pelo fato de ser uma pessoa com problemas respiratórios. Sua filha Chiku, com 39 anos, estudou até a 4ª série. Trabalhou durante 8 anos na Fábrica de Pescados. Hoje, lava roupas para fora, faz água

⁶³ Tais aprendizados, durante muito tempo na história das mulheres negras no Brasil e na Europa foram destinados às mulheres brancas. Mestiças, índias ou negras, não tinham acesso a este conhecimento.

sanitária e viandas de comida para vender. A Maysara, com 48 anos, estudou até a 5ª série. Também, como suas amigas, trabalhou na Fábrica de Pescados, foi doméstica e babá.

Esta conversa breve foi reveladora. Podemos dizer que foi uma conversa importantíssima para que fossem definidas algumas questões primordiais para que o trabalho prosseguisse. Primeiro: não seria conveniente, como pensado no início, ter um grupo com muitas mulheres. Só as três, que participaram no primeiro encontro em 2007, trouxeram elementos significativos das profissões que foram elencadas para iniciar a pesquisa, agregando um novo elemento: a questão da alfabetização e a utilização da linguagem escrita por estas mulheres. Segundo: a melhor maneira de convidar outras mulheres seria através do contato direto, do “corpo-a-corpo”, o que realizamos.

Ao final da conversa, foi entregue a cada uma delas uma lembrança: brincos. Cada uma recebeu um, de modelos diferentes. Por suas expressões, gostaram muito e deixamos marcado um novo encontro, no qual, a conversa foi gravada.

3.1. Primeira conversa gravada em Rio Grande: quando o artesanato ainda era um pretexto

Dia 12 de novembro de 2007. Neste dia, a Chiku foi a primeira a chegar. A primeira coisa que disse foi que os brincos que lhe foram presenteados já tinham sido pegos por sua filha de 12 anos. Esperamos... Depois de um tempo chegou a Maysara, já trazendo seus óculos pronta para realizar alguma atividade. Veio com sua neta.

Sentamos e começamos relembrando a conversa que tivemos na sexta-feira. A primeira coisa que falamos foi sobre os dias dos encontros. Acordamos que o melhor dia seria nas “segundas-feiras”. Sugerimos que iniciássemos no dia 26 de novembro, a fim de que pudesse ter um intervalo de duas semanas para organizar o material e confirmar com as professoras de artesanato, além de que elas também tivessem este tempo para convidar outras mulheres para participar do grupo. Nestes acertos e arremates, perguntei se este dia ficaria bom para a D. Ducha, que

não estava no grupo. Com isto, Maysara falou: "Ela quase não sai. Só para os pagamentos dela". Então, todas poderiam.

Depois disto falei: "*- Neste dia, vocês já vão conhecer as professoras e já vamos fazer uma primeira atividade. Só não sei se elas vão trazer pintura ou...*" Antes que terminasse, a Chiku disse: "É a primeira aula?" - expressando isto de maneira muito entusiasmada - confirmei que era.

Falamos sobre os próximos dias 03, 10 e 17 de dezembro, nos quais nos encontramos no ano de 2007. Combinei com elas que os encontros de 2008, marcaríamos no dia 17, pois teríamos que ver se, pelo fato dos filhos estarem em férias, seria dificultada a participação. Decidiríamos, neste dia, se entraríamos, também, "em férias", retornando em março. A Maysara disse que, da sua parte, não haveria problema, pois só cuida de uma neta, que virá com ela aos encontros ou ficará com sua filha (mãe da menina).

Retomamos a conversa da sexta-feira anterior. Partimos das perguntas: Por que estamos formando um grupo? Por que este envolvimento com este tema?

A Maysara, prontamente lembrou que havia dito que "tinha que fazer este curso" (o Doutorado), que tenho que apresentar "as coisas" (minhas produções) lá onde eu o faço (UNISINOS), que elas fariam trabalhos manuais e lá eu os apresentaria, também. Lembrou que "recebo um dinheiro" para isto (a bolsa). A Chiku lembrou que o curso é só com "pessoa morena". Destaquei que minha escolha foi trabalhar com mulheres negras porque vinculo este trabalho à promoção da igualdade racial e à emancipação da mulher. Falei que segundo dados nacionais, ainda hoje as mulheres negras são as que recebem os menores salários e têm o menor índice de escolarização, mas também que há, entre as mulheres negras, as formas mais criativas de superação destes condicionantes. Exemplifiquei dizendo que, se em geral, a escola é freqüentada por 8 anos, pessoas negras estudam menos e mulheres negras estudam menos ainda, por várias razões. Sem me ater aos dados quantitativos do IBGE (Instituto Nacional de Geografia e Estatística) trouxe uma idéia que pretendia, em outros momentos, retomar de forma mais elaborada⁶⁴, trazendo dados do SNIG (Sistema Nacional de Informações de Gênero da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres).

Conversamos, rapidamente, sobre o que as fez deixar a escola. A Chiku

⁶⁴ Pelo andamento da pesquisa, não foi possível.

disse que saiu porque tinha que cuidar os irmãos, pois a mãe trabalhava. Sendo assim, estudou até a 4ª série. A Maysara salientou que saiu da escola porque o seu pai faleceu e ela teve que ir trabalhar para ajudar sua mãe no sustento da casa. Depois de um tempo e já com filhos, ingressou na EJA (Educação de Jovens e Adultos), mas foi denunciada para o Conselho Tutelar por deixar seus filhos sozinhos em casa e, por isso, parou de estudar novamente, concluindo meio semestre da 5ª série. Disse que fez as provas da EJA desde a 1ª série, para conseguir relembrar algumas coisas, salientando: “O estudo hoje está muito mudado. Eu ia passando de série, mas desisti de novo se não eu já estava bem adiantada” (MAYSARA, depoimento, 12.11.2007)

Destaquei que, com um pequeno número de duas mulheres, Chiku e Maysara, percebemos o que as estatísticas nacionais dizem que ocorre, não sendo difícil encontrar pessoas que enfrentem a mesma situação. Aproveitei para dizer que estas também são razões para que a proposta que estava desenvolvendo acontecesse neste grupo, pois, como professora, tinha o desejo de que mulheres negras, mesmo com este contexto vivido, viessem participar de um grupo onde pudessem ensinar e aprender.

Fiz referência à pergunta feita na sexta-feira anterior: O que vocês mais sabem fazer? Retomando, em seguida, o que elas haviam dito. Apontei que ambas tinham muito conhecimento construído em suas próprias vivências e que, não é pelo fato de não terem muitos anos de escolarização, como agora eu estou tendo, que eu saiba mais do que elas ou elas saibam mais do que eu, lembrando que algumas coisas “eu sei mais” e outras “elas sabem mais”. Salientei que isto era algo importante das nossas oficinas: além de aprender, cada uma delas também poderia ensinar. Portanto, em alguns encontros pessoas convidadas viriam, por exemplo, para aprender a fazer tranças com a Maysara ou para aprender algum prato que a Chiku sabia fazer, para que cada uma pudesse ter a oportunidade de ensinar o que sabe.

Lembrei que poderíamos trabalhar com adolescentes, meninas que estudavam no Curso de Magistério, as quais, nesse contato, poderiam conviver com uma outra visão do que seja ensinar e aprender, até mesmo para que o seu trabalho em sala de aula fosse diferente. Contribuindo para que percebam que os alunos em sala de aula têm conhecimento produzido em seu cotidiano. Disse que

este foi só um exemplo, que poderíamos pensar este “ensinar” com outras pessoas, até mesmo com as próprias companheiras de grupo e que tudo dependeria do andamento do nosso trabalho.

Passamos a falar sobre a pergunta: O que vocês gostariam de aprender? Prontamente lembraram do crochê, dos arranjos florais, da pintura em tecido e vidro. Brincamos, neste momento, com a Maysara, pois ela falou na sexta-feira anterior que gostaria de aprimorar os seus conhecimentos básicos de marcenaria. Disse eu que as primeiras professoras que contatei durante a semana, não sabiam fazer os banquinhos, mas sabiam pintá-los com técnicas diferentes.

Passei para uma consideração que, depois que a ouvi, pensei em sua relevância para que eu mesma pudesse ir definindo alguns eixos do meu trabalho. Falei para as mulheres sobre o objetivo desta pesquisa, que depois se desdobraria em outros: conversar com mulheres que se identificassem como negras e que tenham trabalhado ou trabalhassem como domésticas, lavadeiras, babás ou trançadeiras, buscando perceber seus processos de ensinagem e aprendizagem a partir de um grupo, que tem como foco, o trabalho manual. Salientei neste momento que, em nosso pequeno grupo de três, já podemos encontrar mulheres as quais vivenciaram ou vivenciam tais práticas profissionais e trouxeram elementos muito significativos para a construção da tese.

E a questão: quem é negra? Quem se identifica? A Maysara contou que sua neta disse que viria às oficinas, mas que a filha da Chiku, a alertou para o fato de “não ser negra”. A menina retrucou, dizendo: “Mas a minha vó é preta. Eu vou sim. Minha mãe é preta”. Após contar a postura de sua neta, Maysara complementou: “A pessoa é branca, mas a família... vem de moreno”. Além disso, a Maysara alertou para a “mistura de raças”. Lembrei-me, rapidamente, de outra questão: a escolha do lado “mais forte”. Sendo mestiça, uma pessoa opta por se identificar pelo grupo que tem maior inserção social e sofre menos discriminação (comum entre os mestiços que se identificam como brancos). A neta da Maysara fez o caminho contrário neste momento.

Desde o início havia pensado sobre a escolarização destas mulheres, tanto que uma das questões iniciais na apresentação foi sobre este assunto, porém, mesmo sabendo que poderia acontecer, não refleti, especificamente, sobre a questão da alfabetização. A partir do desejo da D. Ducha percebi que, talvez,

precisasse dar maior relevância a este grande tema. Percebo que o fato de, nem a Maysara nem a Chiku, referenciarem-se às mulheres negras, como negras, mas sim como “morenas” - é uma forma de, através de um eufemismo, falar sobre esta questão.

No meio das conversas deste dia 12 de novembro de 2007, falamos sobre o casamento. Descobri que tanto a Chiku quanto à Maysara, haviam casado em torno dos 17 anos e que isto era algo bastante comum nas suas famílias. Sobre isso, a Chiku disse: “Depois que passa o tempo é que a gente vê” (CHIKU, depoimento, 12.11.2007), talvez tentando expressar que outras possibilidades para si poderiam ter sido vislumbradas se não tivesse casado tão cedo. A Maysara destacou que uma vantagem de ter filhos cedo, é que eles vão crescendo e elas, depois dos filhos criados, estarão novas para continuar sua vida. Mas podemos pensar, dentre outras coisas, nessa necessidade visível: “ter filhos e aproveitar a vida depois de tê-los criado”. Um corpo-para-outros que só pode “aproveitar” depois de ter servido a alguém, neste caso, aos filhos.

Também conversei com elas neste dia sobre o meu pensamento inicial de ter um grupo um número próximo a 30 mulheres, mas a percepção, em seguida, de não poder exceder um número equivalente a 10 mulheres. Elenquei várias questões para isto: o fato de necessitarmos de um espaço muito maior, de mais material e da dificuldade que poderia causar nos momentos de ensinar e aprender. Outro fator que destaquei foi o meu próprio envolvimento com os escritos da pesquisa, pois todas as conversas do grupo seriam gravadas e poderiam ser transcritas (EGGERT, 2003) sob a forma de narrativas, além das entrevistas individuais.

Combinamos também, o que seria feito no próximo encontro que teríamos. Num primeiro momento, havia pensado em fazer encontros uma vez por semana, mas as mulheres manifestaram o desejo de ter mais encontros. Portanto, foi preciso pensar numa proposta onde segunda e quarta-feira fossem os dias em que nos veríamos.

Parti, neste mesmo encontro, para outras duas questões, que considerei importantes para o estudo: quais as facilidades e as dificuldades nessas profissões que exerceram? Meu objetivo, neste momento, era conhecer mais a fundo tais profissões para além dos dados e contingentes que pude sistematizar através de inúmeras fontes. Optei por não partir da proposta “Então me conte como era seu

cotidiano como doméstica...” porque gostaria de saber algo mais específico. Na realidade eu pretendia através das “facilidades” e “dificuldades” perceber o que estas mulheres “sabiam fazer” e se era possível perceber superações no cotidiano.

A Maysara para responder à minha indagação, disse que o serviço de doméstica era todo fácil: limpeza, lavar louça. Perguntei o porquê de ela achar este trabalho fácil, e ela respondeu que era devido ao fato de “já saberem sobre aquele serviço”. Quando ela trabalhava como babá, disse que era mais difícil porque não tem muita paciência com as crianças, pois elas “abusam” (disse que uma vez, um menino que ela cuidava, quase perfurou um de seus olhos sem querer). Aspecto relevante e semelhante à história das mulheres negras no Brasil é o fato de que a Maysara, quando trabalhava como doméstica, acumulava a função do cuidado das crianças da casa. Chiku e Maysara notam que isto foi mudando com o tempo, pois, anteriormente as famílias contratavam mais do que uma pessoa. A Chiku salientou que “agora é tudo junto”, algo que relaciona a uma constatação da redução do poder aquisitivo das “patroas”, as quais têm optado por contratar uma pessoa, apenas, para diversas funções pelo mesmo salário. Segundo a Chiku, antes havia a cozinheira, a faxineira e agora não. Pergunto se o serviço “encareceu”, e elas deram a entender que a questão é relacionada às famílias que desejam contratar o serviço. Disse-me ela que hoje, para ter um serviço com carteira assinada, a pessoa deve “fazer de tudo”. Ao contrário, segundo a Maysara, só o trabalho de diarista é o que propicia fazer uma função mais restrita a cada jornada de trabalho. Muitas famílias preferem a diária para não precisar assinar a carteira.

Em outra casa que trabalhou Maysara disse que era babá, mas que “via as coisas por fazer” devido ao fato de sua patroa “não ter tempo” e acabava por realizar o serviço de doméstica além da função que já tinha, voluntariamente. Em todos os anos que trabalhou, Maysara não teve sua carteira de trabalho assinada.

A noção de tempo entre nós era bem diferente - Maysara me disse que trabalhou um “montão de tempo” como doméstica, quando pergunto quantos anos, ela responde: “Dois”, o que, para mim, era pouco tempo. Considerei que isto poderia ter ocorrido pelo fato de que dois anos em uma função insalubre e cansativa, podem equivaler a vinte em outro lugar onde isto não ocorre.

A última vez que Maysara trabalhou como babá foi em 1998. Dentre as funções como babá, destacou: buscar na escola, dar comida, lavar as roupas da

criança... Contou que uma das que cuidou tinha Síndrome de Down, o que ela representou dizendo: “aquelas que são todas parecidas umas com as outras”. Quanto a esta, disse que precisava “correr”, pois ela comia areia dos vasos e mexia nas coisas. Perguntei se ela ganhava o mesmo salário (um salário mínimo) e ela me disse: “Que nada! Naquele tempo era 25 reais por semana⁶⁵. Do outro gurizinho eu ganhava 50, mas dessa eu ganhava só 25”.

Suas contratações sempre se davam por mulheres. Uma das “patroas” da Maysara, que estudava e trabalhava no comércio, residia perto da sua casa. Na outra, ela trabalhava como babá, pois a “patroa” também era uma babá.

A Chiku dando seqüência aos relatos, disse que lavava roupas para fora. Declarou que não sabia o que era o mais difícil, porque já estava acostumada a fazer o serviço. Antes lavava roupas no tanque, mas no final de 2007 comprou uma “maquinazinha”. Segundo as duas, o uso da máquina, depende do tipo de roupa que será lavada - roupas de serviço (macacões) seriam melhor lavados no tanque porque era necessário escovar - sendo considerada uma roupa “bem difícil”. A Maysara complementou dizendo: “Eu sei, porque eu lavo o do meu marido e é horrível”.

Perguntei a elas: “Como é lavar a roupa no tanque?” salientando que eu não tinha esta experiência, mas que eu, quando criança, brincava de ser uma máquina de lavar, revirando as roupas que minha mãe havia deixado de molho. Contei que, uma vez, o tanque caiu por cima de mim e minha mãe ficou muito zangada, pois seu trabalho precisou ser refeito. A Maysara disse que a resposta depende da pessoa, pois sua neta, bem pequenininha, já gostava de lavar roupas no tanque. Ela dava um pedaço de sabão para a menina, a qual ficava brincando de lavar, esfregando bem a roupa. A Chiku salientou que “mais se molham do que lavam”.

A Maysara reforçou que sua neta deixava as roupas bem branquinhas e que o gosto vem desde pequena, expressando crer em certa naturalidade no gosto por afazeres domésticos nas mulheres. Disse que só lavava no tanque as roupas do serviço do marido, o restante lavava na máquina, mas que esta não limpava muito bem, melhor seria utilizar os braços. Disse que trocou um “tanquinho” por uma máquina de lavar que ganhou no Dia das Mães de um de seus filhos. Segundo a

⁶⁵ Em 1998 o salário mínimo era R\$ 130,00.

Chiku, a máquina ajudava muito no inverno, pois no verão “é bom lavar roupa no tanque”. Era considerado refrescante e o fato de estar lavando uma roupa e a outra já estar praticamente pronta no varal, para a Chiku, é muito bom. Seria como gratificar o seu trabalho. A Maysara disse que “lava duas vezes”, porque lava no tanque com escova e sabão primeiro, para só depois colocar as roupas na máquina de lavar. Um aumento visível do trabalho.

Perguntei se quando lavavam roupas no tanque, não amolecem as cutículas, pois lembrei do relato da folclorista Hildegardes Viana sobre as lavadeiras no século XIX. Ela me disse que as unhas amolecem e quebram, por causa do sabão em pó e do alvejante. Perguntei, também, se não doía e a Chiku disse que não, que “só quebrava as unhas”. A Maysara disse que não dói, porque “já se acostumaram com a dor”. Um paradoxo, porque se já se acostumaram com a dor é porque ela existe.

Além de inventar pratos, a Chiku também fazia “comida para fora”, a qual vendia para sua irmã porque “ela não gostava de fazer comida”, para sua mãe e para um “outro senhor”, cobrando por isso e complementando sua renda. Portanto, várias pessoas dependem da sua comida. A Chiku acordava cedo e já deixava tudo preparado. Em síntese, lavava roupas para fora, fazia alvejante e fazia comida para vender. Ela mesma gerenciava e vendia os produtos do seu comércio, inclusive, tinha a Maysara como cliente.

Durante esta conversa, incentivei a Maysara a que ela também pensasse em fazer tranças como uma forma de aumentar sua renda. Apontei para as minhas tranças e ela confirmou que saberia fazer, pois, inclusive “nos outros é mais fácil de fazer porque dá para repartir direitinho”. Segundo ela, no próprio cabelo ficava mais difícil. Contou-me que iria desmanchar suas tranças para pintar o cabelo e depois trançar novamente. Maysara contou que aprendeu a fazer tranças com sua filha de 24 anos, ao contrário do que geralmente é visto, pois é mais comum que as mães as ensinem. Sua filha aprendeu olhando para outras tranças, começou a fazer em si e depois fazia, também, na Maysara. Disse que sua filha era preguiçosa, mas que tinha habilidade “para tudo” (pintura, tranças).

Quando questionei sobre “onde aprenderam a fazer a lida doméstica?” Maysara respondeu:

Em casa mesmo, na necessidade. A minha mãe tinha que trabalhar e em casa nós éramos quatro - cinco, mas o outro, mais velho, viajava. Então a mãe deixava uma tarefa para cada um: um lavava a louça, o outro lavava a roupa, o outro fazia comida... só que, às vezes, a gente passava o dia brincando e só ia fazer as coisas perto dela chegar. Tinha dias que nós brincávamos o dia inteiro, quando chegava lá pelas 4 horas a gente fazia alguma coisa (Depoimento, 12.11.2008)

Perguntei se o aprendizado de cuidar crianças foi da mesma forma e ela disse que sim - cuidando seus próprios irmãos. Quanto à Chiku, me disse que aprendeu a lavar roupas sozinha. À semelhança da Maysara, a mãe tinha que ir trabalhar e ela era “obrigada” a fazer este serviço. Os irmãos homens faziam carreto na feira e ela ficava em casa no trabalho doméstico: “fazendo comida para esperá-los com a comida pronta”. Sua mãe, D. Ducha, também lavava roupas para fora e trabalhava em limpeza.

Os irmãos homens da Maysara eram mais participativos no serviço doméstico. Salientou-me que um sabia fazer pão muito bem e o outro, o mais velho, sabia cozinhar. A Maysara disse que o fazer pão, aprendeu olhando sua mãe, mas doces, nunca aprendeu a fazer. A Chiku disse que sabia fazer “MU-MU” (doce de leite), contou-me que era melhor fazê-lo em fogão à lenha e que o leite precisa estar bem azedo para que possa ser feito um bom doce.

Maysara mostrou-se interessada em convidar sua filha e sua irmã para participar do grupo de artesanato. Acertamos neste dia 12 de novembro, que todo o material que iríamos precisar seria trazido por mim e no dia 26 de novembro já teríamos a “primeira aula” de crochê e assim, iríamos combinando outros dias. Salientei que a geração de renda era uma oportunidade que teriam através destas oficinas. A Maysara e a Chiku concordaram comigo e disseram que estas peças artesanais seriam fáceis de comercializar no próprio bairro.

Conversamos um pouco sobre o aprendizado do crochê e a Chiku lembrou do que viu na televisão sobre as rendas de bilro e sua percepção sobre esta bela arte. Salientei o quanto era difícil vermos esta prática em Rio Grande, mas em outros lugares, por exemplo, no Nordeste do Brasil, podemos ver até crianças fazendo renda, as quais aprenderam com suas mães, que aprenderam com as avós.

Combinamos que entraria em contato com a Chiku, por telefone, para saber quem mais iria participaria do grupo. A Maysara disse-me que se “irritava” porque havia mulheres “precisando fazer alguma coisa” e ficavam paradas o dia

inteiro sem fazer nada. Destacou que ficava difícil para ela estar na escola porque tinha os filhos pequenos, mas que agora este problema não existe mais para as mulheres, pois existem as creches. Segundo ela “se a gente não trabalha, tem que aprender alguma coisa”.

Segundo a Maysara mesmo recebendo algum incentivo dos companheiros, algumas mulheres não queriam participar de grupos como este que estávamos formando. Conversamos sobre esta dificuldade que muitas mulheres têm de se desacomodar, de sair do espaço da casa, do lar. Segundo a Maysara era importante para as mulheres “se distrair”, sair da casa, principalmente, quando se tem problemas a resolver. Para ela, “a cabeça fica aliviada”.

3.2. Os primeiros indícios de que o artesanato era o “ator principal” na cena ou a virada no objeto de pesquisa

Conversar com as mulheres com o propósito de buscar uma aproximação dos cotidianos vividos por elas e consolidar vínculos, possibilitou o olhar sobre a forma de intervenção escolhida e a composição de um novo perfil para o trabalho. Ao perguntar às mulheres sobre o que sabiam e perceber que elas não queriam falar sobre esses trabalhos que geraram desemprego, passamos a refletir sobre o que gostariam de saber. Demonstraram maior facilidade em “saber o que não sabem” do que em manifestar suas aprendizagens já dominadas/conquistadas. Contudo, no desenrolar da conversa, fluía uma série de conhecimentos sobre o trabalho que, para o olhar de pesquisadora, tornavam-se possibilidades de superar os condicionantes sociais: lidar com a dor durante a execução das tarefas, aprender com os modelos, superar a falta de recursos financeiros criativamente através de inúmeras atividades, lidar com o despreparo para os desafios diários, apontar suas visões de mundo (mulher primeiro cuida dos filhos para depois “aproveitar”, por exemplo). Porém, este era, como já citado, o olhar de pesquisadora, organizadora do grupo a ser pesquisado e militante do movimento negro.

Na realidade, estas mulheres não queriam ensinar o que sabiam porque visivelmente na conversa deixavam indícios de que era uma vivência sofrida e indesejada. Queriam aprender coisas novas que as tirassem daquele contexto, pelo

menos por uma tarde. Por isso, podemos compreender o porquê de ressaltarem com mais facilidade o que gostariam de aprender. Estes foram os primeiros elementos para dizer que a saúde mental era um tema bastante relevante para estas mulheres, presente na expressão de Maysara sobre a necessidade de “aliviar a cabeça”.

Mesmo que fosse delineada uma possível compreensão das intencionalidades de um diálogo com mulheres negras trabalhadoras e seu vínculo com o que chamamos de *pesquisa participante formadora*, baseando-nos nos escritos de Josso (2004), Brandão e Streck (2006) e Freire (2006), não foi percebido, num primeiro momento, que as mulheres não desejavam reformar o seu cotidiano e sim, ingressar em outra vivência: a do artesanato.

Entendemos, por esta via, algumas das vivências de mulheres negras ontem e hoje. Concebemos que, quando optavam por transformação, as mulheres tinham ganhos significativos e que, permanecendo no âmbito das reformas, tendiam a se emaranhar, ainda mais, nas teias que as oprimiam e que, com isso galgando pseudo-alternativas transformadoras. Contudo, ainda não havia sido percebido, na época, que falar do trabalho doméstico, do trabalho como operárias, babás, lavadeiras e domésticas, segundo as mulheres, não seria uma alternativa para esta mudança que almejavam. Talvez fosse, apenas, um elemento interessante para a composição de uma tese no campo da Educação. Ensinar o que, na maioria das vezes, se apresentava com uma tarefa árdua, na qual tinham que superar a dor, organizar-se em um tempo restrito, atender às exigências de outrem, era uma incoerência. Queriam uma novidade. Seria reformar o cotidiano, e não o superar. Era como dar voltas em si mesmas sem avançar.

Em 2007, pensando sobre estas realidades vividas pelas mulheres, compreendemos que era importante buscar indícios do passado e pensar na atualidade. Era visível nos depoimentos das três primeiras mulheres que participaram da pesquisa (D. Ducha, Chiku e Maysara) proximidades com suas ancestrais lavadeiras, domésticas, babas e trançadeiras. Então, por isso a atualidade dessa vivência veio à tona, novamente. Como mulheres negras o que ainda está nos oprimindo? Quem é este senhor que nos faz perder a dignidade? Que nos coisifica? Será que conseguimos distingui-lo? Será que ele existe? Que contribuições efetivas poderiam ser possibilitadas com a escrita de uma tese neste

campo?

Atualmente, diluído nas relações sociais, estão vários destes supostos “senhores”. O regime não é mais escravista, o cativo agora é “cativante”. Assim como nas prescrições da socialdemocracia apresentada por Eduardo Bernstein⁶⁶ no final do século XIX, talvez estejamos mais buscando adaptações do que modificações sistemáticas de nossos atuais cativos. Empreendemos resistência, mas somos, em vários momentos cooptadas, exatamente, pelo que mais nos oprime.

Não somos mais “propriedades” de senhores, mas continuamos a nos coisificar e sermos coisificadas. Segundo Freire, a coisificação é uma das artimanhas para nos desgentificar. Deixamos, com isso, de perceber nosso lugar no mundo e na história, para viver passivamente nela, como coisas. Coisificando-se, mulheres olham para suas práticas profissionais como tarefas automatizadas. Lavar, passar, cozinhar, arrumar, cortar, cuidar, esperar... Nem mesmo o ganho final compensa os dias trabalhados e tudo se torna sempre tão igual e enfadonho. Então, porque ensinar exatamente isto?

De outra forma, em busca do padrão de beleza hegemônico, que lhes é tão distante, acreditam nas promessas dos produtos milagrosos que as transformarão em musas do dia para a noite. A indústria cosmética que, há 20 anos era bastante restrita, hoje é farta de cremes alisantes, relaxantes, enfim, produtos que se destinam às mulheres negras. A compreensão deste fenômeno tem várias possibilidades. Por um lado, pensamos: “Nos últimos 10 anos houve uma preocupação da indústria cosmética em abarcar, também, este público, prestando-se a facilitar a vida das mulheres negras em seu embelezamento” - Será? Quem consegue acreditar piamente nesta afirmação?

Se olharmos na radicalidade, vislumbraremos uma indústria que gera necessidades. Saindo de uma perspectiva mística e ancestral, a maquiagem, o cabelo, o corpo da mulher passaram a ser consumidos e consumir. Há bem mais tempo, mulheres das classes médias, em sua maioria de descendência européia,

⁶⁶ Um dos principais teóricos do Partido Socialdemocrata alemão e da II Internacional... Depois da morte de Engels, Bernstein abandonou o marxismo revolucionário... As idéias de Bernstein tiveram uma imensa influência, não somente sobre a socialdemocracia alemã, mas também sobre todo o movimento operário internacional. Pois o revisionismo é a expressão ideológica da adaptação da classe operária às condições criadas pelo capitalismo no curso do período de 1800 a 1911. Ele reflete as aspirações pequeno-burguesas da aristocracia operária (LUXEMBURGO, 1999, p. 121-122, notas). Eduardo Bernstein viveu de 1850 a 1932.

tinham acesso aos produtos que “facilitavam a vida da mulher”. Obviamente, mulheres negras, sem poder aquisitivo, corroborado pelos censos nacionais, não teriam como consumir de pronto tais produtos, por isso, eles não existiam. Uma análise simplista? Não cremos que seja. Para o embelezamento, principalmente capilar, as mulheres negras contavam com receitas caseiras, pentes quentes e, no máximo, henê⁶⁷. Será coincidência que, a partir da década de 90 foi possível vermos um “boom” de cosméticos destinados às mulheres negras, exatamente no momento em que há um aumento de sua renda?⁶⁸ Facilitaram a vida... sim! Mas também impuseram necessidades. Mesmo que concordemos com Freire quando diz que não vê motivos para que “militantes progressistas, homens e mulheres, precisem ser descuidados de seu corpo, inimigos da boniteza, como se fosse exclusividade de burguês” (2006, p. 61), há que se pensar na linha tênue que existe entre “sentir-se bem esteticamente” e cumprir cegamente a exigência de um modelo hegemônico inatingível.

Percebe-se que as mulheres negras sugerem algumas características, a partir do que lhes foi legado em sua vivência pós-diáspora, aqui no Brasil: são loucas, presas, oprimidas e revolucionárias. Portanto, talvez seja possível sintetizar a história das mulheres negras no Brasil em dois grandes momentos, largos e abrangentes demais, mas que possibilitam uma intrigante percepção. Mulheres negras têm suas histórias marcadas por dois momentos históricos: o escravagista e o pós-escravagista. Sobre o primeiro, tinham uma péssima percepção. Às mulheres intrigava o cativo, a necessidade, o risco, o descaso, a crueldade dos senhores etc.; por isso, suas ações de resistência ao modelo eram notórias (conduzindo à transformação). Já o outro momento torna-se, ao mesmo tempo, opressor e sedutor. O “senhor” já não tem forma e rosto. Ele se dilui nas relações sociais, vela-se e metamorfoseia-se (conduzindo às reformas).

As formas de resistência no período de escravidão se mostram em situações cotidianas. Por várias razões, era permitido, às mulheres, circular pelas cidades. No âmbito das práticas profissionais, como a lavagem de roupas e a venda de quitutes, o acesso às ruas era permitido a elas. É possível inferir que elas causavam

⁶⁷ Alisante a base de chumbo, muito utilizado antes do lançamento de outros alisantes a base de amônia.

⁶⁸ Sergei Soares (2000) do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) destaca que em 1987, a renda de mulheres negras equivaleria a pouco mais de 30% da renda de homens brancos. Em 1999 esse índice chegou a 40%.

certo incômodo, por sua simples presença numa sociedade escravagista e machista. A circulação nas ruas, além do ganho, significava uma possibilidade de resistir ao sistema. “Em Minas, eram vistas como elementos perigosos pela liberdade de circulação que tinham através das lavras, possivelmente contrabandeando ouro e acoitando negros fugidos” (SOARES, p. 9).

Vários outros relatos remontam à resistência ao modelo protagonizado por elas em suas andanças, pois “aliava-se, por exemplo, o vai-e-vem das mulheres a algum tráfico proibido e/ou comunicação com negros aquilombados. Em 1835, ganhadeiras⁶⁹ foram acusadas de fornecer comida aos rebeldes malês e participar da conspiração” (SOARES, p.11), o que são, mais uma vez, indícios claros de resistência. Consolidaram-se de tal forma que sem os quitutes e produtos comercializados pelas vendeiras “seria, praticamente, impossível viver no Rio de Janeiro, Salvador e Recife, durante os séculos XVIII e XIX” (MOTT apud SOARES, p. 11), pois elas disponibilizavam produtos que eram escassos. Devido à monocultura do açúcar para exportação, era diminuta a produção de outros gêneros alimentícios, alguns deles supridos por estas mulheres que conheciam os segredos do cultivo e da conservação dos produtos.

Outros relatos podem colaborar ainda mais com esta idéia da resistência feminina escrava, sobre o modelo que as oprimia. A legislação vigente no século XIX trazia, em seu bojo, uma série de recomendações a fim de possibilitar um maior controle sob a circulação de escravos e escravas nas cidades. Nessas leis constavam multas e castigos para trabalhadores e trabalhadoras escravizados que desobedecessem, bem como multas e prisão a qualquer pessoa livre que os apoiassem em suas práticas ditas ilícitas. Isso faz pensar que

se o[a]⁷⁰ escravo[a] tranqüilamente circulasse pela cidade sem interagir com as outras camadas da sociedade como os pobres livres e os alforriados[as], e se ele[a] não tivesse atitudes que “provocassem” ou colocassem em risco ou afrontassem o sistema socioeconômico estabelecido, não haveria necessidade de regulamentos. Se o[a] escravo[a] estivesse amarrado[a], acorrentado[a], imobilizado[a], não haveria necessidade de regulamentos institucionais que proibissem ou marcassem o lugar de cada um[a]. De fato, os[as] escravos[as] tinham uma certa mobilidade na cidade. Os regulamentos surgem para evitar e controlar

⁶⁹ Ou “negras de ganho”: mulheres que vendiam produtos e partilhavam os lucros com seus senhores. O valor que conseguiam economizar servia para a compra de Cartas de Alforria.

⁷⁰ Por opção teórica, opto por aqui grifar a presença das mulheres trabalhadoras escravizadas e não utilizar o termo “escravo” para designar homens e mulheres.

várias situações que se davam na cidade com certa freqüência e decorriam dessa mobilidade. Os[as] escravos[as] jogavam, bebiam, ficavam nas ruas, pediam dinheiro emprestado, interagiam, tinham relações com os outros habitantes da cidade, tinham amigos. Eles[as] entravam nas casas dos escravos forros e com eles conversavam, confabulavam, fugiam, resistiam. Os[as] escravos[as] fugiam dos [as] donos[as]... (FERRARI, p.7, s/d - grifos meus)

Através de algumas manifestações de sua religiosidade, também é possível compreender o caminho de resistência a que se lançaram algumas mulheres no contexto escravagista. Segundo Selma Pantoja (2007, p. 1) “as práticas africanas, chamadas supersticiosas, registra[m] a capacidade de definir estratégia de luta perante o seu senhor visto a freqüência com que a feitiçaria era utilizada para obter liberdade, a carta de alforria prometida pelo senhor e para se livrar de senhores cruéis”.

Ainda conforme esta autora, a feitiçaria realizada por mulheres negras escravas em Portugal tinha a função simbólica de rejeitar a cultura européia dominante e pode-se dizer que o mesmo ocorria aqui no Brasil. Através destas práticas, mantinham viva sua cultura e, para além disso, indicavam aos seus senhores certo grau de oposição ao seu poder autoritário. Como tinham acesso às comidas, às roupas, aos aposentos etc., detinham o poder de manipular coisas e espaços. Poderiam “enfeitiçar” o que quisessem. Neste momento, nota-se um senhor que está à mercê de sua escravizada.

Ao contrário da passividade da figura da mulher negra durante a escravidão, a bem dizer, do seu total desaparecimento nos livros de história que estudamos na escola, aqui aparecem mulheres que resistiram e confrontaram um sistema opressor. Paulo Freire (2006, p. 23) salienta que “somos seres da transformação e não da adaptação”. Este chamamento é feito, àqueles que lutam por justiça. Com a mesma lucidez, destaca que “somos seres condicionados, mas não determinados” (FREIRE, 2006, p. 23). A luta das mulheres negras não foi e não é em vão.

Por esta senda, é possível dizer que hoje as mulheres vivem, em seu cotidiano nestas funções, complexidades distintas daquelas vivenciadas por suas ancestrais. Hoje, talvez haja certa “sedução” no cativeiro o que impede que este seja visto como algo a ser superado, diferente do ocorrido com as mulheres escravizadas. Sendo assim, não é mais visibilizada a saída do cativeiro, é

necessário, em determinado momento, adaptar-se a ele. As mulheres não apresentaram como forma de superação, simplesmente buscar no próprio cativeiro as saídas (ensinar os conhecimentos adquiridos ao longo de sua vivência), mas buscar na produção artesanal, como metáfora para a superação dos “nós” e como possibilidade inovadora de criação, novas alternativas de ser e estar no mundo. Criam, em seu cotidiano, através das práticas que exercem, mas desejam mais. Por não ter tais vivências, talvez por isso tenha empreendido um olhar “romantizado”. Após os encontros do Curso de Artesanato e no *Taller de Manualidades* foi possível perceber o porquê de o artesanato não dever ser o coadjuvante para que a “dificuldade da vida” fosse apresentada com novas cores como atriz principal. Foi aí que ficou nítido que o artesanato seria o ator principal para a consolidação de “possibilidades de vida” através da produção manual.

A proposta de tese que, inicialmente tinha como objetivo retomar e narrar as experiências de trabalhos invisibilizados que as mulheres negras possuíam como: babás, trançadeiras, lavadeiras, arrumadeiras, esse “coletar” dados sobre as formas de ensinar e aprender protagonizadas por mulheres sem formação acadêmica no campo da educação, foi alterada. Passou a discutir a profissionalização das mulheres *negras no artesanato*, sua historicidade feminina *negra*, dentre outros temas que surgiram com base nos diálogos iniciais que formaram o grupo. Portanto, a intenção desses encontros no Brasil era que fossem partilhados subsídios em oficinas de artesanato oferecidas para as mulheres do grupo de Rio Grande e que estas pudessem qualificar o seu trabalho cotidiano e perceberem-se protagonistas de seus próprios saberes. Também esse era o propósito inicial no grupo encontrado no estágio de doutoranda na Argentina. Provocaríamos a discussão de alternativas para viver melhor, para humanização. Sempre foi desejado o aprimoramento de uma proposta para “con-versar” com as mulheres e encontrar formas de identificar/visibilizar caminhos formadores que elas próprias mantêm. Com o convívio nos dois grupos, foi possível perceber a necessidade de pensar estes conhecimentos através do ensino e da aprendizagem de artesanato e não das histórias de profissões que haviam desempenhado.

Creemos que é oportuno frisar que aqui foram apresentadas escolhas epistemológicas e metodológicas de uma tese que se propõe popular e feminista, por isso, dialogada com os grupos participantes e assim, repensada. A partir destes

dois campos (Educação Popular e Estudos Feministas) revigoramos nossa intenção, pois não há neutralidade nestas práticas, de estabelecer um diálogo com mulheres e elaborar um referencial teórico comprometido com as classes populares, em especial com os grupos de trabalhadoras apontados neste texto. Com esta proposta, retomei duas referências de minha própria vida: a negritude, a origem⁷¹ popular e a curiosidade epistemológica.

Compus, acompanhada pelas conversas na prática de pesquisa e encontros de orientação, um envolvimento com mulheres da região Sul do Rio Grande do Sul, na cidade do Rio Grande, num lugar por onde transitavam mulheres negras que, trabalhavam nas casas, nas ruas, nas charqueadas, nos quilombos. Mulheres das quais temos algumas nuances que são fundamentais para a compreensão de nossas vivências, conturbadas por racismo e sexismo, mesmo no século XXI. Também, a partir do Estágio de Doutoranda (CAPES/PDEE), acompanhei mulheres fenotipicamente identificáveis como descendentes de indígenas, *negras* por terem baixa renda na cidade de Capitán Bermúdez⁷², Província de Santa Fé, Argentina. Um espaço que historicamente se confunde com o sul do Brasil. Na possibilidade de ver estas mulheres como *hermanas*, consolidou-se, de fato, este trabalho, buscando descrever as pedagogias presentes no ensino de artesanato e o papel fundamental da professora como referência de conhecimento e superação para suas companheiras.

Cabe ressaltar que ao observar o grupo de mulheres no Brasil e ver os direcionamentos para o aprendizado de artesanato em um coletivo que inicialmente foi criado “para a pesquisa” e depois se tornou bastante autônomo, além de acompanhar em Capitán Bermúdez a alternativa criada pelo Centro Ecuménico Poriajhú para as mulheres do bairro onde está situado, fez com que fosse percebida a relevância do artesanato para o cotidiano destes grupos de mulheres. Foi neste momento de contato com os dois grupos, optamos por utilizar

⁷¹ Minha primeira atuação profissional foi como auxiliar de maternal e babá na cidade do Rio Grande.

⁷² Minha primeira intenção era conhecer mulheres da cidade de Rosario (Santa Fe - Argentina) onde está a sede da Universidade Nacional de Rosario, onde realizei o Estágio de Doutoranda sob a orientação da Professora Doutora Ruth Sosa. Ela, por sua vez, indicou-me o trabalho do *Centro Ecuménico Poriajhú* na cidade de Capitán Bermúdez e o *Club de los abuelos* na cidade de Granadero Baigorria, cidades que formam o “cordão industrial” da Grande Rosario. Durante os contatos com estes grupos, por haver encontros para aprender manualidades em Poriajhú, optei por realizar a investigação em Capitán Bermúdez e fui prontamente acolhida por seus coordenadores e pela professora de artesanato. Outras descrições deste trabalho estão presentes neste texto.

o termo “manualidades” para expressar estes trabalhos manuais que podem ser eminentemente artesanais ou não.

3.3. Composição metodológica: tramando pesquisa participante, pesquisa formação, observação participante e grupos de discussão.

Após essas contextualizações, sistematizaremos algumas das principais características e intenções que compõem esta tese, em âmbito metodológico. A partir das considerações até aqui realizadas é possível perceber que se tratou de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida no campo da Educação com viés étnico e feminista. Suas matrizes metodológicas encontram-se na pesquisa participante (BRANDÃO e STRECK, 2006) e na pesquisa formação (JOSSO, 2004). Como forma de coleta das informações, buscamos o referencial dos grupos de discussão (WELLER, 2006) e da observação participante (GASKELL, 2002; WELLER, 2006).

Inicialmente, em 2007, foi pensado que o grupo o qual propúnhamos constituir viria a compor um grupo focal, porém, a partir das reuniões de orientação e da reflexão sobre algumas das apresentações feitas em eventos científicos tendo como o foco o trabalho realizado, percebemos que se trataria, na verdade, de um “grupo de discussão” com mulheres *negras* trabalhadoras. Por quê? Há similitudes e diferenciações bastante significativas entre uma proposta e outra. Sendo assim, buscaremos elencá-las a seguir, de forma breve.

Primeiramente é importante ressaltar que tanto as entrevistas individuais quanto as entrevistas grupais (grupos focais ou grupos de discussão) segundo Gaskell (2002, p. 64, In: BAUER e GASKELL, 2002)

[...] podem ser distinguidas, de um lado, da entrevista de levantamento fortemente estruturada, em que é feita uma série de questões predeterminadas; e de outro lado, distingue-se da conversação continuada menos estruturada da observação participante, ou etnografia, onde a ênfase é mais em absorver o conhecimento local e a cultura por um período de tempo mais longo do que em fazer perguntas dentro de um período relativamente limitado.

Segundo Gaskell (2002, p. 65, In: BAUER e GASKELL, 2002) “a compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é a condição *sine qua non* da entrevista qualitativa”. Os “mundos da vida” aproximam-se do que Freire destaca ao se referir às “leituras do mundo”. Estas leituras, no âmbito do mundo das pessoas, precedem à leitura da palavra. Sendo assim, podemos inferir que as diferentes leituras do mundo, têm uma dependência relativa quanto aos processos de escolarização, os quais podem propiciar ou não, um aprimoramento ou expansão das diferentes leituras de mundo. “É imprescindível uma leitura do mundo que contextualize, geste e emoldure um sentido para a palavra” (PASSOS, 2008, p. 240). Isto também pode contribuir para que pensemos sobre a continuidade e persistência da leitura do mundo, mesmo que a leitura da palavra não ocorra ou tenha sido interrompida. Pouca escolarização não significa, necessariamente, uma leitura de mundo estreita e fragmentada - algo sabido, mas relevante de ser retomado. Por esta via, no ato de ensinar e aprender de mulheres *negras* trabalhadoras, mesmo sem formação pedagógica específica, é possível encontrar indícios para a sistematização de “Pedagogias da não-formalidade”, por suas características e pela metáfora da tecedura, também, “das tramas complexas”.

Neste caminho, “ninguém lê o mundo isolado” (PASSOS, 2008, p. 241) sendo que existem “tantos mundos quanto leituras possíveis dele” (PASSOS, 2008, p.242). Entendemos “mundo” a partir do que salienta Andreola (2008, p.288)

Freire relaciona a categoria mundo com: natureza, cultura, história, existência, consciência, trabalho, ação transformadora, palavra e práxis, conceitos através dos quais ele tenta explicitar: leitura do mundo - leitura da palavra, fundamento de toda a alfabetização e de toda a educação.

Relacionado aos “mundos da vida” está o que Wivian Weller (2003, p. 1) destaca a partir de Karl Mannheim sobre a “visão de mundo”, que segundo ele (1980, p.101 apud WELLER, 2003, p. 2) é “uma série de vivências ou de experiências ligadas a uma mesma estrutura que por sua vez constitui-se como base comum das experiências que perpassam a vida de múltiplos indivíduos”. O que denota, mais aproximadamente, o que Freire chama de “leitura do mundo”. Ainda referindo-se a esta questão, a autora salienta que

[...] não podemos confundir *visões de mundo* com *imagens de mundo* ou com algo que tenha sido pensado ou produzido teoricamente: as visões de mundo são construídas a partir das ações práticas e pertencem ao campo que Mannheim definiu como sendo o conhecimento ateórico. (WELLER, 2003, p.2)

Portanto, pensamos que tornando essa leitura pormenorizada e sistemática, garante-se um importante subsídio para a continuidade dos processos de consolidação e emancipação dos diversos grupos sociais, que já são protagonizados por estes. Tomando como referência o uso dos termos “visão” e “imagem” podemos compreender que aquela está vinculada a um olhar, uma percepção, um modo de conceber, enquanto que esta carrega todos estes significantes acrescidos da sistematização teórica e crítica daquilo que é visto e admirado (visto desde suas origens, profundamente; como descreveu Paulo Freire), pois

[...] o grupo envolvido geralmente não está em condições de realizar essa tarefa, ou seja; a explicitação teórica do conhecimento ateórico é praticamente impossível para o indivíduo ou grupo que está vinculado ao contexto no qual se construiu esse saber. O papel do pesquisador passa a ser, então, encontrar uma forma de acesso ao conhecimento implícito no grupo pesquisado, explicitá-lo e defini-lo teoricamente. (WELLER, 2003, p.2)

Outras semelhanças possíveis entre os grupos focais e de discussão que, a princípio provocaram uma falta de distinção mais adequada entre um e outro, foi quanto a alguns passos para a sua efetivação como, por exemplo, a escolha de um tópico guia e uma boa seleção (não aleatória) dos entrevistados. Para ambos é fundamental saber que o tópico guia não se trata de algo a que ficamos presos durante o desenvolvimento da pesquisa, mas que pode co-laborar sendo um lembrete da agenda a ser seguida, das questões centrais da pesquisa e do tempo que destinamos aos determinados assuntos.

Sobre a seleção das entrevistadas, algo que havia sido pensado desde os primeiros momentos da pesquisa, foram consideradas válidas algumas orientações. Mesmo que não haja um método específico para proceder com a seleção dos entrevistados em uma pesquisa qualitativa, há critérios que devem ser seguidos (GASKELL, 2002). Sendo assim, o interesse foi dialogar, a princípio, com mulheres negras, trabalhadoras em profissões constituídas na escravidão, prevalecendo até os dias atuais como práticas de mulheres pertencentes a este grupo étnico - hoje,

reunidas através de grupos de trabalhos manuais. Após a vivência no Estágio de Doutorado (CAPES/PDEE) de março a junho de 2009, ingressaram na discussão mulheres argentinas que, como já relatado, também eram chamadas de *negras*. Quanto à idade foi relevante ter um grupo heterogêneo, composto por diferentes faixas etárias. Considerando que estão em foco os processos de ensinar e aprender, suspeitamos que a questão geracional pudesse ser relevante: o que aconteceria quando a professora fosse mais jovem? Ou quando ela fosse muito mais velha que as aprendentes? E entre as companheiras de oficina, como seria tratada a diferença de idade entre mulheres?

A condição social, logicamente, foi aproximada entre as mulheres tendo em vista a origem profissional, mesmo em países diferentes - por outro lado, também pela proximidade das moradias das componentes dos grupos (todas as mulheres do grupo em Rio Grande eram do Bairro Getúlio Vargas⁷³ e as que compunham o grupo em Capitán Bermúdez eram moradoras do Bairro Copello⁷⁴).

Importante também é esclarecer que o grupo brasileiro, como já explicitado, foi criado com o objetivo de fazer um piloto para a pesquisa, dada a observação da realidade sobre como poderiam ser reunidas mulheres negras que trabalham o dia inteiro em casas ou em situações paralelas de atividades entre a casa delas e os biscates. Foi observado que as mulheres desempregadas ou “do lar” é que teriam algum tempo para que pudéssemos conversar e foi assim, também percebido, no contexto argentino.

No início, apenas no Brasil, como já dito, fizemos convites às mulheres através da Escola a partir das características étnicas e profissionais que foram solicitadas. As três primeiras mulheres, que se prontificaram a participar do grupo,

⁷³ Mesmo que, em determinados encontros, mulheres oriundas das redondezas, provenientes da Vila Militar, tenham participado do grupo no Brasil e possuísem uma condição financeira mais bem estruturada, tendo em vista que seus maridos são militares, percebi que não se distanciavam, em sua condição feminina, consideravelmente, daquelas que viviam no Bairro Getúlio Vargas.

⁷⁴ Bairro da periferia de Capitán Bermúdez “separado” do restante da cidade por uma ferrovia. Segundo relatos de alguns dos militantes de Poriajhú e de escritos que sistematizaram sobre o lugar, a população da cidade que vive “antes da ferrovia”, não ultrapassa esse limite, muitas vezes, com medo de assaltos e demais formas de violência que, em Capitán, são em sua maioria atribuídos aos moradores “*del otro lado del ferrocarril*”. Nota-se ao visitar o bairro a falta de saneamento, as ruas de areia, as moradias precárias e a simplicidade dos moradores. Para ir até lá, precisava “*tomar um remis*” (táxi que se chama por telefone) que somente me levava pela explicação minuciosa que dava do trabalho que realizaria, pela distinção do meu sotaque estrangeiro, pelo horário (à tarde) e pelo reconhecido trabalho de *la Casita Poriajhú* na cidade. Segundo relatos de várias pessoas de Capitán Bermúdez, alguns *remises*, por vezes, em determinados horários, não entram no bairro.

não haviam recebido os convites, por isso optamos por convidar outras mulheres através do conhecido “corpo-a-corpo”. Após, quando pensamos em mulheres que pudessem participar do grupo ensinando algum dos trabalhos manuais sugeridos no primeiro encontro por estas três mulheres, foram convidadas duas senhoras próximas que, ao falar da pesquisa, interessaram-se: Nani e Awena. A fim de iniciar o grupo e não perder o contato com as três primeiras participantes começamos a nos encontrar e termos as primeiras noções de pintura em tecido, crochê e pintura em vidro. Foram encontros rápidos, uma experimentação da pesquisa. As professoras de *manualidades* convidadas, Nani e Awena, participaram de dois encontros com Chiku, D. Ducha e Maysara. Para 2008 pensamos em efetivar encontros mais sistemáticos e com alguma novidade.

Durante o verão (meses de janeiro, fevereiro e março) fui conversando com várias mulheres, buscando informações sobre trabalhos manuais e técnicas de tricô e crochê. Através de uma amiga que se interessou pela proposta, a qual chamei Chinue, cheguei à sua mãe: mulher negra, artesã, cuidadora de idosos e disposta a participar. Niara dispôs-se a ensinar crochê de grampo (grampada), para as mulheres que comporiam o grupo. Salientei a ela que, no momento, o grupo era composto por quatro mulheres (as três participantes dos primeiros encontros em 2007 e eu), mas que, provavelmente, viríamos a ter outras aprendentes. Sua filha, Chinue, até então desinteressada pelo aprendizado destes trabalhos, por tratar-se de um grupo, solicitou participar. Compomos o grupo, para o início de 2008 com cinco mulheres.

Com o andamento da proposta e a divulgação entre amigas e conhecidas, uma rede de informações foi sendo constituída. Chegamos a mais duas mulheres que acharam a proposta muito interessante e criativa - Laini e Makini. Com estas duas, nos tornamos um grupo com sete mulheres. Como pesquisadora, fiz também alguns contatos, chegando a convidar mais uma mulher moradora do bairro, prima de meu pai, a Subira. Neste momento, havia oito participantes. Algumas mulheres do grupo foram bastante itinerantes, freqüentando-o de vez em quando. Foi o caso de uma moça que estava em Rio Grande por motivos familiares e participou do grupo no mês em que lá esteve, a Gharibuu. Durante o primeiro semestre de 2008, assíduas no grupo, estavam seis mulheres (Niara, Chinue, Laini, Makini, Subira e Aline). As três primeiras participantes (D. Ducha, Chiku e Maysara), mesmo com a

insistência dos convites e telefonemas, deixaram o grupo por motivos pessoais que, em parte, são desconhecidos. Como já destacado, lembro destas três como grandes colaboradoras neste processo por me levarem a pensar nos rumos e na necessidade de rever qual seria o tema principal, o tema gerador dos encontros. Awena, uma das professoras dos primeiros encontros, passou a participar do grupo de vez em quando.

Com o passar do tempo, a dinâmica do grupo foi se alterando. Das primeiras participantes, restavam apenas Chinue e sua mãe artesã, Niara. O grupo todo se renovou e aumentou. Para Niara foi uma surpresa porque o segundo semestre de 2008 recheou-se de novidades. Os cartazes na escola, anunciando a continuidade dos encontros no segundo semestre, foram um chamariz eficaz para além do corpo-a-corpo. Este foi fundamental para a continuidade do trabalho. O primeiro corpo-a-corpo foi necessário (para compor o grupo com seis mulheres), mas para este momento não. As mulheres foram chegando e, neste momento, prevaleceu um grande número de mulheres negras, porém, outras não-negras foram aparecendo. Para a professora de artesanato a surpresa foi boa, mas assustadora. No final de 2008, compunham o grupo, mais ou menos 30 aprendentes.

Para 2009, já com autonomia e experiência para ensinar artesanato, Niara assume a coordenação do grupo que, até então, era feita por mim. Organiza as mulheres em grupos por interesse de aprendizagem e convida outras duas mulheres para serem professoras juntamente com ela, cada uma em sua especialidade. Volta Nani ao grupo para ensinar pintura em tecido e ingressa Ajia para dedicar-se ao crochê. Niara continua ensinando, mas agora se dedica aos teares (de grampo e de pregos) e outras *manualidades* (almofadas com “favos”, flores em tecido...).

Na Argentina, através de minha co-orientadora no exterior (Profa. Dra. Ruth Sosa), conheci o trabalho realizado pelo Centro Ecuménico Poriajhú e comecei a participar das reuniões *del Taller de Manualidades*. Participaram deste, durante os meses que lá estive, cinco mulheres. Dos encontros, participaram mulheres as quais chamei por nomes indígenas vinculados à cultura Tupi-guarani: Araci, Cunhataí, Kerexu, Potira e Maiara⁷⁵. Não tive nenhuma participação na formação do grupo, apenas me incluí num trabalho que já vinha sendo feito há alguns anos. Por informações de Naara, a professora de *manualidades*, aquelas mulheres

⁷⁵ Araci (mãe do dia, estrela D’Alva), Cunhataí (menina), Kerexu (lua crescente), Potira (flor), Maiara (sábua), Jaci (lua) e Naara (de espírito vivaz e astuto).

compunham um grupo novo, pois iniciaram em março de 2009. Durante as oficinas, até o final de junho, participaram as mesmas mulheres com uma única variação. No início participava Jaci, que frequentou poucos dos encontros em que estive presente.

Durante os *talleres*, Niara ensinou colagem com E.V.A. (Etil Vinil Acetato - tecido emborrachado), com papel cartão e macramê. Participei de todas. Foi interessante, também, a forma como fui aperfeiçoando o *castellano* com as mulheres. No início, poucas eram as que conversavam comigo. Alguns encontros mais tarde, aproveitei um momento onde falavam *del Gauchito Gil* para provocar uma conversa onde eu estivesse incluída.

El Gauchito Antonio Gil

El Gauchito Gil é um santo popular argentino. Para as mulheres é um santo que atende rapidamente aos pedidos e por isso, alvo de grande devoção.



Figura 2 - *El Gauchito Antonio Gil*.

FONTE: <http://arturovasquez.files.wordpress.com/2009/05/gauchito.jpg>

Após poderem falar de sua crença *en el gauchito*, as mulheres passaram a conversar comigo sobre outros temas, enquanto realizávamos nosso trabalho. Percebi uma grande diferença na forma de as mulheres se relacionarem entre si, comigo e com a professora. Eram mais caladas que as mulheres que convivia no grupo de *manualidades* no Brasil. Falavam pouco entre si e chamavam a professora

de artesanato e a mim de *Seño*⁷⁶, após descobrir que fui professora de anos iniciais. Conversando com antropólogos rosarinos e com minha co-orientadora, percebi que este poderia ser um indício bem forte da cultura indígena a que suspeitei que estivessem vinculadas ancestralmente: é mais prudente ouvir do que falar e as autoridades (por conhecimento, por via religiosa ou por qualquer outro elemento) devem ser respeitadas e honradas. Talvez por isso a distinção com o uso do termo *Seño*.

A partir da finalidade da pesquisa qualitativa, pretendia “explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (GASKELL, p. 68, 2002). Minha intenção primeira, antes de ir para Rosario foi, através dos conhecimentos das mulheres, os quais já vinha mapeando a partir dos encontros para aprender grampada no Brasil, compor um rodízio no qual pelo menos 6 modos de ensinar e 30 modos diferentes de aprender, aparecessem. Contudo, a dinâmica do grupo no Brasil e seu desejo por aprender e ensinar algo que se diferenciasse da rotina (como já descrito) e o encontro de um grupo já consolidado na Argentina provocaram uma mudança bem interessante que não significou a perda de um “espectro de opiniões”.

A questão aqui, já era permeada por um refinamento na forma de intervenção, pois neste estágio, estava claro que o estudo transcorreria sobre o que apareceu como mais significativo para as mulheres nos dois grupos: aprender *manualidades* e conviver nas oficinas.

FIGURA 3: Teia das aprendizagens.

Esquema do trabalho apresentado no Exame de qualificação, chamado “Teia das aprendizagens”

Grupo:

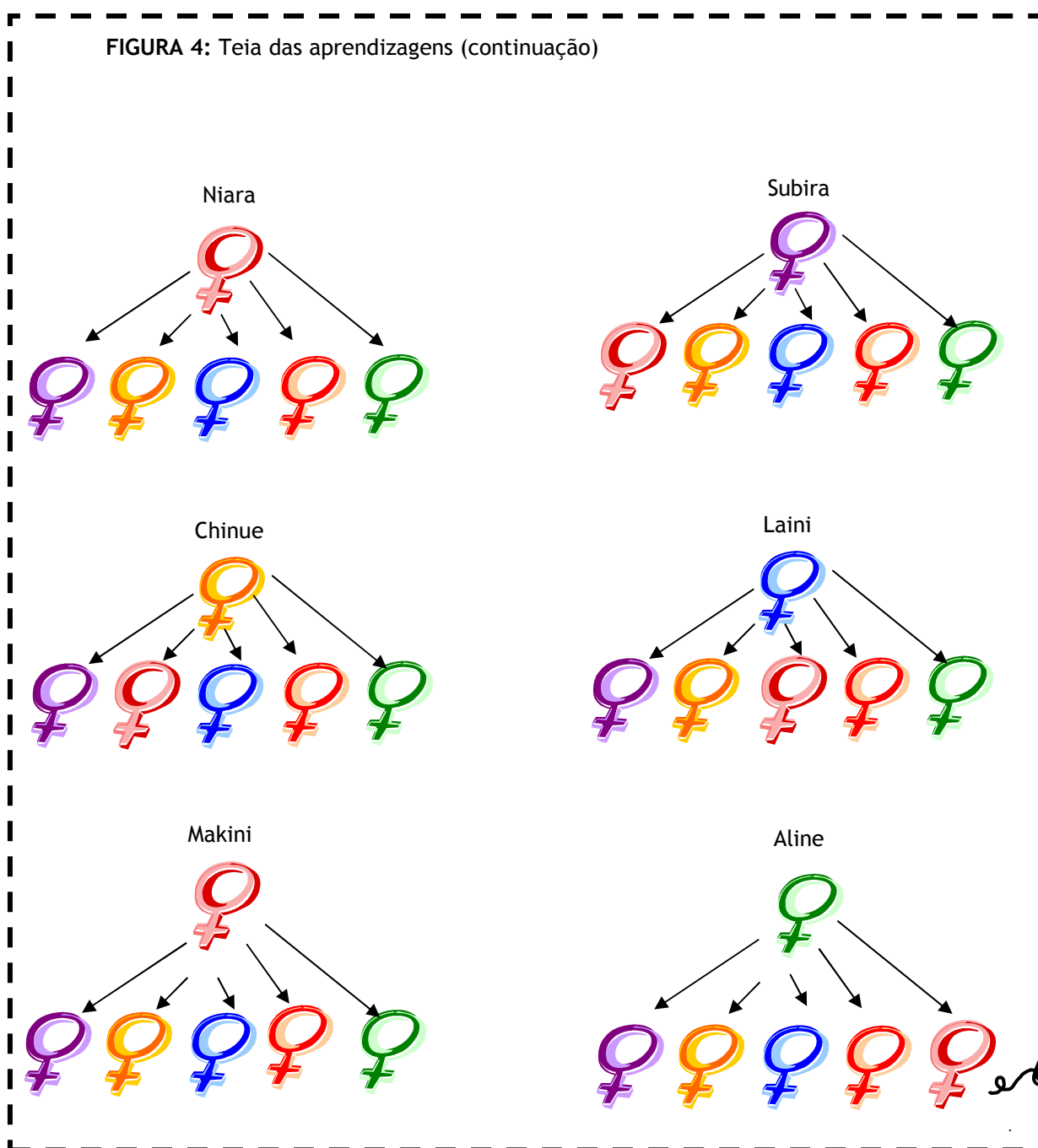


Composição da teia:

Cada mulher poderá compartilhar com as demais aquilo que trouxe para o grupo como conhecimento. Sendo assim, a referida teia, poderia ser composta da seguinte forma:

⁷⁶ Abreviatura para *Señorita*. Forma como os estudantes, principalmente dos anos iniciais, chamam suas professoras nas escolas argentinas.

FIGURA 4: Teia das aprendizagens (continuação)



Com o andar da pesquisa e as experiências no Brasil e na Argentina, foi percebido que o ensino de artesanato poderia compor, realmente, um foco interessante para a análise. Portanto, as análises foram baseadas nas práticas de Naara (Argentina) e Niara (Brasil) buscando compor este cenário com os depoimentos das aprendentes, coletados em grupos de discussão. Dada a relevância do trabalho destas duas professoras para as mulheres participantes, percebemos que estas não se disporem a atuar como quem ensina. Sempre valorizavam o seu

papel de aprendentes e as habilidades das professoras Naara e Niara. Sendo assim, também o desejo inicial de compor uma investigação com diversos modos de aprender foi modificado. Agora, a análise seria feita a partir dos relatos destas duas mulheres.

Para tanto, as etapas da pesquisa em campo foram compostas pelos seguintes elementos, tradutores da jornada investigativa, em síntese:

1. 2007/02 - Primeiros contatos com a escola para a viabilização de encontros com mulheres negras trabalhadoras nas profissões elencadas (ainda na intenção de investigar saberes destas profissões e a possibilidade de partilhá-los em um coletivo, intencionando a compreensão de processos emancipatórios que poderiam desencadear);
 - Conversa com as mulheres que se dispuseram a participar do grupo e percepção de que o artesanato não poderia ser o “pretexto”, mas sim o “contexto” da análise;
2. 2008/01 - Consolidação do grupo no Brasil, com a participação da Professora Niara;
3. 2008/01 e 2008/02 - Acompanhamento do grupo brasileiro, semanalmente;
4. 2009/01 - Estágio de Doutoranda e inclusão do grupo de mulheres de Capitán Bermúdez na pesquisa.

Assim como no trabalho de Wivian Weller (2006) pensei em poder realizar a pesquisa em “grupos naturais”. O estudo realizado por esta pesquisadora, com jovens negros em São Paulo e jovens de origem turca em Berlim, sistematiza esta forma de intervenção chamada de “grupos de discussão”.

Nos grupos naturais, as pessoas interagem conjuntamente; elas podem partilhar um passado comum, ou ter um projeto futuro comum. Elas podem também ler os mesmos veículos de comunicação e ter interesses e valores mais ou menos semelhantes. Neste sentido, grupos naturais formam um meio social. (GASKELL, 2002, p. 69)

Reconheci que *a priori* o grupo brasileiro no qual realizei a pesquisa não é um destes grupos. O grupo na Argentina pode ser reconhecido como tal. No caso brasileiro, as tentativas de esfacelamento da coletividade feminina negra em Rio Grande têm logrado êxito. O movimento negro é sectarizado e não há notícia de grupos de mulheres negras consolidados. Por isso, a alternativa que encontrei foi, através de contatos pessoais, compor um grupo. Na Argentina, também foi possível perceber e vivenciar que estas mulheres *negras* tinham um espaço através de Poriajhú, para pensar suas questões, ensinar e aprender. Neste ponto a realidade de militância foi bem diferente. Além da oportunidade de participar de um *taller de manualidades*, estas mulheres poderiam ingressar em grupos de economia popular e solidária e, como no início da profissão para Naara, participar *del Trueque*⁷⁷. Há, neste contexto, aparatos necessários para que as mulheres aprendam e continuem desenvolvendo seu trabalho.

Mesmo com estas constatações, observando a definição de “grupo real” apresentado por Weller, podemos considerar que todos os grupos tiveram sua gênese, no interior da própria comunidade ou com estímulo externo. Esta idéia pode vir a propiciar a esperança de que o grupo de mulheres negras no Brasil seja um grupo real já que estes “se constituem como representantes de estruturas sociais, ou seja, de processos comunicativos nos quais é possível identificar um determinado modelo de comunicação” (WELLER, 2006, p. 246). Os grupos em questão, podem apontar para as representações sociais das mulheres *negras*, compondo, através dos diálogos uma linguagem e uma expressividade feminina *negra* em busca de emancipação. Dizemos isto já que mulheres *negras* argentinas e brasileiras, de alguma maneira, são perpassadas por experiências de racismo e segregação, oriundas de sua condição econômica e escolar, habitando as periferias das cidades (no contexto argentino, já foram dados passos em direção a esta utopia).

Acreditamos que os grupos são uma forma interessante de realizar uma pesquisa como a que aqui foi proposta, pois “embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais” (GASKELL, 2002, p. 71). Sabemos que, em determinado momento, esgotaram-se as possibilidades de opiniões entre as mulheres-professoras

⁷⁷ Feira de troca de produtos com moeda específica.

que participaram da pesquisa, pois estas são frutos de suas vivências, em muito, semelhantes. Pudemos ainda constatar que estas opiniões foram consolidadas a partir de um *ethos* que se constituiu no interior de grupos de mulheres a partir dos condicionantes sociais e das contingências históricas, mas mesmo assim, por suas individualidades e peculiaridades, além dos diferentes conhecimentos que vêm demonstrando, percebemos que foi possível uma boa sistematização dos modos de ensinar e aprender, além de concepções sobre ambos.

Sendo assim, optamos por grupos de discussão, tendo em vista que os grupos focais buscam algo como “uma esfera pública ideal” (HABERMAS, 1992, apud GASKELL, 2002, p. 79). Unem participantes que não se conhecem, por um tempo determinado, com um moderador que media a discussão. Sentados em círculo, apresentam-se de forma sintética e com bastante protocolo. O moderador é fundamental para encorajar os participantes a falar e a responder aos questionamentos e comentários dos demais (GASKELL, 2002). O moderador comanda as exposições, semelhante aos *talk shows* em canais de televisão (WELLER, 2006). Este tipo de intervenção “começou a ser utilizada nas pesquisas de *marketing* e de reação do público à propaganda no período do pós-guerra” (LOOS; SHÄFFER, 2001 apud WELLER, 2006, p. 243). Segundo WELLER (2006, p. 243), “os grupos focais se apresentam como um ‘método quase naturalista’ de geração de representações sociais mediante a simulação de discursos”.

Entendemos que os grupos de discussão são próximos aos “círculos de cultura” descritos por Paulo Freire, por isso a opção por eles. Conforme Carlos Rodrigues Brandão (2008) quando Freire faz o questionamento ao modo “bancário” de educar, propõe círculos de cultura onde as pessoas possam partilhar, ao redor de uma roda de gentes, suas experiências e seus conhecimentos. Sendo assim, de forma visível, ninguém ocupa um lugar proeminente. Então, “o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz...” (BRANDÃO, 2008, p. 77)

Por esta mesma via os grupos de discussão, surgidos na pesquisa social empírica realizada pelos integrantes da Escola de Frankfurt a partir dos anos 50, do século XX, “constituem uma ferramenta importante para a reconstrução dos contextos sociais e dos modelos que orientam as ações dos sujeitos” (WELLER, 2006, p. 246). Isso se dá porque estes grupos “representam um instrumento por

meio do qual o pesquisador estabelece uma via de acesso que permite a reconstrução dos diferentes meios sociais e do *habitus* coletivo do grupo” (WELLER, 2006, p. 247). Tal propósito é consolidado no momento que os grupos de discussão, não se constituem apenas como uma técnica para coleta de opiniões, mas como um método de pesquisa. Para que assim seja, Bohnsack (1999 apud WELLER, 2006, p. 244) salienta que

é necessário que os processos interativos, discursivos e coletivos que estão por detrás das opiniões, das representações e dos significados elaborados pelos sujeitos sejam metodologicamente reconhecidos e analisados à luz de um modelo teórico ou, em outras palavras, quando interpretados com base em categorias metateóricas relacionadas a uma determinada tradição teórica e histórica.

Portanto, para proceder com as análises referentes às experiências vivenciadas nos grupos de discussão com as mulheres, buscamos elementos no que Bohnsack denominou “método documentário de interpretação” e, mais uma vez, na Pesquisa Formação explicitada por Marie-Christine Josso. Segundo Weller (2006, p. 246)

Bohnsack integra em seu método de interpretação de grupos de discussão tanto a perspectiva ‘interna’ - que visa reconstruir o modelo de orientação por meio do qual os integrantes do grupo interagem e verificar a emergência e a processualidade dos fenômenos interativos - como a perspectiva ‘externa’, voltada para a análise da representatividade desses fenômenos interativos em uma determinada *estrutura*.

Destacamos, também, que a intenção inicial de compor um grupo no Brasil, envolvido em trabalhos manuais, simultaneamente à discussão de temas relacionados com suas vivências e práticas profissionais, teve sua inspiração na pesquisa “Mulheres tramando contra a violência: a produção do conhecimento na ação simultânea do pensamento e da criação artesanal”, coordenado pela Professora Edla Eggert em 2005-2006. A simultaneidade e o trabalho manual em meio a uma pesquisa no campo da Educação, busca instaurar a simultaneidade, um elemento estranho ao espaço acadêmico, na intenção de aproximar lugares e experiências oriundas da não-formalidade (EGGERT, 2007; 2009).

Mesmo mantendo a simultaneidade, a idéia inicial de falar das suas profissões originais modificou-se quando as mulheres demonstraram durante os encontros (tanto na Argentina quanto no Brasil) que as *manualidades* compunham o

principal motivo por estarem ali e que nele visualizavam possibilidades de “ter uma vida diferente”. Mesmo com essa mudança, porque já as conversas não remetiam ao tema que foi pensado como central, as inspirações para o trabalho continuaram a ter como grande fonte o trabalho realizado no grupo de pesquisa. A participação no projeto “Tramas do ensinar e do aprender em um atelier de tecelagem na interface com a pedagogia escolar” (2007-2010) foi fundamental para que eu pudesse também pensar o lugar do artesanato na vida das mulheres, além de proporcionar a vivência da pesquisa formação na Prática de Pesquisa e a discussão das leituras realizadas.

O surgimento do tema: *“Pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas (re)inventadas por mulheres negras através do ensino e da aprendizagem de trabalhos manuais e a busca por emancipação”*, vem do reconhecimento das lutas empreendidas por mulheres *negras* ao longo da História do Brasil e da Argentina e da percepção que muitas destas lutas, travadas há décadas, vêm sendo revividas sob outros vieses por mulheres *negras* na atualidade. A proximidade das realidades foi outro elemento importantíssimo percebido nas análises dos textos e contextos abordados pelas mulheres. Não foi só historicamente que o sul do Brasil e o norte Argentino estiveram interligados. Hoje, é possível ver que ambos os grupos de mulheres lutam para superar condicionantes de uma história bastante semelhante de exclusão de direitos básicos para a vida.

Para além disso, esta tese surgiu da suposição que estas vivências na não-formalidade foram e são, momentos de ensinar e aprender muito profícuos que possibilitaram e possibilitam às mulheres, continuar resistindo à opressão de alguma forma. Esta temática surgiu, também, da minha formação e trajetória como pedagoga, que reconhece possibilidades de ensino e aprendizagem em diferentes espaços e tempos sendo realizadas por pessoas que não possuem formação acadêmica ou escolar.

Neste caminho, destacamos o seguinte problema de pesquisa, escrito a partir das primeiras suspeitas e aprimorado ao longo do processo:

| Sendo possível perceber na vivência de mulheres *negras* ao longo da |
| história do Brasil e da Argentina processos emancipatórios mesmo em contextos |
| que poderiam obstaculizá-los, quais as pedagogias presentes na atividade que |
foi eleita como alternativa na busca destes processos?

Esta questão remeteu a outras:

- ❖ Como podem ser definidas as Pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas?
- ❖ Quais as implicações no uso do termo “não-formalidade” em meio às discussões do que seja “formal” e o que seja “não-formal”?
- ❖ Em que medida as pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas tomam como referência o espaço escolar e vice-versa?
- ❖ Entre mulheres *negras* ensinar e aprender é uma forma de resistência ou de adaptação à opressão?
- ❖ Qual a forma de sistematização que pode ser considerada significativa para grupos onde é propício o ensinar e o aprender?
- ❖ Existem pedagogias que se constituem em espaços não-formais ou existem lugares onde as instituições se entrecruzam, mas não se sobressaem, dando um caráter diferenciado a estas pedagogias?
- ❖ Quais as contribuições das pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas para a pedagogia gestada em ambientes escolares e vice-versa?
- ❖ Se o artesanato é uma atividade citada pelas mulheres como possibilidade de emancipar-se, quais as concepções que têm sobre este e sobre o espaço onde o aprendem?
- ❖ Durante o aprendizado, é mesmo possível identificar pedagogias?

Tendo como foco a questão central e as demais que surgiram a partir desta curiosidade instigada pela pesquisa, suspeitamos que

Por ser uma vivência comum às mulheres *negras*, ainda hoje, a partilha de conhecimentos na não-formalidade é possível observar a constituição de Pedagogias nestes lugares, as quais podem ser compreendidas a partir de cinco fios (ou elementos que as compõem): a corporeidade feminina *negra*, a sensibilidade para/através (d) o trabalho manual, o aprimoramento do senso estético, bem como a promoção de saúde mental e a superação de condicionantes (processos emancipatórios).

Até então, percebemos que algumas idéias (hipóteses) balizaram a escolha do tema e os caminhos metodológicos:

- Há diferenças significativas entre Educação não-formal e Pedagogias da não-formalidade;
- As mulheres e os homens são capazes de ensinar. Existem “formas de sistematização” destas aprendizagens e ensinagens em cada grupo - algumas destas foram legitimadas e outras não;
- Durante o período escravagista a possibilidade de ensinar a sua profissão para outra mulher, pôde colaborar para a auto-estima, auto-reconhecimento, busca por valorização de sua prática e assim autonomia e emancipação em mulheres negras escravizadas no Brasil;
- No caso das mulheres indígenas, na Argentina, sua história se confunde com àquelas que viveram no sul do Brasil. Revelam um contexto onde seus conhecimentos por serem “naturalizados” ficaram subsumidos nas tramas da História;
- Além de ensinar a profissão, como trabalhadoras escravizadas, as mulheres também ensinavam sobre “o ser mulher negra” imbricado nestas práticas. Hoje, na tentativa de superar o contexto de dominação, desejam aprender o que pode significar alternativa viável para a superação de condicionantes como, por exemplo, os trabalhos manuais;
- Mulheres *negras*, ao longo da história “oficial” do Brasil e da Argentina, foram excluídas dos espaços acadêmicos de instrução, mas puderam ensinar e aprender no seu cotidiano;
- Na atualidade vários grupos de mulheres que se reúnem têm como princípio o ensinar e o aprender. Nestes grupos, aquela que ensina mesmo sem formação pedagógica é considerada “a professora”, mas não se considera como tal;
- Entre mulheres *negras*, ensinar e aprender pode ser uma forma de resistência;
- Mesmo que hoje, o ensino e a aprendizagem das profissões que historicamente foram destinadas às mulheres negras, pela subalternidade a que foram submetidas, não sejam vistos como possibilidades de emancipação

- aprender e ensinar trabalhos manuais assumiu este patamar na vida das mulheres.

Percebemos, com isto que, mesmo em diferentes grupos de mulheres, foi possível, através da observação participante e de algumas conversas mais pontuais, verificar a existência de tais Pedagogias que suspeitamos existir. Não consideramos que esta seja uma exclusividade de grupos formados por mulheres *negras*, porém, através das abordagens realizadas nesta tese, pretendemos apontar para uma realidade peculiar destas mulheres em seus processos de ensinar e aprender. Mulheres negras e descendentes de indígenas foram desprovidas da oportunidade de frequentarem espaços formais de instrução e constituíram seus aprendizados em outros lugares e tempos.

O trabalho manual se tornou fundamental para estas observações, já que as técnicas de bordado, pintura, costura e trama, também foram, ao longo da história, destinadas a um grupo específico de mulheres: brancas, pertencentes a camadas mais favorecidas da população. Reconhecemos que a apropriação de tais conhecimentos não é o suficiente para que os processos emancipatórios destas *negras*, sejam totalmente galgados, obviamente. As mulheres precisam estar cientes do seu papel social e dos significados que estas práticas podem assumir em sua vivência para buscar empreender ações emancipatórias. Mesmo assim, percebemos que os momentos de reunião, a partilha do conhecimento, a possibilidade de aprender e ensinar, a conclusão de uma peça, o encantamento com a beleza dos trabalhos gerou, além de possibilidades de sistematização de pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas na ação pesquisadora, momentos onde as mulheres puderam (re)pensar seus papéis sociais e assim, como considera Freire (2004) “ser mais”.

A formação do grupo com o qual dialogamos no Brasil seguiu alguns critérios, como já ressaltamos, que não se deram aleatoriamente. Buscamos encontrar com mulheres que:

- se autodeclarassem como negras ou pardas;
- fossem oriundas de classes populares;
- possuísem poucos anos de escolarização;
- manifestassem o interesse por trabalhos manuais;
- se dispusessem a partilhar conhecimentos em um grupo composto por

outras mulheres.

A escolha do local para as reuniões - Escola Estadual de Ensino Fundamental Alcides Barcellos - se deu pelo fato desta estar inserida em um bairro de periferia da Cidade do Rio Grande - RS, em um bairro que ainda possui um relevante número de moradores negros ou pardos, descendentes de migrantes de outras cidades do interior, além de outras questões, como já dito. Também por considerarmos que, em uma escola, circulam mulheres de diferentes grupos étnicos, religiões, opiniões etc., diferente do que ocorreria se fosse escolhida como sede uma igreja, um terreiro, Escola de Samba ou Associação de Bairro.

A opção pela formação de um grupo e não pela observação de grupos já consolidados de mulheres, se deu pelo fato de que na cidade do Rio Grande, por uma visível fragmentação do movimento negro, não há propostas de atividades voltadas a estas mulheres. Além disso, a cidade é reconhecida na região como “menos racista” ou “não-racista” em comparação a outras como Pelotas, Piratini ou Bagé, com forte tradição pecuária e escravagista. Rio Grande, por ter surgido da construção de um forte, logo após de um Presídio até tornar-se a Vila composta por foragidos e outros grupos subalternos, torna-se uma cidade com tradição para o mar e o porto. Também esta característica portuária gerou um pensamento de que em Rio Grande não há ou há menos racismo tendo em vista os grandes contingentes de negros trabalhadores no porto e adjacências, os quais formaram o Bairro no qual esta pesquisa foi realizada no Brasil.

Por minha experiência como professora e pesquisadora, percebi que ainda hoje, ao encontro do que planteiam estatísticas nacionais, mulheres negras riograndinas ou migrantes, ainda atuam em profissões com pouco reconhecimento social, possuem poucos anos de escolarização e compõem as camadas populares moradoras da periferia da referida cidade. Neste sentido, minha posição militante me moveu a pensar os lugares destas mulheres e suas possibilidades de emancipação através de atividades que podem ser consideradas, até mesmo, inusitadas.

Em síntese, a proposta inicial teve como objetivo que as mulheres que se reuniram pudessem ensinar e aprender o que sabiam, porém, estas foram afirmando que queria aprender uma novidade. Iniciamos com reuniões de conversa, que após, foram compreendidas, como uma tentativa de experimentar “grupos de

discussão”. O papel fundamental das professoras de artesanato foi destacado a todo o momento e, portanto, as conversas sobre os modos de ensinar foram realizadas com Niara e Naara. As demais participantes, que compuseram os grupos de discussão, puderam contribuir com uma visão mais ampliada destes modos, porque conversamos sobre a atuação de cada uma das professoras e sobre o olhar das aprendentes. Obviamente, conversando com elas, foram aparecendo os diferentes modos de aprender.

3.4. Sobre Rosario e Capitán Bermúdez: o C. E. Poriajhú

Neste momento, gostaríamos de salientar alguns aspectos referentes ao contexto onde foi realizada a pesquisa empírica na Argentina: o Centro Ecumênico Poriajhú na cidade de Capitán Bermudez (Província de Santa Fé, Argentina).

A cidade de Rosario localiza-se ao sul da Província de Santa Fe situada a 300km de Buenos Aires. Como as grandes cidades brasileiras, cerca-se por diversos municípios que compõem a “Grande Rosario”. Nascida no século XVII como *Pago de los Arroyos*, hoje é a 3ª maior cidade da nação. É conhecida como *Cuna de La Bandera Argentina*⁷⁸ porque, no local onde hoje é o *Monumento a La Bandera Argentina*, esta foi hasteada pela primeira vez, após sua criação pelo general Manuel Belgrano. Hoje, neste monumento, além de outros eventos, são realizados os discursos da *Marcha de 24 de Marzo*, movimento realizado em repúdio ao Golpe Militar de 1976. A cidade sofre com as questões peculiares aos grandes centros: violência, aumento da pobreza, subemprego... dentre outras questões.

⁷⁸ Berço da Bandeira Argentina.



Fotografia 12 - Rio Paraná visto de “La Fluvial” Ao fundo vista da cidade de Vitória na Província de Entre Ríos (proximidades da paisagem com a Laguna dos Patos e Rio Grande). Rosário, Argentina.
 FONTE: Acervo da pesquisadora.



Fotografia 13 - Monumento à Bandeira Argentina.
 FONTE: Acervo da pesquisadora.

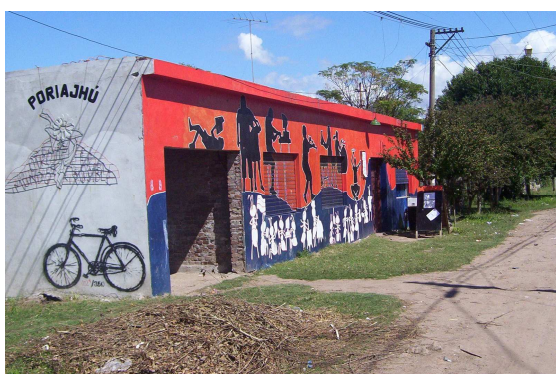
O Centro Ecumênico Poriajhú, atuando desde 1998 está localizado em um bairro periférico da cidade de Capitán Bermúdez chamado *Barrio Copello*. Este, a semelhança dos bairros periféricos das grandes cidades brasileiras ou de suas “cidades-satélite”, foi se conformando da migração de famílias (neste caso descendentes de indígenas) vindas do norte argentino (fronteira com Paraguai e Bolívia). Aos poucos foi se convertendo em “refúgio de desocupados, desalojados, sustentados por planos de assistência”⁷⁹. O Bairro Copello não conta com serviços básicos de saneamento (pavimentação, esgoto, postes de luz...), nem com escolas ou espaços de lazer. Através do *Centro Vecinal* (Associação de Bairro) puderam conquistar água potável, um posto de saúde e uma creche, sustentados por esta mesma associação. O referido Bairro vem sofrendo com o preconceito e a discriminação por parte dos moradores da cidade de Capitán Bermúdez. Às pessoas que vivem em *Copello*, são atribuídos todos os delitos ocorridos na cidade e, por isso, até poucos anos, era muito difícil que pessoas de outros bairros pudessem “cruzar a via” para ir até lá.

⁷⁹ Extraído a partir da contextualização de um dos projetos do C. E. Poriajhú (tradução minha).

Pela falta de estrutura do bairro e pela precariedade das casas de seus moradores, é alto o índice de doenças que afetam diretamente às crianças. As crianças de *Copello* não freqüentam a escola por diversos motivos: alguns abandonaram os estudos, outros vêm de lugares distantes (dificuldade de acesso) e outros ainda, em seus lugares de origem, nunca a freqüentaram, mantendo-se alijados dela.

Peculiar é que as mães se aproximem do C. E. Poriajhú, por suas preocupações com o tempo que os filhos estão na rua e as conseqüências desta permanência (drogas, violência...). Apresenta-se, portanto, como uma demanda social, converter o tempo livre em ações educativas que envolvam crianças e jovens em atividades esportivas, artísticas, recreativas, de comunicação e produção de conhecimento, havendo interesse, por parte das famílias (ainda que mais focalizado nas mães) em acompanhar estes processos. Assim,

Entende que até este momento vem propondo fazer da Educação uma necessidade e tarefa de todos, desenvolvendo e unindo recursos e esforços com a comunidade local. “La Casa Poriajhú” busca gerar um espaço de participação em que a comunidade se organize e se envolva na construção de algo que seja próprio, para educar-se (crianças, jovens e adultos) marcados por um esforço “endógeno”, cooperativo e solidário baseado em um diagnóstico não apenas das suas carências e debilidades, mas, para além disso e sobretudo, de sua potência para superar tais debilidades.⁸⁰



Fotografia 14 - *La Casita Poriajhú*
Capitán Bermúdez, Argentina.
FONTE: Blog do C.E.Poriajhú



Fotografia 15 - *Pátio de la casita Poriajhú*.
FONTE: Acervo da Pesquisadora.

⁸⁰ Extraído de um Projeto do C. E. Poriajhú que tive acesso (tradução minha).



Fotografia 16 - Quadro de avisos
Divulgando as oficinas realizadas na *Casita Poriajhú*.

FONTE: Acervo da Pesquisadora.



Fotografia 17 - *La hormiguita*
Símbolo da *Casita Poriajhú*.
FONTE: Acervo da Pesquisadora.

Partindo desta contextualização, o C. E. Poriajhú tem por objetivo desenvolver ações de promoção comunitária e social, entre os setores mais empobrecidos da comunidade de Capitán Bermúdez e arredores, favorecendo a articulação com igrejas e os setores público e privado. Para tais efeitos, parte de uma proposta que tem como eixo principal a formação para a participação e a inclusão social, buscando cumprir com as seguintes tarefas:

- a) Implementar actividades y programas educativos de diversa índole con niños, jóvenes, adultos y ancianos.
 - b) Capacitar agentes en relación a actividades de promoción social.
 - c) Formar y acompañar grupos autogestionarios.
 - d) Organizar y participar en cursos, talleres, conferencias, congresos, seminarios y jornadas.
 - e) Realizar estudios e investigaciones referentes a la problemática expresada en el objeto social de la asociación.
 - f) Difundir en medios escritos, orales, televisivos, radiales y otros, de la Asociación o no, las actividades desarrolladas y todo lo pertinente en orden al objeto social.
 - g) Realizar cualquier actividad lícita relacionada con sus objetivos y que se corresponda con su naturaleza aunque no esté expresamente prevista en los estatutos.
- (Proyecto del C. E. Poriajhú - objetivos)

Reconhecem-se como parte de um processo que põe em jogo ferramentas para ajudar a produzir e “re-produzir” conhecimento, a partir e com o povo. Buscam, particularmente, a validação e valorização da cultura popular com foco no cotidiano e nos interesses de uma nação soberana e democrática, integrando a utopia pela libertação latino-americana. Manifestam este desejo a partir “da formação para a participação e a inclusão social” o que apontam como uma “educação para a libertação”. Buscam uma metodologia que possa promover um

conhecimento coerente em conteúdo e forma, em estreita relação com a vida cotidiana da comunidade que se organiza e gera conhecimentos para a construção de *otro mundo posible*, de uma nova sociedade.

El Centro Ecuménico Poriajhú se propone lograr dicha participación desde lo que cada uno sabe y conoce; avanzar desde la práctica hacia un proceso de teorización que sea en realidad pensar la práctica, desde sus diversas problemáticas, para transformarla. (Proyecto del C. E. Poriajhú - conceitos)

O sentido assumido pela *logo* de Poriajhú, descrito a partir de um formigueiro (o que expressa um trabalho coletivo), é o de uma “bandeira”. Deste formigueiro surge a América Latina (contexto social), uma casa (valorizando um lugar para encontro onde se pode partilhar) e uma flor (como símbolo da esperança) bastante enraizada. No formigueiro, que se conforma como uma construção (quase é possível ver o desenho de tijolos que o compõem) está escrito *otro mundo es posible*. Sendo esta a frase que busca sintetizar sua missão: “Associação civil sem fins lucrativos para a Educação Popular e a Promoção Social”.



Fotografia 18 - La Bandera Poriajhú
 FONTE: Blog do C.E. Poriajhú

É possível perceber, portanto, pela *logo* e pelos fundamentos sistematizados em documentos, que a utopia e a esperança de outro mundo vêm consolidando as práticas do C.E. Poriajhú o qual vem erguendo sua bandeira em *La cuna de la Bandera* e cercanias, acreditando na possibilidade de construir uma Educação

comprometida com um projeto social rumo à uma nova sociedade.

É possível ver o legado de Paulo Freire como base principalmente no que diz respeito a uma metodologia fundamentada em princípios de participação e protagonismo dos sujeitos envolvidos. Neste contexto, enquanto convivi com os militantes *poriajhuses*, pude vivenciar momentos de partilha muito significativos.

Em sua organização, Poriajhú possui fundamentos bastante visíveis da Teologia da Libertação e na religiosidade das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base): acolhida, partilha, mística, reflexão...ação. Como princípio teológico-político, Freire também apontava para uma transcendência libertadora, base na qual se apóiam as ações dos referidos coletivos. A religiosidade, para Freire, deve estar presente já que a prática libertadora “não é lugar contra a religiosidade das classes populares ... e sim superar *com* ela a visão de um Deus a serviço dos fortes por um Deus ao lado de quem devem estar a justiça, a verdade, o amor” (FREIRE, 2006, p. 84). É um comungar. Uma forma de ver o mundo e fazer história. Assim pude vivenciar as místicas neste Centro Ecumênico e com as mulheres.



Fotografia 19 - Mística no dia “del Pucherro Poriajhú”.

FONTE: Acervo da Pesquisadora.



Fotografia 20 - Pucherro Poriajhú.

FONTE: Acervo da Pesquisadora.



Fotografia 21 - Mística “de la contribución”

FONTE: Acervo da Pesquisadora.

3.5. Sobre Rio Grande e a Escola Alcides Barcellos

Rio Grande, no sul do Rio Grande do Sul, é a cidade mais antiga deste Estado. De origem portuguesa e cercada por águas (Lagoa Mirim, Laguna dos Patos e Oceano Atlântico) têm sua riqueza voltada para o mar. Nesta cidade a pesca artesanal e industrial é uma atividade sempre presente mesmo com os transtornos ambientais causados por práticas predatórias. Iniciou como um Forte (Jesus, Maria e José), depois passou a vila e enfim, Cidade do Rio Grande. Sua fundação data de 19 de fevereiro de 1737 e sua elevação à categoria de cidade ocorreu em 1835. Em 1750, já chegavam por terras riograndinas, os primeiros colonos portugueses vindos das Ilhas dos Açores e Madeira.

A tradição portuária provocou a vinda de um grande contingente de negros que trabalhavam como estivadores⁸¹. O trabalho árduo da estiva foi eleito por diversos homens que vieram de outras cidades do interior gaúcho, após o declínio das charqueadas e outras formas de gerar renda em ambientes rurais. Na cidade do Rio Grande, que estava em expansão em meados do século XX, estas famílias fixaram suas moradias no Bairro Getúlio Vargas, mais conhecido por moradores antigos como Cedro⁸², nas proximidades do Porto do Rio Grande. Neste bairro, que convive com as questões pertinentes à periferia de uma cidade de médio porte, está a Escola Estadual de Ensino Fundamental Alcides Barcelos que, em 2009 comemorou 60 anos.

Esta escola participa de projetos educativos promovidos pela Superintendência do Porto do Rio Grande. Tal projeto denominado “Escola no Porto” tem por finalidade promover um espaço para que os estudantes riograndinos conheçam as atividades que são desempenhadas neste espaço. Outro objetivo é que os temas relativos ao trabalho portuário possam servir de inspiração e ferramenta de ensino para os professores nas Escolas. Através desta participação

⁸¹ O estivador é o responsável pelo embarque e desembarque das cargas dos navios nos portos. No século XIX este trabalho era feito majoritariamente por homens negros que carregavam sacos com produtos (café, por exemplo) em suas cabeças. Por isso, até hoje na cidade do Rio Grande, é comum vermos este trabalho na estiva ser chamado de “coquear saco” ou seja, carregar os sacos no “côco” (cabeça). Diz-se que o ritmo do trabalho dos estivadores no Rio de Janeiro deu origem à “Marcha rancho”, estilo musical surgido nos anos 20 do século passado. Hoje o trabalho na estiva é bastante automatizado, porém continua muito insalubre. Em Rio Grande

⁸² Desconheço a origem deste termo. Alguns moradores dizem que é pela existência de árvores de Cedro no lugar naquela época.

foi possível o estabelecimento de várias parcerias entre a Escola Alcides Barcellos e o Porto.

Também, através do Projeto “Atraque no Verde” coordenado pelo OGMO -RG (Órgão Gestor de Mão-de-Obra do Trabalho Portuário Avulso do Porto Organizado de Rio Grande) as mulheres que participam do curso de artesanato na Escola Alcides Barcellos, integrantes desta investigação, puderam realizar uma mostra de seus trabalhos no mês de novembro de 2009.

A diretora da Escola foi muito receptiva e sempre acompanhou o trabalho que vinha sendo realizado nas oficinas com as mulheres. Rapidamente interou-se do que era feito por Niara e incentivava a realização de tais atividades na Escola, como oportunidade para as mães. Sempre que podia, acompanhava ativamente o grupo, participando das confraternizações e elogiando os trabalhos confeccionados pelas mulheres. É importante salientar o quanto é significativo, para uma proposta de investigação como a que aqui descrevemos, o apoio da Equipe Diretiva e a cessão de um espaço propício à efetivação da proposta.



Fotografia 22- Catedral de São Pedro - Rio Grande, RS, Brasil
FONTE:
<http://www.flickr.com/photos/diversao75/4246117652/>



Fotografia 23 - Vista parcial lateral do Mercado Público - Rio Grande, RS, Brasil
FONTE:
<http://www.flickr.com/photos/diversao75/4245407397/>



Fotografia 24 - Laguna dos Patos - Rio Grande, RS, Brasil

FONTE:

<http://www.flickr.com/photos/diversao75/4245405523/>



Fotografia 25 - Entrada da Barra do Rio Grande - Rio Grande, RS, Brasil

FONTE:

http://www.riogrande.rs.gov.br/internet/visualiza_foto.php?tipo=0&id=FT_4285174163e13

3.6. Olhares sobre *mujeres negras*

Desde 2003 viemos direcionando investigações para o cotidiano de mulheres negras no Brasil na Região Sul do Rio Grande do Sul. Enquanto mulheres negras e brasileiras, “negras” seríamos todas nós, identificadas com as raízes da africanidade na tentativa de compreender a complexidade de nosso pertencimento étnico. Por isso é que, ao conviver durante alguns meses na Argentina, fui surpreendida, de certa forma, com os usos da palavra “negra” e seus significados.

Várias são as discussões a respeito do uso desta palavra de forma pejorativa, a exemplo disto, os “negros de alma” para se referir a pessoas consideradas más, perversas; a “coisa de negro” para enunciar algo que foi feito de forma errônea ou desleixada; as “nuvens negras” quando se quer dizer que alguém está passando por algum problema que tem difícil resolução; dentre tantas outras. Mesmo presentes em nosso vocabulário, são amplos os debates a respeito destes usos e lutas recentes do movimento negro buscam coibir tais práticas seja na mídia ou em simples conversas cotidianas. Há uma bandeira defendida no Brasil, por este movimento e seus simpatizantes, para a compreensão da não-neutralidade da linguagem e dos usos das palavras a fim de ratificar a desigualdade. Inclusive,

devido a estas lutas e o reconhecimento de seu legado histórico, cultural e político, mesmo por aqueles que expressam de forma visível sua postura racista, a palavra “quilombo” é utilizada em seu sentido original em português referindo-se à coletividade e resistência de negros que migravam para estes espaços, deixando seus cativeiros. Foi distinto em contexto argentino e por isso a minha surpresa. Quilombo, em *castellano* significa, no uso coloquial - bagunça, confusão ou prostíbulo (*lío, confusión, prostíbulo*). Então, expressões como: “*Qué quilombo!*” “*No armés quilombo!*” “*Sí, la mujer trabajava en un quilombo!*” - eram comumente utilizadas (esta última referida, mas com indicativo de que era mais utilizada “antigamente”), mesmo entre militantes de esquerda que realizavam críticas sociais bastante coerentes com uma proposta mais igualitária de sociedade. Ao serem questionados sobre o significado destas expressões, que eu ouvia cotidianamente e percebia o uso pejorativo das palavras, foi que obtive as respostas que me deixaram surpresa. Ao devolver com outra pergunta: “*Conocés otro sentido para esta palabra?*” ou “*Sabés que és un quilombo en Brasil?*”, muitas das pessoas com as quais conversei ficaram tão surpresas quanto eu. Percebi que o sentido da palavra estava mais arraigado do que acontece aqui com o uso pejorativo do termo “negro”. Em realidade, poucos conheciam outros sentidos para a palavra “quilombo” que não fosse o pejorativo. A maioria das pessoas que explicitaram o significado conhecido aqui eram mulheres, as quais assistiam à novela “Xica da Silva”⁸³. Nenhuma delas (o que também não é raro por aqui) sabia do sentido “original” da palavra em “umbundu” ou “kimbundo”, línguas faladas em Angola⁸⁴ entre o povo *bantu*.

Daí que, não é de surpreender que a palavra “negro”, também esteja arraigada no vocabulário de *los hermanos* com sentidos que aqui, politicamente são questionados. *Trabajo en negro* é uma expressão comumente utilizada na mídia e refere-se ao que no Brasil chamamos “trabalho informal” ou “sem carteira assinada”. *Trabajar como un negro* é outra expressão comum, a qual, como em épocas coloniais era utilizada aqui no Brasil, significa “trabalhar muito”.

⁸³ Tele-novela produzida pelo SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) que tinha como protagonista a atriz Taís Araújo no papel de Xica da Silva.

⁸⁴ Em *umbundu* - *ochilombo* - Em *kimbundo* - *kilombo*

Significa “o lugar de descanso e passagem” ou ainda, “o lugar onde os homens se reuniam para aprender sobre a guerra e preparar-se para ela”. (FONTE: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Quilombo>)

Nestas andanças por terras argentinas e querendo conhecer mais a fundo esta realidade, percebi que, por lá, “*negras*” eram chamadas todas as mulheres pobres independente de seu pertencimento étnico. Mesmo que o termo “*negrita linda*” pudesse ser utilizado ou “*mi negra*” para expressar carinho por uma mulher, o uso da palavra, no masculino ou no feminino, era mais comumente utilizado para expressar “alguém que vive na periferia”, “um ladrão”, “alguém que faz mal para outro” deliberadamente⁸⁵. Não quero, com isso, dizer que no contexto brasileiro o movimento negro logrou total êxito em suas lutas e o uso pejorativo dos termos foi totalmente extinto. Não! Reconhecemos que é “naturalizado” o suposto “receio” de passar próximo a um homem negro por uma calçada e pensar que pode ser um ladrão, mas por aqui, percebemos que o contraponto ao racismo é feito com bastante intensidade no que diz respeito à linguagem falada. O que de fato surpreendeu foi que há pouquíssima discussão em torno dos usos pejorativos destas palavras, como se fosse até mesmo “estranho” questionar o porquê de não as usar assim.

Portanto, não pude imaginar que, em terras argentinas, continuaria a realizar conversas com *mujeres* ditas *negras*. Aqui, nos identificamos política e etnicamente como negras. Por lá estas mulheres são identificadas como negras por sua condição social. Sendo assim, o que propomos para discussão na seqüência, expressa especificamente as realidades de mulheres negras no Brasil e descendentes de indígenas argentinas, porém, em alguns pontos estas realidades se mesclam por serem ambas *negras*. Portanto, por convenção e porque já explicitamos quais são os grupos que compuseram esta investigação, falamos de mulheres *negras*, dando destaque a esta palavra com itálico a fim de explicitar a complexidade que adquiriu neste trabalho partindo da experiência nestes dois contextos. Expresso minha indignação com tais formas pejorativas de nomear as mulheres e com o próprio uso pejorativo do termo no Brasil, mesmo que, em realidade, denote o pertencimento étnico do qual não temos o porquê de nos envergonhar. Penso que dizer que somos *negras* é também uma forma de propor que estamos significando nosso pertencimento, superando o olhar excludente sobre ele e os condicionantes que dele advém.

⁸⁵ Mais de 200 estudantes da U.N.R. (Universidad Nacional de Rosario) dos cursos de Direito e *Trabajo Social* responderam a um questionário que elaborei a respeito deste tema. Pretendo, em estudos futuros, sistematizar estes achados e socializá-los.

4. HISTÓRIAS EM MÚLTIPLOS FIOS: O ARTESANATO EM NOSSAS VIDAS

A imprevisibilidade e a invisibilidade tecem o cotidiano, rede em que também se atam previsibilidade e visibilidade. Os opostos se cruzam, se tecem, se aproximam, se distanciam, indicam rupturas, promovem encontros, convivem nas contradições, criam um movimento difícil de ser percebido, acompanhado, apreendido, interpretado, compreendido, traduzido. (ESTEBAN, 2003, p. 130)

A primeira pergunta feita, antes de escrever sobre este tema: “o artesanato em nossas vidas” foi se esta seria “uma história em três fios”, “histórias em um fio” ou ainda “histórias compostas por múltiplos fios”. A discussão com pares, sobre o sentido que seria dado à investigação, motivou a escolha da metáfora dos “múltiplos fios”. Metodologicamente, num primeiro momento, gostaríamos de contar as histórias de Niara (brasileira) e Naara (argentina), a fim de explicitar uma compreensão possível do envolvimento de ambas com *manualidades*. Ao longo da escuta de suas histórias, apareceu como aspecto fundamental para a tese, o próprio envolvimento da pesquisadora com o trabalho manual.

Primeiramente, por não ser só uma pesquisadora investigando e escrevendo sobre os trabalhos manuais e o ensino destes, mas como alguém que, além de admirá-los⁸⁶, também os realiza. Mesmo não sendo uma artesã como estas mulheres o são, tampouco buscando profissionalizar-me na área, é possível reconhecer que a prática é agradável e envolve-nos em diversos momentos da vida, seja na feitura ou na admiração de algo que foi produzido por outra pessoa. No meu caso, como professora, pedagoga, envolvida com ensino e aprendizagem desde a formação inicial, entretexo minha prática com a de minhas companheiras de Grupo de Pesquisa e com minha Orientadora. Percebemos que os teares, fios,

⁸⁶ No sentido Freireano. Ad-mirar como “mirar” profundamente, na radicalidade.

tramas da prática docente se entrelaçam com os das mulheres tecelãs⁸⁷ e artesãs. As histórias que serão narradas contribuem para a compreensão das pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas por destacarem aspectos concernentes ao ensino e aprendizagem de trabalhos manuais.

4.1. Niara e o artesanato: a experiência de ser professora pela primeira vez.

Em março de 2009, durante a pesquisa em Rio Grande, fui à casa de Niara conversar sobre artesanato, trabalhos manuais e o ensino destes. Já havíamos combinado o encontro, portanto, ela sabia que eu realizaria uma conversa mais específica, uma entrevista. Preparei, previamente, um roteiro a partir daquilo que tinha como horizonte para os escritos da tese. Cheguei à sua casa e iniciamos uma conversa.

Descobri que o artesanato surgiu na vida de Niara ainda criança, aprendendo a fazer tricô aos 8 anos. Sua primeira motivação foi gostar de ver a forma como sua mãe fazia. Suas primeiras tentativas foram com dois “pregos de assoalho” (pregos bem grandes) fazendo tiras enormes, cheias de buracos, as quais ela nomeava como blusões para o seu pai e mantas (o que a faz rir ao me contar). Contou-me que ao faltar lã, desmanchava e refazia tudo de novo. Sentava ao lado de sua mãe para aprender. Quando perguntei se ela lhe ensinava, me respondeu: “Não... tudo que ela fazia, eu copiava”. Ficava ao seu lado enquanto a mãe confeccionava blusões de lã para ela e seus 3 irmãos, todos pequenos.

Em outra fase da sua vida (para contar-me deu um grande salto da infância para a fase adulta) foi trabalhar em um Hospital na cidade do Rio Grande e lá, nos plantões de domingo, suas colegas, mais velhas, também faziam tricô e crochê assim como sua mãe⁸⁸. Por achar bonita a feitura das peças, aprendeu com elas.

⁸⁷ Refiro-me aos achados da Pesquisa desenvolvida pela Prof.^a Dr.^a Edla Eggert - “Tramas do Ensinar e do aprender em um Atelier de Tecelagem na interface com a Pedagogia Escolar”

⁸⁸ Para falar sobre isto, Niara disse: “A gente fazia plantão, né, nos domingos. Aí, claro, era todo mundo mais velho e elas faziam crochê, faziam essas coisas, foi aí que eu aprendi. Eu achava bonito...” - Além de falar da situação específica do seu aprendizado com suas colegas de trabalho no Hospital, Niara acrescenta a idéia de que “as mulheres mais velhas” fazem crochê e tricô (ou, talvez, outro tipo de trabalho manual. Ao usar a expressão “Aí, claro, era todo mundo mais velho...” deixa transparecer esta idéia. Para além de ser algo do senso comum, as mulheres

“Desde aí, não parei mais” - disse-me. Nesse mesmo Hospital, admirava uma médica que pintava em porcelana, o que a motivou a fazer um curso. Ao longo do tempo foi fazendo tricô, crochê e participando dos cursos que teve acesso. Aprendeu, também, pintura em tecido e, na época da nossa conversa, pretendia ingressar em um curso de macramê.

Exemplos de peças em macramê



Fotografia 26 - Taller de macramé
Capitán Bermúdez- 10.06.2009.
FONTE: Acervo da Pesquisadora



Figura 27 - Taller de macramé
Capitán Bermúdez - 10.06.2009.
FONTE: Acervo da Pesquisadora

Surpreendo-me com a resposta à pergunta: “O que podes dizer que sabes fazer, de artesanato?”. Niara disse que sabe: tricô, crochê, tecelagem, meias-de-seda, pintura em tecido, pintura em tela (tem algum conhecimento), pintura em vidro, pintura em madeira, crochê de grampo e flores de E.V.A. Destacou, após listar-me todas estas habilidades, que sua especialidade é o crochê.

Optou pelo “artesanato” como uma atividade profissional quando se “separou do marido”, porque, nesta época, não tinha um trabalho fixo. Assinalou que, daí começou a fazer para vender. Sendo assim, o ganho do trabalho como artesã passou a ser a sua principal renda. Contou-me que tinha saído do seu emprego anterior por ter os filhos pequenos, o que a impediu de conciliar o trabalho e o cuidado de ambos. Então, mesmo tendo outras experiências

“mais velhas”, nascidas em anos anteriores aos anos 60 (um dos marcos da emancipação feminina através do trabalho fora do lar e da expansão da indústria no Brasil desenvolvimentista, o que proporcionou a possibilidade de aquisição de produtos e a diminuição daqueles “feitos em casa”) dedicavam-se bastante às manualidades.

profissionais, optou pelo artesanato como trabalho e geração de renda para sua família porque, segundo suas palavras, “*ficou muito difícil conseguir trabalho*”. A dificuldade maior era poder sair de casa para procurar um emprego tendo dois filhos ainda pequenos. Neste período, passou a fazer algumas faxinas na vizinhança, mas, a única atividade em que percebeu poder conciliar cuidar deles e da casa foi o artesanato, já que podia produzir em casa. Complementou dizendo que se sustentou e se sustenta até hoje, com essa atividade.

Desde 2008, vem construindo a experiência de “ensinar artesanato” para mulheres, no grupo de artesanato que compõe esta pesquisa no Brasil. Disse-me que, em grupo, nunca havia ensinado. Que já ensinou algumas coisas para sua irmã (ao falar disto sorri e diz: “*Ela não faz nada... mas eu ensinei*”). Salienta um início difícil na tarefa de ensinar. Considerou que isto ocorreu por ser muito tímida.

“Não que eu não soubesse, entende? Nem que eu não tivesse paciência para sentar e explicar. É porque eu sou muito tímida. Eu não gosto muito de falar. É por isso. Mas doeu menos do que eu pensava.” (Niara, depoimento, 19.02.2009)

Explicitou que ensinar é muito bom por poder ver a “evolução” das pessoas.

4.2. Naara e as *manualidades*: a larga experiência no ensino de artesanato

No Centro Ecumênico Poriájhú, realizei a entrevista com Naara. Por causa do seu trabalho e do tempo que dispunha para conversar comigo, realizamos a entrevista em três encontros: um em abril, outro em maio e outro em junho de 2009. O mais interessante foi a forma como o diálogo fluiu. No primeiro encontro, 3 minutos. No segundo, 14. E no último, 1 hora e 14 minutos.

Descobri que seu envolvimento com artesanato começou bem jovem, aos 13 anos, quando fazia desenhos de “Clemente”, em cartolina, para sua irmã mais nova.



Contou-me que estes desenhos eram feitos para o quarto de sua irmã apenas “*mirándolos*”, ou seja, não possuía nenhum tipo de molde. Disse-me que a cartolina era o material mais barato que poderia comprar e, falando sobre isto, ressaltou que desde “*chiquitita*” trabalhava, dadas as condições financeiras da família. Agradava-lhe muito, ver a alegria com a qual a sua irmã pequena admirava seus desenhos.

Naara aprendeu a tecer, destecendo, assim como Niara. Com uma peça em tricô já tecida, desmancha-a, observava os detalhes para tecê-la novamente, até que, nessas idas e vindas, aprendeu a tricotar e a fazer crochê. Depois destas primeiras experiências, começou a confeccionar outros trabalhos. Não teve alguém que lhe ensinasse, aprendeu pela vontade que tinha de saber. Em sua casa, não havia modelos e era difícil ir aprender em algum lugar, já que tinha muitos irmãos e a necessidade de cuidado dos mesmos e de outros trabalhos que executava, impediam que se dedicasse às *manualidades*.

Declarou que na atualidade sabe trabalhar com cerâmica, confeccionar bonecos de pano, bonecos estilo *country*, artesanatos variados em madeira com fibra fácil, tricô, crochê, macramê e tudo mais que possa ver, aprender e fazer. Disse que quando algo que lhe agrada lhe parece caro, pensa: “- *Yo tengo que aprender!*” Duas vezes tentou inscrever-se em cursos de artesanato, mas não os fez.

O artesanato passou ser sua atividade profissional a partir do ano 2001, quando decidiu começar a fazer as peças e depois confeccioná-las para vender. Em

2000, com a vinda *del Trueque*⁸⁹ e a motivação por adquirir créditos e poder comprar produtos nesta feira, passou a confeccionar algumas peças que, segundo ela, “*le salieron bastante bien*”. Começou a vender. Disse que, talvez no início, as pessoas comprassem para ajudá-la, mas depois, fez uma boa quantidade de relógios em cerâmica e vendeu todos. Contou-me que há 5 anos foi em um Congresso em Córdoba e levou muitos produtos. Neste tempo, segundo Naara, 200 pesos era uma boa quantidade de dinheiro e ela vendeu esse montante em peças de cerâmica.

Quando lhe perguntei qual sua especialidade, disse que gostaria de continuar trabalhando com cerâmica, mas não pode, porque é um trabalho minucioso que leva bastante tempo. Um boneco de pano, consegue terminá-lo em uma tarde, segundo seu depoimento, mas uma peça em cerâmica, pode levar até 5 dias para estar pronta. Salientou que os vasos de flor que faz não têm moldes - seu trabalho é todo executado com as mãos. Artesanato em cerâmica que remete aos seus possíveis ancestrais indígenas.

Disse que gosta de ensinar e que gostaria que viessem mais pessoas participar de “*los talleres*”, as oficinas. Prefere ensinar para adultos porque considera que colocam todo o empenho para fazer o que é proposto. Citou o exemplo das mulheres que participam, atualmente, da oficina de trabalhos manuais (*taller de manualidades*) - algumas têm dificuldades em lidar com a tesoura, porém, esforçam-se para terminar seu trabalho.

Sua primeira experiência como “professora de artesanato” foi no C.E. Poriajhú, nas oficinas. Quando fala desta experiência, também remete ao seu próprio aprendizado desde 2001. Dizendo que uma das coisas mais significativas é ver sua própria “evolução”.

Es bueno porque uno va vendo como va evolucionando a uno mismo. A lo mejor yo antes veía... empecé con cerámica pero yo veía... por ejemplo la madera. Yo hace... en el 2001 no me pensé no hubiese pensado nunca que iba estar con madera. Y ahora lo que lo hago... me gusta... La verdad es que fue re lindo. Nunca pensé que iba hacer esto todo, que yo hago... (Naara, 12.05.2009, depoimento)

Além de se surpreender com a possibilidade de fazer tantas peças artesanais em diferentes estilos, foi mais surpreendente ainda a possibilidade de poder

⁸⁹ Feiras de Troca de produtos com “moeda própria”, vinculados à economia solidária.

ensinar. Contou-me que sempre existiram *talleres* em Poriajhú, mas que ela não imaginava poder ser uma destas *talleristas*.

4.3. Minha trajetória com as *manualidades*

Lembro que era bem pequena e observava minha mãe sempre envolvida com trabalhos manuais. Tinha uma máquina de costura com a qual fazia roupas para mim. Logo que comprou a máquina, confeccionou um vestido de prenda, para que fosse usado na Festa de São João da escola. Sempre tive o desejo de costurar como ela, mas como dizia que era muito difícil, com essa admoestação, desisti. Contentava-me em brincar com os pedais da máquina, fazendo de conta que estava costurando.

Suas agulhas, lãs e revistas de tricô e crochê, estavam sempre em minhas mãos. Lembro mais efetivamente de uma revista cheia de figuras, a qual folheava inúmeras vezes e ficava sempre frustrada por não conseguir fazer nenhum daqueles pontos complicados. Até que um dia, minha mãe começou a me ensinar a tricotar. Com duas agulhas, fui fazendo os primeiros pontos. Não lembro, nitidamente, como fazia: se tecia algo por completo, se ficava pelo caminho, se fazia e desmanchava. Só sei que aprendi a fazer alguns pontos em tricô e outros em crochê. Numa determinada época, com a moda das “polainas”, lembro de algumas vezes em que tentei tecer um par, mas, sinceramente, acho que não concluí. Não lembro.

Com o tempo e a “falta de tempo”, essas coisas foram “sumindo” do meu cotidiano. Já não tinha mais afeição pelas agulhas, pelas revistas, pelos modelos... Era como se aquela fosse uma fase da vida que tinha passado. No entanto, sempre que possível, eu ingressava em algum curso de trabalhos manuais (com a mãe novamente) e aprendi a fazer flores com moldes de ferro. Outra vez, fiz um curso de culinária, aprendendo alguns pratos simples. De certa forma, mesmo sem uma seqüência ou uma freqüência, algo relativo às *manualidades* era feito.

Até que, durante um longo período, essas coisas foram se afastando de mim (ou eu delas). Nem tricô, nem crochê, nem flores, nem cozinha... até que opto por investigá-las e retomo-as como quem volta a um lugar marcante na vida.

Voltei, também, para além do desejo pessoal de investigadora e pela modalidade de pesquisa que adotei (envolvendo observação participante, grupos de discussão e entrevistas em profundidade), por causa das mulheres das oficinas de Poriajhú “*del taller*” e do cursinho de artesanato na escola em Rio Grande. De certa forma, o prazer que tinham em ensinar e aprender me contagiou. (Re)aprendi a fazer crochê em grampo, caixinhas de papel, artigos de decoração em E.V.A. e macramê. A cada encontro uma nova descoberta. Muitos encontros e amizades, além de novos elementos para uma investigação com viés feminista em Educação Popular e estudos feministas.

4.4. Aprender a tecer... destecendo⁹⁰: na dialética da vida as mulheres lêem seu mundo e dizem a sua palavra.

Primeiro, destacaremos o que significa a “dialética da vida”. Depois, buscaremos, em breves palavras, aproximações para abordar questões referentes ao envolvimento das mulheres com as *manualidades*. Para prosseguir com esta análise, serão feitas algumas reflexões a partir das conversas com as duas mulheres entrevistadas, além dos aportes teóricos de Leandro Konder (1995), Paulo Freire (2002) e Marie-Christine Josso (2004, 2006). Este exercício que ousamos chamar de Dialético buscou a compreensão do tema “envolvimento com as *manualidades*”, algo que não se deu aleatoriamente na vida dessas mulheres. Para além da imposição de gênero sobre mulheres (partindo da premissa histórica destacada por Barbosa Lessa (s/d): “aprender trabalhos manuais é essencial para a formação das mulheres”), criamos a possibilidade de exercitarmos um processo que, talvez, poderia ser muito profícuo se o fizéssemos em outros momentos de nossa vida: ir “destecendo” as tramas que nos envolvem a fim de melhor compreendê-las.

Este ato de “destecer” ou ainda, de “aprender destecendo”, consideramos uma metáfora muito interessante para a compreensão dos processos de dominação, exploração e superação, desempenhados por mulheres ao longo da história de suas

⁹⁰ Niara referiu-se em seu depoimento ao fato de que aprendeu a tricotar, tecendo e desmanchando o seu tricô. Naara disse que aprendeu a “tejer, destejendo”. Sendo assim, neste item, faço alusão a estas declarações semelhantes no discurso de ambas.

vidas. Não há como dizer que estamos livres destas tramas. Todas as enfrentamos em vários momentos. Talvez pudéssemos até dizer que somos todas “tramadas”. Estamos envolvidas em diversas “tramas” todo o tempo, mas que estas nos podem oprimir, mas também dar-nos sustentação para prosseguir na caminhada (JOSSO, 2006). Então, a dialética da vida é composta por estes momentos/movimentos aos quais estamos sujeitos e somos sujeitos, sujeitados ou protagonistas de uma trajetória em que, ficamos, também, “por um fio”.

Segundo Konder (1995, p.7) a “Dialética era, na Grécia antiga, a arte do diálogo. Aos poucos, passou a ser a arte de, no diálogo, demonstrar uma tese por meio de uma argumentação capaz de definir e distinguir claramente os conceitos envolvidos na discussão”. Na acepção moderna, Dialética “é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação” (KONDER, 1995, p. 8).

Partindo destas duas definições, destacamos a “dialética da vida” como a possibilidade de, através do diálogo com estas mulheres a respeito do seu envolvimento com as *manualidades*, pensar em nossa existência enquanto mulheres, em nosso convívio com outras mulheres, nos valores que atribuímos às práticas que envolvem artesanato, nas diferenças entre nossos “pontos de vista”. E, principalmente, chegarmos a compreender o movimento que fizemos (com os trabalhos manuais ou sem eles) para nos constituirmos como estamos, neste momento, e na possibilidade de sermos diferentes daqui a pouco, naquilo que julgarmos ser necessário.

Konder (1995) ao buscar as “origens da dialética” traz o pensamento de diversos filósofos, sempre destacando o caráter transformador inerente à condição humana na História. Com Heráclito de Éfeso (540 - 480 a.C.) Konder salienta que “tudo existe em constante mudança”. Assim como Freire (2002), em seus escritos na atualidade, pensou a Educação e a própria sociedade. Para Freire, somos seres em constante transformação e esta possibilidade de ser inconcluso é o que promove a necessidade de aprender.

Parece, para nossa perspectiva atual, que esta é uma premissa óbvia: temos a capacidade de transformar e nos transformarmos; porém, esta não foi a idéia difundida ao longo da História em especial para as mulheres e para os pobres. A

metafísica de Parmênides (contemporâneo de Heráclito) prevaleceu por dizer mais precisamente dos interesses de grupos dominantes, aos quais, a mudança não era bem-vinda, podendo significar uma “tentação” aos grupos dominados em querer mudar a situação vigente (KONDER, 1995).

Ao citar Pico de La Mirandola (1463 - 1494) Konder salienta a sua idéia de “que o fato de o homem ser ‘inacabado’ e, portanto, poder evoluir, lhe conferia uma dignidade especial e lhe dava até certa vantagem em comparação com os deuses e anjos (que são eternos, perfeitos e por isso não mudam)” (1995, p. 14). Essa inconclusão humana, também foi destacada por Freire, uma das referências para pensar estes processos de ensinar e aprender vividos por homens e mulheres. Trombetta e Trombetta (2008, p. 228, In: STRECK, REDIN e ZITKOSKI, 2008) destacam que

A concepção antropológica de Freire é marcada pela idéia de que o ser humano é um ser inacabado; não é uma realidade pronta, estática, fechada. Somos um ser por fazer-se; um ser no mundo e com os outros envolvidos num processo contínuo de desenvolvimento intelectual, moral, afetivo. Somos seres insatisfeitos com o que já conquistamos. Estamos sempre nos fazendo, refazendo, começando, recomeçando. O humano não é, ele se conquista, faz-se por meio de suas ações no mundo, na história. Em cada ponto de nossa vida, não somos ainda tudo o que poderíamos ser e o que ainda poderemos vir a ser.

Acompanhando o pensamento de Konder e Freire e, também, dos Filósofos que inspiraram seus escritos, consideramos importante ressaltar a concretude de tais idéias no cotidiano das *professoras de manualidades* que participaram desta investigação. Primeiramente deixaram visível em seus depoimentos, o processo pelo qual passaram até poderem dialogar sobre seu cotidiano da forma como o apresentaram. Das primeiras tentativas de meninas curiosas, à profissionalização na área. Mulheres que ainda se movem por uma grande curiosidade. Da mesma forma, descreveram suas primeiras tentativas frustradas de produção até a chegada a um rigor estético que lhes parecia mais apropriado (“*más prolijo*” no caso de Naara).

4.5. Nossa vida como um tricô: os “nós” que aparecem quando destecemos a peça

O nó faz referência... à complexidade da ligação, reúne dois fios ou cordas a muitos outros fios. (JOSSO, 2006, p. 373)

Que bom seria se no ato de destecer, fosse possível observar todos os pontos, todas as voltas, cada detalhe, sem a aparição de um “nó”. Quando esses “nós” aparecem em nosso tricô cotidiano, temos algumas alternativas: desfazê-los (o que geralmente esperamos fazer), deixá-los (o que não é muito desejável, dependendo do seu tamanho) ou eliminá-los (o que é nada desejável até porque a união dos fios exige um novo nó - agora com outras pontas). Se entendermos estes nós, não como tropeços em nosso ato de destecer (mesmo que pareçam), mas como momentos formadores em nossa jornada e/ou como a nossa ligação com os outros que nos constituem, podemos retirar deles importantes conceitos para continuarmos nossa caminhada. Nesse momento, encontramos algumas aproximações com Josso (2006) e a metáfora dos “nós de marinheiro” que ela utiliza para falar sobre estas ligações que nos formam.

A tentativa do uso dessa metáfora é dar a perceber que a ligação é ao mesmo tempo, o que dá uma sustentação, que prende e que mantém uma relativa estabilidade, que permite o movimento em um perímetro definido, mas também o que impede sair desse perímetro, o que entrava, o que pode ficar machucando quando se tenta a liberdade sem conseguí-la, o que se desfaz mais ou menos facilmente para encontrarmos a liberdade de movimento. (JOSSO, 2006, p. 373)

Nesta experiência de conversar com duas artesãs que ensinam artesanato a outras mulheres, não iniciamos o diálogo com uma questão mais específica sobre a sua profissão, porque já as conhecia como profissionais. Parti, portanto, das indagações, “como chegaste ao artesanato?” ou “como surgiu o artesanato em tua vida?” e outras.

As conversas foram realizadas individualmente. Foi feito o esforço de olhar para estes três relatos buscando as relações e distanciamentos possíveis entre eles. Não foi solicitado que as mulheres relatassem por escrito sua história, porque isso

iria requerer um trabalho bastante intenso com elas, que ainda não tem o hábito de relatar, desta forma, suas vivências. Esta já foi uma constatação desde os primeiros encontros realizados no Brasil e corroborado com as visitas realizadas na oficina *de manualidades* em Rosario: *estas mulheres-artesãs têm outras formas de sistematização e pouco utilizam a forma escrita, valendo-se mais da memória e da transmissão oral*. Poucas coisas são, efetivamente, registradas por escrito. Nada mais do que alguns esquemas para novos “pontos” ou, ainda, nomes e números de agulhas e outros materiais podem ser encontrados em algum lembrete em papel.

Considera-se que foi possível, por meio do diálogo, estabelecer vínculos com estas artesãs e, assim, ter mais fluidez na conversa. Estive, entre os primeiros encontros, consolidação do coletivo e realização de entrevistas e grupo de discussão, por 2 anos envolvida com o grupo no Brasil e 4 meses com o grupo na Argentina, realizando visitas semanais e, participando ativamente das atividades neles propostas. Sei que algo está ainda guardado em *nós*, coisas que não dissemos umas para as outras ou que estão enredadas em nossa memória, porém, isto não invalida o procedimento, já que várias questões do nosso cotidiano foram explicitadas e já constituem interessantes relatos de experiência e superação.

Josso (2006) denomina estes momentos em que selecionamos o que será guardado, o silêncio ou a não-resposta com esta metáfora dos nós, chamando-os de “*nós de cabestan ou de atracação*”. Segundo ela, “o nó de atracação deve ser feito de tal forma que, se houver tempestade ou tempo ruim, ele não se afrouxe, mas facilmente seja desatado quando chegar o momento da partida, ao fim do procedimento.” (JOSSO, 2006, p. 376)

Diz respeito a um elo que estabelecemos com *nós* mesmas, ancorando-nos em algumas referências (que consideramos seguras) para revisitarmos nossa própria história, com isso podemos compreender as “seleções” que fizemos e abandoná-las em outro momento. Para Josso (2006), esta visita ao passado constitui uma jornada em direção aos “elos que nos habitam”. Os laços, portanto, elos de ligação apontados por Josso (2006), dizem respeito, aos laços de parentesco, aos transgeracionais, aos geracionais, aos profissionais, aos simbólicos e aos religiosos ou espirituais. No relato de Niara, Naara e no meu, pude perceber a existência de tais laços que foram nos constituindo e consolidando as mulheres que dizemos ser.

Os laços de parentesco foram os primeiramente evocados por *nós* três. No

meu caso e no de Niara, aprendemos pela observação de nossas mães tecedoras. Naara, mesmo declarando que não aprendeu com ninguém de sua família, iniciou suas primeiras tentativas desenhando (*dibujando*) para sua irmã menor. A família, ou melhor dizendo, as mulheres da casa, estavam presentes naqueles momentos e continuam presentes em nossos depoimentos. Mesmo que, mais tarde, a influência da mãe ou da irmã não fossem determinantes para a continuidade da profissão escolhida, foi um bom começo. No meu caso específico, mesmo que agora esteja falando do meu envolvimento com o artesanato partindo do olhar sobre o trabalho da minha mãe (que hoje também ensina artesanato), vejo que sua influência inicial foi quase determinante para a escolha da minha profissão de professora, o que já descrevi em minha dissertação de Mestrado (CUNHA, 2005).

Poucas, em realidade, assim como nas pesquisas realizadas por Josso (2006) foram as referências aos *laços transgeracionais*, ou seja, aqueles que remetem diretamente ao decurso da História, a uma ancestralidade ou a relações muito próximas entre fatos históricos e a nossa existência hoje. Salienta Josso que

A raridade da evocação desses tipos de filiação faz refletir sobre a formação de uma consciência histórica transmitida tanto na escola quanto no meio familiar. Quando esses laços são evocados é porque eles tocaram diretamente o autor ou membros de sua família próxima. (2006, p. 377)

Principalmente na fala de Naara, pode-se perceber alguma referência (que não cremos que seja casual ou arbitrária) a uma ancestralidade indígena que, fenotipicamente é possível perceber, mas que, culturalmente está bastante esquecida. Cita a preferência por cerâmica, o pai que buscava um lugar para viver próximo ao rio, porque “*le gustaba*” pescar. Na história narrada por Niara é mais difícil encontrar elementos da cultura negra nas escolhas dos materiais e peças produzidas por ela, creio que pela “inserção social das mulheres negras” em nossa sociedade e à formação diversa e, muitas vezes, amalgamada da cultura brasileira no que diz respeito à influência africana. No meu caso, por conviver mais com a mãe (oriunda das regiões litorâneas do Rio Grande do Sul, com forte influência açoriana), percebo no crochê que enfeita a estante e em outras *manualidades* para além dos que se articulam ao tecer (doces com ovos, arroz de leite, dentre outros) uma variedade de indícios e resquícios de uma cultura portuguesa que não é

cultuada ritualmente, mas é bastante vivenciada.

Os *laços geracionais* citados pelas mulheres⁹¹ não evocam, como o descrito por Josso (2006), as vivências escolares. Talvez porque ambas tenham pouco tempo de escolarização. Remetem mais à atualidade e não tanto à escolha da profissão. É hoje, nas oficinas/*talleres*, que encontram várias das “alunas” na mesma faixa etária delas, com interesses bastante comuns. Não houve relatos que remetessem à amigas, primas, colegas de escola.

Niara, em seu relato, evoca *laços profissionais*. Falou de suas colegas mais velhas que faziam tricô e crochê nos plantões do hospital. Mesmo que esta fala seja apenas uma aproximação do que foi descrito por Josso (2006), já que, foi depois da vivência com as colegas do hospital que Niara se tornou uma artesã, é interessante perceber a influência destas colegas de trabalho mais velhas, que a incentivaram a aprender mais sobre as *manualidades*. Passavam o tempo do plantão tecendo. Que conversas teriam?

Foram vislumbrados vários *laços simbólicos* nos depoimentos destas duas artesãs. Em mim estava mais uma vez demonstrado o apego pela minha mãe e a vontade que tinha de “ser como ela” de “fazer o que ela fazia”. Assim também para Niara. Descreveu, em breves palavras, que gostava de ver a mãe fazendo tricô sentando-se ao seu lado para *ad-mirar* sua tecedura. Naara não fala a respeito deste tipo de apego, mas destaca, com alegria que sua irmã ficava “*re chocha*”⁹² ao ver os desenhos que ela fazia de Clemente. Esses laços, cheios de sentidos, podem ser percebidos em todas as falas. Nessa linha, podemos dizer que também aparecem, mesmo que timidamente *laços espirituais*, que, talvez, tenham nos levado a pensar na dialética da vida, tecendo e destecendo os fios que nos emaranham.

A experiência para Josso (2004; 2006) diz respeito ao vivido e refletido. Então, neste momento, para finalizar estas reflexões, gostaria de explicitar algo que ocorreu ao longo desta investigação, comigo, com as artesãs e as aprendentes.

Para esse momento, me sinto atraída por pensar em mais um “nó” para compreender esse “nós”. Originalmente, o nó escolhido chama-se “nó de tecelão”,

⁹¹ Neste caso, não recorro de amigas da minha idade que se interessassem por trabalhos manuais e hoje, é comum que várias delas considerem o artesanato - principalmente o tricô - “coisa de velha”.

⁹² Este termo representa o que, para os gaúchos traduz “tri feliz” - muito contente.

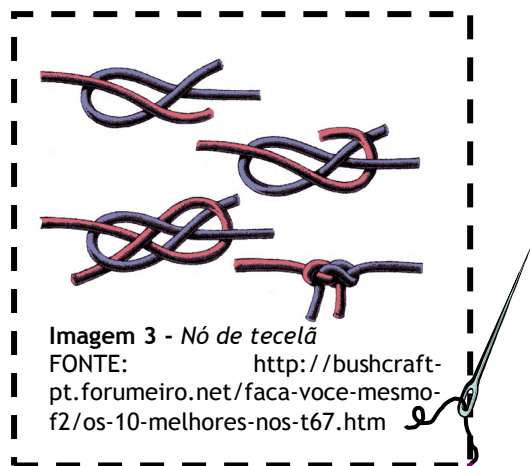
mas como, neste texto, estamos fazendo referência a mulheres que ensinam e aprendem, proponho que este nó seja chamado de “nó de tecelã”.

Este nó é feito com o objetivo de unir dois fios. Visto num primeiro momento, poderia ser considerado igual ao nó direito, fácil de desmanchar, mas um olhar mais atento revelará uma boa diferença: ele possui mais tramas. Cada um dos seus fios, além de entrelaçarem-se um no outro, ainda possuem, para a finalização do nó, mais duas voltas. Como se cada fio fosse tramado em si e no outro a que se quer unir. Não é fácil desmanchá-lo.

Esse nó pode representar minhas interpretações sobre os modos como estas mulheres professoras de *manualidades* ensinam e aprendem, mas, acima de tudo, para pensar a relação estabelecida entre pesquisadora e artesãs. Por quê?

Primeiramente, porque, se visto aligeiramente, pode lembrar o “nó direito”, o qual representa a fragilidade de algumas relações, bem como, frágeis, por serem temporárias, podem ser compreendidas as que envolvem pesquisadora e sujeitos da pesquisa. No caso do trabalho apresentado nesta tese foi, respectivamente, um ano com mulheres da oficina de artesanato no Brasil e quatro meses

com mulheres da oficina de *Manualidades* na Argentina. A intensidade das conversas, o modo como foram fluindo e o compromisso acadêmico e afetivo que foi assumido com as mulheres e no tratamento das suas falas para a compreensão de um cotidiano de ensino e aprendizagem remetem a que este nó não pode ser considerado como aquele que se desfaz facilmente.



5. MULHERES *NEGRAS* E TRABALHO MANUAL: SENSIBILIDADES QUE SUPERAM CONDICIONANTES E ESTIGMAS.

Os trabalhos manuais que envolvem práticas como o tricô e o crochê são notoriamente difundidos como “atividades femininas”, como temos visto até aqui. Suas mãos ocupadas impediriam que as mulheres pudessem tocar-se ou ainda, pensar “lascividades”, como foram considerados, histórica e religiosamente, o desejo sexual e a paixão. A respeito deste tema, Edla Eggert (2009) salienta que

A Igreja, em sua máxima pedagógica para com as mulheres, construiu com grandeza e eficácia, a ocupação dos corpos das mulheres. A impressão que passa é que, dessa maneira, elas não teriam tempo possível de pensar em si mesmas e na criação de algo ou, ao menos, de relacionar o que faziam com o que aprendiam, durante todas as suas atividades. (p. 43, 44)

Contudo, segundo o que descreveu Thomas Ewbank (1976), o viajante inglês, no século XIX, a voz das mulheres não se podia calar, tanto que a expressão “tricotar”, na atualidade, ainda é reconhecida como conversa entre mulheres.

Consideramos que os trabalhos manuais que tinham por finalidade “segurar” as mulheres, sucumbiram em seus propósitos, pois colocaram as algemas em lugar equivocado. Não eram as mãos que estavam libertando as mulheres, eram as suas múltiplas vozes e através delas, a possibilidade de articulações com as demais.

No caso das mulheres negras (afrobrasileiras), isso se deu de forma um pouco diferente: não lhes eram ensinados trabalhos manuais para exercer controle sobre elas, o controle já estava “dado” pela posse de seus corpos escravizados. Estes trabalhos eram destinados a mulheres “brancas”, européias, integrantes das classes mais abastadas da sociedade. As mulheres negras ficavam incumbidas de

outras atividades manuais, das quais fora retirado o teor artístico: elas cozinhavam, lavavam, engomavam, trançavam cabelos, dentre outras atividades. Raramente aprendiam outros trabalhos manuais. Em alguns estudos é possível compreender que as mulheres negras se destacavam fiando lã de ovelha (MARTINEZ, 2006).

Sendo assim, muito tardiamente em nossa sociedade brasileira, é que foi “permitido” às mulheres negras acesso a estes conhecimentos. Para estas mulheres, diferente do que para as mulheres não-negras (exceto indígenas), os trabalhos manuais significavam uma oportunidade de ascensão social e libertação. Anteriormente, o pouco acesso que tinham a estes trabalhos, era suficiente para que exercessem tais tarefas para suas patroas e isso ocorre até mesmo após a abolição da escravatura. Portanto, em meados da década de 50 do século passado, as mulheres negras lutavam por espaços onde pudessem aprender estas “prendas” para si, para suas casas.

O jornal Quilombo descreve o momento da instalação do Conselho Nacional das Mulheres Negras, no dia 18 de maio de 1950. Dentre suas aspirações, havia a necessidade de criação de uma associação profissional das empregadas domésticas, de uma academia de artes domésticas e do teatro e *ballet* infantis. No discurso de fundação deste conselho, foi destacado pelo sociólogo Guerreiro Ramos que era “urgente uma ação educativa e de preparação profissional da ‘gente de cor’ afim de que ela esteja em condições de acompanhar os estilos de comportamento social das classes superiores” (NASCIMENTO, 2003, p. 98). Para tanto, sendo o “Departamento Feminino” do Teatro Experimental do Negro, este conselho, sob esta égide, deveria se ocupar em promover ações que fossem específicas para as mulheres negras. Dentre as “artes domésticas”, portanto, estavam o tricô, o crochê e o bordado que, neste caso, poderia significar qualificação.

No caso das descendentes de indígenas argentinas, mais especificamente no grupo que freqüentei no Centro Ecumênico Poriajhú (Capitán Bermúdez - Santa Fe - Argentina), as vivências são muito semelhantes. Historicamente o conhecimento do uso da terra, da produção em cerâmica era destinado a estas mulheres e aos poucos foi subsumido, assim como sua medicina alternativa e religiosidade.

No âmbito da superação dos condicionantes, é visível o esforço das

mulheres. Geralmente, dadas as suas realidades, empenham-se em “fazer do limão uma limonada” como corriqueiramente ouvimos dizer. Nem sempre, os protagonismos femininos ao longo da história têm sido calcados por mudanças radicais em sua existência. Alguns deles são frutos de pequenas reformas cotidianas que, em cada caso, promovem alguma superação.

Sugiro, agora, a reflexão sobre o ensino e a aprendizagem de trabalhos manuais, situando esta experiência em dois grupos bem específicos de mulheres: as negras por sua condição racial no Brasil e as *negras* por uma condição social na Argentina. Busquei as possibilidades de que, nestes grupos possa haver elementos primordiais para uma reflexão sobre a Pedagogia.

Durante os encontros dos grupos de artesanato, foi possível perceber o lugar central que a “professora” assume perante suas “alunas”. Ela fazia questão de apontar modelos para elas, mas mesmo que exigisse a cópia fiel do que mostrou, um pouco de rebeldia se manifestava nas aprendentes, pois os trabalhos sempre ficam diferentes entre si, embora seguissem o mesmo referencial. O modelo parecia ser o princípio fundamental. A mesa ficava repleta de amostras, trabalhos prontos, idéias que podiam ser seguidas. A professora, aparentemente, não se preocupava em corrigir os erros, mas evitava que eles acontecessem e, para isso, inclusive, fazia pelas alunas algumas das tarefas que lhes eram destinadas, para que tudo corresse bem.

Não havia, preocupação com que diversas atividades fossem feitas ao mesmo tempo e que umas fossem as professoras das outras, portanto, a homogeneização dos trabalhos não se dava através do ensino de uma técnica por vez. Geralmente, eram notórias várias atividades em um mesmo lugar: umas aprendiam tricô, outras crochê, outras ainda pintura... Quando a atividade era única, proporcionava que a conversa acontecesse entre todas. Quando havia uma multiplicidade de atividades, geralmente a conversa se apresentava em pequenos grupos, mas não deixava de acontecer. Ao longo dos encontros, percebi que a professora, a fim de qualificar a sua intervenção, buscava ensinar uma técnica por vez àquele grupo que lhe foi confiado. Portanto, para que houvesse uma multiplicidade de conhecimentos sendo apreendidos pelas mulheres, era necessário que várias professoras se organizassem com um grupo (geralmente pequeno) de aprendentes. Percebe-se, com isso, que o ensino era bem individualizado.

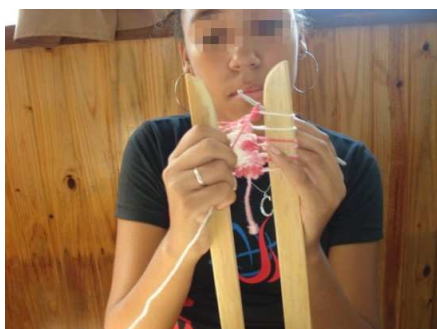
Observar grupos de produção manual feminina pode co-laborar na estruturação de uma teoria que venha a expressar pedagogias da/na não-formalidade ou das tramas complexas. Por este motivo, organizei, observei e participei na cidade do Rio Grande - RS, do grupo de mulheres que aceitou se reunir para aprender “crochê de grampo”, tricô, crochê, favos, pintura em tecido e fuxicos. O aprendizado, especificamente desta arte, iniciou-se em 2008.



Fotografia 28 - Crochê
Rio Grande, RS, Brasil
FONTE: Acervo da Pesquisadora



Fotografia 29 - Pintura em tecido
Rio Grande, RS, Brasil
FONTE: Acervo da Pesquisadora



Fotografia 30 - Crochê de Grampo
Rio Grande, RS, Brasil
FONTE: Acervo da Pesquisadora



Fotografia 31 - Crochê de Grampo
(Detalhe)
Rio Grande, RS, Brasil
FONTE: Acervo da Pesquisadora

Esta prática não-escolar que, ocorreu no refeitório da Escola Estadual, constituiu minhas primeiras observações a fim de sistematizar as idéias que desenvolvi nesta pesquisa. Para além da valorização de práticas de trabalho manual que já estão em extinção no Rio Grande do Sul (como, por exemplo, o crochê de grampo), considerei nesse ato investigativo a possibilidade de vislumbrar, por meio das “professoras de artesanato” pedagogias que são gestadas por pessoas sem formação pedagógica e escolar.

Retomo que, da mesma forma, participei de março a julho de um *Taller de*

Manualidades para adultos (presença maciça feminina) na cidade de Capitán Bermúdez (Santa Fe - Argentina). Este grupo que também se reunia regularmente, uma vez por semana (como no Brasil), realizava trabalhos envolvendo E.V.A., papel cartão, papel corrugado e macramê. Estes encontros, por acontecerem em um Centro Ecumênico com forte influência dos pressupostos da Teologia da Libertação, oferecia esta oficina dentre outras para crianças, jovens e adultos, tendo como objetivo promover oportunidades emancipatórias para os participantes. A “*seño de manualidades*”, como era chamada pelas demais, diferente da brasileira, possuía uma larga trajetória como professora de artesanato e envolvimento com a Economia Solidária.



Fotografia 32 - Taller de Goma E.V.A.
Capitán Bermúdez, Sta. Fe, Argentina
FONTE: Acervo da Pesquisadora



Fotografia 33 - Taller de Papel Cartón
Capitán Bermúdez, Sta. Fe, Argentina
FONTE: Acervo da Pesquisadora



Fotografia 34 - Taller de Macramé
Capitán Bermúdez, Sta. Fe, Argentina
FONTE: Acervo da Pesquisadora



Fotografia 35 - Taller de Macramé(2)
Capitán Bermúdez, Sta. Fe, Argentina
FONTE: Acervo da Pesquisadora

Tal estudo pode contribuir com novas considerações sobre o fato de que processos educativos ocorrem em diferentes lugares e tempos, de diferentes

formas e com diversos protagonistas. Neste sentido, podemos considerar que existe ato educativo em processos de aprendizagem de trabalhos manuais, mesmo que estas práticas sejam consolidadas fora do espaço acadêmico.

Um estudo como este também objetiva refletir sobre os lugares e (entre)lugares da Pedagogia no âmbito da sociedade. Busca, na medida do que é realizável, minimizar de alguma forma, a brusca distinção e hierarquização das práticas escolares e não-escolares, sem que uma “amedronte” a outra. Vimos, no cotidiano da escola⁹³, nos relatos de algumas pedagogas que “todo mundo se arvora a ensinar”, ou ainda, do outro lado “os acadêmicos acham que só eles sabem tudo”. Sabendo que ambos os espaços precisam dialogar para aprender entre si com suas próprias limitações, não é um ganho para o campo da Educação e especificamente da Pedagogia que este abismo permaneça entre estas duas manifestações do ensinar e do aprender.

Consideramos, com isso, que este “medo” da perda de espaço que é visível nos discursos dos pedagogos e pedagogas, é parte integrante de uma insegurança própria de quem, por si só, desconhece seus porquês, para quês, para quem e “como” conduzir sua prática. Sendo assim, se auto-flagela e se destrói. Neste sentido, é fundamental que as pedagogas possam refletir sobre estas questões básicas e fundamentais para a prática educativa que se pretende emancipatória e progressista. Obviamente que há uma tendência perversa de demonstrar que, através de um bom manual de instruções, se pode ensinar qualquer coisa a qualquer pessoa. Questionamos este posicionamento tendo em vista a fragilidade e a inconsistência de um conhecimento que vem do manual para os aprendentes, com pequenos resquícios de aproximação com as vivências destes, como se fossem, apenas, sua capacidade cognitiva.

Podemos dizer, então, que o que distingue a formalidade da não-formalidade são as formas de sistematização e certificação. O que isto significa? Como o próprio radical das palavras o expressa, são “formas”, diversas e, muitas vezes, distintas, porém não considero que em algum momento sejam antagônicas. Não há perfeição em nenhuma delas e há possibilidades de emancipação em ambas. Na Academia, incorporamos a escrita em seu valor social de um registro que pode ser produzido e reproduzido “fielmente”, que fica, que atravessa os

⁹³ Aqui, recordo minha experiência como professora de anos iniciais na Rede Pública de Ensino. Tais comentários eram bastante recorrentes nas escolas por onde trabalhei.

tempos, a princípio, sem alteração. Sabendo que nem sempre isto ocorre “ao pé da letra” podemos perceber que, certamente, se constitui como a forma mais viável de registrar fatos e conhecimentos de forma perene e com alterações programadas. Já na oralidade, forma de registro mais comum entre pessoas que, por exemplo, constituem os grupos os quais participaram desta pesquisa, não ocorre o mesmo. Vale a ressalva de que “quem conta um conto aumenta um ponto”, porém não esvazia o sentido do registro, mesmo que este seja calcado na memória e esta tenha seus limites.

A escrita também tem seus limites. Dizer que não os possui seria buscar afirmar que conseguimos transformar em texto tudo aquilo que vivenciamos ou ainda supor que as transcrições são sempre fiéis e que nesta forma de registro é inegável a neutralidade de quem registrou. Eggert (2004, p. 226) ainda destaca alguns questionamentos a este respeito

Estaremos aprofundando uma possível armadilha enquanto estivermos buscando uma comunicação numa lógica universalizante. E a mutilação do nosso pensamento ocorre sem que percebamos. Por isso pergunto o quanto estamos, nós mulheres, conseguindo dizer, escrever e produzir a partir do que nos é e foi legado como espaço e tempo de circulação de nossos corpos e mentes?

No caso das mulheres *negras* (tanto afrobrasileiras como descendentes de indígenas argentinas), nota-se historicamente que foram desprovidas do direito de freqüentar espaços educativos formais. Talvez por isso, até hoje, seja possível ver a superação de condicionantes e a busca por emancipação destas mulheres em atividades que anteriormente, poderiam ser consideradas eficientes para aprisioná-las ou desprovidas de ganho intelectual.

Como salientou Flora Tristan⁹⁴, ao amar o que é difícil, as mulheres podem superar os condicionantes, (re)criar pedagogias e, a partir das formas de sistematização, apropriação e difusão dos seus saberes, almejarem novas possibilidades de ser e estar no mundo.

⁹⁴ Feminista marxista nascida em Vaugirard (próximo a Paris) em 1803. “Ela nunca foi à escola. Aprendeu a ler e escrever com a mãe, que era, ela mesma, semi-analfabeta.” (KONDER, 1994) Desde muito cedo percebe que alguns de seus sofrimentos estão vinculados a sua condição de mulher e luta contra isto perante seus críticos e, também, perante seus companheiros de luta.

5.1. Trabalhos manuais e possibilidades de (re)criação de Pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas

Dos tantos sobrenomes que a Pedagogia possui, para citar alguns: a Pedagogia de Projetos, a Pedagogia Social, a Pedagogia do Oprimido, a Pedagogia da Esperança -, inicialmente estive receosa de ingressar no campo pedagógico com mais um destes sobrenomes. Considero que as manifestações das mulheres em suas possibilidades de ensinar e aprender, que podem ser generalizadas para outras formas de ensinar e aprender fora dos ambientes acadêmicos, requerem uma conceituação peculiar. Por que as chamo de Pedagogia da não-formalidade ou das tramas complexas? Embora a definição de “formal” e “não-formal” seja algo posto em discussão, pois no que diz respeito a este assunto as fronteiras são muito tênues, vale a pena considerar tais conceitos. Entendemos aqui por “formal” toda a prática educativa que se realiza em ambientes formais de instrução: escolas, universidades... e as da “não-formalidade” aquelas que de alguma maneira têm instituições que a cercam, porém, uma não sobressai da outra. Contudo, estas “formas” não são totalmente “sem-forma”. Por isso, ao invés de adotar o termo “pedagogias não-formais”, considero-as “pedagogias da não-formalidade”, ou seja, uma tentativa pedagógica de se manifestar em espaços diversos e inusitados porém, permeados e transpassados por diversas instituições.

Este, para mim, é o caso das mulheres que constituem grupos que se reúnem para aprender e ensinar tricô, crochê, bordados e outros trabalhos manuais notoriamente “femininos”. Escola, família, terreira, igreja... são apenas algumas das instituições em que estão inseridas, mas no grupo que pode ocorrer em uma escola, igreja, terreira ou outro espaço que se torna educativo, não há como separá-las ou decretar a sobressaliência de uma.

Também as tenho chamado de experiências não-escolares, pois a partir da história das mulheres negras no Brasil é possível perceber que o espaço escolar não era freqüentado por elas e que, ainda na atualidade, há a proposição de ações afirmativas no sentido de promover o ingresso neste lugar. Muitas mulheres negras ao falarem da escola, a concebem como um lugar necessário, “um tudo”, fundamental para a ascensão social, porém ao serem questionadas sobre o fato de não optarem, terem abandonado ou terem sido abandonadas pela escola,

consideram “não é para nós”, produzindo saberes por outra via, mas sem deixar de fazê-lo.

E das tramas complexas? Além da metáfora da trama, busquei ressaltar a complexidade desta discussão e dos grupos de trabalhos manuais em si. A inspiração veio de um texto de Maria Teresa Esteban (2003) sobre “tramas complexas”. Primeiramente porque a metáfora da trama⁹⁵ pareceu bastante oportuna, tendo em vista o objeto e os sujeitos dessa investigação. Essa complexidade⁹⁶ é compreendida sob o viés da Educação Popular, realizando diálogos com a autora e suas reflexões a partir de teóricos que abordam o tema. Entendo que o estudo destas pedagogias se complexifica no momento em que esta

Epistemologia da complexidade nos assinala caminhos, ao menos atalhos, quando expõe o complexo como aquilo que se tece junto, indicando que a insegurança, indefinição e imprevisibilidade se entrelaçam à previsibilidade, estabilidade e segurança, nos fazendo percorrer tanto atalhos e desvios não pensados ou mesmo negados como percursos rotineiros ou pretendidos. (ESTEBAN, 2003, p. 143)

Busquei ressaltar os modos de interação das mulheres entre si e comigo, num processo dinâmico que as envolveu em torno de uma complexa pedagogia, o que suscitou, por ser desconhecido e às vezes inusitado, certa estranheza de minha parte. Alguns conhecimentos pedagógicos por mim há anos estudados, como por exemplo, o uso dos modelos fornecidos pelo professor, foram questionados a todo momento. Percebi, com isto que estas eram questões que não poderiam ser meramente ajustadas ao recorte teórico-metodológico já que se complexificavam a cada encontro com as mulheres. A opção por trabalhar com “mulheres simples”

⁹⁵ Esta metáfora também inspirou Paulo Freire em sua “Pedagogia da Esperança”. Leonardo Boff, no Prefácio (FREIRE, 2008, p.7) considera que o livro “narra a trama” das andanças de Paulo Freire e suas “discussões com camponeses, indígenas, operários europeus e norte-americanos, negros de vários países de África, guerrilheiros interessados em educação, acadêmicos de todas as áreas, ministros e chefes de Estado” (2008, p. 7). O próprio Freire utiliza a metáfora para apresentar suas experiências e a composição da obra. Ressalta:

“num primeiro momento, procuro analisar ou falar de *tramas* da infância, da mocidade, dos começos da maturidade em que a *Pedagogia do oprimido* com que me reencontro neste livro era anunciada e foi tomando forma, primeiro, na oralidade, depois, graficamente. Algumas dessas tramas terminaram por me trazer ao exílio a que chego com o corpo molhado de história, de marcas culturais, de lembranças, de sentimentos, de dúvidas, de sonhos rasgados mas não desfeitos, de saudades de meu mundo, de meu céu, das águas mornas do Atlântico, da ‘língua errada do povo, língua certa do povo’. Cheguei ao exílio e à memória que trazia no meu corpo de tantas tramas juntei a marca de novos fatos, novos saberes constituindo-se, então, em novas tramas.” (p. 12-13)

⁹⁶ Largamente estudada e presente em várias obras de Edgar Morin.

também foi posta em xeque. Poderiam ser consideradas “simples” no vocabulário cotidiano tendo como ponto de partida a sua condição social semelhante, também etnicamente excluídas de alguns direitos. Entretanto, deparei-me com uma rede complexa de aprendizagens e conhecimentos que não podiam ser facilmente compreendidos, mesmo que me aproximasse também como aprendente no grupo.

Nesta pesquisa, fiz opções metodológicas que buscassem retirar da invisibilidade os sentidos dos fragmentos do trabalho feminino que, ao longo da história do Brasil e da Argentina, se tornaram desprezíveis e irrelevantes. Entendendo que são “fragmentos mediadores de articulações complexas, de modos de viver e pensar, da dinâmica dos processos sociais” (ESTEBAN, 2003, p. 128) experimentados por mulheres que, a partir do inacabamento (como salienta Freire), buscam aprender coletivamente. Sendo assim, busquei indagar as mulheres sobre aquilo que aos seus olhos também parecia tão simples e corriqueiro para poder, ao ouvi-las, questionar e compreender as percepções que tinham dos trabalhos manuais que realizavam. Nesta via, também foi intencional rever meus posicionamentos, que por paixão pelo tema, também poderiam trazer um olhar tendencioso sobre o assunto, sabendo que, por si, seria limitado. Para tanto pretendi, a partir desta pesquisa, contribuir para a amplificação das possibilidades de compreensão do trabalho manual especificamente produzido por mulheres em grupos de artesanato, encontrando meios para melhor compreender a complexidade deste trabalho e assim, mais um pouco da própria complexidade das vivências das mulheres, visível na superação de condicionantes.

Para consolidar um campo teórico no âmbito das Pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas considerei, para além do que diz respeito ao estudo da Pedagogia voltada à educação de mulheres, as manifestações do ensinar e do aprender nestes dois grupos de mulheres *negras*, através de encontros realizados em 2008 e 2009. Destacarei algumas destas possibilidades de compreensão, a partir dos diálogos que realizamos, simultaneamente ao aprendizado destes trabalhos manuais.

5.2. Fios que compõem as Pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas

O objetivo em encontrar com as mulheres, não se restringiu a sistematizar o não-sistematizado, mas sim, buscar uma leitura, realizada a partir do campo teórico escolhido, das práticas que já são sistematizadas pelas mulheres que ensinam artesanato, formas que a academia ainda desconhece ou despreza. A partir das primeiras observações que realizei no grupo, percebi que as possíveis Pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas poderiam pressupor 5 pilares, a saber: a corporeidade, a sensibilização, o estético, a saúde mental e a emancipação.

No decorrer da pesquisa, levando em consideração o texto na epígrafe deste capítulo, já não mais os considero pilares, mas fios. Este texto destacado, ao abordar questões como imprevisibilidade e invisibilidade, previsibilidade e visibilidade, “opostos que se cruzam, se tecem, se aproximam, e distanciam” (ESTEBAN, 2003, p. 30) chamou-me atenção sobre um aspecto interessante nesta pesquisa. O objetivo não era uma discussão sobre as formas de ensinar e aprender destas mulheres, a fim de cristalizá-las. Estava em voga, a impossibilidade de não lidar com as relações complexas que estas pedagogias estabelecem com outras áreas do conhecimento. A idéia de “pilar” como uma “coluna simples que serve de suporte a uma construção”, “apoio” ou “esteio”⁹⁷, com o tempo, me pareceu inadequada. Creio que, sustentando tal idéia, gerava a percepção de que estes pilares, sustentáculos das Pedagogias, compunham uma estrutura quase inabalável, rígida, com conceitos prontos e acabados. A idéia de coluna, também me remeteu a isto. Além do que, tal idéia daria um caráter bastante onipotente a cada uma das descobertas feitas até este momento, como se não houvesse outras possibilidades que vão para além deste estudo.

A metáfora dos fios me parece bastante diferente e mais apropriada. Estes fios, até então apresentados, podem ser acrescidos de outros que, bem-vindos, poderão incrementar esta trama, desde que criteriosamente tecidos. E mais, foram os fios possíveis neste momento e já ao tecê-los, percebo que outros poderiam ter

⁹⁷ Conforme Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.
FONTE: <<http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=pilar>>

composto este cenário (como a religiosidade, por exemplo).

Por outro lado, se fossem “pilares” seria bem mais dificultada a inserção de outros. Geralmente, se usamos a metáfora de uma construção para entender o que estamos discutindo, a quantidade de pilares é planejada anteriormente, a ponto de serem considerados suficientes para determinada construção. Se outro pilar, depois da construção pronta vai ser posto, é porque houve “falha” na concepção dos mesmos, sem contar que pode estar significando a ruína da estrutura em questão. Este não é o caso dos elementos constituintes das Pedagogias que venho discutindo ao longo desta tese. Neste trabalho, retomando as considerações de Josso (2006), os fios, as ligações, os nós, são aqueles que sustentam a “embarcação/pedagogia” em sua jornada, mas também, para o momento, lhes fornecem os limites necessários, as possibilidades momentâneas e mais, condições de atracar em outros lugares, com outros fios e descobrindo outros nós. Este é o caráter que queremos salientar nesta tese. A seguir, apresentamos dois esquemas gráficos que tentam sintetizar as percepções, até aqui obtidas, sobre as pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas. O primeiro (Figura 5), construído para o momento de qualificação do Projeto de Tese, tem como objetivo demonstrar que estas pedagogias, poderiam ser compreendidas da seguinte forma: permeando todas as dimensões destas, haveria uma ancestralidade africana, tendo em vista que o estudo (neste momento) seria realizado com mulheres negras no Brasil. Esta “ancestralidade” africana, não queria remeter-se a uma africanidade pura presente nas mulheres, mas às implicações de uma ancestralidade, ou seja, características presentes nas práticas de mulheres negras escravizadas no século XIX das quais descendemos sem que saibamos precisamente a respeito, articuladas às vivências atuais no contexto das periferias urbanas. Perpetuações e mudanças na história de mulheres negras. Tal conceito está vinculado a outros cinco: corporeidade, sensibilização, saúde mental, emancipação e estético - que também se relacionam de alguma forma. Com a pesquisa e o aprimoramento dos próprios conceitos partindo do referencial teórico, foi percebido que estes não são dados em si mesmos ou possuem definições aplicáveis para o contexto de mulheres que aprendem e ensinam artesanato. Para este estudo, foram elencadas algumas dimensões de cada um, no contexto específico, passando a compor o segundo esquema aqui apresentado.

Buscando apontar para a pluralidade e complexidade de tais conceitos e das pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas em si, passamos a esquematizá-los através de uma “mandala de possibilidades”. Esta representação inspirou-se na mandala símbolo do FEA (Programa de Formação de Educadores Ambientais) da Bacia do Paraná III⁹⁸. Este coletivo adotou a mandala como ícone, buscando representar que, partindo de um ponto, pode-se chegar a tantos outros e quantos mais queiramos acrescentar. A partir desta representação foi composto o segundo esquema (Figura 6). Sua composição também parte de uma ancestralidade que agora não se restringe à africana. Esta ancestralidade não se reduz apenas às relações passado e presente. É compreendida perpassando origens históricas que trazem a possibilidade de elaboração de processos identitários mais consistentes e significativos, ou seja, para além do ganho individual, processos que possam ser percebidos coletivamente.

Os cinco *elementos* que compõem, portanto, as pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas, passam a ser melhor definidos nesta nova representação, e alguns deles inclusive, sofrem alteração na forma de serem nomeados: corporeidade, sensibilidade, promoção de saúde, cuidado estético e processos emancipatórios. Cada um deles, para além de estarem interligados, apontam para o fato de serem atravessados uns pelos outros. Sendo assim, de cada um surgem *sub-temas* a eles referidos que também se relacionam.

Estes sub-temas não foram justapostos. Dizem respeito aos que foram vislumbrados através das entrevistas em profundidade e grupos de discussão realizados, sistematicamente organizados na Tabela 4, tendo como foco os tópicos-guia elaborados para tal, os quais compunham os cinco elementos básicos já citados.

As cores que compõem estes “outros fios” (os sub-temas) foram escolhidas a fim de melhor apresentar *eixos* a que estes se filiam. Os que estão destacados pela cor verde dizem respeito a aspectos que se relacionam, mais aproximadamente, com as questões do “ser mulher” apontadas pelas participantes. Aqueles sub-temas destacados em vermelho, correspondem mais diretamente à busca de “autonomia”

⁹⁸ Este programa iniciado em 2005 foi idealizado pelos Ministérios do Meio Ambiente e da Educação através do Governo Federal Brasileiro. Enraizou-se na região da Bacia do Paraná III (oeste paranaense) por meio de um Coletivo Educador composto por Prefeituras e algumas instituições, dentre elas, a Itaipu Binacional. Desde sua implementação o programa tem utilizado a mandala como símbolo.

empreendida por elas. Já os que estão em roxo, abordam considerações sobre a “aprendizagem e a ensinagem” de *manualidades*.

Se olharmos esta mandala como um todo, podemos perceber que os sub-temas (em cores verde, vermelha e roxa) estão próximos dos elementos a que se agregam (destacados em diversos matizes da cor lilás). Entre eles também há relação. Pode-se também perceber que há sub-temas que se vinculam a outros sub-temas, por exemplo, o sub-tema “cuidado dos filhos” (do eixo “o ser mulher”, do elemento “processos emancipatórios”) está vinculado ao sub-tema “sentir-se útil” (do mesmo eixo deste elemento). Um olhar mais atento demonstrará que estes também se vinculam a sub-temas de outro eixo ou de outro elemento. Nesta perspectiva, o sub-tema “cuidado dos filhos”, do eixo “o ser mulher”, está relacionado ao sub-tema “poder fazer em casa” do eixo “autonomia” que estão relacionados ao elemento “processos emancipatórios”. E o sub-tema “gera paixão” do eixo “ser mulher” do elemento “corporeidade”, está vinculado ao sub-tema “saúde das companheiras”, do mesmo eixo, mas do elemento “sensibilidade”. Outro exemplo destas vinculações é apresentado no do sub-tema “confeccionar peças para si” do eixo “o ser mulher” do elemento “processos emancipatórios” com o sub-tema “decoração da casa”, do mesmo eixo, do elemento “cuidado estético”. Ainda é possível ver outras vinculações, pois cada sub-tema, relaciona-se diretamente aos sub-temas do mesmo elemento. Assim, o sub-tema “fazer amizades”, do eixo “o ser mulher”, está interligado ao sub-tema “distração”, do eixo “autonomia” e ao sub-tema “ter novas idéias” do eixo “aprendizagem e ensinagem de trabalhos manuais”, todos do mesmo elemento “promoção de saúde”.

Sendo assim, cada sub-tema quanto mais próximo de outro, mais vinculado a este está, segundo esta percepção atual das pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas. Por outro lado, também é importante a proximidade da vinculação com outro elemento (por exemplo, o “cuidado dos filhos” está relacionado à “corporeidade” das mulheres para além de vincular-se aos “processos emancipatórios” e assim por diante). Vê-se também, que há lacunas entre os sub-temas, os quais representam as possibilidades de inclusão de outros ou ainda, de nenhum. Outros tantos sub-temas poderão ser agregados visto que a idéia de mandala, nesta representação gráfica, abre esta possibilidade.

Também, apresentamos, na seqüência destes esquemas e da tabela com a sistematização dos sub-temas elencados nas falas, outras tabelas que dizem respeito aos esquemas decorrentes das entrevistas em profundidade realizadas com Naara e Niara. Neste momento, julgamos oportuno destacar o que foi recorrente nas falas destas duas mulheres. A fim de explicitar o processo como um todo, em anexo, encontram-se os esquemas referentes aos grupos de discussão realizados em Rio Grande e Capitán Bermúdez (anexos A e B). Finalizando este capítulo, realizamos algumas considerações a respeito dos elementos, eixos e sub-temas destacados nos esquemas os quais apresentamos.

ESQUEMATIZANDO AS PEDAGOGIAS DA NÃO-FORMALIDADE
Primeiras impressões.



Figura 5 - Pedagogias da não-formalidade (esquema inicial)

EMANCIPAÇÃO	SAÚDE MENTAL	ESTÉTICA	CORPOREIDADE	SENSIBILIZAÇÃO
* algo que não impede de cuidar os filhos;	* fazer amizades;	* decoração da casa;	* contato físico (abraço);	* sentir saudade do ambiente do curso;
* fazer peças para si;	* relaxar/desestressar/livrar-se da depressão;		* gera paixão;	* sentir saudade das amigas e da professora.
* maneira de expor o que pensa e o que gosta;				* “é uma coisa maravilhosa”;
* sentir-se útil em algo;				
* vender as peças e ter renda;	* sentir-se bem;	* busca da “perfeição” refazendo a peça se for necessário;	* despertar da criatividade;	* considerar belo o que faz;
* baixar o gasto com vestuário;	* fazer crochê sozinha na sombra de uma árvore estar sozinha pensando;	* direito e avesso bonito (ponto-de-cruz);		
* uso do tempo;	* passar as horas;			
* poder fazer em casa;	* distração.			
	* terapia;			
* experiência de aprender;	* “ocupar” a mente;	* imaginar a peça antes de fazer;	* artesanato como um vício;	* mostrar as peças para as aprendentes;
* saber algo para sempre tentar e ter uma chance;	* ter idéias novas;	* fazer igual ao da “vitrine”;	* “presença” da professora.	
* poder ensinar para alguém;	* aprender coisas novas;	* escolha dos materiais;	* respeito ao tempo de aprendizagem de cada mulher;	
* ter desejo de estar sempre aprendendo;	* sentir-se feliz com o aprendido;	* combinação das cores.		
* superar as dificuldades na aprendizagem;				
* despertar a curiosidade.				

Tabela 4 - Sistematização dos tópicos-guia (5) e temas a eles relacionados.

Naara C.E.Poriajhú - Capitán Bermúdez (Santa Fe - Argentina) Dia 01.04.2009 (1ª parte) Duração: 03'27''	
00'00 até 01'29''	Seus primeiros envolvimento com o artesanato.
01'30 até 01'56''	Aprendeu a tecer, destecendo.
01'57 até 03'27''	Como aprendeu a confeccionar as primeiras peças.

Tabela 5 - Entrevista com Naara transcrita por temas.

Naara C.E.Poriajhú - Capitán Bermúdez (Santa Fe - Argentina) Dia 12.05.2009 (2ª parte) Duração: 14'03''	
Tempo	Tema
00'00'' até 00'39''	O que Naara sabe fazer em peças artesanais.
00'40'' até 02'19''	Como Naara aprendeu a fazer peças artesanais.
02'29'' até 05'52''	Quando Naara tornou-se profissional no ramo artesanal. Algumas considerações sobre a feitura de peças em cerâmica e seu aprendizado.
05'53'' até 07'35''	Especialidades de Naara no ramo do artesanato.
07'36'' até 10'01''	A experiência de ensinar nas oficinas de artesanato.
10'02'' até 10'21''	Gosto de Naara por ferramentas "de homem".
10'22'' até 11'00''	A experiência de ensinar nas oficinas e a surpresa por poder ensinar.
11'01'' até 11'57''	Dificuldades e facilidades para ensinar.
11'58'' até 13'26''	Como Naara ensina.
13'27'' até 14'03''	O que Naara já ensinou para as aprendentes.

Tabela 6 - Entrevista com Naara transcrita por temas (2ª parte)

<p style="text-align: center;">Naara C.E.Poriajhú - Capitán Bermúdez (Santa Fe - Argentina) Dia 02.06.2009 (3ª parte) Duração: 74'07''</p>	
00'00'' até 05'01''	Sobre a família de Naara.
05'02'' até 07'04''	A fábrica de celulose de Capitán Bermúdez.
07'05'' até 07'41''	Pausa para ver uma mensagem no celular e para telefonar.
07'42'' até 10'01''	Conversa sobre o assunto da mensagem: o pato da cunhada de Naara que é bastante bravo e ataca os outros animais da casa.
10'02'' até 10'55''	Sobre as mulheres brasileiras.
10'56'' até 23'00''	Sobre o crochê de grampo (quando pude ensinar Naara a fazer esta arte).
23'01'' até 27'41''	Notícias sobre a viagem que fiz ao Brasil (XI Fórum Paulo Freire - Porto Alegre) e a vinda da minha orientadora a Rosario.
27'42'' até 28'54''	Gripe Suína e Dengue.
28'55'' até 29'31''	Como Naara ensina - Outras considerações.
29'32'' até 31'14''	Corporeidade: contato corpo-a-corpo nas oficinas.
31'15'' até 34'09''	Sensibilidade das mulheres para observar e fazer artesanato e para a oficina.
34'10'' até 35'34''	Promoção de emancipação; mais independência das mulheres a partir da participação e aprendizado na oficina.
35'35'' até 36'08''	Auto-estima: a contribuição da oficina para que as mulheres se sintam melhores consigo mesmas. A importância do trabalho que fazem mesmo sendo simples.
36'09'' até 37'10''	A percepção de alguns maridos sobre as oficinas de artesanato.
37'11'' até 39'13''	A importância de poder saber fazer artesanato para atender melhor a algumas necessidades dos filhos (festas de aniversário, roupas...). O artesanato como trabalho.
39'14'' até 41'45''	Promoção de saúde mental através das oficinas.
41'46'' até 44'06''	Exigências para que uma peça esteja esteticamente boa.
44'07'' até 44'56''	Fazer, mas não vender porque a peça assume uma conotação muito especial.

44'57'' até 47'44''	O que é necessário para que as pessoas considerem bonitas/feias as peças.
47'45'' até 49'00''	Aspectos gratificantes na prática de ensinar artesanato. Ser “oficineira”.
49'01'' até 50'34''	Relação de autoridade entre a professora e as aprendentes. A “submissão” de algumas mulheres e a dificuldade em expressar-se.
50'35'' até 52'24''	O que é necessário para ser uma boa professora de artesanato.
52'25'' até 53'20''	A necessidade de um título para ser considerada professora.
53'21'' até 53'52''	O que Naara espera de suas alunas.
53'53'' até 54'14''	O que Naara espera da aprendizagem das mulheres.
54'15'' até 54'46''	Retomada da questão sobre o ser professora de artesanato.
54'47'' até 57'43''	Como Naara organiza o planejamento de cada oficina.
57'44'' até 59'48''	Reflexão depois da oficina.
59'49'' até 60'43''	Quantidade ideal de mulheres na oficina e tempo de trabalho necessário.
60'44'' até 61'18''	O que poderia ser melhorado na oficina.
61'19'' até 62'31''	Aprendentes que poderiam ensinar.
62'32'' até 64'06''	A espera pelas iniciativas da professora.
64'07'' até 65'06''	Medo da concorrência, que algumas artesãs possuem.
65'07'' até 66'32''	A singularidade de cada peça confeccionada.
66'33'' até 68'21''	Fazer artesanato é um vício.
68'22'' até 69'40''	O marido de Naara.
69'41'' até 72'18''	A renda familiar e o trabalho profissional de Naara.
72'19'' até 74'07''	Espaço para que Naara manifestasse algo mais.

Tabela 7 - Entrevista com Naara transcrita por temas (3ª parte)

<p style="text-align: center;">Niara Escola Estadual Alcides Barcellos (Rio Grande - Brasil) Dia 19.02.2009 Duração: 31'22'' Arquivo: C:\Documents and Settings\Aline Cunha\Meus documentos\Doutorado\Tese\ENTREVISTAS E GRUPOS DE DISCUSSÃO EM RIO GRANDE\Entrevista em profundidade com Niara 19.02.2009.mp3 Tamanho: 28,7MB</p>	
Tempo	Tema
00'00'' até 01'42''	O artesanato e os trabalhos manuais na vida de Niara. Como iniciou e o aperfeiçoamento das técnicas.
01'43'' até 02'28''	Técnicas de artesanato e trabalhos manuais que Niara domina.
02'29'' até 03'43''	O artesanato para Niara como atividade profissional.
03'44'' até 04'14''	O porquê da escolha da profissão de artesã.
04'15'' até 04'35''	Especialidade de Niara no artesanato.
04'36'' até 05'10''	Com quem Niara aprendeu a aperfeiçoou as técnicas do artesanato e dos trabalhos manuais.
05'11'' até 06'43''	A experiência de ensinar artesanato e trabalhos manuais no grupo.
06'44'' até 07'17''	Facilidade e dificuldades encontradas na prática de ensino.
07'18'' até 08'38''	Como Niara ensinar artesanato e trabalhos manuais. A importância do corpo-a-corpo.
08'39'' até 09'00''	Bases para a prática de ensino.
09'01'' até 11'07''	Caso das aprendentes canhotas Chinue e Amina. Reflexão na ação e reflexão sobre a reflexão na ação.
11'08'' até 12'18''	Caso de Subira: a dificuldade para aprender.
12'19'' até 13'24''	Corporeidade: contato corpo-a-corpo. Necessidade de explicação individual e minuciosa para obter êxito no ensino.
13'25'' até 14'17''	Sensibilização: necessidade de atrair as mulheres para o trabalho através de peças já confeccionadas pela professora.
14'18'' até 14'54''	Processos emancipatórios: lidar com os erros, vender as peças confeccionadas, ver que agrada às pessoas.
14'55'' até 15'15''	Os encontros e a promoção de saúde mental.
15'16'' até 16'12''	O prazer de poder ensinar.

16'13'' até 16'59''	A autoridade da professora de artesanato.
17'00'' até 18'32''	O conhecimento. O que é necessário para ser uma boa professora. A paciência.
18'33'' até 19'38''	O que Niara espera da aprendentes.
19'39'' até 21'10''	Ser professora de artesanato. O que é necessário para se considerar uma professora.
21'11'' até 22'00''	Espaço para declarações de Niara.
22'01'' até 25'12''	Cuidado estético com cada peça produzida. Etapas para a confecção de uma peça.
25'13'' até 26'06''	Planejamento dos encontros com as mulheres.
26'07'' até 26'39''	Reflexão depois dos encontros.
26'40'' até 28'25''	Impossibilidade de ensinar bem, quando há um grande número de aprendentes no grupo. Número "ideal" de aprendentes.
28'26'' até 29'27''	Planos para 2009. Aprendentes que já podem ensinar. Expectativas das mulheres do grupo.
29'28'' até 30'29''	Não possuir "medo da concorrência".
30'30'' até 30'56''	"Fazer artesanato é um vício".
30'57'' até 31'22''	O artesanato e os maridos.

Tabela 8 - Entrevista com Niara transcrita por temas.

PEDAGOGIAS DA NÃO-FORMALIDADE OU DAS TRAMAS COMPLEXAS

Percepções atuais.

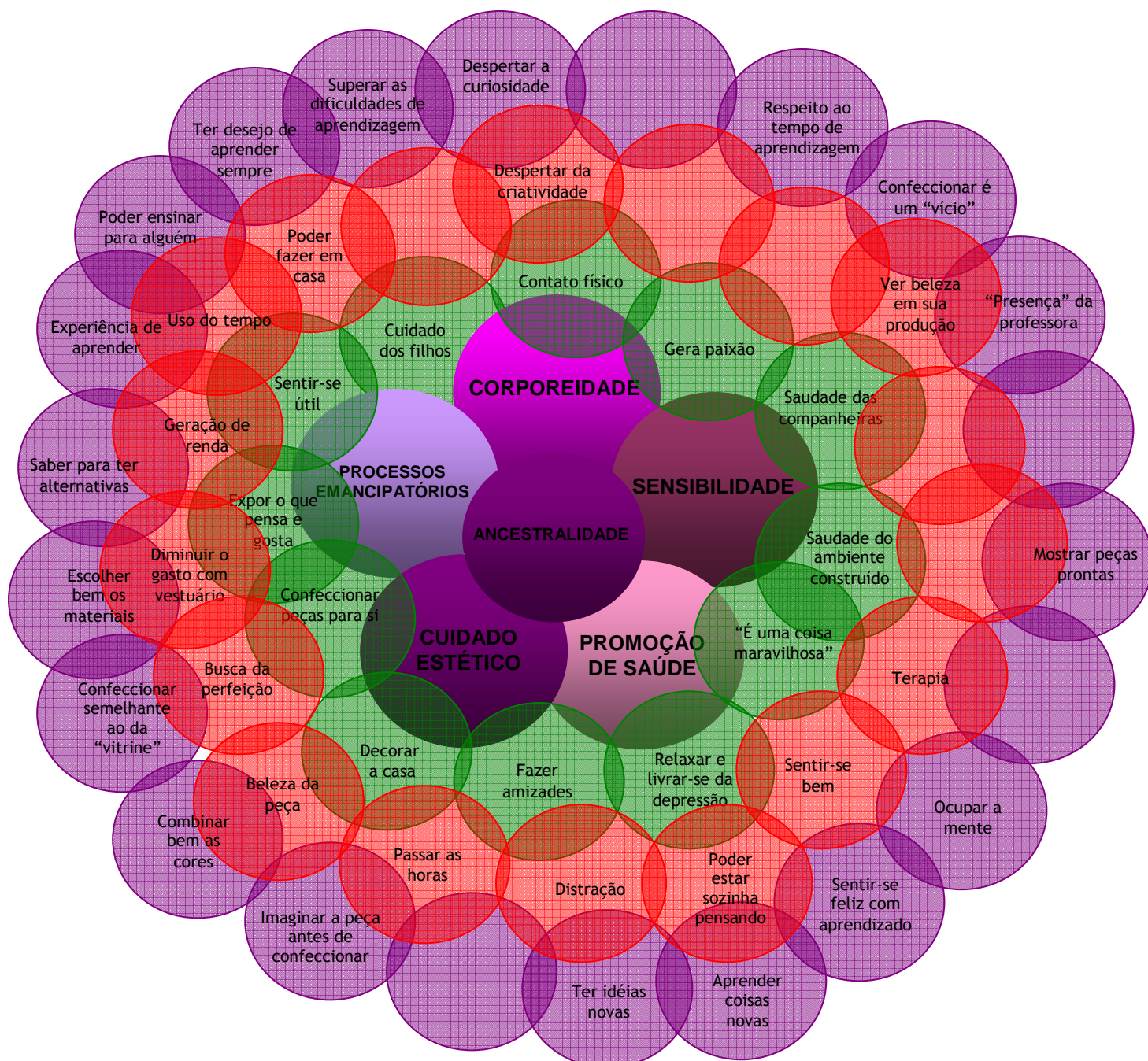


Figura 6 - Pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas (percepções atuais)

5.2.1. A corporeidade e a valorização do abraço

É possível perceber que, entre as mulheres do grupo de artesanato no Brasil, a partilha de abraços fez parte do processo. Além do toque, que ocorria no momento da ensinagem (a professora Niara abraçava a aprendente a fim de demonstrar-lhe como se dava a execução de uma peça), também era possível vê-las abraçando-se para comemorar o sucesso na feitura de uma nova trama aprendida. A partir disto, uma coletividade e cumplicidade foi se instaurando, rapidamente. Diferente desta prática, no grupo Argentino, as mulheres não tinham por hábito abraçar-se ou comemorar o que aprendiam durante os encontros.



Fotografia 36 - Niara e Subira
Rio Grande, RS, Brasil
FONTE: Acervo da Pesquisadora



Fotografia 37 - Niara e Chinue
Rio Grande, RS, Brasil
FONTE: Acervo da Pesquisadora



Fotografia 38 - Mulheres ao redor da mesa.
Capitán Bermúdez, Sta Fe, Argentina
FONTE: Acervo da Pesquisadora



Fotografia 39 - Momento de explicação
Capitán Bermúdez, Sta Fe, Argentina
FONTE: Acervo da Pesquisadora

O trato, “uma de cada vez” foi importante para os dois grupos. Remete-me a uma proposta sensível, esta que acontece no grupo de trabalhos manuais, pelo seu caráter individualizado no atendimento. Todas as aprendentes recebem a devida

atenção das professoras, as quais podem se deslocar de lugar em lugar para demonstrar como realizar o trabalho ou então, se organizadas em círculo, em uma mesa, por exemplo, vão indicando cada passo. A professora de artesanato Niara salientou que, para ensinar é fundamental aproximar-se de uma a uma das aprendentes, a fim de poder observar e tentar superar, com elas, suas dificuldades. Esta prática foi bastante elogiada na discussão em Rio Grande, feita com as mulheres que integram o grupo. A própria professora de artesanato Niara, destaca que só conseguia ensinar assim. Em seu depoimento explicitou:

...pra mim conseguir explicar para alguém, tem que ser uma de cada vez. Tu visse ontem elas comentando né? Que a Niara chegava perto, segurava, é.. no corpo-a-corpo. Ensina a pegar a agulha, ensina a mostrar onde está a laçadinha... essas coisas, porque, no geral, assim.. quando a gente vai fazer um curso, o que que acontece? A professora fica lá na frente. Ela fica sentada e ela diz assim: “Óia agora tu faz isso. Agora tu faz aquilo”. Mas é no geral. (depoimento, 20.02.2009)

Naara salientou que para além da oportunidade de trabalharem juntas, como uma certa necessidade para um bom aprendizado, é importante saber o que acontece com as aprendentes. Não apenas considerá-las como mulheres que participam das oficinas, mas entendê-las em suas questões. Considerou que não se pode ensinar alguém que não se conhece e que ensinar desta forma é “algo muito frio” (Naara, 02.06.2009, tradução minha). Contou-me que não conhecia as mulheres que participam do grupo, mesmo que vivessem no mesmo bairro. Disse que agora a relação entre elas é bem diferente e valoriza a oportunidade de hoje, serem amigas.

Para Niara, o contato corpo-a-corpo também é importante porque as mulheres “se sentiam únicas” ao receber atenção individual. Salaria que esta foi uma aprendizagem significativa para ela, fruto de uma experiência pessoal. Ao participar de um curso de pintura em porcelana (o qual, de certa forma, citou no depoimento anterior), sua professora colocava o motivo (desenho) que deveria ser reproduzido na peça em um local estratégico da sala onde todas pudessem ver. As alunas preparavam sua tinta e olhavam para aquele modelo. No entanto, segundo Niara, “era a mesma coisa que nada”, porque já viam tudo pronto. Em sua experiência, por esta falta de contato “corpo-a-corpo”, Niara pensou em desistir do curso de porcelana e verbalizou sua intenção para a professora. Seu argumento

era que não conseguira aprender daquela forma. Após a sua petição, a mudança de metodologia da professora de pintura em porcelana foi fundamental para que Niara pudesse aprender, conforme seu depoimento. A professora começou a ensinar passo a passo, com mais proximidade das alunas. Segundo Niara, pelo fato de ter procedido assim, este conhecimento passou a ter sentido.

Fica destacada, também, a necessidade de que fosse respeitado o tempo de aprendizagem de cada mulher. Sendo cada uma única, sentindo-se única no ambiente de aprendizagem de artesanato, torna-se fundamental reconhecer que a aprendizagem ocorre de maneira distinta para cada uma, mesmo que assuma um mesmo significado posteriormente.

Ao falar sobre isto, Niara ressalta uma questão bastante discutida na Educação Popular: conteúdo significativo e aprendizagem significativa. O conteúdo, para as mulheres, é inegavelmente significativo. Os trabalhos manuais são por elas compreendidos com um conhecimento necessário para que sejam atendidas várias de suas expectativas. A aprendizagem, para ser significativa, não basta ser referente a um conteúdo significativo - também é necessária que a presença de quem ensina, o seja. Visivelmente Niara e suas companheiras, apontam para esta questão.

As mulheres do grupo de artesanato brasileiro e as professoras Niara e Naara, disseram que fazer artesanato é “como um vício”, “não dá vontade de parar”. Não só pelo desejo de aprender mais, mas também de ver a peça que iniciou concluída. Parecem que fazem, de cada confecção, um projeto. Conversando com as mulheres é possível perceber que cada peça é gestada (imaginada, confeccionada, admirada) e espera-se, ansiosamente, a sua conclusão. Todo esse processo, segundo elas, “gera uma paixão”. Naara explicitou que está terminando uma peça e já pensando na próxima que irá confeccionar. Por não conseguir “ficar parada”, quando está, por exemplo, tomando mate com o marido, concomitantemente aproveita para fazer alguma peça. Disse ainda que, pelo artesanato, seu trabalho, deixou de assistir novelas e não dorme a sesta (este primeiro típico entre as mulheres e este último comuníssimo na cultura argentina, pelo que acompanhei). Em seu depoimento salientou: “*Yo trabajo y trabajo... me levanto temprano, por ejemplo, y a lo mejor acomodo todo y... bueno, yo tengo que hacer algo. Algo tengo que hacer.*” (Naara, depoimento, 02.06.2009)

A preocupação da professora com as aprendentes até mesmo com sua postura corporal ao executar a peça, pode ser também, uma manifestação destes cuidados com o corpo e a vivência de uma corporeidade que aparece no grupo de artesanato. O chamamento da professora em um dos encontros foi o seguinte: “Tem que ter postura, se não até o fim do curso estará com um bico de papagaio” (Niara, 28.03.2008). Conversam sobre “LER”⁹⁹ e dores musculares que podem ser ocasionadas pelo trabalho que executam. Assim como o passado de suas ancestrais, trocam receitas para que possam melhorar destes males, por meio de fitoterápicos, chás, emplastos e até alopáticas.

Com seu corpo, as mulheres vivenciam a sua criatividade, seus medos e superações. Podemos compreender, então, que a forma de ensinar defendida, por considerar todos estes aspectos, também é artesanal. Uma a uma. No corpo-a-corpo.

5.2.2. Uma percepção sensível sobre os trabalhos manuais

Nenhuma peça é iniciada sem que haja um chamamento para tal. Primeiramente, a professora apresenta a peça que confeccionou, a fim de estimular as aprendentes ou então, evitar que se intimidem no caso de necessitarem perguntar. Naara salientou que algumas mulheres que freqüentam o grupo são bastante tímidas, não fazendo perguntas para sanar suas dúvidas. Então, percebendo isto, a professora leva uma peça pronta a qual possam observar e buscar confeccionar a sua.

A observação de uma peça pronta, também intenciona provocar nas alunas um desejo de confeccioná-la. Este momento parece ser assumido por quem aprende como forma de pressupor “Eu também serei capaz de confeccionar uma peça assim” e não como algo que se torna inalcançável. Segundo a professora Niara, mostrar uma peça tem o objetivo de sensibilizar as mulheres a fim de que elas gostem de artesanato, admirando-as. Busca, com esta prática que as mulheres aprimorem uma percepção sensível sobre o que irão aprender a fazer. Contou-me,

⁹⁹ Lesão por esforço repetitivo.

em seu depoimento, algo que é interessante para uma melhor compreensão desta prática. Disse-me

Então eu levava tudo. Eu levei casaco, levei os trilho de mesa, levei guardanapo, almofada, levei tudo porque... Porque aí a gente vendo... não adianta, porque eu acho assim ó: não adianta tu vê uma pessoa te dizer: “Ai esse trabalho é muito bonito”. Mas se tu não vê o trabalho, tu não admira, né? Aí elas começaram a gostar.



Fotografia 40 - Casaco de lã
(Técnica: Crochê de Grampo)
Artesã: Niara
FONTE: Acervo da Pesquisadora



Fotografia 41 - Modelos sobre a mesa.
Rio Grande, RS, Brasil
FONTE: Acervo da Pesquisadora



Fotografia 42 - Modelo de peça de macramê
Capitán Bermúdez, Sta Fe, Argentina
FONTE: Acervo da Pesquisadora



Fotografia 43 - Caixinha em papel cartão
Capitán Bermúdez, Sta Fe, Argentina
FONTE: Acervo da Pesquisadora

Mesmo que tenham um alto nível de exigência em seus trabalhos de confecção, as mulheres, com esta sensibilidade adquirida através da convivência no grupo de artesanato, admiram seu próprio trabalho. Por vezes, ele adquire uma conotação tão íntima que se torna difícil atribuir-lhe valor financeiro. Qualquer

preço atribuído parece, pouco ou ainda, exagerado (dada a dificuldade de quantificar o trabalho). Na maioria das vezes, o critério é realizar um cálculo a partir do valor do material comprado. Se para confeccionar a peça, gastou R\$ 10,00 seu preço final poderia ser R\$ 20,00 ou R\$ 25,00. Contudo, isto é bastante variável. Naara declarou que algumas das peças que confeccionou assumem uma conotação especial e por isso, não as vende. Disse que *“se es algo lindo que a mi me [encanta], digo: no, no lo vendo. Y ai está, viste?”* (Naara, depoimento, 02.06.2009)

Considerar belo o que faz, não é algo tão simples assim. Podemos perguntar a nós mesmas, num grupo de mulheres confeccionando artesanato ou então, em nossa produção cotidiana de trabalhos acadêmicos, que considerações fazemos sobre o nosso trabalho. Podemos ainda pensar, a respeito da tradição cristã que nos impele e no fato de que as coisas boas/bonitas, sendo dádivas de Deus, devem ter seu valor atribuído a Ele e não à suas criaturas. E por serem feitas pelas mulheres “coisinhas” (EGGERT, 2007), este é outro motivo para que não se orgulhem de suas feitura. Naara mesmo salienta que as peças de cerâmica que faz e não possuem moldes a ela lhe encantam. Portanto, valoriza muito o trabalho feito com suas próprias mãos.

Outro aspecto da sensibilização, que compõem este complexo relacionamento com o artesanato e com o grupo de artesãs, manifesta-se na saudade. Nas vivências que tive nos dois grupos, foi possível perceber que as mulheres manifestam este sentimento.¹⁰⁰ Sentem saudade do ambiente do curso, das conversas, das idéias que compartilham, da distração, do mate, dos bolinhos, das novidades... Sentem saudade das companheiras e da professora, como amigas que, por algumas horas, são inseparáveis. Querem estar juntas. Desejam permanecer neste espaço. Sugerem inclusive que o grupo de artesanato é uma “coisa maravilhosa”, algo que é quase inexplicável.

¹⁰⁰ A palavra “saudade” explicitando “lembrança grata de pessoa ausente” (Dicionário Priberam online) não existe no vocabulário em espanhol. Lá, as mulheres manifestam sua saudade por alguém com a expressão “te extraño”, conjugação do verbo “extrañar” que significa estranhar ou sentir falta. Portanto, as formas diferenciadas de manifestar confluem para o mesmo sentimento.

5.2.3. A importância do cuidado estético

A primeira manifestação das mulheres dos dois grupos a respeito do uso das peças por elas confeccionadas, diz respeito às suas casas. Confeccionam inúmeras peças que destinam a enfeitar os cômodos destas, mesmo nas moradias mais simples. Valorizam olhar para as paredes e ver suas produções. Talvez por passarem boa parte do tempo dentro de casa, estas mulheres se preocupem mais com isso do que a maioria dos homens que vivem com elas. Não é difícil ver que uma peça confeccionada não é destinada à venda porque as artesãs desejam utilizá-la como adorno.

Sendo adorno, vestimenta ou tendo outra utilização, sempre há um desejo de combinar as cores para a confecção das peças. Seguindo ou não as tendências da moda, estas precisam ser “agradáveis” aos olhos de quem vê. “Tem que agradar o olho do dono” - como salienta Niara (2009, depoimento).

Além da preocupação com a boniteza, consideramos cuidado estético, o reaproveitamento de materiais. “Temos que aprender para economizar” (Niara, 04.04.2008) - diz a professora de artesanato, referindo-se para além do reaproveitamento, à necessidade de confeccionar as próprias peças ao invés de comprá-las prontas, o que diminui gastos pessoais. Da mesma forma isto é salientado por Naara, a qual ensina várias técnicas onde materiais são reaproveitados. Este reaproveitamento pode ser visto em colchas coloridas feitas com sobras de lã, artefatos em fuxicos feitos com sobras de tecido, decoração com sobras de E.V.A., dentre outras formas de utilizar os materiais sem descartá-los.



Fotografia 44 - Porta-retrato
Técnica: Retalhos de E.V.A.
Capitán Bermúdez, Sta Fe, Argentina
FONTE: Acervo da Pesquisadora



Fotografia 45 - Trabalho em fuxicos
Técnica: Retalhos de Tecido
Rio Grande, RS, Brasil
FONTE: Acervo da Pesquisadora

Pode-se dizer, portanto, que as mulheres artesãs tendem a aprimorar sua percepção estética sobre os trabalhos que confeccionam, pois, além de combinar as cores e aproveitar materiais, precisam saber escolhe-los. Cada material é destinado a um tipo de peça e, nem sempre, é possível confeccionar um casaco com a mesma lã com que se faz um blusão, por exemplo. Vê-se, neste momento, que a confecção de uma peça é composta de vários momentos. Há a necessidade de etapas de planejamento para que tudo fique de acordo com o desejo da artesã. A inspiração pode vir de várias formas: uma peça vista em uma vitrine, em outra pessoa ou em uma revista, uma lembrança antiga, uma necessidade...

A professora de artesanato Niara, conta que sempre imagina a peça antes de confeccioná-la e as mulheres do grupo, parecem compartilhar desta idéia. O imaginar a peça busca aprimorá-la em cada detalhe antes da confecção. Mesmo a peça vista na vitrine, pode ser novamente imaginada ao ser esboçada em um papel, para que não se esqueçam os detalhes. Sendo assim, mesmo para “copiar” uma peça, as mulheres, anteriormente, demonstram que a imaginam, elaboram, a fim de melhor executá-la.

Após este momento, iniciam o processo, já citado, de escolha dos materiais que exige conhecimento, tranqüilidade e bastante criatividade. Nem sempre é possível adquirir os materiais apontados em uma revista, por seu preço ou pela inexistência no comércio local, portanto, inicia-se um processo de adaptação dos materiais, substituindo-os por àqueles que lhes são mais acessíveis. Feito isto, põem-se a confeccionar a peça, aprender cada ponto, observar os detalhes, buscar a perfeição. Caso, durante a feitura o considerem, podem até desmanchá-la e iniciar o trabalho outra vez e quantas vezes for necessário para que tudo fique “perfeito” aos seus olhos. Mesmo o que, a princípio, não é aparente, como o avesso de algum trabalho, é cuidadosamente organizado para que fique, também, “bonito”¹⁰¹.

Naara ainda destaca a beleza das peças em cerâmica, sendo estas suas preferidas. Disse que os que faz com suas próprias mãos, talhando a cerâmica com os dedos e as unhas, são os que ficam mais bonitos. Salienta ainda que, mesmo tendo percepções diferentes sobre o que é belo, as pessoas, ao verem uma peça

¹⁰¹ Esta fala é bastante comum em se tratando da confecção de peças em ponto-cruz, tricô e crochê, mas também é possível de ser observada nas peças feitas com outros materiais como papel e E.V.A.

confeccionada com zelo, tendem a considerá-la bonita ou valorizar a beleza que tiver. Os depoimentos das duas professoras, aponta para estas questões:

[...] se tu fizeres [uma] peça de acordo, com o material, se tu fizeres de acordo com o teu bom gosto, sabe? Combinando tudo isso que eu te disse [cores, modelo, material, tamanho], se tu mostrar para alguém, com certeza alguém vai gostar. (Niara, depoimento, 19.02.2009)

A mi, por ejemplo, a mi lo que/ yo hago de todo en artesanía, en madera y/ pero, a mi, lo que más me gusta es la cerámica [...] Yo hago algo de cerámica digo: 'Esto es [lindo]'. Me encanta la cerámica. Trabajar [con la cerámica] [...] A mi, lo que más/ que yo digo: 'Me salió [bien]' es lo que yo hago así sin nada, con mis manos nada más. Sin molde y tallado a mano así sin dibujar un/ ¿qué se yo? Algo. Un dibujo que después lo paso. Eso es lo que más me gusta. [...] Esto por ahí sí, después le gusta la gente. Dicen: 'Ah! ¡Qué lindo que es!' (Naara, depoimento, 02.06.2009)

Esse é um trabalho bastante minucioso e talvez, por toda esta exigência, seja tão valorizado pelas mulheres, como costumamos fazer quando o que fizemos “deu trabalho” ou ainda, bastante provável, porque as mulheres tenha uma relação especial com as peças que fazem porque a “gestaram”.

5.2.4. Processos emancipatórios: valorizando conquistas “miúdas”¹⁰²

É recorrente nas falas das mulheres, considerações que remetem a uma necessidade de “aprender para valorizar-se”, “aprender para economizar”. A primeira idéia faz um chamamento para a auto-estima, a partir da aprendizagem - como se dissessem: “Consgo aprender e isso me faz sentir melhor” - “Sou capaz de aprender e confeccionar uma peça e me sinto valorizada com isto”.

Na minha postura pesquisadora, mas também de aprendente da trabalhos manuais, tive uma conversa com a professora onde esta me alertou para a necessidade de economizar o material, pois, além de valorizar-se por saber confeccionar esta ou aquela peça, é fundamental reaproveitar os materiais a fim

¹⁰² Aqui estamos ressaltando conquistas das mulheres neste fazer artesanato, com seus limites e possibilidades. Reconhecemos que mesmo sendo “miúdas” e com todas as contradições que envolvem seu cotidiano, são feitos importantes para os processos emancipatórios que almejam. Também cabe ressaltar, mais uma vez, que este é um processo, portanto estas foram as possíveis interpretações.

de não encarecer o produto final, como já citei. Saber fazer determinada peça está imbuído desta questão. Através da conversa é possível perceber que a venda da peça (oportunidade de geração de renda), precisa ser gerida da melhor forma possível para que assim, seja possível vislumbrar certa autonomia financeira. O desperdício de material obviamente não colabora para isto, sendo reprovado.

Niara: Deixa eu ver o seu, “D. Aline”. A “senhora” está contando direitinho? Botando a segurancinha?

Aline: Não... eu vou contar no fim.

Niara: Mas então, como é que a senhora sabe? Quantos aqui têm? [mostrando uma outra tira que estava pronta]

Aline: Ah! Não essa daí vai fora.

Niara: Ah! Então tu vais começar um novo. Então, não vai fora, vais desmanchar porque tem que aproveitar a lã.

Nina: Essa daí ainda é rebelde,... quer botar as lãs fora.

Niara: Sim... e não dá porque no fim tu vai ven... tu faz um casaco e tu economizou no material... depois não dá nem para vender, de tão caro que saiu.

Nina: É. Botou lã fora. (Diálogo 04.04.2008)

Esta economia também se dá no momento em que as mulheres, não considerando mais indispensáveis as peças que estão nas lojas, passam a confeccionar objetos para si. Economizam, quando se sentem felizes e realizadas ao produzir algo “como o que está na loja”, mas não necessariamente o que lá está. Pode-se considerar um processo de emancipação para estas mulheres, desvincularem-se, mesmo que momentaneamente, de uma lógica desenfreada de consumo ou de atribuição de beleza apenas àquilo que, por elas é considerado como grifes da moda. Conseguem confeccionar peças para si e gostar do que confeccionaram. Muitas vezes, têm orgulho de dizer que se vestem ou a alguém, com o as *manualidades* que fazem. Neste ponto, além desta conquista, podemos relacionar tal fato ao de valorizarem-se esteticamente, tanto ao confeccionar um acessório ou roupa nova para sair, como também por considerarem suas peças com alto padrão.

Incluído em seus processos de vida e emancipação parece estar presente a necessidade de lidar com seus “cativeiros”, reinventando-os, como nos sugere Marcela Lagarde (2005). As mulheres consideram o artesanato uma atividade lucrativa e acima de tudo, compatível com seus afazeres cotidianos de cuidar da casa e dos filhos, muitas vezes, sem ajuda. Podem confeccionar suas peças, enquanto embalam um bebê no berço, no intervalo da feitura do almoço ou da

janta, enquanto esperam a roupa secar no varal, quando estão sentadas assistindo televisão, ou seja, podem organizar seus tempos.

As mulheres artesãs manifestam que a produção artesanal é uma forma de expor o que gosta e o que pensa. Sistematizar o que gosta em uma peça, não é simples, mas ao final de sua feitura, podem deixar visível o tipo de roupa que lhes agrada, as cores, dentre outros elementos. O que pensa, pode ser manifesto não só através da sistematização dos seus pensamentos em uma peça pronta. cremos que sua forma de pensar (e também de agir), ficam registradas nos encontros que têm com suas companheiras a cada oficina. Conversam muito e através deste diálogo podem manifestar seus pensamentos. Relatamos o que, historicamente, significou tais conversas com pares e, pode-se perceber que, na atualidade, também possuem grande relevância.

Saber confeccionar uma peça e poder compartilhar este conhecimento é, para as mulheres dos dois grupos, uma forma de sentir-se “útil”. Agora, aprendem a olhar para esta habilidade não mais como “natural”, mas como um processo bastante intenso de aprendizagens e dedicação. Mesmo que não consigam ter plena certeza disto, dada a grande tendência à desvalorização deste trabalho, percebe-se nas falas que buscam o reconhecimento do que fazem por notarem que, ao longo das oficinas, foram se aprimorando.

Esta experiência de aprender, para estas mulheres, é muito valorizada. Percebem seus processos, o que sistematizam em frases como: “Antes eu não sabia fazer nada, agora aprendi”. Consideram que aprender e saber fazer algo é ter sempre uma chance¹⁰³. Reconhecem o desemprego enfrentado por elas mesmas ou por pessoas que as cercam e, por essa via, ser artesã pode, além de ser sua profissão e principal renda, uma oportunidade sempre presente para uma mulher que se dedica a outras práticas. Ser trabalhadora autônoma, neste ínterim, é uma garantia para os momentos sem remuneração fixa.

Consideram que aprender lhes faz bem porque desperta uma curiosidade, aparentemente, adormecida ou sem uma utilização que consigam perceber. Ver-se criativa ao confeccionar uma peça artesanal é bem mais apreciado pelas mulheres do que a criatividade que precisam desenvolver para os afazeres cotidianos. Por serem repetitivos e bastante cansativos, as mulheres, muitas vezes, não se

¹⁰³ Não só uma chance de geração de renda, mas também de melhorar a saúde.

consideraram criativas ao ter que planejar o almoço, arrumar a casa, ou fazer ajustes, a todo o momento, para que a renda seja suficiente.

Além disto, motivaram-se ao ver que superaram suas dificuldades na aprendizagem com o auxílio das companheiras e professora. Demonstraram um desejo de estar sempre aprendendo, por perceberem que não há finalização neste processo. Sabem que podem aprender sempre.

Apontaram para a possibilidade de aprender e sua vinculação com a possibilidade de, conhecendo, poder ensinar. Ao dizerem que a aprendizagem é importante porque assim podem ensinar para alguém, consideraram que outras mulheres também poderiam aprender trabalhos manuais como uma possibilidade de sentirem-se mais realizadas, superando algumas dificuldades. Desejam, também, poder ensinar a alguém próximo como filhas, sobrinhas ou outras mulheres da família. Nesses grupos foi bastante comum a presença de mulheres com estreitos laços de parentesco. Mães e filhas é a presença mais comum, mas também podem ser vistas tias e sobrinhas, noras e sogras, irmãs, e cunhadas.

5.2.5. As manualidades e a promoção de saúde

Foram comuns durante a confecção da peças, os testemunhos de mulheres que buscaram o aprendizado de trabalhos manuais, a fim de minimizar o stress, livrarem-se da depressão, das seqüelas provocadas por doenças cardiovasculares e relaxar. Esta possibilidade, segundo as mulheres, se concretiza na maioria dos casos com bons resultados, devido ao fato de que através do lúdico (confecção, diálogos, lanche coletivo...), do próprio aprendizado e da simples conversa com as demais, as mulheres vão superando estes condicionantes. Esta possibilidade de sentir-se bem no curso de artesanato foi declarada por todas as participantes. Fazerem novas amizades e cultivá-las é muito importante para elas. Disseram que as boas amizades são difíceis de serem construídas e muito desejáveis para o momento que vivemos na atualidade de grande individualismo.

Sugerem que além de uma excelente distração, mesmo que momentânea, o grupo de artesanato tem efeitos terapêuticos para cada mulher de forma singular. A professora Niara salientou que, mesmo sendo por um momento, é possível

esquecer-se dos problemas cotidianos naquelas horas que se dedicam a confeccionar as peças. Uma das aprendentes brasileiras, com apenas 12 anos, disse que tecer uma peça, sozinha, sob a sombra de uma árvore, é um bom momento para “pensar na vida”, além de uma possibilidade de “ocupar a mente”. Demonstraram acreditar na premissa de que a “a cabeça vazia é oficina do mal”, portanto, para não “pensar bobagem”, confeccionar uma peça artesanal é um bom caminho. Naara, a professora argentina, em seu depoimento, expressou

Yo hasta un tiempo no hacía nada, [...] [hasta] que empecé a, por ejemplo, que yo te decía que empezaba a destejer, yo era joven y un tiempo me quedé sin hacer nada, de hacer cosas. Es como que, no sé, no pensaba por sí misma, ¿viste? A lo mejor sea porque los hijos míos eran todos chiquitos. ¿Qué se yo? [...] y tengo cuatro. He un tiempo que no había pensado nada. Es como que no/ que la vida era estar ahí en mí casa y nada más. Estar ahí, las 24 horas. Y un día ‘se me prendió la lamparita’. [Dice] yo: ‘No, esto no hace bien a mí. Y yo creo que a las chicas también no hace bien eso. (depoimento, 02.06.2009)

Suas companheiras, também expressaram que os encontros na oficina de artesanato lhes fazem muito bem. Disseram que nos dias em que não houve encontro “ficaram loucas” e complementaram “no sabíamos que hacer”, tamanha era a vontade de participar.

Naara também falou a respeito de uma das aprendentes do grupo, que agora já não o frequenta mais. Segundo ela, a mulher tinha vários problemas e para buscar superá-los tinha o apoio de uma psicóloga. Participar das oficinas de artesanato, disse-me Niara, lhe fazia muito bem. Quando deixou de ir, Naara telefonou para ela por três vezes. Nas três seu marido atendeu. Isto preocupou a Naara pois sabia que o marido desta mulher, não valorizava a sua participação nas oficinas e, talvez agora, não mais permitisse que ela fosse. Naara contou-me que ele dizia a sua esposa: “O que vais fazer lá se não sabes fazer nada?” A professora de artesanato salientou que esta mulher, a cada encontro, saía muito contente, fazendo presentinhos para seu filho, sua mãe e tia. “*Era un descargue*” segundo Naara. Em seu depoimento, como nos das mulheres brasileiras, foi possível perceber que muitas mulheres ainda sofrem com este tipo de opressão e têm seus trabalhos desvalorizados abertamente. Outras ainda, parecem participar destes grupos porque os esposos incentivam, como forma de que, participando, possam aprender *manualidades* e fazê-las dentro de casa. Uma das mulheres do grupo em

Capitán Bermúdez, dançarina de folclore desde a infância. Hoje com pouco mais de 25 anos, dedica-se ao artesanato como forma de superar a “perda” deste espaço da dança. Mesmo que sua mãe a acompanhasse nas apresentações, o marido a impediu de participar alegando que o filho iria ficar sozinho em casa. Incentivou-a a participar do grupo de manualidades de Poriajhú, sempre acompanhada pela mãe. Desta maneira, hoje, Potira, é participante do grupo e aprende *manualidades* para tornar-se uma artesã.

É possível perceber que as mulheres dos dois grupos mobilizaram-se quando puderam perceber que estavam, a cada dia, tendo novas idéias para o trabalho manual e para suas próprias vidas. Consideraram que aprender coisas novas é uma forma de valorizar-se e que isto não poderia ser algo guardado egoisticamente. Salientam que também é promotor de bem-estar o ensino de artesanato e a possibilidade de compartilhar a satisfação de alguém ao ser ensinado e aprender. A felicidade apareceu como um dos objetivos destas mulheres artesãs para sua vivência cotidiana mesmo nas adversidades. Sentem-se felizes ao ensinar e aprender. Destacaram que este é um dos mais importantes desejos que possuem.

No meu curso de tear... tinha... uma senhora... que teve duas esquemias, ela tinha muita dificuldade nas mãos, mas os filhos a mandaram para o curso que era pra ter uma ocupação. Então ela dizia assim: ‘Mas eu vou aprender.’ Claro que vai aprender. Então ela sentou no tear, aí [a professora] ensinou ela a colocar os cabos, essas coisas assim. Ela dava umas batidas que... ficava cada rombo nas coisas, deste tamanho. Ai a professora dizia assim,... depois que ela saía: Gente, não façam isso, porque a peça vai ficar perdida. Aí ela chegava na aula e [a professora] dizia pra ela não podia fazer assim, que ela tinha que bater mais leve... [E essa senhora dizia:] ‘Ai professora, onde ficar esburacado, depois eu chego em casa e costuro.’ (Niara, 28.03.2008)

Laini: A minha irmã, a minha mãe botou ela na escola, pensa que a minha irmã aprendeu? Ela não aprendeu. Eu aprendi, ela não aprendeu até hoje.

Gharibuu: É o meu caso. Ai, eu não consigo.

Aline: Consegue sim. É um desafio, minha filha.

Laini: Pra mim está sendo um desafio.

Aline: É?

Laini: Esses dias me deu uma crise, de novo. Parecia que o mundo ia acabar, que eu ia morrer. Falei: Sai de mim. Comecei a fazer ponto-cruz. Porque me dá aquelas crises, né?... Peguei o remédio na mão para tomar e falei: Eu não vou tomar não. Vou ver se eu vou conseguir lutar com esse remédio. Aí eu consegui. Porque eu sempre ando com o remédio... o Rivotril...

Aline: Tu tomavas o de 25, né?

(Diálogo 11.04.2008)

5.3. Outras considerações sobre o ensino de *manualidades*: O método

Em todos os encontros, as professoras de artesanato seguem um ritual de “ensinagem”. A metodologia de ensino, em decorrência destes fios que a formam, embasou-se:

- a) **Na descrição minuciosa dos materiais necessários:** Além de conhecerem os materiais necessários para confeccionar uma peça, as professoras também dominam, em geral, os locais onde os mesmos podem ser adquiridos por um preço mais acessível. Outra característica primordial para uma boa descrição dos materiais necessários é a experiência acumulada pelas professoras em utilizá-los. Suas falas, durante a descrição, vêm permeadas pelo que já fizeram e obtiveram ou não, sucesso. Cada uma das aprendentes, por isto, sente-se segura no momento de adquiri-los e optar por um deles. Por esta razão, parece ser dada tanta importância a este momento inicial de apresentação dos materiais.



Fotografia 46 - Grampo para crochê
FONTE: Acervo da Pesquisadora



Fotografia 47 - Material para grampada
FONTE: Acervo da Pesquisadora

- b) **na explicação oral detalhada a partir da exemplificação:** A explicação para confeccionar a peça é sempre complementada por um exemplo. Durante os diálogos, as professoras apontam para uma peça já feita, demonstrando para as aprendentes como se faz e repetem, quantas vezes forem necessárias, as explicações, detalhando cada passo para a confecção. É possível perceber, também, que o vocabulário se alterna à medida que uma aprendente tem mais, ou menos facilidade. Não pude perceber com tanta clareza este fato nos *talleres de*

manualidades na Argentina, por uma limitação do meu vocabulário. Mas com as mulheres brasileiras foi possível perceber que esmiúçam a fala utilizando termos que podem parecer até infantis, a fim de facilitar a compreensão.

IMPORTANTE: Na hora de montar, esse lado aqui (aponta para a peça) é onde tu começaste... então, o que acontece? Tu deixas este lado marcado porque na hora de montar tu tens que montar sempre assim, com todos os inícios. Porque se tu fizeres um com o início e outro com o fim o trabalho fica com o lado... fica de ponta-cabeça. (Niara, 28.03.2008)

Já faz as tiras inteiras. [mostra uma peça pronta - um casaco] Aqui são quatro tiras... faz frente e costas juntas... faz a frente e as costas e só vira. Só dobra... Pode fazer separado, se achar que dá muito trabalho fazer inteiro, porque tem que ficar fazendo, fazendo, fazendo, fazendo... e depois para contar... faz separado... Com esta lâ, nesta espessura... tem 95 elos. (Niara, 04.04.2008)

Niara: Vamos ver onde tu estás... Até aqui está certinho. Vê se tu consegues pegar o fio assim [mostra a maneira] Tá? Ali... só para tu prenderes o fio porque se não tu não vais conseguir fazer isso daqui [mostra novamente] Olha aqui, oh!

Subira: Ah! Só para puxar ele...

Niara: É só pra... não precisa força. É só para tu conseguires pegar. Olha aqui, oh! Agora tu vais lá embaixo, oh!

Subira: Esse “vais lá embaixo” é que eu não entendi.

Niara: Não conseguiu pegar o quê?

Subira: Esse...

Niara: Olha aqui, oh! Primeiro... tu viraste. Esse fio é que está solto aqui né? Porque os outros dois estão presos aqui. E esse aqui está solto.

Subira: Tá!

Niara: Então tu vais pegar e vais fazer ele aqui, tá? Aí tu trazes a linha e ficaram duas argolinhas... agora ficou uma... porque de duas tu fizestes uma. O “vai embaixo” que eu digo, olha aqui oh! As duas argolas que tu estás trabalhando estão aqui, oh! Não estão aqui as duas? Oh!

Subira: [acena positivamente] ...Tá.

Niara: Aqui é a argola toda, né? Então ao invés de tu botares aqui como tu colocaste esta, tu vais botar ela ali embaixo. Ali, oh!

Subira: No entremeio aqui.

Niara: Isso... no entremeio. Lá embaixo, oh! Das duas ficou uma... Das duas... passa a agulha assim, oh! Já deixa a agulha assim que é pra te dar menos trabalho, tu só vai virar isso aqui, oh! A agulha já está no lugar certo... Vê se tu consegue segurar o fio, assim: [mostra] ...esse dedo em cima... Não, esse. E esse assim, oh! Viu? É só pra tu... conseguires ter o dedo para trabalhar porque é a linha que tu vais conseguir levar lá, entende?

Subira: Aham [sinalizando positivamente]

Niara: Vou fazer um pedaço aqui pra gente... pra eu ensinar ela a montar depois. (Diálogo 04.04.2008)

c) **no modelo:** Há uma crença na necessidade do modelo. Na prática, a professora de artesanato brasileira salienta que

O mais difícil é tu fazeres alguma coisa que tu não estás vendo, mas a partir do momento que tu está vendo alguma coisa pronta ali e explicando que é assim que tu fazes... Claro. É assim que é a gente faz mais rápido.

(Niara, 28.03.2008)

Yo enseño como yo aprendí [mirando]. (Naara, depoimento, 02.06.2009)

Sempre havia sobre as mesas durante as oficinas um modelo da peça que estava sendo confeccionada. Esta é uma habilidade necessária para que depois possam confeccionar peças a partir de uma revista ou outro material.



Fotografia 48 - Observação do molde da bruxa em E.V.A.
Capitán Bermúdez, Sta Fe, Argentina
FONTE: Acervo da Pesquisadora



Fotografia 49 - Confeção a partir de moldes
Capitán Bermúdez, Sta Fe, Argentina
FONTE: Acervo da Pesquisadora



Fotografia 50 - Objeto decorativo em sementes, madeira e palha.
Capitán Bermúdez, Sta Fe, Argentina
FONTE: Acervo da Pesquisadora



Fotografia 51 - Modelo sobre a mesa
Capitán Bermúdez, Sta Fe, Argentina
FONTE: Acervo da Pesquisadora

d) **na atividade:** Outra característica percebida no processo de ensinagem é a necessidade de “aprender fazendo”. Cada aprendente ouve atentamente as explicações, mas não fica apenas neste estágio. Logo em seguida ou no momento mesmo em que escuta as professoras, já ingressam na aventura de confeccionar a peça, mesmo que não consiga fazê-lo num primeiro momento. Sendo assim, como existe a responsabilidade da aprendente no seu aprendizado, o silêncio não é imposto, mas é assumido por todas em

determinado momento. Os momentos de silêncio demonstram a dedicação ao que está sendo confeccionado. O “não-saber” gera inquietação. Quando alguma aprendente estava com dificuldade em realizar sua peça, prontamente iniciava-se a conversa com outra a fim de buscar explicações ou o chamamento das professoras.



Fotografia 52 - Tramando em macramê
Capitán Bermúdez, Sta Fe, Argentina
FONTE: Acervo da Pesquisadora



Fotografia 53 - Tramando em crochê
Rio Grande, RS, Brasil
FONTE: Acervo da Pesquisadora

- e) **na repetição:** Embora a repetição possa remeter a uma prática enfadonha e cansativa, no caso da aprendizagem de algumas técnicas de artesanato, torna-se o fundamento para o êxito. O trabalho de tramar em grampo, fazer crochê, trabalhar com colagem, tricotar, bordar em ponto-cruz, pode ser considerado um trabalho repetitivo/criativo. Ao repetir os passos da técnica, aos poucos, as aprendentes foram apropriando-se dela e sentindo-se mais seguras da sua produção. Dizemos que o repetitivo se torna criativo porque o trabalho em si é dado por repetição, porém, ao término de cada parte da peça confeccionada chegava-se mais perto da possibilidade de criar uma peça final que pode tornar-se o que a aprendiz quiser.
- f) **no incentivo:** Além das tradicionais atitudes de incentivo através do abraço ou de frases como: “Vais conseguir” - “Tenta mais uma vez” - “Que bonito está ficando” - havia nos grupos de artesanato uma preocupação em destacar os acertos e inculcar que os erros são momentâneos e fazem parte do processo de aprender. A partilha do lanche coletivo, também é um momento destinado ao incentivo para a confecção de novas peças, mas,

fundamentalmente para que o grupo vá interagindo e criando certa intimidade, permanecendo coeso e constante. Na maioria dos encontros, trazido pela professora ou pelas aprendentes voluntariamente, há chá, chimarrão ou mate doce, bolachas, bolos, refrigerantes, que são partilhados no final ou durante o encontro.

- g) no destaque à nomenclatura adequada, mas da devida substituição dos termos para facilitar a compreensão:** peça (casaco, manta, xale...), elos (argolas), grampo, laçadas (nozinho), tiras, meada (novelo), matizado (colorido), customização (reforma), ponto alto (pauzinho), coluna tramada de pontos baixos (morrinho) - são alguns exemplos de como a linguagem pode modificava-se na busca por melhor compreensão. Ou ainda, era possível notar que havia o uso de palavras no diminutivo para as aprendizes (agulhinha, fiozinho,...) talvez para não provocar certo “medo”, no caso brasileiro.¹⁰⁴ Assim como para as crianças dizemos: “Será só uma picadinha, como um mosquitinho” - quando é necessário uma injeção, assim também a professora de artesanato, no Brasil, pareceu usar termos no diminutivo para amenizar possíveis temores.
- h) na reflexão sobre as formas de ensinar:** A adaptação da linguagem durante as explicações, como já ressaltamos, pode ser um destes indícios de que a professora de artesanato, durante sua prática, realiza uma reflexão. Outro caso que remete a isto foi o que ocorreu no momento de explicação a uma das aprendentes brasileiras que era canhota. A professora de artesanato, sendo destra, tinha uma forma de segurar o grampo (utilizado na grampada), conduzir a agulha e guiar o fio durante a trama. A partir da sua modalidade de execução da peça, a professora buscou explicar para esta aprendente, mas não obteve sucesso. Tentou de diversas maneiras, sem que a aprendente conseguisse concluir o ponto (Oficina do dia 04.04.2008). Em outro encontro, professora e aprendentes surpreendem-se com a forma que com que Chinue (a menina canhota) estava conduzindo a feitura de sua peça. Através do diálogo é possível perceber que a professora sentiu-se

¹⁰⁴ Por uma limitação lingüística, foi difícil identificar esta prática em contexto argentino.

contente em perceber que a dificuldade foi superada e percebeu que sua explicação não havia conseguido êxito porque aquela forma que adotou não era a mais adequada. Outro caso que pode ser trazido como um indício desta reflexão exercida na prática foi o que aconteceu após vários minutos de explicação da grampada para uma das mulheres do grupo (Oficina do dia 04.04.2008). Percebendo que ela não conseguia executar a peça, propôs que iniciasse o trabalho de outra forma: começando a partir de pontos básicos do crochê antes de fazer a trama no grampo. Esta atitude sugeriu que houve uma reflexão na prática e a busca por uma nova alternativa imediata.

- i) **no entendimento de que cada uma desenvolve sua própria técnica:** Mesmo que as professoras de artesanato dêem boas dicas para a confecção das peças, como por exemplo, marcar com uma segurança para não precisar contar os elos da grampada novamente e assim, agilizar a trama, sugerir como recortar o E.V.A., estas reconhecem que cada aprendente vai aprimorando a técnica e realizando o trabalho conforme suas necessidades. Disse Niara, em um dos encontros: “Depois que tu consegues saber fazer, aí depois tu vais ver qual é o melhor jeito de tu pegares a agulha, o melhor jeito para tu passares a linha...” (NIARA, 28.03.2008) Aparece, portanto, que o encontro de novas formas de tramar se dá após o aprendizado dos conceitos básicos e dos fundamentos da técnica para o tramado, a colagem ou outra técnica a ser aprendida. Segundo a professora Niara é necessário “aprender certo para que depois cada uma desenvolva a sua técnica” (NIARA, 28.03.2008). A criatividade é fruto, portanto, do que a aprendiz é capaz de realizar autonomamente após seu contato com o que a professora de artesanato sugere.

Subira: Depois pega...

Niara: Lá embaixo dos dois últimos. Oh! Viu? É só pra tu... o fio é só pra tu teres atenção... porque ele não vai ficar nem largo nem frouxo, olha aqui. Aqui ele já está solto. Está solto aqui né? Olha aqui, tu vais pegar ele por baixo e agora sempre... oh! Eu pego assim porque, realmente, eu me ajeito assim...

Subira: Sim.

Niara: Mas tu, né, tu vais ver direitinho. Se não for assim que tu te ajeita... o problema é...

Subira: ...O importante é que faça e fique certo.

Niara: Faz os três direitinho. Claro. Que fique as argolinhas. Que tu faças

os três...

Subira: Porque aí vai aumentando aqui...

Niara: Claro. Vai aumentando, isso. Aí... quando tu fores terminar a tira toda, tu tens que contar, porque tens que ter o mesmo número de argolas de um lado...

Subira: E o mesmo...

Niara: E o mesmo do outro, porque todas as tiras têm que ser o mesmo número. Olha aqui, oh! Terminou aqui, a linha já vai para lá. Oh! Aí eu pego ele aqui assim... que é para não afrouxar aqui e eu poder trabalhar com esse fio aqui no meio, oh! Viu? Oh! Olha aqui. É só por isso. Vai que tu consegues. É simples. (Diálogo 11.04.2008)

Naara salienta que os primeiros trabalhos, com certeza, não ficarão bons, porque precisam de aperfeiçoamento e prática. Destaca que, aos poucos, as mulheres vão aprimorando suas formas de confecção, se não desistirem de aprender.

j) na busca da facilitação do aprendizado sem perder a “perfeição” da peça: O objetivo não é que as aprendentes fiquem atemorizadas diante das dificuldades. O papel da professora de artesanato é sempre buscar alternativas, com as alunas, para que estas dificuldades sejam superadas, porém, esta possível facilitação não significa que a peça possa ser concluída de qualquer maneira. Por isso, mostrar e demonstrar onde estão as falhas a fim de que sejam superadas e a peça fique bem feita, é fundamental. A amorosidade no momento da demonstração dos erros gera um clima propício à sua superação. “Não adianta aprender errado porque é o nome da professora que está em jogo” (NIARA, 28.03.2008).

Niara: Simples né?

Laini: ... se continuar simples assim...

Niara: Não... a única coisa, depois... se tu quiseres fazer variação, é aqui no meio só que ao invés de fazer dois pontos baixos tu podes fazer três pontos altos... aí tu é que vais mudar. Mas a técnica é essa daí. É simples.

Laini: Ah! Então eu vou gostar.

Niara: É muito simples.

Laini: E é bonito né?

Niara: Ah... fica. (Diálogo 11.04.2008)

Niara: [Vem observar o trabalho de Subira] Não... sempre daqui para lá. O fio não precisa estar lá, ele está rente no teu dedo.

Subira: Daqui... pra lá. (Diálogo 11.04.2008)

5.4. A professora de *manualidades*

Durante os encontros com as mulheres, foram salientados alguns aspectos que consideraram relevantes para que a professora de artesanato fosse percebida como “de sucesso”. Dentre os principais elementos destacados como suas principais características estiveram: criatividade e ousadia, paciência e conhecimento.

5.4.1. *Criatividade e ousadia*

Durante os encontros, através das falas das professoras de artesanato, foi possível perceber que delas é exigida a criatividade, a vontade de aprender e a ousadia que procuram suscitar nas aprendentes. Elas precisam corporeificar as palavras ditas. Durante os encontros, como assumem a posição de exemplo para as demais, as professoras de artesanato além de demonstrar a feitura de uma peça, também ressaltam suas próprias aprendizagens, reconhecendo que este depoimento pode contribuir com o desejo de aprender das mulheres do grupo. A ousadia se manifesta através do “arriscar” novas experiências além de não esquecer que a “professora também precisa ser aluna” a fim de aprimorar aquilo que sabe. Em um dos encontros, a Niara salientou:

Eu fui pra aula de customização e no fim do curso eu ensinei a professora... porque a minha cabeça tem que estar sempre a mil, sabe? Eu aprendo uma coisa aqui, mas eu já estou maquinando como é que... se eu usasse tal coisa, como é que ficaria. (NIARA, 28.03.2008)

Quando conversei com Naara sobre os encontros no Brasil e o aprendizado de crochê de grampo que as mulheres estavam realizando, ela ficou muito interessada. Prontamente me fez outras perguntas querendo saber como se procedia, que materiais eram necessários e que peças poderiam ser feitas. Ao explicar-lhe fui desenhando o grampo e tentando explicar como ficava e os procedimentos para poder confeccionar uma manta. Seu interesse foi tanto que, no outro dia, que conversamos mais, ela havia feito um grampo em madeira com suas

máquinas e havia trazido para eu demonstrasse como se tecia. Não foi surpreendente o fato de ela ter aprendido tão rápido, mas foi muito interessante ver que em nosso próximo encontro, uma semana depois, havia confeccionado uma manta e uma bolsa utilizando a técnica que lhe ensinei. Pelo que conversamos, Naara agora será pioneira em “crochê de grampo” na região.



Fotografia 54 - Bolsa em grampada
Capitán Bermúdez, Sta. Fe, Argentina
Artesã: Naara
FONTE: Acervo da Pesquisadora



Fotografia 55 - Manta em grampada
Capitán Bermúdez, Sta. Fe, Argentina
Artesã: Naara
FONTE: Acervo da Pesquisadora

5.4.2. Paciência

Faz parte do ensino de artesanato, a necessidade de repetir inúmeras vezes as formas de fazer o trabalho, o que exige paciência por parte das professoras. Da mesma forma, estas explicações podem ser ainda mais longas, dependendo das dificuldades encontradas pelas aprendentes, o que exige realmente que as professoras de artesanato sejam pacientes. A partir das considerações de Rossato (2008, In: STRECK, REDIN e ZITKOSKI, 2008) podemos também compreender que a paciência “é o tempo de espera, mas se opõe à passividade” (p. 303). Esperando, as professoras de artesanato desejam ver uma outra etapa ocorrendo no processo de aprendizagem, àquela em que as aprendentes serão mais autônomas para confeccionar suas peças. Da mesma forma, manifestam-se esperançosas em que isto ocorra, já que salientam nos diálogos que as dificuldades serão superadas. Sendo assim, a paciência apresenta-se como a “virtude da convivência humana, a aceitação da diferença sem superioridade ou dominação” (p. 304) e sim, um

amálgama de esperança e alegria no ato de ensinar.

Niara: Três sempre, oh! Se não o que acontece? Aqui tu fizeste três... três e aqui tu fizeste dois só.

Subira: Pois é... por isso. E aí já estava diminuindo... Então eu vi. Essas bolotinhas estavam ficando pequenas.

Niara: É. Está ficando menor. É porque tu começaste a fazer com dois.

Subira: Daí eu parei. Eu desmanchei até.

Niara: É... vamos lá. Tu começaste com dois e foi indo... foi indo...

Subira: Aí, eu não sabia o que se faz com essa linha. Se passava para cá, se deixava assim.

Niara: Não...

Subira: Ela passa...

Niara: Ela passa sempre do outro lado, ao contrário.

Subira: Aí...

Niara: A linha tu só botas sempre assim enganchadinha no dedo... porque aqui não pode ficar nem largo, nem muito apertado. É só pra tu veres direitinho. Abraçou aqui... esse lado já está pronto. Aí tu vais pegar ele sozinho, né? Oh! E fazer... Aí tu vais pegar ele lá embaixo, oh!

Subira: Eu pego uma vez ele sozinho.

Niara: E depois...

Subira: E depois...

Niara: Duas vezes na argolinha, oh! Aí uma...

Subira: Eu estava pegando junto.

Niara: É. Por isso que estava ficando... oh! Olha aqui. Tu já levas a agulha aqui no meio. Olha aqui pra onde vai o fio. Pro lado que tu vais virar... Está o fio solto aqui né?

Subira: Aham.

Niara: Olha aqui. Vais pegar ele sozinho... [a aprendente tenta] Não... vai pegar ele sozinho e os dois juntos.[pega o trabalho] Agora tu vais pegar os dois aqui embaixo. Aí aqui, tu tens que fazer mais dois, oh! Um... e dois. [vai fazendo para que a aprendente veja] Viu? Aí ficam todos do mesmo tamanho, oh! Voltou. Oh! Esse aqui está solto. Aqui... oh! Dos dois ficou um... [continuam conversando]

Subira: Eu pego aqui né?

Niara: Isso. No meio primeiro. Por baixo, aqui assim se não tu não vais conseguir trazer a linha. Isso... Não, não. Traz aqui primeiro e fica duas, tá? Traz o fio primeiro aqui...

Subira: Depois é que eu faço...

Niara: Depois... é. Aqui... não. Olha aqui. O fio está aqui e ficou duas argolinhas, né?

Subira: Tá.

Niara: Agora destas duas argolinhas tu tens que botar lá no fio de novo para ficar uma.

Subira: Ah! Aí eu tenho que ir aqui de novo?

Niara: Isso. Lá de novo... que é pra ficar dessas duas aqui...

Subira: Aí eu passo para a outra?

Niara: Aí já tem um ponto, aqui.

Subira: Aí depois...

Niara: Agora é que tu vais lá.

Subira: Quando tiver só um ponto aqui, é que eu passo aqui.

Niara: Isso. É só um ponto aqui...

Subira: Eu passo para cá.

Niara: Traz sempre a agulha viradinha para cima, se não tu não consegues enganchar a linha, oh! Ficou dois. Agora é que tu vais passar a linha para ficar um ponto só, de novo. Oh!... Isso mesmo...

Subira: Agora é que eu trago aqui, passo aqui no meio.

Niara: Isso. Dos dois, tu tiras um, sempre. Aqui. Agora dos dois... isso.

Agora é que tu vais fazer... [sempre observando]

Subira: Passo aqui?

Niara: Isso. Tu só fizeste um ponto quando das duas laçadinhas, tu deixaste em uma. Tá... agora terminou.

Subira: Aí eu pego aqui.

Niara: Isso. Traz pra frente, ficou duas. Agora é que tu vais botar a linha de novo para fazer uma. Se tu achas que é melhor tu virares a agulha para trás, tu viras para trás. [silência enquanto observa] Deu. Agora tu já podes virar.

Subira: Para cá né?

Niara: Não. Onde é que estava? Terminou lá, é aqui. Não. Deixa eu ver onde é que terminou. Terminou aqui... Isso... e agora o mesmo processo.

Subira: Assim né?

Niara: Isso. Agora nos dois por baixo.

Subira: Por baixo...

[Silêncio enquanto Subira tenta realizar o trabalho]

Niara: E cadê a outra parte da argola? Está aqui... [vai apontando o que a Subira deve fazer]

Subira: Acaba assim.

Niara: Isso. Dos dois, agora, faz um.

Subira: Aí eu pego de novo aqui.

Niara: Pega a linha lá, de novo. Sempre tu tens que pegar a linha lá. Tu não podes passar por dentro da mesma argola, entendes?

Subira: Ah! Era isso que eu estava fazendo.

Niara: Tu estavas passando por dentro da mesma argola. Não. Tu levas lá e trazes outra linha. (Diálogo 11.04.2008)

5.4.3. Conhecimento e carisma

Para que as características anteriores possam estar presentes no trabalho das professoras de artesanato, torna-se fundamental que estas tenham pleno conhecimento das técnicas e suas variações. Percebem que são reconhecidas por suas companheiras porque sabem “um pouco mais do que elas”. Geralmente, suas peças são mais bem acabadas, têm melhor composição de cores etc., porém este conhecimento pareceu estar sempre a serviço do grupo, sabendo que pode ser superado por uma das aprendentes. Daí surge a necessidade de estar sempre se aprimorando. Buscando novos cursos a fim de apresentar novidades para o grupo pelo qual é responsável.

A experiência de ensinar vincula-se estreitamente à experiência com o conhecimento. Naara considerou que foi percebendo o quanto foi evoluindo neste aspecto. Iniciou seu trabalho com cerâmica e hoje confecciona peças em diversos

materiais. Disse que em 2001 não imaginava que poderia estar em 2009 trabalhando bem com tantos materiais (por exemplo, madeira), apreciando esteticamente o que faz e, mais surpreendente ainda, foi a possibilidade de ensinar em um grupo de mulheres.

O carisma está vinculado ao “bem-querer” às aprendentes. Todas as mulheres do grupo destacaram que este conhecimento, em uma pessoa com a qual simpatizam, faz toda a diferença. Assim como Naara destacou que a distância entre quem ensina e quem aprende, torna os encontros em algo frio, Niara salientou que quem ensina “precisa gostar de gente”.

TRAMAS FINAIS: TERMINANDO UMA PEÇA, PENSANDO NAS PRÓXIMAS

Quando se termina uma peça, já se pensa na próxima, esse é o sentimento. Ter concluído uma peça que pode ser versátil em sua utilidade e a inspiração/motivação para a confecção de outras. Este processo vivido pode ser compreendido desta forma. Primeiramente, partimos do desejo em escrever a tese, algo desejado, imaginado, planejado, de elaboração diária de idéias até sua concretização. A escolha das cores, do campo teórico referência, dos materiais, do método, dos sentidos para a própria pesquisadora, o grupo que integrou e para as mulheres participantes. Depois, a confecção em si: as aulas, as leituras, orientações, entrevistas, transcrições, viagem, escritos... sem que, necessariamente, uma ordem fosse cumprida de forma inalterável.

Os primeiros fios foram tramados a partir das percepções sobre o trabalho feminino. Diferente da idéia de que as mulheres pudessem ocupar espaços onde os homens eram maioria, buscando assim outros lugares sociais, pensamos em dar sentido, retomar os significados, colorir e compartilhar, àquele espaço onde sempre nos disseram que seria bom que ocupássemos. A diferença está em que, agora, desejávamos ocupá-lo a nossa maneira. Não mais em um canto resguardado e esquecido, mas sob as luzes da dimensão teórico-pedagógica que o compõem. Percebeu-se que as mulheres, já possuíam uma impressão bastante definida sobre os seus lugares e alguns (como o doméstico) já não lhes interessava ocupar. Este cativeiro deveria ser superado. Contudo, outro, antes cativeiro, agora se mostrava como possibilidade para os processos emancipatórios que desejavam: o grupo de artesanato, por exemplo.

Mesmo com seu corpo-para-outros, as mulheres dos grupos de artesanato demonstraram a capacidade (e ao longo da História tem sido assim) de visibilizar

suas janelas para entrar ou sair quando as portas se fecham. Descubrem a possibilidade de lidar com seu corpo-mulher, ainda que em alguns aspectos o tenham para ser-de-outros.

Em contexto latino-americano (neste caso, no Brasil e na Argentina), as mulheres encontram-se com suas histórias que estão, em muito, vinculadas. É possível perceber que aqui e lá àquelas, que vivem nas periferias e pertencem aos grupos étnicos condicionados sob a égide superior de outros grupos que se consolidaram hegemonicamente, convivem com realidades bastante assemelhadas e assimiladas. Desconsideram, em muito, o conhecimento e as tecnologias que desenvolvem no cotidiano de suas casas, sua história, seu pertencimento étnico e absorvem adjetivos que precisam, também, superar ou ressignificar. Assim, sendo *negras* (no Brasil etnicamente, na Argentina por um condicionante social) demonstram em seus depoimentos que precisaram adaptar “ferramentas” de trabalho, aprender a tecer destecendo, a superar as dificuldades financeiras, sobreviver ao trabalho precarizado, à infância/juventude trabalhadora e melhor compreender o ser mãe e mulher.

Lidando com uma lógica androcêntrica, desejaram demonstrar seu conhecimento através das miudezas do cotidiano (GEBARA, 2008) e das “coisinhas” (EGGERT, 2005) de mulher. Talvez ainda não tenham percebido, que muitos dos seus conhecimentos e práticas foram “adaptados” ou “seqüestrados”, com sua permissão muitas vezes, por outros, e voltam para elas sob a forma de conhecimento legitimado, consolidando a idéia de que “nada sabiam”. Mas se o conhecimento estava em suas mãos, porque escapou? São tantas as coisas a dizer... Pode-se compreender que por não terem tornado legítimas suas formas de sistematizar e certificar estes saberes, foram dando lugar a estas perdas. O que aconteceu com o reconhecimento da exclusividade da produção cerâmica das mulheres indígenas? Por que, mesmo sendo tão necessários, a confecção dos enxovais, a feitura dos alimentos, o cuidado das crianças pequenas, das parturientes, é tão “insignificante”? Por que ao passar para as mãos dos artesãos-homens, das máquinas, dos *chefs*, dos pediatras e dos obstetras, passam a ter sentido? Porque com “elas” esse conhecimento era “não-ciência” e agora, cientificou-se. Então, sempre foi ciência, mas não reconhecida como tal. Ou será que a ciência surge da não-ciência? Cremos, conforme Gebara que é uma

“epistemologia da vida ordinária”, não-antagônica, mas “antagonicamente” vista pela “epistemologia filosófica” (2008, p. 32)

Então, nesse contexto, podemos perceber que as mulheres artesãs professoras, vão consolidando suas práticas, muitas vezes, em outros lugares. Se, durante séculos, para as negras e indígenas, foi negado o espaço acadêmico, construíram conhecimento em outros espaços, assim como suas ancestrais. Com esse conhecimento construído, foram e seguem historicizando suas vidas e dando sentido à elas.

Com o ensino de *manualidades*, segundo o que aqui destacamos, puderam superar alguns condicionantes através de pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas. Estas tramas foram se complexificando à medida que entretecidas sob 5 fios básicos: a corporeidade, a sensibilidade, o estético, a emancipação e a saúde mental. Estes, com o passar do tempo, foram se apresentando constituídos por um material muito resistente e diverso.

A corporeidade não tratava apenas de próprio corpo, mas também do corpo da outra e do corpo coletivo. Cada mulher participante da pesquisa demonstrou estar atenta para esta dimensão. Seu corpo-para-outros, estava por inteiro na confecção das *manualidades*. Os momentos eram vividos com abraços e ternura, numa permissão, mesmo que momentânea de manifestar, com seu corpo, seus desejos e possibilidades. O cuidado da outra e de cada uma por vez, demonstrou ser a forma adotada para dar proximidade entre elas a fim de possibilitar sentidos ao que estava sendo aprendido. Cuidados básicos com o corpo físico também eram importantes. Vive-se em um contexto de estigmatização desse corpo, portanto, para as mulheres foi importante manifestar a necessidade de valorizá-lo e, da sua forma, cuidá-lo.

A sensibilidade manifestou-se no refinamento de uma percepção sensível sobre aquilo que estavam produzindo, algo muito difícil de galgar. Precisam, ainda, aprimorar-se neste sentido porque ainda são pequenos os indícios de superação de alguns condicionantes. Conseguem ver a beleza presente no seu trabalho, embora ainda passem por momentos em que não conseguem se desvencilhar dos modelos das revistas e das lojas, muitas vezes. A dificuldade está em poder criar algo totalmente seu. A superação dos modelos é presente, mas cremos que poderia ser maior se cada uma criasse seus próprios conceitos e novos métodos. Já conseguem,

na saudade de suas companheiras de grupo, manifestar o quanto estão próximas e podem, coletivamente, empreender ações que contribuam para a superação desta etapa. Ao sensibilizar-se com a presença da professora, reconhecem e valorizam o seu trabalho. Estas, por sua vez, apontam que “gostam de gente” e buscam tornar o aprendizado algo próximo, e não “frio”.

No cuidado estético manifestam alguns importantes aprendizados. Como os modelos são a base para a confecção precisam, ao segui-los, desempenhar bem este papel. Mesmo que seja superado, em alguns aspectos, igualar-se a ele é fundamental para que a etapa posterior, superá-lo, seja possível. Aprendem a compor a peça harmonizando as cores, escolhendo bem os materiais, reciclando e preocupando-se em que cada peça “agrade aos olhos” e tenha algum sentido.

Seus processos emancipatórios são visíveis após a incorporação destes conceitos. As mulheres sentem-se “melhores consigo mesmas” expressando a maravilha que é, saber confeccionar, saber fazer. Orgulham-se em mostrar seus trabalhos e sentem-se aprendentes. Vêem as possibilidades de profissionalizar-se ou, simplesmente, ter alguma renda. A economia nos gastos com vestuário lhes é muito importante. Poder gerenciar melhor seu tempo, conciliar o cuidado da casa e dos filhos com a produção artesanal, é bastante valorizado por estas mulheres que desempenham tais funções. Nas condições em que vivem, não podem lançar mão dos aparatos que “facilitam a vida da mulher”, portanto organizam-se dentro de suas possibilidades de ser e existir.

Nesse sentido, buscam ter saúde mental individual e coletiva, a fim de superar as conseqüências dos anos em que estiveram à mercê da queixa, da violência, do não-reconhecimento do seu trabalho no lar e da impossibilidade de conquistar alguns desejos bastante íntimos. Por meio da produção artesanal, nos cursos e oficinas de *manualidades*, podem, convivendo com as companheiras, conquistar amizades e, por um momento, vivenciar outra realidade. Reconhecem o efeito terapêutico do grupo, valorizando-o. Retomam a auto-estima quando vêem sua produção sentindo-se mais felizes e realizadas.

As professoras de *manualidades*, em específico, tiveram mais facilidade em identificar seu conhecimento, seu pertencimento étnico, suas superações e desejos futuros. A profissionalização em algo aparentemente fácil e natural para as mulheres, fez com que pudessem aprimorar argumentos para demonstrar o sentido

para elas e os grupos de coordenam daquele trabalho, e a relevância social deste. Têm a convicção de que não são professoras, mas sabem que ensinam algo para alguém. A não-certificação parece ser o fator mais relevante para que assim se considerem, embora reconheçam sua capacidade de ensinar. Implicitamente, deixam transparecer que historicamente os homens e as mulheres foram compartilhando seus conhecimentos, independentemente do lugar social que ocupassem. Apontam, também, para uma hierarquização dos saberes, percebendo que, para várias pessoas, o que fazem é uma “bobagem”¹⁰⁵.

A complexidade da trama das pedagogias da não-formalidade impede que possamos, mesmo destecendo-a, vê-la por inteiro. Aqui foram apresentados alguns aspectos que podem ser considerados um bom começo de análise. Ao destecer esta trama, também foi possível encontrar alguns nós. Temas que aqui foram pouco trabalhados como os significados atribuídos ao aprender e as formas de aprender *manualidades* que são empreendidas pelas mulheres.

Neste momento, foi dado destaque às formas de ensinar e aos conceitos e falas significativas sobre elas. Compondo a “mandala” das pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas, estão os que até agora foram costurados. Ficam alguns espaços que podem ser preenchidos ou não, em estudos futuros ou ainda, ficam a disposição de quem lê para suas considerações. Percebemos uma peça construída por mãos que se propuseram a inventar, mas também, seguir alguns modelos, assim como as mulheres tecedoras.

A Educação Popular e os Estudos Feministas como aportes teóricos, trouxeram a necessidade de que a peça fosse pensada com os sujeitos participantes da confecção. Os encontros com as mulheres, nesse sentido, foram promovidos (no caso brasileiro) com a possibilidade de serem dialogados. A participação da pesquisadora (em ambos) teve o objetivo de “radicalizar” a análise, indo fundo nos temas peculiares a esta forma de trabalho e manifestação de conhecimentos das mulheres. Portanto, as descobertas decorrentes dos diálogos tiveram momentos de reflexão coletiva com àquelas protagonistas. Outra etapa necessária foi a reflexão à luz do conhecimento sistematizado no campo de estudos escolhido: a Educação. Perceber como poderiam ser lidas as pedagogias (re)inventadas pelas mulheres sem

¹⁰⁵ Embora Niara tenha falado sobre a desvalorização da sua profissão, Naara foi quem mais tocou neste assunto reproduzindo a expressão “*pavada*” dita por muitas pessoas que desvalorizam a feitura de *manualidades*. Em português traduz-se “bobagem”.

torná-las simples artefato de crítica à Pedagogia legitimada. O objetivo aqui foi promover através da leitura destas pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas, presentes há séculos em nossa vivência humana, um diálogo com a Pedagogia, conhecimento que possibilitou então, as análises aqui apresentadas. Sendo assim, discutir a não-formalidade foi uma das maneiras encontradas para perguntar à formalidade que rumos pretende atribuir, daqui pra frente, àquilo que dogmatizou. Ou ainda, questionar: por que ainda precisamos desta leitura dual e polarizada do formal e do não-formal? Seria possível, com a contribuição deste estudo, perceber que em muitos momentos, ambos estão alinhavados, mesmo que diferentes?

Cabem, portanto, palavras finais, mas não finalizações. Desejamos que esta etapa tenha contribuído para algumas percepções sobre as pedagogias gestadas por mulheres sem formação acadêmica e escolar. Almejamos também, que sejam, estes escritos, inspiradores de outros que ainda virão como, por outros, foram inspirados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A DIARISTA. Disponível em: <<http://adiarista.globo.com>>. Acesso em: 08 de mai. 2008.

AIRES, Joubert Max Maranhão. **As “escolas diferenciadas” dos índios Tapebas.** 2005. 154 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, [2005].

ALBUQUERQUE, Else de F.; MENEZES, Marilda. O valor material e simbólico da renda renascença. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 2, Ago. 2007. p.461-467. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n2/a13v15n2.pdf>>. Acesso em: 04 de nov. 2009.

ALCALDE, Elisângela de Aguiar; LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre; CASTILHO, Maria Augusta de. O papel dos agentes na comunidade de artesãos em Três Lagoas-MS, como instrumentos impulsionadores do desenvolvimento local. **Interações (Campo Grande)**, Campo Grande, v. 8, n. 2, Set. 2007. p.223-234. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/inter/v8n2/a09v08n2.pdf>>. Acesso em: 04 de nov. 2009.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In.: **História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.11-93.

ALEXANDRE, D.P. et al . Atividade antimicrobiana de bactérias lácticas isoladas de queijo-de-minas artesanal do Serro (MG) frente a microrganismos indicadores. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, Belo Horizonte, v. 54, n. 4, Ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-09352002000400014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 de nov. 2009.

ALVES, Ângelo Giuseppe Chaves. **Do barro de *loiça* à *loiça* de barro: Caracterização etnopedológica de um artesanato camponês no Agreste paraibano.** 2004. 179 p. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) - Universidade Federal de São Carlos, [2004]

ANDREOLA, Balduino. Mundo. In: STRECK, Danilo R., REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.287-288.

ANJOS, Ivan Antônio dos et al . Efeitos da adubação orgânica e da época de colheita na qualidade da matéria-prima e nos rendimentos agrícola e de açúcar mascavo artesanal de duas cultivares de cana-de-açúcar (cana-planta). **Ciência e agrotecnologia**, Lavras, v. 31, n. 1, Fev. 2007. p.59-63. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cagro/v31n1/v31n1a09.pdf>>. Acesso em: 05 de nov. 2009.

ARAÚJO, Jose Luis Lopes. **As transformações na produção artesanal de Redes-de-Dormir no Nordeste Brasileiro e suas relações com a reprodução do espaço**. 1997. 352 p. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, [1997].

BAIERLE, Aline, EGGERT, Edla. **Pedagogia da Tecelagem: tramas do ensinar e do aprender em espaços não-formais e sua interface com a Pedagogia Escolar**. In: 5 Congresso Internacional de Educação - Pedagogias (entre) lugares e saberes, 5., 2007, São Leopoldo. **Anais**, Pelotas: Seiva Publicações, 2007. p. 1-5.

BALZON, Dalvo Ramires. **Avaliação econômica dos produtos florestais não madeiráveis na área de proteção ambiental - APA de Guaratuba - Paraná**. 2006. 223 p. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal) - Universidade Federal do Paraná, [2006].

BAMONTE, Joedy Luciana Barros Martins. **Legado - gestações da arte contemporânea : leituras de imagens e contextualizações do "feminismo" na cultura e na criação plástica**. 2004. 307 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, [2004].

BARBOSA LESSA, Luiz Carlos. **Mão Gaúcha**. Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, s/d. 141p.

_____. **Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo: Como surgiu o Rio Grande**. Porto Alegre: AGE, 2002. 191p.

BARTRA, Eli. **Creatividad invisible: mujeres y arte em América Latina y el Caribe**. México: UNAM, 2004.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **Artesanato, arte e indústria**. 1988. 523 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, [1988].

BENTO, Maria Aparecida Silva. **A mulher negra no mercado de trabalho**. **Revista de Estudos Feministas [da] UFSC**, ano 3, v.2 p. 479-488. 2. semestre, 2005.

Disponível em: <<http://www.portalfeminista.org.br/REF/PDF/v3n2/Bento>>. Acesso em: 09 de jun. 2007.

BERTELLA, Cristina Garcia Ortega. **Lina Bo Bardi: móveis e interiores (1947-1968) - interlocuções entre moderno e local**. 2008. 248 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, [2008].

BEZERRA, Isabel Cristina Rangel Moraes. **“Com quantos fios se tece uma reflexão?” Narrativas e argumentações no tear da interação**. 2007, 302 p. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, [2007].

BOURDIEU, Pierre. Diálogo sobre a poesia oral na Cabília: entrevista de Mouloud Mammeri a Pierre Bourdieu. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 26, Jun 2006. p.61-81. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a06n26.pdf>> Acesso em: 04 de nov. 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, STRECK, Danilo R. **Pesquisa Participante: o saber da partilha**. Aparecida: SP, Idéias e Letras, 2006. 295p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Círculos de Cultura. In: STRECK, Danilo R., REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.76-78.

BRANT, L.M.F., FONSECA, L.M., SILVA, M.C.C.. Avaliação da qualidade microbiológica do queijo-de-minas artesanal do Serro-MG. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, Belo Horizonte, v. 59, n. 6, Dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-09352007000600033&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 de nov. 2009.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Trabalho doméstico: direitos e deveres - Orientações**. 3.ed. Brasília: MTE, SIT, 2007. 36 p. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/fisca_trab/Cartilha.pdf>. Acesso em: 10 de mai. 2008.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Trabalho Doméstico Cidadão: direitos, políticas públicas, qualificação, educação - PLANSEQ**. Disponível em: <http://www.trabalho.gov.br/discriminacao/LivretoPlanseq_trabalhodomesticocidadao.pdf> Acesso em: 12 de mai. 2008.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **MTE vai qualificar trabalho doméstico: Plano Setorial de Qualificação - Trabalho Doméstico Cidadão** pretende elevar a escolaridade das trabalhadoras e valorizar a profissão. Disponível em:

<http://www.mte.gov.br/noticias/conteudo/temp_66.asp>. Acesso em: 10 de mai. 2008.

BRITO, Benilda Regina Paiva. Mulher, negra e pobre: a tripla discriminação. **Teoria e debate**. São Paulo, v.10, n. 36, p.19-23, out./dez.1997.

BULHOES, C.C.C., ROSSI JUNIOR, O.D.. Ocorrência de bactérias do gênero *Aeromonas* em queijo-de-minas frescal artesanal. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, Belo Horizonte, v. 54, n. 3, Jun. 2002 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-09352002000300017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 de nov. 2009.

CAMARGO, Serguei Aily Franco de, PETRERE JR, Miguel. Análise de risco aplicada ao manejo precaucionário das pescarias artesanais na região do reservatório da UHE-Tucuruí (Pará, Brasil). **Acta Amazonica**, Manaus, v. 34, n. 3, Set. 2004. p.473-485. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aa/v34n3/v34n3a13.pdf>>. Acesso em: 05 de nov. 2009.

CAMPOS, Herculano Ricardo. **Pobreza e trabalho infantil sob o capitalismo**. 2001. 230 p. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, [2001].

CAMPOS, Anna Maria de Souza Monteiro; COSTA, Isabel de Sá Affonso da. Espaços e caminhos para a pesquisa em administração: estimulando a prática da reflexividade. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 41, número especial, 2007. p.37-48 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v41nspe/a03v41sp.pdf>> Acesso em: 04 de nov. 2009.

CANANI, Aline Josiane Sapiezinskas Kras Borges. **Os Bonecos, Flores e Bordados: investigações antropológicas no campo do artesanato em Brasília**. 2008. 322 p. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, [2008].

CARDOSO, Terezinha Maria. **Cultura da Escola e profissão docente: interrelações**. 2001. 350p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, [2001].

CASTRO, Samara. **Jornal On-line Página 20**, Rio Branco, 25 jun. 2003. Amazônia. Falta de água afeta emprego das lavadeiras. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/pagina20/6junho2003/site/25062003/amazonia.htm>> Acesso em: 05 de jul. 2006.

CASTRO, Amanda Motta Ângelo de, EGGERT, Edla. Narrativas sobre Deus nas tramas da tecelagem. In: X Simpósio Internacional IHU - Narrar Deus numa Sociedade Pós-Metafísica. Possibilidades e impossibilidades, 10., 2009, São Leopoldo. **Anais**, São Leopoldo, 2009. p. 876-884

_____, _____. Mulheres e suas experiências religiosas a partir do trabalho num ateliê de tecelagem. In: III Congresso Latino - Americano de Gênero e Religião - [EST]TÉTICA E DIREITOS HUMANOS, 3., 2009, São Leopoldo. **Anais**, São Leopoldo, 2009. p. 60-67.

CAVALCANTI, Maria Tavares. **A trama do tear: sobre o tratar em psiquiatria**. 1997. 287 p. Tese (Doutorado em Psiquiatria e Saúde Mental) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, [1997].

Centro Ecuménico Poriájhú. **Blog**. Disponível em: <<http://poriajhu.blogspot.com/>>. Acesso em: 12 de abr. 2009.

CHONG NETO, Herberto J. et al . Diferentes dispositivos inalatórios na crise aguda de asma: um estudo randomizado, duplo-cego e controlado com placebo. **Jornal de Pediatria (Rio de Janeiro)**, Porto Alegre, v. 81, n. 4, Ago. 2005 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000500007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03 de nov. 2009.

CILLIERS, Paul. Porque não podemos conhecer as coisas complexas completamente. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Método Métodos Contramétodo**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 181-191.

COELHO, Pollyanna Jericó Pinto. **Tear identitário: a prática docente em arte como conhecimento compartilhado**. 2008. 178 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, [2008]

CORRÊA, Mariza. A babá de Freud e outras babás. **Cadernos Pagu [da] UNICAMP**, Campinas, v.1, n.29, p.61-90, jul./dez. 2007.

CORRÊA, Ronaldo de Oliveira. **Narrativas sobre o processo de modernizar-se: uma investigação sobre a economia política e simbólica do artesanato recente na Zona Metropolitana de Florianópolis**. 2008. 266 p. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, [2008].

CRACO, Priscilla Frederico. **Ação comunicativa no cuidado à saúde da família:**

encontros e desencontros entre profissionais de saúde e usuários. 2006. 308 p. Tese (Doutorado em Enfermagem em Saúde Pública) - Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto, [2006].

CRAIDE, Sabrina. **Trabalhadoras domésticas negras são maioria sem carteira assinada, aponta OIT.** Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2008/04/25/materia.2008-04-25.4594953730/view>> Acesso em: 12 de mai. 2008.

CRANÇA EM FOCO. **Espaço de desenvolvimento.** Disponível em : <http://www.criancaemfoco.com.br/pag_texto.php?pag=7#lista>. Acesso em: 12 de dez. 2007.

CUNHA, Aline Lemos da. **NARRATIVAS ENTRELAÇADAS: conversando sobre leituras e lembranças de escola com mulheres que se “encontram” em um Salão de Beleza de Cultura Afro.** 2005. 151 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, [2005].

_____. **“Não entrego a minha cabeça para qualquer uma”: a afro-brasilidade e a religiosidade de cabeleireiras étnicas.** II Congresso Latino-americano de Gênero e Religião: epistemologia - violência - sexualidade. EST/Núcleo de Pesquisa de Gênero, 2006, p. 1-11. 1 CD-ROM.

CUNHA, Tânia Batista da e VIEIRA, Sarita Brazão. **Entre o bordado e a renda: condições de trabalho e saúde das labirinteadoras de Juarez Távora/Paraíba.** *Psicologia ciência e profissão*, Jun. 2009, vol.29, no.2, p.258-275. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/pcp/v29n2/v29n2a05.pdf>> Acesso em: 12 de nov. 2009.

CZAPISKI, Alice Brill. **Viagens Imaginárias: transformações de uma técnica milenar em linguagem contemporânea.** 1994. 182 p. Tese (Doutorado em Artes - Teatro, cinema e artes plásticas) - Universidade de São Paulo, [1994]

DALGLISH, Geralda Mendes Ferreira Silva. **A arte do barro na América Latina: um estudo comparado de aspectos estéticos e socioculturais na cerâmica popular do Brasil e do Paraguai.** 2004. 268 p. Tese (Doutorado em Integração da América Latina) - Universidade de São Paulo, [2004].

DEBRET, Jean Baptist. Disponível em: <<http://www.pitoresco.com/brasil/debret/debret.htm>> Acesso em: 05 de jul. 2006.

DOMÉSTICA LEGAL. Disponível em:

<<http://www.domesticalegal.com.br/legalxilegal.asp>> Acesso em: 10 de mai. 2008.

DomesticaS. Disponível em:

<http://www.domesticas.com.br/novo_inicial/default.asp> Acesso: 10 de mai. 2008.

DOMÉSTICAS, o filme. Disponível em:

<<http://www.domesticasofilme.com.br/port/pabertur.html>> Acesso em: 18 de mai. 2005.

DOS SANTOS, Maria Cecília Loschiavo. **Tradição e Modernidade no móvel brasileiro: visões da utopia na obra de Carrera, Tenreiro, Zanine e Sérgio Rodrigues**. 1993. 197 p. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade de São Paulo, [1993].

DUARTE, Pedro David Russi. **A diáspora uruguaia nas interações comunicacionais e midiáticas de migrantes no sul do Brasil**. 2005. 329 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, [2005].

EGGERT, Edla. **Educação popular e teologia das margens**. São Leopoldo: Sinodal, Série teses e dissertações, v. 21, EST, 2003. 196p.

_____. **domÉSTICO: espaços e tempos para as mulheres reconhecerem seus corpos e textos**. In: STRÖER, Marga, DEIFELT, Wanda, MUSSKOPF, André (Orgs.) **À flor da pele**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2004. p. 225-244.

_____. **Aprendendo cidadania através da participação nos cursos de Promotoras Legais Populares - PLPs(1)**. **Revista Eletrônica Olhar Crítico**, Vitória /ES, n. 3, 10 mar. 2005.

_____. **Elas tecem teorias enquanto tramam peças artesanais: mulheres na ação simultânea da reflexão e da criação artesanal**. In: **IV Congresso Internacional de Educação- A educação nas fronteiras do Humano**, 4., 2005b, São Leopoldo. **Anais**, São Leopoldo, 2005b.

_____. **SUPREMACIA DA MASCULINIDADE: questões iniciais para um debate sobre violência contra mulheres e Educação**. **Cadernos de Educação (UFPEL)**, v. 15, 2006. p. 223-232.

_____. Tramando outras formas de conhecimento: entre o trabalho artesanal e o debate temático. In: VI Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul - ANPED Sul, 6., 2006b, Santa Maria. **Anais**, Santa Maria, 2006b.

_____. Trabalho manual e debate temático: tramando conhecimentos na simultaneidade. In: II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião: Epistemologia, sexualidade e violência, 2., 2006c, São Leopoldo. **Anais**, São Leopoldo, 2006c.

_____. Tramando outros conhecimentos: artesanato e debate temático . In: VII Seminário Internacional Fazendo Gênero: Gênero e Preconceitos, 7., 2006d, Florianópolis - SC. **Anais**, Florianópolis- SC, 2006d.

_____. A invenção de si, através do trabalho manual e do debate temático: reinventando a pesquisa-formação para a educação popular. In: II Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica, 2., 2006e, Salvador (BA). **Anais**, Salvador (BA), 2006e.

_____. CARDOSO, Anacir Gedoz da Silva, SCHNEIDER, Josiete Cristina. Mulheres tramando contra a violência: a produção do conhecimento na ação simultânea do pensamento com a ação artesanal. In: VII Salão de Iniciação Científica da PUCRS, 7., 2006f, Porto Alegre. **Anais**, Porto Alegre, 2006f.

_____. Observações sobre pesquisa autobiográfica e concepções feministas: metodologias para refletir sobre a violência doméstica e a educação. In: MENEGHEL, Stela Nazareth (Org.). **Rotas Críticas: mulheres enfrentando a violência**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007. p. 83-96.

_____. Recortar, costurar, colar e narrar: a produção do conhecimento no contexto de formadoras de Promotoras Legais Populares. **Revista Artemis**, v. 9, 2008. p. 48-59.

_____. Trabalho manual e debate temático: tramando conhecimentos na simultaneidade. In: NEUENFELDT, Elaine, BERGSCH, Karen, PARLOW, Mara (Orgs.). **Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**, São Leopoldo: Sinodal, 2008b. p. 65-90.

_____. Teceduras e tramas num atelier tensionando a experiência de tecelãs e de professoras. In: SOUZA, Elizeu Clementino de, PASSEGGI, Maria da Conceição (Orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica: cotidiano, imaginário e memória**. São Paulo: Editora Paulus, 2008c, v. 1, p. 261-272.

_____. Ateliers e salas de aula - produções metodológicas. In: SOMMER, Luís Henrique, QUARTIERO, Elisa Maria (Orgs.) **Pesquisa, educação e inserção**

social: olhares da região sul. Canoas: Editora da ULBRA, 2008d. p. 1-400.

_____. Teceduras e tramas num atelier tencionando saberes da experiência. In: XIV ENDIPE, 14., 2008e, Porto Alegre. **Anais**, Porto Alegre: PUCRS, 2008e. p. 1-10

_____. **Narrar processos:** tramas da violência doméstica e possibilidades para a Educação. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009. 88p.

_____. Tensionando fios entre a pesquisa-formação e a educação popular. In: 28ª LASA (Associação de Estudos Latino-Americanos), 28., 2009b, Rio de Janeiro. **Anais**, Rio de Janeiro: LASA, 2009b. p. 1-9.

_____, SILVA, Marcia Alves da (Orgs.). **A tecelagem como metáfora das pedagogias docentes.** Pelotas: UFPel, 2009. 87 p.

ESTEBAN, Maria Teresa. Sujeitos singulares e tramas complexas - desafios cotidianos ao estudo e à pesquisa. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Método Métodos Contramétodo.** São Paulo: Cortez, 2003. p. 125-145.

EWBANK, Thomas. **A vida no Brasil:** ou diário de uma visita à terra do cacauero e das palmeiras. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1976. 115p.

EWBANK, Thomas. **Lavadeiras.** Disponível em: <<http://www.jangadabrasil.com.br/janeiro41/of41020b.htm>> Acesso em: 19 de nov. 2006.

FERNANDES, Valdelira Lia Araújo, VICENTINI, Rafaela Nascimento, BATISTA, Vandick da Silva. Caracterização do uso de malhadeiras pela frota pesqueira que desembarca em Manaus e Manacapuru, Amazonas. **Acta Amazonica**, Manaus, v. 39, n. 2, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0044-59672009000200020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 de nov. 2009.

FERRARI, Ana Josefina: **FUGA E RESISTÊNCIA:** o caso das fugas dos escravos na cidade de Campinas entre 1870 e 1880. Disponível em: <<http://www.msmedia.com/conexao/01/anaj.pdf>>. Acesso em: 08 de jun. 2007.

FLEURY, Catherine Arruda Ellwanger. **Os lugares do artesanato do Ceará: a**

estilização da imagem na publicidade institucional. 2006. 500 p. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, [2006].

FONSECA-KRUEL, Viviane Stern da, PEIXOTO, Ariane Luna. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, v. 18, n. 1, Mar. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abb/v18n1/v18n1a15.pdf>>. Acesso em: 23 de nov. 2009.

FRANÇA, Ney Pinto. **Potencialidades para conservação e desenvolvimento do Mocambo do Campinho (APA de Cairuçu - Paraty - RJ).** 2001. 116 p. Tese (Doutorado em Ciências da Engenharia Ambiental) - Universidade de São Paulo/São Carlos, [2001].

FREIRE, Isa Maria. **A responsabilidade social da Ciência da Informação e/ou o olhar da consciência possível sobre o campo científico.** 2001. 166p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, [2001].

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 149p.

_____. **Á sombra desta mangueira.** 8.ed. São Paulo: Olho D'água, 2006. 120p.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 148p.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido.** 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. 245 p.

_____. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000. 134p.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 107p. (versão PDF)

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 45.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. 213p.

FREITAS, Deborah de Brito Albuquerque P. **Escola Makuxi: Identidades em**

Construção. 2003. 177 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas, [2003].

GALEANO, Eduardo. **Mulheres.** Porto Alegre: L&PM, 1998. 178p.

GASKELL, George. Entrevistas Individuais e Grupais. In.: BAUER, Martin W., _____ . **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 5.ed. Petrópolis: RJ, Vozes, 2002. p. 64-89.

GEBARA, Ivone. Epistemologia da vida ordinária e epistemologia filosófica. In: NEUENFELDT, Elaine, BERGESCH, Karen, PARLOW, Mara (Orgs.). **Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião,** São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 31-50.

GIARRACCA, Norma. De las fincas y las casas a las rutas y las plazas: las protestas y las organizaciones sociales en la Argentina de los mundos "rururbanos". Una mirada desde América Latina. **Sociologias,** Porto Alegre, ano 5, nº 8, jul/dez 2003, p. 250-283. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n10/18721.pdf>>. Acesso em: 01 de out. 2009.

GIGANTE, Moacir. **A fábrica é escola: práticas sociais e educativas de empresários e trabalhadores.** 2003. 255 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, [2003].

GOLDMEYER, Marguit Carmen. **Teias de saberes nas redes de relações: Educação nas Escolas Sinodais.** 2008. 200 p. Tese (Doutorado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, [2008].

GOMES, Letícia Maria Rodrigues. **Medidas para o desenvolvimento de um turismo sustentável no Distrito de Lavras Novas, Ouro Preto - MG.** 2008. 81 p. Tese (Doutorado em Ciência Florestal) - Universidade Federal de Viçosa, [2008].

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995. 200p.

_____. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v. 29, n. 1, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 de jun. 2007. Pré-publicação.

_____. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** 2003b. Disponível em: <<http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/641-of1-st1.pdf>>. Acesso em: 16 de jun. 2007.

_____. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 416p.

HOUSE ORGANIZERS. **A difícil tarefa de contratar uma empregada doméstica e delegar seus afazeres.** Disponível em: <<http://hpp.ajato.com.br/heloazevedo/houseorganizers/empregadadomestica.html>>. Acesso em: 10 de mai. 2008.

IKUTA, Agda Regina Yatsuda. **Práticas Fitoterápicas de uma comunidade indígena Mbyá Guarani, Varzinha, Rio Grande do Sul: da roça ao artesanato.** 2002. 307p. Tese (Doutorado em Agronomia - Fitotecnia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [2002]

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004. 285p.

_____. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. *Educação e Pesquisa*, Ago 2006, vol.32, n.2, p.373-383. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a12v32n2.pdf>> Acesso em: 02 out 2009.

JUNGMANN, Mariana. **Constituição é discriminatória com empregadas domésticas.** Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2008/04/27/materia.2008-04-27.4313569929/view>>. Acesso em: 10 de mai. 2008.

JUNIOR, Henrique Cunha. **Tear Africano.** São Paulo: Selo Negro, 2004. 104p.

KONDER, Leandro. **Flora Tristan: uma vida de mulher, uma paixão socialista.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. 126p.

LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas.** 4.ed. Coyoacán: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005. 884p.

LEAO, M. G., EGGERT, E. História da educação sob a perspectiva da narrativa autobiográfica: uma experiência metodológica de sala de aula. In: EGGERT, Edla, SILVA, Marcia Alves da (Orgs.). **A tecelagem como metáfora das pedagogias docentes**. Pelotas: UFPel, 2009. p. 31-50.

LOUREIRO, Isabel Maria. **Rosa Luxemburgo: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2005. 96p.

LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma ou Revolução?** São Paulo: Expressão Popular, 1999. 134p.

MACHADO, Eduardo C. et al . Características físico-químicas e sensoriais do queijo Minas artesanal produzido na região do Serro, Minas Gerais. **Ciência e Tecnologia de Alimentos**, Campinas, v. 24, n. 4, Dez. 2004. p.516-521. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cta/v24n4/a06v24n4.pdf>>. Acesso em: 04 de nov. 2009.

MACIEL, Paulete Maria Ambrosio. **A mulher idosa num grupo de convivência: um estudo na perspectiva da enfermagem**. 2002. 181 p. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, [2002].

MARTINEZ, Claudia Eliane Parreiras Marques. **Cinzas do passado: riqueza e cultura material no Vale do Paraopeba/MG (1840/1914)**. 2006. 303 p. Tese (Doutorado em História Econômica) - Universidade de São Paulo, [2006].

MARTINS, Saul. **Contribuição ao estudo científico do artesanato**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1973. 100 p.

MARTINS, Valter. Policiais e populares: educadores, educandos e a higiene social. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 23, n. 59, Abr. 2003 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622003000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 de jul. 2006.

MARTINS, Monica de Souza Nunes. **Entre a Cruz e o Capital: mestres, aprendizes e Corporações de Ofícios no Rio de Janeiro (1808 - 1824)**. 2007. 239 p. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, [2007].

MAZZARINO, Jane Márcia. A cidadania na tecelagem das interações comunicacionais-midiáticas do movimento socioambiental: um estudo de caso do Centro de educação Ambiental da Vila Pinto em Porto Alegre. 2005. 411 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, [2005]

MONTE, Alfredo Rodrigues. *Carpintaria e Tecelagem* (a obra de Autran Dourado). 2002. 224 f. Tese (Doutorado em Letras - Teoria Literária e Literatura Comparada) - Universidade de São Paulo, [2002].

MOREIRA, Carlos Eduardo. *Emancipação*. In: STRECK, Danilo R., REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.163-164.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 128 p.

MORONI FILHO, Elio. *Continuidades e rupturas no processo de trabalho dos marmoristas: passado e presente*. 2006. 265 p. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de São Carlos, [2006].

MOTTA, Sérgio Vicente. *Engenho & arte da narrativa (invenção e reinvenção de uma linguagem nas variações dos paradigmas do ideal e do real)*. 1998. 725p. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (São José do Rio Preto), [1998].

MOTTA, A., EGGERT, Edla. *Gênero e Religião: A articulação de mulheres religiosas num ateliê de tecelagem*. In: VIII Salão de Pesquisa da EST, 2009, São Leopoldo. *Anais*, São Leopoldo: IEGP, p. 14-20.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1988. 88p.

NAKAZONO, Erika M., PIEDADE, Maria Teresa F.. *Biologia e ecologia do arumã, Ischnosiphon polyphyllus (Marantaceae), no arquipélago de Anavilhanas, Rio Negro, Amazônia Central*. *Revista Brasileira de Botânica*, São Paulo, v. 27, n. 3, Set. 2004 . p.421-428. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbb/v27n3/v27n3a01.pdf>> Acesso em 04 de nov. 2009.

_____. *O empreendimento local do artesanato em fibras vegetais, Amazônia Brasileira*. 2007. 374 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável no Trópico Úmido) - Universidade Federal do Pará, [2007].

NASCIMENTO, Abdias. *QUILOMBO: vida, problemas e aspirações do negro*. Rio de Janeiro, fev. de 1950. "Precisam-se de escravas". p. 79, versão fac-similar, Editora 34, 2003.

NOMES AFRICANOS. Disponível em: <<http://focalizaisso.com.br/significado-dos-nomes/Africano/menina/>> Acesso em: 20 de jan. 2008.

OCADA, Fábio Kazuo. **A tecelagem da vida com fios partidos: as motivações invisíveis da emigração de kassegui do Japão em quatro estações**. 2006. 268 p. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Araraquara), [2006].

OLIVEIRA, Marcelo Pires de. **O galinho do céu: os saberes das figureiras de Tatubaté**. 2007. 177 p. Tese (Doutorado em Multimeios) - Universidade Estadual de Campinas, [2007].

ONG CRIOLA. **Negras na História** - Laudelina Campos Melo. Disponível em: <<http://www.criola.org.br/negrasnahistoria.htm#>> Acesso em: 10 de mai. 2008.

PALERMO, Helil Ferreira. **Avaliação Econômica e Ambiental das Atividades Curtidoras e Acabadoras de Couros na Região de Franca - Estado de São Paulo**. 2001. 146 p. Tese (Doutorado em Geociências - Geociências e Meio ambiente) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Rio Claro. [2001].

PANTOJA, Selma. **Negras em Terras de Brancas: As Africanas na Rede da Inquisição**. Disponível em: <<http://www.lpp-uerj.net/olped/documentos/ppcor/0249.pdf>>. Acesso em: 08 de jun. 2007.

PARENTE, Valdenei de Melo, BATISTA, Vandick da Silva. A organização do desembarque e o comércio de pescado na década de 1990 em Manaus, Amazonas. **Acta Amazonica**, Manaus, v. 35, n. 3, Set. 2005 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0044-59672005000300011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 de nov. 2009.

PASSOS, Luiz Augusto. **Leitura do Mundo**. In: STRECK, Danilo R., REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.240-242.

PATRIOTA, Fernando Roberto Barros. **Redenção e Miragem na Indústria do Caroá: Crescimento Auto Sustentado no Sertão do Nordeste (1932/1960)**. 1999. 234 p. Tese (Doutorado em História Econômica) - Universidade de São Paulo, [1999].

PEDREIRA, Jailma dos Santos. **O artesanato de si : uma leitura do devir matriarcal a partir de Rachel de Queiroz**. 2008. 208 p. Tese (Doutorado em Letras Lingüística) - Universidade Federal da Bahia, [2008].

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005. 520p.

PEREIRA, José Carlos da Costa. **Artesanato - Definições e Evolução: Ação do MTb - PNDA**. Ministério do Trabalho, Secretaria Geral, Coleção XI, Planejamento e Assuntos Gerais, Brasília, 1979. 153 p.

Pronunciamento: "Os Quatro Pilares da Educação: O seu Papel no Desenvolvimento Humano" - São Paulo - SP, 13 de junho de 2003. Disponível em: <http://www.brasilia.unesco.org/noticias/opiniaio/index/index_2003/pilares_educacao>. Acesso em: 17 de dez. 2009.

PUERI CLÍNICA DA CRIANÇA. Disponível em: <<http://www.pueri.com.br/bebe%2Dbaba/>>. Acesso em: 12 de dez. 2007.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In.: DEL PRIORE, Mary (org). **História das Mulheres no Brasil**. 8.ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.578-606.

RAMOS, Geralda Terezinha. **A questão da mudança na Trajetória de Educação Interdisciplinar do Estranho das Pesquisas ao Familiar das ações**. 2000. 165p. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, [2000].

RAMOS, I. S. et al. A indústria cerâmica vermelha de Campos dos Goitacazes e a inclusão social das artesãs da baixada campista através do projeto Caminhos de Barro. **Cerâmica**, São Paulo, v. 54, n. 331, Set. 2008. p.280-286. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ce/v54n331/a0354331.pdf>> Acesso em: 04 de nov. 2009.

REBOUCAS, Gabriel Nunes Maia, FILARDI, Ana Carla Leão, VIEIRA, Paulo Freire. Gestão integrada e participativa da pesca artesanal: potencialidades e obstáculos no litoral do estado de Santa Catarina. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. 9, n. 2, Dez. 2006. p.83-104. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v9n2/v9n2a05.pdf>>. Acesso em: 05 de nov. 2009.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras brasileiras: de Bertioga a Beijing. In: **Revista Estudos Feministas** [da] UFSC. Florianópolis: UFSC, v.3, n.2, jul-dez, 1995. Disponível em: <<http://www.portalfeminista.org.br/REF/PDF/v3n2/Ribeiro2>>. Acesso em: 12 de fev. 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005. 92 p.

SANTOS, Carolina do Socorro Antunes. **Movimentos do Vale: corpo e narrativa**. 2000. 268 p. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Minas Gerais, [2000].

SCHUMACHER, Schuma, BRAZIL, Érico Vital. **Mulheres negras do Brasil**. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2007. 496p.

SILVA, Valdeline Atanázio da Silva. **Etnobotânica dos índios Fulni-ô (Pernambuco, Nordeste, Brasil)**. 2003. 101 p. Tese (Doutorado em Biologia Vegetal) - Universidade Federal de Pernambuco, [2003]

SILVEIRA, Wilson Jesus da Cunha. **Geração de renda através de obras sociais para viabilização econômica das comunidades**. 2000. 156 p. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, [2000]

SOALHEIRO, Marco Antônio. **Brasil tem maior proporção de trabalhadores afrodescendentes, mas sem proteção adequada**. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2008/01/28/materia.2008-01-28.9052552001/view>>. Acesso em: 10 de mai. 2008.

SOARES, Cecília Moreira. **AS GANHADEIRAS: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX**. Disponível em: <http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n17_p57.pdf>. Acesso em: 08 de jun. 2007.

SOARES, Sergei Suarez Dillon. **O Perfil da Discriminação no Mercado de Trabalho - Homens Negros, Mulheres Brancas e Mulheres Negras**. Brasília, novembro de 2000. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/final/dh/afroatitude/desigualdes_raciais/trabalho.pdf>. Acesso em: 09 de jun. 2007.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. 2.ed. São Paulo: Odysseus Editora, 2007. 146p.

SOUZA, Gabriela Peixoto Coelho de. **Extratativismo em área de Reserva da Biosfera da Mata Atlântica no Rio Grande do Sul: um estudo etnobiológico em Maquiné**. 2003. 160 p. Tese (Doutorado em Botânica) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [2003].

SOUZA, Tereza de. **Uma estratégia de *marketing* para o Rio Grande do Norte: o programa integrado de desenvolvimento do artesanato sob forma cooperativista.** 1991. 322 p. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) - Fundação Getúlio Vargas, [1991].

STOREY, Christine. **Representações Sociais e Meio ambiente: participação de um grupo de mulheres no planejamento de uma intervenção de Educação Ambiental Popular urbana em Manaus, Amazonas.** 2003. 190 p. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) - Universidade Federal de São Carlos, [2003].

TAVARES, Carla, FREIRE, Isa Maria. "Lugar do lixo é no lixo": estudo de assimilação da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 2, Ago. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 de nov. 2009.

TERRA, Paulo Cruz. **Cenas de trabalho: carregadores negros nos relatos de viagem sobre o Rio de Janeiro (1808-1850).** Disponível em: <<http://www.anpuh.uepg.br/Xxiii-simposio/anais/textos/PAULO%20CRUZ%20TERRA.pdf>>. Acesso em: 06 de mai. 2008.

VIANA, Hildegardes. **As lavadeiras faziam assim.** 1998. Disponível em: <<http://jangadabrasil.com.br/novembro/of31100a.htm>>. Acesso em: 05 de jul. 2006.

VILARINHO, Liana Consuelo Santana; MENDES, Carlos Maurício Cardeal; SOUZA, Leda Solano de Freitas. Inalador dosimetrado com espaçador artesanal versus nebulizador no tratamento da crise de sibilância na criança. **Jornal de Pediatria (Rio de Janeiro)**, Porto Alegre, v. 79, n. 5, Out. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v79n5/v79n5a07.pdf>> Acesso em 04 de nov. 2009.

VILLELA, Heloisa de Oliveira Santos. **Da palmatória à lanterna mágica: a Escola Normal da Província do Rio de Janeiro entre o artesanato e a formação profissional (1868-1876).** 2002. 284 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, [2002].

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 de jun. 2008.

_____. “Hip hop em São Paulo e Berlim: orientações político-culturais de jovens negros e jovens de origem turca. In.: **II SEMINÁRIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS - IDENTIDADE, DIFERENÇAS E MEDIAÇÕES”**, 8 a 11 de abril de 2003, Florianópolis. Anais. Florianópolis, 2003b. CD.

ZANELLA, Andréa Vieira. **O ensinar e o aprender a fazer renda de bilro: estudo sobre a apropriação da atividade na perspectiva histórico-cultural**. 1997. 162 p. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, [1997].

APÊNDICE A - AUTORIZAÇÃO EMITIDA À ESCOLA ALCIDES BARCELLOS**A U T O R I Z A Ç Ã O**

Autorizo que seja citada na Tese de Doutorado de ALINE LEMOS DA CUNHA, RG 1088354269, doutoranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS – São Leopoldo, RS), o nome da Escola Estadual de Ensino Fundamental Alcides Barcelos nos escritos que provém deste trabalho.

A doutoranda fica incumbida de, anterior a efetiva publicação, apresentar os resultados de seu trabalho à Equipe Diretiva da Escola. Com destaque, é importante ressaltar que tal projeto não se trata diretamente desta Instituição de Ensino, porém esta pode vir a ser citada tendo em vista que é o ambiente onde, efetivamente, ocorrem os encontros com as sujeitas da pesquisa.

Rio Grande, 26 de novembro de 2007.

Diretora

* O documento original encontra-se assinado.

APÊNDICE B - AUTORIZAÇÃO EMITIDA ÀS MULHERES BRASILEIRAS PARTICIPANTES DO GRUPO DE DISCUSSÃO

Termo de Cessão do Uso de Informações e Cessão do Uso de Imagem.

Nós, abaixo relacionadas, carteira de identidade conforme descrito abaixo, viemos por meio desse instrumento, autorizar o uso posterior das informações e imagens coletadas durante o Grupo de Discussão realizado como parte da pesquisa da Doutoranda ALINE LEMOS DA CUNHA, RG 1088354269, intitulada: **“PEDAGOGIAS DA NÃO-FORMALIDADE: lugares e tempos de ensinar e aprender no cotidiano de mulheres negras trabalhadoras”**. Cedemos as imagens e as informações, desde que sejam devidamente compartilhadas pela pesquisadora num movimento de devolução e retorno ao campo pesquisado.

Para fins de preservação de nossa identidade, autorizamos que seja adotado um nome fictício de origem africana para cada uma de nós.

Rio Grande, fevereiro de 2009.

Nome completo	Documento de Identidade
1)	
2)	
3)	
4)	
5)	
6)	
7)	
8)	
9)	
10)	

* O documento original encontra-se assinado.

APÊNDICE C - AUTORIZAÇÃO EMITIDA ÀS MULHERES BRASILEIRAS PARTICIPANTES
DA PESQUISA

Termo de Cessão do Uso de Informações e Cessão do Uso de Imagem.

Eu _____,
carteira de identidade nº _____, venho por meio desse instrumento,
autorizar o uso posterior das informações e imagens coletadas durante o
desenvolvimento da pesquisa da Doutoranda ALINE LEMOS DA CUNHA, RG
1088354269, intitulada provisoriamente: “Imagens de mulheres negras no trabalho”.
Cedo as imagens e as informações, desde que sejam devidamente informadas pela
pesquisadora num movimento de devolução e retorno ao campo pesquisado.

Para fins de preservação de minha identidade, solicito que seja adotado o
nome fictício: _____ - quando houver referências sobre mim.

Rio Grande, 26 de novembro de 2007.

Assinatura

* O documento original encontra-se assinado.

**APÊNDICE D - AUTORIZAÇÃO EMITIDA ÀS MULHERES ARGENTINAS PARTICIPANTES
DA PESQUISA EM CAPITÁN BERMÚDEZ**

***Termino de cesión del uso de informaciones y cesión del uso de
imágenes.***

Nosotras, abajo relacionadas con el D.N.I (Documento Nacional de Identidad) conforme descripto, por medio de este documento, autorizamos el uso posterior de las informaciones e imágenes colectadas en el Grupo de Discusión, realizado como parte de la investigación de la Doctoranda ALINE LEMOS DA CUNHA, PASAPORTE CY 645528 (Brasil), con el título provisorio: “PEDAGOGIAS DA NÃO-FORMALIDADE: lugares e tempos de ensinar e aprender no cotidiano de mulheres negras trabalhadoras”. Cedemos las imágenes y las informaciones, pues fueron debidamente compartidas por la investigadora, sus intenciones y finalidades al colectarlas.

A los fines de preservación de nuestra identidad, autorizamos que sean adoptados nombres ficticios a nosotras cuando la cita se refiera directamente a nuestras conversaciones.

Rosario, junio de 2009.

Firma	Aclaración	DNI

* O documento original encontra-se assinado.

ANEXO A - ESQUEMA DAS FALAS DO GRUPO DE DISCUSSÃO EM RIO GRANDE.

<p>Grupo de Discussão em Rio Grande Escola Estadual Alcides Barcellos (Rio Grande - Brasil) Dia 18.02.2009 Duração: 28'26'' Arquivo: C:\Documents and Settings\Aline Cunha\Meus documentos\Doutorado\Tese\ENTREVISTAS E GRUPOS DE DISCUSSÃO EM RIO GRANDE\Grupo de discussão em Rio Grande 18.02.2009.mp3 Tamanho: 26,0MB</p>	
Tempo	Tema
00'00'' até 00'59''	Significado do artesanato para as mulheres do grupo.
1'00'' até 04'38''	O porquê da escolha do artesanato e dos trabalhos manuais como atividade. Gerenciamento do tempo em casa.
04'39'' até 05'42''	Fazer artesanato é como um vício.
05'43'' até 06'17''	É necessário aproveitar que marido não está em casa para poder tecer.
06'18'' até 06'42''	As mulheres fazem artesanato em meio às tarefas domésticas.
06'43'' até 07'50''	O significado do grupo de artesanato.
07'51'' até 09'01''	A autoridade da professora de artesanato. Aprendizado com os erros.
09'02'' até 10'03''	Porque participar do grupo de artesanato.
10'04'' até 11'45''	Aprendizagem das mulheres. (O caso específico de Dakarai)
11'46'' até 14'52''	Sensações que obtiveram após aprender.
14'53'' até 16'22''	Omalara: cozinheira que ensina e que está sempre aprendendo.
16'23'' até 17'25''	Possibilidade de ensinar a outras mulheres. "Medo da concorrência"
17'26'' até 18'50''	Paciência e saber fazer é importante para poder ensinar com eficácia.
18'51'' até 19'39''	Como as mulheres fazem o registro do que sabem fazer.
19'40'' até 21'08''	A professora Niara: "paciência, simpatia e habilidade".
21'09'' até 21'49''	Participação nos encontros e promoção de saúde mental.
21'50'' até 24'24''	Participação nos encontros e processos emancipatórios.
24'25'' até 25'33''	Contribuição do grupo na vida das mulheres participantes.

25'34'' até 26'44''	Percepção estética: o que conseguiram confeccionar.
26'45'' até 28'26''	Momento para as mulheres expressarem outras considerações.

ANEXO B - ESQUEMA DAS FALAS DO GRUPO DE DISCUSSÃO EM CAPITÁN BERMÚDEZ.

<p align="center">Grupo de Discussão em Capitán Bermúdez Centro Ecuménico Poriajhú (Capitán Bermúdez - Santa Fe - Argentina) Dia: 10.06.2009 Duração da conversa: 36'22'' Duração do encontro: 96'38'' Arquivo: C:\Documents and Settings\Aline Cunha\Meus documentos\Doutorado\Tese\ENTREVISTAS E GRUPOS DE DISCUSSÃO EM CAPITÁN BERMÚDEZ\Taller de macramê 10.06.2009 em Poriajhu e grupo de discussão.mp3 Tamanho: 88,4MB</p>	
Tempo	Tema
00'00'' até 60'16''	<i>Taller de macramé</i>
60'17'' até 61'30''	O que significa o artesanato e os trabalhos manuais. Motivos para vir aprender.
61'31'' até 64'04''	Saberes das mulheres do grupo. O que as mulheres sabem fazer para além das aprendizagens na oficina.
64'05'' até 65'52''	Porque aprender artesanato e trabalhos manuais.
65'53'' até 67'41''	A feitura de trabalhos manuais em casa.
67'42'' até 74'14''	Os maridos e os trabalhos manuais.
74'15'' até 77'07''	A importância da oficina. As impressões que têm sobre o grupo de artesanato.
77'08'' até 78'00''	Objetivos em participar do grupo de artesanato e trabalhos manuais.
78'01'' até 79'29''	A experiência de aprender.
79'30'' até 79'55''	Como o aprendizado pode ser facilitado.
79'56'' até 80'32''	Experiência de ensinar para outras mulheres.
80'33'' até 83'10''	Como as mulheres registram seus aprendizados.
83'11'' até 87'01''	A professora de artesanato. Professora Naara: "Paciência, carisma e conhecimento."
87'02'' até 87'49''	Contribuição da oficina para os processos de emancipação das mulheres do grupo.
87'50'' até 96'39''	Espaço para considerações finais das mulheres. Destaque: a importância das amigas.

ANEXO C - PERGUNTAS ELABORADAS PELA PESQUISADORA A PARTIR DOS TÓPICOS-GUIA PARA OS GRUPOS DE DISCUSSÃO

1. Qual é o significado para vocês de fazer artesanato? O que significa para vocês vir, aprender artesanato?
2. E por que artesanato?
3. Quando fazem o seu artesanato?
4. O que significa o grupo de artesanato para vocês?
5. Qual foi o objetivo de vocês em virem para o grupo?
6. Como que vocês aprenderam? Foi fácil? Foi difícil? O que foi necessário a professora fazer? O que foi importante?
7. Quando vocês aprenderam como é que se sentiram?
8. Se vocês tivessem que ensinar o que aprenderam, ensinariam?
9. O que vocês acham que é fundamental para poder ensinar?
10. Como é que vocês registram o que aprenderam para não esquecer?
11. O que poderia ser percebido na professora que facilitava a aprendizagem de vocês?
12. É importante para saúde mental de vocês?
13. Outras mulheres deveriam participar? Conhecem alguma mulher que poderia participar?
14. Colabora para que vocês se sintam mais independentes?
15. O que é uma peça bonita? Podemos identificá-la?
16. Na vida de vocês, o que este grupo contribuiu?
17. O que conseguiram fazer como alunas?
18. Algo a acrescentar...

ANEXO D - PERGUNTAS ELABORADAS PELA PESQUISADORA A PARTIR DOS TÓPICOS-GUIA PARA AS ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE.

1. Como surgiu o artesanato na tua vida?
Buscar detalhes...
2. O que tu sabes fazer em artesanato?
3. Quanto optaste pelo artesanato como uma atividade profissional?
4. Qual a tua especialidade?
5. Com quem e como foste aprendendo técnicas de artesanato?
6. Como é a experiência de ensinar artesanato? Tu já tinhas ensinado outra vez?
7. O que tu contarias desta experiência de ensinar artesanato para alguém que não viu a experiência?
8. Quais as facilidades que tu encontraste para ensinar?
9. Quais as dificuldades encontradas para ensinar?
10. Como tu ensinas? Como descreverias esse processo? Qual a melhor forma?
11. No que tu te baseias para ensinar? Como chegaste a conclusão que esta seria a melhor forma de ensinar?
12. Tu achas que o contato corpo-a-corpo é importante?
13. Acha importante sensibilizar as alunas? Como fez isso?
14. O artesanato contribui para a emancipação das mulheres?
15. E para a auto-estima? Saúde mental?
16. E a questão estética? Quais seriam os critérios para uma peça estar bonita?
17. O que fez sentir bem com o teu trabalho? Algo importante que as alunas te disseram.
18. A autoridade... como tu sentes que elas reconhecem a tua autoridade?
19. O que é necessário para ser uma boa professora de artesanato?
20. O que tu esperas das tuas alunas?
21. Tu achas que tu és uma professora de artesanato? Se não, o que está faltando? E nesse tempo todo que ensinou o que foi então?
22. Como planejava as aulas?
23. E depois da aula, o que pensavas?
24. Há um número ideal de alunas?
25. O que poderia ser melhor para este ano? Tem alunas que já podem te ajudar?
26. É importante atender às expectativas das alunas?
27. Tem medo da concorrência? Afinal, ensina o que sabe...
28. Fazer artesanato é um vício?
29. E o marido?
30. Algo que tu gostarias de acrescentar.

ANEXO E - MAPA DO RIO GRANDE DO SUL



ANEXO F - IMAGEM DE SATÉLITE E MAPA DA CIDADE DO RIO GRANDE.



ANEXO H - MAPAS DE CAPITÁN BERMÚDEZ (SANTA FE - ARGENTINA)

